



ENCONTRANDO *para* SEMPRE

Série Encontrando - Volume 3

L . S Y M O N E



**Encontrando
para
Sempre**

Direitos autorais © 2015 L.Symone

Revisão: Raquel Escobar

Capa: Dri K. K. - Capista

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nomes, pessoas, locais ou fatos, será mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610/98 e punido conforme artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Agradecimentos

Finalizar a trilogia Encontrando é um sonho realizado, ao mesmo tempo em que ver esse ciclo se encerrando é dar dor no coração, no entanto saber que a trilogia ainda vai cativar muitos leitores me emociona. Para falar a verdade estou emocionada nesse exato momento. O que começou apenas como “vou ver onde vai chegar” se tornou um verdadeiro sucesso e isso nunca vai deixar de me surpreender.

Antes de tudo agradeço a Deus por todas as coisas que me são concedidas, sem ele eu não seria nada.

Quero agradecer pelo carinho das minhas leitoras que estão sempre comigo, as meninas do grupo do Facebook, WhatsApp e as meninas da plataforma do Wattpad, muito obrigada!

Também agradeço pelo apoio do meu marido que está sempre comigo me ajudando a sonhar mais alto.

As minhas betas mais que lindas a Jéssica Driely e Danny Costa por toda paciência, ajuda e dedicação, vocês são demais!

Prólogo

*Você é meu ar
A razão pela a qual eu resolvi esperar
Você me amou
E se foi
Mas agora é hora de voltar...*

Termino de cantar o refrão e fecho meus olhos com os pensamentos naquela que me deixou anos atrás e está de volta.

Luna.

Desde que ela se foi, minhas letras são sempre sobre ela. Seu sorriso, seu olhar, seu coração bondoso. Tudo em Luna me inspira e, mesmo após sua partida, ela nunca deixou de ser minha musa inspiradora. Luna é minha vida e, agora que ela está de volta, eu posso voltar a viver ou pelo menos tentar. Quero conversar com ela e explicar tudo o que aconteceu naquela noite.

— Ei, acorda, mané! O ensaio já acabou. — Luca diz, tirando-me dos meus pensamentos.
— Preciso ir! — informo, olhando para o rolex, presente de aniversário da minha mãe, que está em meu pulso. Desligo o microfone, coloco-o no suporte e estou saindo quando percebo que Luca continua me olhando sério.

Encaro-o, esperando que ele diga o que quer para que possa sair. Luca é meu amigo desde a infância; conhecemo-nos no primeiro dia de aula e, desde então, não nos separamos mais. Sei quando ele quer falar alguma coisa e está sem coragem para fazê-lo.

— Diz logo, cara. — volto minha atenção para ele, que se aproxima.
— Só não quero que você se decepcione. — ele toca meu ombro em um gesto de preocupação e sai, deixando-me sozinho. Todos já foram, então é minha vez de fechar o estúdio.

Quando chego em casa, vou direto para meu quarto. Tomo um banho rápido e estou me vestindo quando ouço batidas na porta.

— Entra! — grito, passando a blusa por cima da cabeça.
— Você já está indo? — minha irmã, Isabel, questiona animada.

Para ela, minha história com Luna é digna de conto de fadas e diz que não vê a hora de chegar o nosso “felizes para sempre”.

— Estou, Bel. — sorrio para ela. — Depois de cinco anos, enfim vou reencontrá-la. — termino de calçar o tênis e fico de pé.

— Você sabe que tio Eitan vai estar lá, não é? — pergunta, preocupada.

— Isso é o que menos me importa agora, Bel. — coloco uma mecha do seu cabelo castanho para trás da orelha e beijo seu rosto. — Preciso ir, ainda tenho que parar na floricultura.

No meio do caminho, compro as rosas brancas que Luna tanto ama e sigo para o aeroporto. O pouco que sei é que seu voo chega às onze horas. Chego ao aeroporto e sigo para a área de desembarque, ficando à espreita. Meus tios já estão aqui, mas isso não vai me impedir de ver Luna de perto. Estou caminhando para encontrá-los quando, do nada, ela aparece.

Linda...

Bela...

Fantástica...

O reencontro em família é lindo e estou emocionado com a cena. Então, ouço quando tia Savannah grita a palavra *noiva*. Paro imediatamente, segurando o buquê de rosas ao *vê-lo* parar ao lado de Luna e entrelaçar sua mão à dela. *Como ele pôde?* Sinto como se o chão sumisse sob meus pés. Ele sorri para ela, que retribui lindamente. Luna não se incomoda, ela não o repele...

E, naquele momento, mais nada parece ter sentido.

Capítulo I

Miguel

Hoje é o aniversário de quatorze anos da Isabel. Minha irmã não quis festa, apenas uma comemoração com nossos familiares e amigos. Todos estão entretidos em suas conversas e risos; esse é o momento perfeito para que eu saia e ninguém sinta minha falta. Com meu celular em mãos, envio uma mensagem para Luna.

No meu quarto em cinco minutos.

Logo, entro na casa e subo as escadas que levam ao meu quarto. Sento na cama e espero por ela. Namorar Luna dessa forma não é algo que eu goste. Na verdade, por mim, nosso amor seria gritado aos quatro cantos dessa terra. Mas amor de primos é meio complicado. Não sabemos como nossa família irá reagir e, desde que nos tornamos adolescentes, tomamos cuidado para que eles não descubram. Porém, não tenho mais saco para esconder isso. Quero ir à casa dela, sentar no sofá de tio Eitan e pedir permissão para namorar sua filha. *Minha prima*. Sim, é estranho. Mas quem manda no coração?

Tudo começou quando tínhamos seis anos; eu olhava para Luna e sentia um sentimento diferente por ela. Pedi que ela fosse minha namoradinha e ela aceitou; coisas de criança. Mas os anos passaram, nós crescemos e o sentimento foi aumentando até virar amor. Eu não tinha atenção para outras meninas e, assim foi com Luna; apaixonar-me por ela foi tão natural quanto respirar.

A porta abre lentamente e, pelo cheiro de morangos, eu sei que é ela. Assim que a porta se fecha atrás de Luna, estou de pé e prendendo-a com meu corpo na parede.

— Estou com tanta saudade. — digo, pressionando meus lábios levemente sobre os dela.

Luna envolve seus braços ao redor do meu pescoço e pressiona seu corpo contra o meu. Suas mãos gentis puxam a parte de trás do meu cabelo e o simples gesto é capaz de me incendiar por dentro, deixando-me louco. *Eu sou homem*. Não quero fazer amor com Luna enquanto namoramos escondido: não parece certo e ela merece muito mais do que isso. Mas, cada vez que nos encontramos, estamos mais sedentos um pelo o outro. E tem se tornado uma tarefa árdua manter minhas mãos longe do seu lindo corpo.

— Eu também senti, amor. — ela diz, dando-me um selinho.

Libero seu corpo do meu e ela se joga em minha cama. Tranco a porta e faço o mesmo, deitando-me ao seu lado.

— Luna, precisamos parar com esses encontros escondidos e assumir nossa relação para

nossa família. — digo mais uma vez aquilo em que tanto insisto.

— Eu sei, Guel, mas tenho medo de nos proibirem e piorar nossa situação ainda mais. — o medo dela não é infundado, mas talvez eles entendam.

— Não vamos descobrir se não tentarmos. — digo, acariciando seu rosto.

— Estive pensando... — quando ela começa o assunto assim é porque vem bomba.

— Me conta, então. — seguro sua mão e entrelaço os nossos dedos, levando-os aos meus lábios.

— Quando a gente estiver com dezoito anos, ninguém poderá nos proibir. — *merda!* Ela quer esperar quase um ano?

— É muito tempo, Luna. — sento na cama, o incômodo por suas palavras não me deixa continuar deitado. Luna faz o mesmo.

— Já esperamos tanto, amor. — ela segura meu rosto em suas delicadas mãos e beija-me.

Luna me conhece bem o suficiente para saber que isso vai me distrair. Ela senta em meu colo, encaixando suas pernas ao meu redor, e impulsiona seu corpo para frente, fazendo com que eu me deite. Minhas mãos deslizam para dentro de sua blusa, tocando sua pele nua, causando aquela eletricidade tão conhecida por nós. Tento controlar minhas ações, mas conforme a língua de Luna toca a minha, o desejo se intensifica e, logo, estou subindo mais minhas mãos e tocando seus seios por cima do sutiã. O toque é tímido, mas a sensação é infinita. É a primeira vez que vamos tão longe; eu quero parar e dizer-lhe que ela merece mais do que uma primeira vez assim, mas, conforme seus lábios tocam os meus, tudo se torna ainda mais difícil.

Estou prestes a inverter nossa posição na cama quando batidas na porta trazem de volta minha sanidade.

— Ei, vocês, seus loucos! — ouvir a voz de Isabel me tranquiliza.

Luna, que antes estava com uma expressão aterrorizada, acalma-se e deita ao meu lado.

— O que foi, Bel? — indago com a voz ainda rouca.

— Papai e mamãe estão querendo cantar parabéns e vão dar faltas de vocês! — Isabel sabe sobre meu namoro com Luna. Certo dia, ela vira uma situação entre nós e não sossegou até que eu contasse a verdade.

— Obrigada, Bel, já estamos indo. — Luna responde por mim.

Ouçó os passos da minha irmã e fico de pé.

— Isso é o que eu não quero que aconteça mais, Luna.

— E você acha que se eles soubessem de nós, eu estaria trancada com você, trocando uns amassos, Miguel?

Respondo derrotado:

— Não.

— Então, vamos esperar. Se quando tivermos dezoito anos, eles não permitirem, vamos fugir. — ela diz como se não fosse nada.

— Está louca?

— Você me ama? — ela pergunta o óbvio.

— Você sabe que sim.

— Então, isso nos basta.

Ela beija meus lábios, dessa vez com menos intensidade, antes de destrancar a porta e sair, deixando-me com a sensação de quero mais. O engraçado é que até mesmo quando eu a tenho em meus braços, eu quero mais.

≡≡

Já faz uma semana desde o aniversário de Isabel. É início de ano e retorno às aulas. Graças a Deus o tio Eitan deixa que Luna estude no centro. No início, ele queria que ela estudasse na ilha, com professores particulares, mas a tia Savannah insistira que Luna precisava frequentar uma escola normal. E estamos desde o jardim de infância na mesma sala; esse é nosso último ano no colegial, e espero que corra tudo bem.

Pego meu celular para ver a hora; cinco minutos para o início das aulas. Luna já devia estar aqui. Sento no banco para mandar uma mensagem a ela quando uma garota se senta ao meu lado.

— Oi! — ela sorri ao me cumprimentar. — Você é o arcanjo da banda *Six Immortal*! — afirma.

— Você conhece a banda? — tudo que é referente à minha música tem minha atenção.

— Claro! — ela diz animada. — Eu estava na pizzaria em que vocês tocaram há algumas semanas, desde então me tornei fã da música de vocês! — ela não para de falar. — Troquei até de colégio só para estar mais perto de vocês. — finaliza com um abraço, surpreendendo-me.

— Atrapalho? — a voz de Luna soa junto com o sinal do colégio, assustando-me.

A fã desconhecida me solta e sorri para Luna, mas não se apresenta. Sai de forma inesperada, do mesmo jeito que chegou.

— Quem era aquela garota? — Luna pergunta com uma expressão não muito simpática.

Ciúmes.

— O nome dela eu não sei. — fico de pé e envolvo-a em meus braços. — Mas ela disse que é fã da banda.

— Pensei que só teria que lidar com essas *groupies* mais tarde.

— Luna, não diga *groupie*. Ela é uma fã. — tento explicar.

— Fã é uma coisa, *groupie* é outra, e essa menina não é uma fã, ou você acha que eu não

ouvi quando ela disse que mudou de colégio só por causa de vocês?! — ela diz irritada e sai dos meus braços, caminhando à frente.

Deixo que ela vá sem mim e caminho logo atrás dela. Mesmo estando na mesma sala e Luna sendo minha, nós não sentamos um ao lado do outro. Ela fica com sua melhor amiga, Marcela, e eu fico com o Luca. Mas hoje gostaria de sentar ao seu lado e tentar acalmá-la. Entretanto, isso é impossível, então caminho para minha mesa e sento-me ao lado de Luca, que está mexendo em seu celular.

Desde que me entendo por gente, cantar é minha vida. Fiz parte de uma banda quando era mais novo, mas os meninos não levavam muita fé, então, descobri outra banda na escola; encontrei a *Immortal*. Eles estavam em busca de um cantor e um baterista. Então, no dia do teste, levei o Luca e, juntos, passamos. A banda mudou o nome para *Six Immortal* e, aos finais de semana, estamos em algum lugar, tocando. O que dificulta, às vezes, é o horário que minha mãe me quer em casa, mas, às vezes, consigo dar uma atrasada e ela não percebe. Mas assim que terminar esse ano, vamos poder nos dedicar melhor à banda e alcançar o sucesso!

A professora entra na sala e Luca guarda o celular.

— E aí, cara?

Assinto em resposta ao cumprimento e Luca sorri.

— Mal começou o ano e vocês já estão brigados? — Luca questiona ao meu lado.

— Não estamos brigados.

— Ah, é? — ele diz sarcástico. — Por que essa cara de quem vai me socar se eu continuar a falar?

— Porque você é um chato de merda. — digo irritado.

Luca não tem tempo para retrucar; a professora de matemática começa a falar e meu amigo não é bom nessa matéria, o que faz com que ele preste atenção na aula e cale a boca.

Luna passou a aula inteira conversando com Marcela. Não sou muito fã dessa garota, mas Luna gosta dela, então sou obrigado a suportá-la. Envio algumas mensagens ao seu celular, mas ela não me responde. Tento prestar atenção à aula, mas tudo em que penso é em Luna.

≡≡

No intervalo, a primeira coisa que faço é ir falar com Luna. Marcela me vê primeiro e logo fecha a cara. *Garota besta.*

— Olha se não é o *priminho* que está aqui. — ela diz só para me irritar ainda mais.

— Marcela. — Luna chama sua atenção.

Ela dá de ombros, beija o rosto de Luna e sai olhando para mim de cara feia. Aproveito que estou sozinho com ela e levo-a em direção ao fim do corredor, parando atrás de uma pilastra. Não é a

privacidade que eu queria, mas...

— Você está me ignorando. — acuso assim que seu olhar encontra o meu.

— Como se eu conseguisse fazer isso, não é, Miguel. — seu tom triste me deixa péssimo.

— Não vamos brigar por besteira, amor. — toco seu lindo queixo, trazendo-o em minha direção e beijo levemente seus lábios.

— Eu te amo tanto. — ela diz assim que me afasto e abraça-me. — Não quero essas garotas se jogando em você.

— Ela me pegou desprevenido. Além do mais, só quero você em meus braços. — digo a abraçando com mais força

— Você sempre sabe o que dizer para me fazer derreter. — diz com um sorriso.

— E você sabe me deixar louco quando quer. — me aproximo para beijá-la, mas fomos interrompidos por Monique, a inspetora do pátio.

— Vocês sabem que não podem namorar aqui. — ela diz brava.

— Já estamos indo. — Luna responde, mas ela não olha para Monique.

Assim que estamos na cantina, pergunto por que ela não encarou a inspetora.

— Fiquei com medo de que ela ligasse o fato de sermos primos; estávamos quase nos beijando.

— E isso envergonha você? — indago confuso.

— Claro que não, Guel! Eu só tive medo que ela comentasse com alguém e isso chegasse aos nossos pais.

— Tudo bem, Luna. — digo um pouco aborrecido.

O fato de ela querer esconder nosso relacionamento me irrita muito! Porra, eu seria capaz de parar o mundo por ela. Eu entendo e respeito seus receios, mas isso é demais até para mim, que tenho uma paciência de dar inveja. Meu pai diz que herdei a paciência da minha mãe, entretanto, às vezes, isso é um saco.

— Guel, não faz assim. — ela pede manhosa, acariciando minha mão por cima da mesa, mas eu me afasto.

— Cuidado, alguém pode ver e contar aos seus pais. — sim, eu também sei ser implicante quando quero.

Luna lança um olhar magoado em minha direção, mas esforço-me para não amolecer. Levanto da cadeira e sigo em direção aos meus amigos. Sempre passo o intervalo com Luna e eles nunca me encham por conta disso, porém hoje preciso de música. Talvez assim me acalme.

Luca e Benjamin estão sentados no banco do lado de fora da cantina. Rick, Benicio e Davi estão de pé, mas, como Davi está com o violão, sua perna direita está apoiada no banco e está

tocando, enquanto os outros conversam. Sento-me no encosto, que é largo, e apoio meus pés no banco. Todos me olham, porém ninguém pergunta nada.

Já os conhecia de vista antes. Somos da mesma escola há anos; até somos da mesma série, mas de turmas diferentes. Nunca tivemos contato, até descobrir pela rede social que eles tinham uma banda. Depois que Luca e eu passamos no teste, a amizade foi instantânea. Eles nunca perguntaram sobre Luna, mas sei que eles sabem. Às vezes, o olhar de Davi para ela me irrita. Ele nunca tomou nenhuma atitude, mas estou sempre de olho.

Davi me olha e estende o vilão.

- Toma, toca alguma coisa para ver se desfaz sua cara de merda.

Davi é legal, não tenho nada contra ele ou suas tatuagens. O cara só tem dezoito anos, mas com o monte de barba na cara, parece sempre o mais velho de nós. Pego o violão e dedilho algumas notas. Não sou expert em violão, mas sei o suficiente para, quando a inspiração aparecer, eu estar pronto.

Cantar é minha paixão. Sempre me sinto como se flutuasse quando as palavras começam a sair da minha boca; nunca me preocupei com olhares tortuosos. Quando eu fecho meus olhos e sinto a música; isso é o que eu sou, o que amo fazer.

Solto um *dó* alto e imediatamente sei o que cantar.

*“Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito...”*

Interrompo a música quando o sino toca, mandando-nos de volta para a sala de aula. Abro meus olhos, frustrado, mas isso se dissipa ao ver Luna em minha frente. Os garotos já se foram, e meus olhos não saem dos dela.

— Eu prometo que vou dar um jeito nisso. — sua voz baixa soa como música para meus ouvidos.

— Eu te amo, Luna. — digo simplesmente.

— Eu sei, meu amor, e não vamos mais esperar para viver isso. — ela beija levemente meus lábios e segura minha mão, enquanto voltamos para a sala.

Sua promessa me faz ver um futuro maravilhoso.

Um em que Luna e Miguel são um casal de verdade.

Capítulo II

Luna

Observo de longe aquela *groupie* observar os meninos da banda com olhos gulosos. Aquela pirralha que não pense em chegar perto do Miguel, pois eu juro que arranco os olhos dela em dois segundos. Depois de Miguel ter me deixado na cantina, Marcela se sentou ao meu lado e abraçou-me. Minha amiga é uma linda morena; sua pele amendoada é o que mais chama atenção dos garotos. Seu cabelo castanho escuro cai em ondas até sua cintura. Tudo nela é lindo, até mesmo seu coração. Mas Marcela pode ser um pouco difícil de lidar, às vezes. E, para entender seu humor, é necessário um pouco de paciência.

— Ainda discutindo sobre contar ou não aos seus pais? — ela pergunta preocupada.

— Ele não entende. — explico o que ela já sabe.

— Luna, às vezes, acho que é você que não o entende.

— Como assim? — indago confusa.

— Ele só quer assumir o relacionamento de vocês para a família e você acha isso o fim do mundo.

— Não é assim, Marcela. — digo irritada.

— É, sim! Poxa, seus pais são muito bacanas, eles entenderiam que vocês se apaixonaram, mas você sempre coloca um empecilho para não contar a eles.

— Marcela, meu pai não irá levar isso muito bem. Não quero decepcioná-lo.

— E fugir com o Miguel aos dezoito anos não é decepção para você, sua louca?

— Eu não sei o que fazer! — exclamo.

— Luna, conversa com sua mãe, ela sempre foi sua amiga, não é? — eu aceno que sim. — Então... Aproveita sua amizade com ela e conta.

Talvez começar pela minha mãe não seja tão ruim; ela pode entender que amo o Miguel e que vou ser feliz ao lado dele.

— Vou fazer isso. — confirmo para minha amiga. Beijo seu rosto e vou para onde Miguel está com a banda.

O olhar curioso da *groupie* não passa despercebido por mim. Mas com ela me resolvo depois. Quando alcanço Miguel, ele está tocando violão e sua voz aveludada preenche todo o pátio do colégio. Miguel canta com a alma e amo isso. Paro de frente para ele; seus olhos estão fechados enquanto ele canta. Os meninos da banda me olham com curiosidade e, aos poucos, vão saindo, deixando-nos sozinhos. O sinal toca e Miguel abre os olhos, desfazendo o momento mágico que acontece quando ele canta.

Apaixonar-me por Miguel ainda menina não foi nenhuma surpresa. Ele sempre cuidou de mim. Esteve presente em toda minha infância, crescemos juntos e tornamo-nos amigos inseparáveis. Da amizade para o amor foi um passo muito tranquilo. Ele pediu que eu fosse sua namorada quando tínhamos seis anos. Lógico que não entendíamos nada naquela época, mas foi lindo. *Eu me machuquei no parquinho e ele me salvou.* Desde então, sou sua namorada. Conforme o entendimento foi chegando, eu não queria saber de outros garotos: Miguel me tinha por inteira e isso não mudou e não quero que mude; quero o Miguel para sempre na minha vida.

São poucos os momentos que temos para ficar juntos, mas quando conseguimos ter um momento só nosso, é como se eu entrasse em um conto de fadas. A intensidade dos momentos que compartilhamos torna nosso relacionamento mais sólido. Nosso amor não é um capricho adolescente. Nosso amor é real, e posso convencer meus pais disso: eles só têm que me ouvir e sentir minhas palavras.

Faço a promessa de que vou acertar nossa situação a Miguel e voltamos para a sala de mãos dadas.

≡≡

Quando a aula termina, estou ansiosa para chegar em casa e conversar com minha mãe. Não quero incomodá-la com minhas coisas, mas preciso dela nesse momento. Papai diz que uma mulher grávida não pode se estressar, entretanto, vou tentar mantê-la calma. Meu irmão Heitor está a caminho, mas também preciso dela agora.

— Você já está indo? — Miguel para ao meu lado sorrindo.

— Sim, quero chegar em casa e falar com minha mãe. — não sei como é possível, mas seu sorriso se torna ainda maior, deixando-o mais lindo.

— Manda uma mensagem avisando que chegou em segurança? — pede preocupado.

— Claro, Guel. — beijo seu rosto e abraço-o, acalmando a sensação estranha em meu peito.

— A fofura de vocês embrulha meu estômago! — Marcela diz, colocando-se entre nós.

Miguel olha para ela de cara feia e Marcela o ignora.

— Vou para sua casa hoje. — ela informa.

— Então, vamos. — ela sai andando na frente e dou um selinho rápido em Miguel.

— Até amanhã. — ele diz quando vou saindo e dou uma piscadela em sua direção, sorrindo.

Marcela entra no carro primeiro que eu, mas logo a sigo.

— Para casa, senhorita Luna? — Josh pergunta.

— Sim, e já disse para deixar a senhorita de lado, Josh. — implico com ele.

Josh trabalha para nossa família desde que minha mãe estava grávida de mim e não saiu mais desde então.

Ele não responde, mas vejo seu sorriso pelo retrovisor.

— Então, vai falar com sua mãe mesmo? — Marcela pergunta curiosa.

— Sim, estou criando coragem.

— Vai dar certo, amiga. — em um gesto reconfortante, Marcela segura minha mão. Mas seu momento fofo logo passa e ela volta sua atenção para o celular.

Marcela é minha única amiga, sendo assim a melhor. Conhecemo-nos há cinco anos, quando ela se transferiu do colégio em que estudava e veio para o meu, junto com o irmão, Bernardo. Fui a primeira a falar com ela e, em instantes, nos tornamos amigas. Claro que, com o passar dos anos, pude perceber o quanto sua personalidade pode ser difícil, mas isso não muda seu coração: ela é uma pessoa boa; as pessoas só não têm paciência com ela. Amo minha amiga como irmã e a defendo de qualquer um que tentar falar mal dela.

≡≡

Quando chego em casa, não encontro ninguém. Meu pai está na empresa e meu irmão na escola. Depois de alguns momentos, percebo que minha mãe deixou um bilhete me informando de que tinha consulta médica hoje. Suspiro, derrotada por não encontrar logo minha mãe em casa. Mas tudo bem; posso falar com ela mais tarde

Envio uma mensagem ao Miguel.

Estou bem. Amo você.

Logo tenho a resposta do meu príncipe.

Amo você.

Até amanhã.

Guardo o celular no bolso da calça jeans e Marcela vai direto para meu quarto. Começamos a fazer nosso dever de casa. Depois de alguns minutos, terminamos e convido Marcela para a piscina; preciso desestressar um pouco. Trocamos as roupas do colégio por biquínis e passamos a tarde entre risos e conversas.

Já é por volta das cinco da tarde quando Marcela recebe uma ligação de sua mãe pedindo que ela vá para casa. Ligo para Josh e peço que ele a leve embora. Marcela troca de roupa e logo estou sozinha. Fico algum tempo de bobeira em frente à televisão assistindo a um filme e, quando acaba, vou para meu quarto.

Estou no banho quando ouço a voz da minha mãe no meu quarto.

— Luna?

— Oi, mãe, já estou saindo!

Termino meu banho mais rápido que o normal. Seco-me rapidamente e visto um roupão.

— Como foi o primeiro dia de aula? — de tudo que mais amo na minha mãe, o fato de ela se preocupar com os detalhes me faz querer ser como ela quando eu também for mãe.

— Como sempre. — digo simplesmente.

— Eu espero que esse “como sempre” seja bom. — ela diz sorrindo.

— Preciso falar com a senhora. — digo séria e a expressão dela logo se torna preocupada.

— O que aconteceu?

Sento ao seu lado na cama e acaricio a sua barriga.

— Foi tudo bem lá na consulta? — pergunto por meu irmão primeiro.

— Graças a Deus. — ela diz ainda me olhando.

— Que bom. — sorrio.

— Para de enrolar e fala logo, Luna. — ela diz, preocupada.

— Eu não sei por onde começar. — minha voz sai mais fraca do que eu gostaria.

De todas as formas que pensei em contar para minha mãe, sempre pensei em demonstrar confiança para que ela soubesse que tenho maturidade para viver meu romance com Miguel. Mas, ao invés disso, antes mesmo de começar a falar, estou chorando.

Preocupada, a mamãe me reconforta e surpreende-me ao falar.

— Pensei que nunca falaria sobre isso comigo, Luna. — ela diz, emocionada, e encaro-a sem entender. — Quero saber como foi que minha filha se apaixonou pelo primo. — ofego em surpresa e solto-me dos seus braços, ficando de pé.

Seco as lágrimas que descem por meu rosto e olho-a em pânico.

— A senhora já sabia?

— Desconfiava. — ela diz, condescendente.

— Como? — não tenho como deixar essa pergunta passar, Miguel e eu sempre tivemos o cuidado de ninguém nos ver.

— Nunca peguei vocês juntos, mas os olhares apaixonados que trocam.. Ah, Luna, eu sei como é estar apaixonada, e você tem todos os sintomas.

— Mãe, estou com tanto medo. — digo, sentando-me de volta ao seu lado.

— Eu sei, meu amor. — ela beija meu rosto de forma carinhosa. — Eu vou confessar que também estou.

— A senhora acha que o papai vai aceitar?

— Querida, de verdade, eu não sei. — minha mãe segura minhas mãos e olha dentro dos meus olhos. — Você tem certeza de que isso é sério, Luna?

— Sim, mãe. — respondo, convicta, e continuo. — Eu amo o Miguel assim como ele me ama. Não sei explicar para a senhora quando começou. Às vezes, acho que foi desde sempre. E, conforme o tempo passa, só sinto esse amor crescer. Eu sei que somos jovens e que todos podem pensar que, com o tempo, tudo pode mudar, mas eu sei, mãe, que é para sempre.

— Ah, minha querida, então vamos esperar o momento certo e falar com seu pai. — eu esperava que ela fosse ficar contra meu sentimento no começo, mas minha mãe aceitou melhor do que eu esperava.

— Obrigada, mãe. — beijo seu rosto e ela fica de pé, caminhando para a porta.

— Luna, só tenha paciência, tudo bem?

— Tudo bem, mãe. — sorrio para ela.

Assim que minha mãe sai do quarto, pego meu celular e ligo para Miguel. Mas a ligação vai direto para a caixa de mensagem. Tento novamente e dá a mesma coisa. Ele deve estar no ensaio da banda e o celular descarregou. Deixo o aparelho de lado, pego meu notebook e acesso a internet. Faço algumas pesquisas sobre histórias de amor entre primos e fico surpresa com as coisas que encontro. Desde aquelas que foram fáceis de viverem até mesmo aquelas que os familiares proibiram. Espero que esse não seja meu caso com Miguel.

Fecho os sites de pesquisas e entro em minha rede social. Como primeiro dia de aula, há sempre algumas solicitações de amizade. Mas a que me surpreende é a da *groupie* da *Six Immortal*. Seu nome é Ester Vilagio. Não aceito seu pedido de amizade, mas, como toda garota curiosa, eu entro em seu perfil para bisbilhotar. Mas assim que vejo a última atualização, desejo nem mesmo ter entrado na internet.

Há várias fotos da banda ensaiando na garagem da casa do Davi, mas o pior é que essas fotos foram postadas há quinze minutos. *O que ela está fazendo lá?* A primeira foto é de toda a banda, depois, de cada integrante e várias fotos repetidas de Miguel cantando, com a legenda *arcanjo*. Por fim, algumas *selfies* com outras garotas e a banda ao fundo.

Virou bagunça agora?

Tenho plena consciência de que sou uma pessoa ciumenta. Tenho ciúmes de tudo e de todos. Mas quando o assunto é Miguel, eu às vezes perco a noção. Deixo o notebook de lado e saio do quarto pisando duro. Encontro minha mãe na cozinha ajudando nossa cozinheira com o jantar.

— Mãe, posso ir à casa da Marcela? — amo a minha mãe, mas ela não precisa saber de tudo. Ela me olha desconfiada.

— Da Marcela mesmo? — por que ela tem que ser tão esperta?

— Mãe, eu... Eu... — odeio quando fico nervosa e não sei o que dizer.

— Luna, está tarde, passa das nove. Seu pai não vai gostar de ter você fora de casa tão

tarde. – como sempre, ela tem razão. Mas isso me deixa ainda mais irritada.

— Por que temos que morar afastados de todos?! Para vocês podem ser uma maravilha, mas para eu ficar trancada aqui não é! – digo irritada e saio da cozinha batendo o pé.

Sou uma adolescente ciumenta e irritada com uma *groupie*, pensando que diabos ela está fazendo com a banda? Volto para meu quarto e sigo para o closet para trocar o vestido que estou usando por uma camisola. De repente, minha mãe entra em meu quarto.

— Bater o pé não é a atitude que eu esperava da mulher que estava conversando sobre amor comigo agora a pouco. – devo estar vermelha com o comentário.

— Desculpa, mãe. – peço arrependida.

Às vezes, minha mãe me olha como se fosse capaz de ler meus pensamentos, e é exatamente esse olhar que ela está me direcionando nesse momento.

— Vou pedir ao Josh para levá-la, mas quem vai te trazer é o próprio Miguel, entendeu? — ela diz séria e eu aceno que sim.

— Obrigada, mãe! – beijo seu rosto, pego minha bolsa em cima da cama e saio praticamente correndo de casa.

Tenho assuntos a resolver!

Capítulo III

Miguel

Vejo Luna ir embora com a irritante da Marcela. Quando o carro some pela rua, eu sigo para casa. Mais tarde tem ensaio da banda e prometi ajudar Isabel com um trabalho da escola. Minha irmã não estuda no mesmo colégio que eu, e vou confessar que não saber se tem algum idiota azarando ela na escola me mata. Aqui ao menos eu poderia colocar todos para correr. Não que Isabel vai dar confiança para qualquer um, minha irmã tem a cabeça centrada e amo isso nela. Mas vigiar nunca é demais.

Do colégio para minha casa são cerca de dez minutos, então nunca peço carona para meus pais. Às vezes, vou caminhando e, outras, vou de *bike*. Hoje, como estava ansioso, vim pedalando. Estou destrancando o cadeado quando a garota de mais cedo para em minha frente junto com outras meninas.

— Queremos saber se podemos ir ao ensaio da banda hoje? — como diabos ela sabe que tem ensaio hoje?

Estou para responder que não quando Davi para ao meu lado jogando charme para as meninas.

— Claro que sim, gatinhas! — elas pulam, dando gritinhos agudos e saem batendo palmas.

— Davi, a Luna não vai gostar disso. — digo irritado por ele ter deixado essas garotas irem ao ensaio.

— Ela é sua namorada, não minha. — como eu disse, nunca precisei confirmar o que eles já sabem. Davi dá um tapa em minhas costas se despedindo e vai embora.

Não adianta discutir com ele. Mais tarde vou ver isso com o Rick, ele é o líder e quem fundou a banda; não podemos abrir ensaios para o público, isso pode tirar nossa concentração. Além de que é o *meu* que está na reta com Luna.

Logo estou em casa. Isabel ainda não chegou, e isso me intriga, pois ela já deveria estar em casa. Hoje minha mãe atende na clínica, então vai estar fora o dia todo, assim como papai, que está na empresa. *Será que ela faz isso sempre?* Deixo os pensamentos sobre Isabel de lado e vou tomar um banho. Quando ela chegar, me entendo com ela.

Depois do banho, faço minha barba, que está começando a crescer. Lembro-me de quando era criança e via meu pai em frente ao espelho fazendo a sua. Todas as vezes ele me pegava no colo, sentava-me na pia e enchia meu rosto de loção para barbear, fingindo que estava fazendo minha barba — que nem existia. *Meu pai é uma figura*. Um dia vou fazer o mesmo com meu filho.

Por várias vezes já tentei contar ao meu pai sobre meu namoro com Luna. Mas desisti. Não

por medo; respeito e medo são sentimentos diferentes e papai me ensinou a respeitá-lo. Entretanto, quando o assunto é Luna, sou cuidadoso. Quero assumir nosso relacionamento e ela tem medo da família. Não quero expor minha namorada se ela não deseja dessa forma. Não é um segredo só meu para ser compartilhado, mas com sua promessa de hoje, talvez eu possa contar ao meu pai em breve.

Ouçõ a porta no andar de baixo bater e sei que Isabel chegou em casa. Olho para o relógio; uma hora atrasada. Abro a porta do meu quarto no mesmo instante em que ela abre a dela. Seu rosto está triste e fico imediatamente preocupado.

— O que aconteceu, Bel? — dou um passo à frente. Mas minha irmã me responde de uma forma inesperada.

— Não enche, Miguel! — e bate a porta do quarto.

O que deu nela?

Decido não questionar. Minha mãe me ensinou que as mulheres podem ser umas megeras em um determinado período do mês. Balanço a cabeça rindo e desço para almoçar. Parece que ela não quer minha ajuda hoje.

Na cozinha, encontro Virginia terminando de fazer o almoço. Aqui em casa não tem muitas pessoas trabalhando. É somente Virginia, que cozinha, e Lúcia, que cuida do restante da casa. Mas mamãe sempre nos ensinou a não dar trabalho. *Mantenha suas coisas organizadas e todo mundo sai feliz.* Cresci ouvindo isso e acabou virando um hábito ser um cara organizado. Isabel não é tão disciplinada, mas um dia ela aprende.

— O que tem de *rango* hoje, Virginia? — pergunto a ela, que sorri.

— Oi, menino, pode sentar que já vou servir seu prato preferido.

Sento-me à mesa que há na cozinha e delicio-me com um estrogonofê de carne maravilhoso. Bato um papo com Virginia e, logo em seguida, subo para meu quarto para trocar de roupa. Preciso chegar mais cedo no ensaio para conversar com o Rick.

≡≡

— Rick, você tem que concordar que elas vão atrapalhar o ensaio. — assim que cheguei à casa do Davi, a primeira coisa que fiz foi ir falar com Rick.

— Eu sei, cara, mas você tem que entender que a casa é do Davi, ensaiamos na garagem dele. — inicialmente, quando conheci a banda, os ensaios eram na casa do Rick, mas sua mãe infelizmente ficou doente e, com o tempo, não podíamos mais ensaiar em sua casa.

— Vamos para a minha, então! — ergo os braços, irritado com a situação.

— Para de drama, Miguel. — Rick diz sorrindo, mas não tem graça nenhuma. Ele continua. — A Luna não vai chutar sua bunda por conta disso. — ele faz uma pausa dramática e continua a falar. — Bom, talvez ela chute a das meninas. — aí me irritei de vez e fechei a cara, deixando-o rir

sozinho.

— Qual é, Miguel, para com isso, são nossas fãs! — agora ele está irritado.

Não respondo e o restante do pessoal começa a chegar e tomar seus lugares. Davi e Rick pegam suas guitarras, Luca vai para a bateria, Benjamim pega o baixo e Benício vai em direção ao teclado. Posiciono-me atrás do pedestal com o microfone e, antes que Luca dê os toques iniciais, Rick começa a falar.

— Pessoal, o Davi liberou o ensaio de hoje para algumas meninas que estão se intitulando como nossas fãs. Sabemos que elas são importantes para nossa carreira. — ele me olha sério, como se ensinando uma lição. — Porém, também sabemos que elas podem atrapalhar os ensaios. — Davi tenta começar a reclamar, mas Rick continua. — Sugiro abrir uma vez por semana o ensaio ao público. Isso pode ser bom em vários sentidos.

Todos se amarram na ideia; não é bem o que eu queria, mas assim talvez ficasse mais fácil para Luna entender. Não existe banda sem fãs. Sim. Ela vai entender que isso faz parte do meu sonho.

Não passa muito tempo e logo as garotas chegam. Elas sentam no chão, sem cerimônia e prestam atenção enquanto ensaiamos. Para falar a verdade, elas não atrapalharam muito, somente quando tiravam fotos e o flash me cegava por alguns instantes. No fim do ensaio, antes de irem, fizeram questão de beijar o rosto de cada um de nós.

Rick não comenta nada sobre as meninas. Guardamos todos os nossos instrumentos e começamos a sair. Já são quase dez da noite quando saio da casa de Davi. Assim que saio pelo portão, quase não acredito quando vejo Luna parada me olhando.

Apresso meus passos em sua direção e, antes de dizer qualquer coisa, seguro seu rosto em minha mão e trago seus lábios até os meus. Provando seu sabor maravilhoso e sentido meu coração bater mais rápido só por estar com ela. Só quando sinto falta de ar, libero seus lábios dos meus e Luna sorri.

— Que faz aqui a essa hora? — pergunto curioso e não sei porque, mas Luna fecha sua expressão, ficando mal-humorada.

— Por que aquela *groupie* estava no ensaio, Miguel? — puta merda! A garota é rápida!

— Elas pediram para assistir e Davi permitiu. — explico e logo informo. — De agora em diante, o ensaio será aberto ao público uma vez por semana.

Não sei dizer o que se passa na cabeça da Luna, mas ela vira as costas para mim e sai andando.

— Luna, para, está escuro! — pego-a pelo braço e viro-a em minha direção.

— Então, quer dizer que agora tenho que aturar isso? — ela diz exasperada.

— Luna, tenta entender. — tento explicar, mas ela está irritada demais para me ouvir.

Então, faço a única coisa que sei que vai fazê-la se calar: puxo-a em direção à próxima rua que não é tão movimentada e encosto-a na parede, beijando seus lábios. Toco nossas línguas e seguro-a pela nuca, colando nossos corpos. Luna geme baixinho em meus lábios e isso me motiva a prosseguir. Desço meus lábios em direção ao seu pescoço e provo o gosto de sua pele. Luna volta a gemer e quero prosseguir. Ir mais além. Mas obrigo-me a parar. Distancio-me do corpo de Luna bruscamente e o vazio me assola; busco controlar minha respiração e tento me acalmar.

— Me leva embora? — ela pede ofegante.

Não respondo, seguro sua mão e levo-a em direção à lanchonete mais próxima. Assim que Luna vê para onde estamos indo, reclama.

— Eu quero ir para minha casa.

— E eu quero conversar com você, Luna, então pare de besteira e entra nessa lanchonete!

Ela pensa por alguns segundos e sai andando na minha frente. *Ô garota difícil!*

Faço nosso pedido à garçonete simpática que nos atende e, quando ela nos deixa a sós, começo pelo assunto essencial com Luna.

— Você quer que eu deixe meu sonho por você, Luna? — vou direto ao ponto e seu olhar surpreso me diz que ela não esperava por isso.

— Claro que não, Miguel!

— Então, me diz o que você quer! — tento entender. — Poxa, eu entendo de verdade a situação com as garotas, mas isso é algo que não posso controlar. — seguro sua mão por cima da mesa e olho dentro dos seus olhos para que ela veja minha sinceridade. — Luna, a música é o que eu quero no meu futuro, mas tanto quanto quero isso, eu quero você. E se você me disser que não consegue lidar com isso, eu deixo a banda. — concluo.

Luna me olha com olhos arregalados e levanta-se de onde está, sentando-se ao meu lado, entrelaçando nossas mãos.

— Guel, eu nunca pediria para você desistir do seu sonho por mim. — ela beija meu rosto várias vezes e prossegue. — Eu te amo demais e morreria antes de pedir algo desse tipo a você. — seus olhos estão marejados assim como os meus. Eu a abraço forte.

— Então, não me trate de forma tão fria, Luna, porque isso acaba comigo. — sussurro em seu ouvido.

— Me perdoa, Guel. Prometo que vou controlar meu ciúme. — pede sincera, também sussurrando.

Desfaço nosso abraço e descanso minha testa na sua. Mesmo com as conversas ao nosso redor, em nosso momento, só nossa respiração é audível.

— Está tudo bem. — levanto meu olhar para seu lindo rosto, seus olhos castanhos brilham

com as lágrimas. — Estamos bem. — seco uma lágrima que escorre e ela sorri.

Luna é a única pessoa que conheço que é capaz de chorar e sorrir ao mesmo tempo e eu amo isso nela.

A garçonete volta com nossas fritas e milk-shake e, durante alguns minutos, somos só dois adolescentes lanchando. E é entre uma bata frita e outra que Luna me dá a notícia:

— Conversei com minha mãe agora à tarde. — ela diz com um sorriso lindo.

— De verdade? — pergunto surpreso e animado.

— Sim, mas a surpresa foi minha quando ela disse que já desconfiava. — ela conta e quase engasgo com a batata.

— Como assim? — pergunto confuso; sempre tivemos cuidado.

— Ao que parece, minha mãe me conhece bem demais e nossos olhares apaixonados nos denunciaram. — ela explica.

— Mas ela vai nos ajudar? — indago o principal.

— Sim. — Luna responde animada. — Mas ela me pediu paciência.

— Isso é muito mais do que tínhamos antes! — digo animado, fazendo Luna sorrir.

Não contenho minha felicidade; levanto-me e puxo Luna para meus braços e danço com ela no meio da lanchonete sob olhares curiosos. Luna não se importa e dança junto comigo por alguns minutos uma valsa desajeitada. Sorrímos e gargalhamos de felicidade. Parece que enfim estamos caminhando rumo ao nosso futuro!

Capítulo IV

Luna

Saímos da lanchonete quase as onze da noite. Miguel envia uma mensagem para tia Sophie, avisando-a que vai me deixar em casa e vai se atrasar um pouco. Seguimos de táxi até a marina e logo estamos em uma lancha em direção à ilha. Depois da nossa dancinha na lanchonete, Miguel ficou um pouco calado.

Será que ele está pensando em nossa pequena briga?

Não sei explicar o que senti quando Miguel disse que desistiria do seu sonho por mim. O que fez eu *me sentir uma cadela sem coração*. Durante todos esses anos, aprendi que Miguel leva tudo a ferro e fogo; tudo ou nada. Ele é assim, eu deveria saber que ele tomaria uma atitude tão drástica ao saber que a presença das meninas no ensaio me incomodaria.

Eu confio minha vida a Miguel; meu ciúme não é relacionado à falta de confiança. Jamais. É tudo sobre mim. Ele é perfeito demais para que eu deixe outra garota chegar perto. Ele sempre foi meu e vai continuar assim! O que posso fazer para não trazer insegurança a Miguel é manter a calma, ignorar essas meninas e estar presente nos ensaios abertos. Não posso deixar que Miguel desista da música por mim.

— Está tudo bem? — sussurro em seu ouvido.

Ele sorri ao olhar para mim.

— Com você, tudo está sempre bem. — ele sabe como derreter meu coração.

— Posso dizer o mesmo. — tento soar sedutora, mordendo o lábio inferior, mas só me sinto ridícula.

— Não faz isso, Luna. — ele adverte sério e gosto de como isso está caminhando.

— Fazer o que, Guel? — volto a sussurrar em seu ouvido e deixo um beijo discreto em seu pescoço.

Manoel, o taxista da lancha na qual estamos, conhece minha família, então acho melhor eu parar, pois todo cuidado é pouco.

— Luna. — sua voz soa rouca e isso é música para meus ouvidos. Apenas o calor de sua voz é capaz de enviar ondas de arrepio por minha pele.

De repente, não está tão frio como antes e sinto-me em chamas. Encaro os lindos olhos azuis de Miguel, e o desejo refletido em seu olhar me deixa em brasas. Para minha sorte, ou azar, a lancha começa a diminuir sua velocidade, até que para. Miguel desce primeiro e ajuda-me a descer. Despedimo-nos de Manoel e seguimos para a casa. As luzes estão apagadas e Miguel olha para trás, observando a lancha sumir na escuridão. Sua atenção volta para a casa e, logo em seguida, seu olhar

encontra o meu.

— Vem aqui. — ele me leva em direção aos fundos da casa, onde fica a mata. Tomamos cuidado para não fazer barulho e logo estou sendo pressionada pelo corpo do Miguel contra uma árvore. Amo quando ele faz isso.

— Você não deveria mexer comigo assim, Luna. — sua respiração está bem próxima ao meu rosto. Contenho um gemido quando Miguel cheira a curvatura do meu pescoço, eriçando os pelos em minha nuca.

— Eu não tenho medo de você, Miguel. — minha voz soa fraca. Miguel volta a olhar em meus olhos.

— E nem deveria. Só que tenho vontade de fazer tanta coisa com você quando soa tão sedutora...

— Então faz, Miguel. — respondo convicta. Meu coração pertence a ele, nada mais justo que meu corpo também.

Miguel não responde, apenas roça seus lábios de leve nos meus, mas eu quero muito mais que isso. Envolver meus braços em volta do seu pescoço e pressiono meus lábios nos dele com força, invadindo sua boca com minha língua, tocando, dançando, mas, principalmente, amando-nos. Desço minhas mãos por suas costas, passando minhas unhas por cima de sua camisa. Miguel morde levemente meu lábio inferior, soltando um gemido rouco e sua boca desce em direção ao meu pescoço.

Espero ansiosamente sua boca encostar-se a minha pele e, quando isso acontece, não me contenho e também deixo um gemido escapar por entre meus lábios. Miguel é ousado e sua língua percorre todo o caminho até minha orelha, que ele morde levemente, causando uma sensação completamente nova para mim; meu ventre se contrai e sinto meu sexo pulsar.

Oh! A sensação adormece minhas pernas e esforço-me para continuar de pé. O que se torna uma situação muito difícil quando Miguel percorre sua boca de volta para meu pescoço e vai descendo. *Descendo...* Isso é totalmente novo para nós...

Ele para sua boca quando chega ao decote do meu vestido. Ele me encara por alguns segundos, então sua mão lentamente sobe para a alça do meu vestido. Olho quando ele desce a alça por meu ombro. Não sinto nenhum constrangimento quando meu seio aparece. *Somente desejo.* Fervo em antecipação e, quando Miguel roça seu polegar em meu mamilo, sinto como se fogo corresse por minhas veias. Seu olhar volta para o meu e não existe dúvida: quero isso tanto quanto ele. Tudo parece acontecer em câmera lenta. Essas imagens nunca vão deixar meus pensamentos. E é com êxtase que vejo Miguel beijar meu seio; sua mão o segura com firmeza, enquanto sua língua passeia por ele todo. Respiro com dificuldade, enquanto meu sexo se contrai. São tantas sensações que meus

pensamentos estão se tornando nebulosos; meu desejo aumenta a cada segundo e Miguel se torna mais ousado; com a outra mão aperta meu outro seio e sua boca chupa meu mamilo com força.

Porém, nosso momento é interrompido quando o celular de Miguel começa a tocar. Ele acaba se assuntando com o barulho e ambos ficamos, por alguns segundos, atrapalhados, mas Miguel se dá conta de que o celular está em seu bolso e puxa-o para fora antes que o barulho chame atenção para onde estamos.

— É minha mãe. — ele informa ainda com a voz rouca.

— Atende logo! — arrumo meu vestido de volta ao lugar, mas dessa vez constrangida com a situação inusitada.

Miguel dá alguns passos para trás e atende ao telefone. Sua voz é baixa e não consigo ouvir o que ele está dizendo, mas logo ele está de volta.

— Minha mãe disse que acabou de acontecer um arrastão no centro e ela está preocupada. Ela ligou para a tia Savannah e pediu que eu dormisse aqui. — meu sorriso é instantâneo.

— Então vamos entrar. — digo a ele, segurando sua mão.

— Só tem um pequeno problema.

— O que é? — pergunto confusa.

— Tia Savannah confirmou que eu já estava aqui. — assim que ele diz já sei onde isso vai terminar. — Ela mentiu e provavelmente sabe que mentimos também.

— Merda!

— Sim. Porra, não era para ser assim, ela acabou de saber da gente e já dou um furo desses!

— Calma, Miguel, não adianta reclamar. Vamos entrar e ver o que minha mãe vai dizer.

Ele me olha e, ainda segurando minha mão, caminhamos de volta para casa. Encontramos minha mãe na varanda, ou seja, ela acaba de ver que saímos de trás da casa.

Droga!

Olho para Miguel de relance e posso ver todo seu desconforto. Minha mãe está parada com os braços cruzados em seu peito. Incrível que mesmo com o passar dos anos, ela continua com cara de menina. Mas, dessa vez, seu rosto não tem uma expressão tão amigável.

Assim que chegamos à varanda, eu solto a mão do Miguel, com medo de que meu pai ainda esteja acordado e veja-nos.

— Mãe... — tento me explicar, mas dessa vez ela está com raiva de verdade, pois nem me deixa dizer nada.

— Vocês têm noção do que acabaram de fazer?

Imediatamente fico tensa, ela nos viu?

— Tia Savannah, eu posso...

— Calado, Miguel. — minha mãe o interrompe também. — Poxa vida, sua mãe liga pedindo que eu deixe você dormir aqui, como se você já estivesse aqui em casa. Eu fiquei sem saber o que dizer, eu não sabia se você realmente já estava aqui ou se tinha acontecido alguma coisa. — minha mãe começa a ficar mais nervosa. — Confirmei que deixaria você dormir aqui e liguei para o Manoel. — dessa vez ela olha para mim. — Para ele me dizer que já tinha deixado vocês aqui há uns dez minutos! — sua respiração ofegante me deixa preocupada.

— Mãe, se acalma, por favor. — paro ao seu lado e tento tranquilizá-la.

— Não sei se estou mais nervosa, porque fiquei preocupada com vocês, ou por não saber o que estavam fazendo dentro da mata! — pronto! Agora sou um tomate em pessoa e Miguel não está muito longe disso.

— Tia, eu juro que não aconteceu nada demais. — ele explica à minha mãe, que lhe dá um olhar desconfiado.

— Miguel, você já sabe onde é o quarto de hóspedes. Luna, para seu quarto. — ela diz, encerrando o assunto.

Quando começamos a caminhar para dentro de casa, ela nos chama e viramos em sua direção.

— Sem gracinhas de madrugada. — tem como isso ficar mais constrangedor?

— Pode deixar, tia. — Miguel responde e seguimos para dentro da casa.

Não encontramos ninguém pelo caminho. *Graças a Deus todos estão dormindo!* O quarto que Miguel fica quando dorme aqui é no fim do corredor. Paramos em frente ao meu e posso dizer que ele ainda está envergonhado.

— Boa noite, Luna. — ele dá um beijo em meu rosto e segue, sem esperar que eu responda.

— Boa noite, Guel. — sussurro quando ele sai.

Entro no meu quarto e vou direto ao banheiro; preciso de um banho! No relógio já passa da meia-noite. Vai ser tão difícil acordar amanhã cedo. Por falar nisso, como Miguel vai para o colégio amanhã? Antes de entrar no chuveiro, eu pego meu celular e digito uma mensagem.

Como vai para o colégio amanhã?

Não espero ele responder; deixo o celular em cima da bancada de mármore e entro no box. A água quente no meu corpo consegue me acalmar um pouco. *Céus, que situação!* Assim que avanço um pouco meu relacionamento com Miguel, passar uma situação dessas com minha mãe foi meio constrangedor!

Saio do chuveiro, me seco e coloco um roupão, pego meu celular para ver se Miguel respondeu.

Vou acordar mais cedo, passo em casa, me visto e te encontro lá.

Levo um susto quando encontro minha mãe sentada no mesmo lugar de hoje mais cedo.

— Pelo amor, mãe, que susto! — levo a mão ao peito.

— Luna, vem cá. — ela aponta para seu lado. Eu faço o que ela pede e ela segura minha mão, olhando em meus olhos.

— Quando eu estava grávida de você, não me importava o sexo, eu só queria que meu bebê fosse saudável. Isso é o desejo de toda mãe. Algumas têm preferência, é normal, mas sempre queremos que nosso bebê seja saudável. — ela frisa, mas não sei aonde ela quer chegar com isso. — Já tivemos essa conversa antes. — ah, sim, ela vai falar de sexo.

— Já falamos sobre isso, mãe. — respondo.

— Sim, mas não falamos sobre sexo com o primo. — ela diz.

— Mãe, não aconteceu nada, eu juro, foram só alguns beijos. — falar sobre isso com minha mãe não tem problemas, ela é minha amiga.

— Eu acredito em você, mas quero que tenha cuidado, Luna. Existe a porcentagem de 1,5 a 2% de um casal ter filhos especiais. Entretanto, com casais consanguíneos, esse risco sob para 10%.

— Eu sei mãe, mas não... — ela me corta.

— Por isso, uma gravidez indesejada agora não é uma opção para vocês, Luna. Andei pesquisando; se um dia vocês decidirem ter filhos, vão ter que fazer um acompanhamento genético minucioso. — ela para por alguns segundos e logo continua. — Se acontecer de vocês transarem, se previna, meu amor. Você não foi indesejada, mas foi uma surpresa, pois eu não me prevenia, por isso estou te dando esse conselho, não me ache chata, por favor.

— Nunca, mãe, você só está cuidando de mim e eu só tenho a agradecer. — ela sorri carinhosamente.

— Agora, vai dormir que está tarde. — ela beija meu rosto, eu faço o mesmo e fico olhando quando ela sai.

Meu relacionamento com Miguel pode até ter algumas barreiras, mas qual casal não tem? O que não posso é deixar que isso nos afaste. Com o *sim* da nossa família, vamos ter nosso “felizes *para sempre*” e aí, sim, no futuro começar nossa própria família. Por enquanto, somos apenas dois adolescentes no melhor momento das nossas vidas, vivendo uma paixão.

Capítulo V

Miguel

Na manhã seguinte, saí da ilha antes que alguém acordasse. Para falar a verdade, não dormi quase nada. Meus pensamentos estavam entre o que acontecera na mata e a situação constrangedora em que fiquei com minha madrinha. *Droga!* Que mancada para dar. O sol ainda não tinha nascido quando levantei e fui embora. Cheguei em casa perto das seis da manhã, tomei um banho, arrumei-me para o colégio e, dessa vez, fui caminhando.

Posso estar muito bolado com a situação com minha madrinha, mas em nenhum momento arrependido pelo que aconteceu entre Luna e eu. Foi... Nossa! Faltam palavras para descrever aquele momento. Apesar dos beijos quentes, nunca chegamos tão longe e sentir o gosto de Luna é muito melhor do que nos meus sonhos. Sim, porra, eu tenho sonhado com isso há muito tempo!

— Por que o sorriso?

— Merda, garota! — grito com o susto.

Ao meu lado, está à menina do ensaio de ontem, acho que seu nome é Emma... Estefany... Não, não. É... Ester. Isso. Ester.

— Desculpa, eu não queria te assustar. — diz com um olhar que parece magoado.

— Eu que me desculpo pela forma grosseira que falei com você. — peço, sentindo-me culpado.

— Mas por que o sorriso? — ela volta a perguntar, dessa vez sorrindo.

— Nada. — minto. Tenho a sensação que dar trela para essa menina não é uma boa ideia.

— Posso assistir ao ensaio hoje de novo? — ela dá alguns passos e para à minha frente.

— Os ensaios são abertos só uma vez por semana. — saio de onde parei e passo por ela.

— Você não gosta muito de mim, não é? — ela me alcança. Fico mal por suas palavras, não é isso.

— Não tenho nada contra você, mas tenho namorada. — digo logo de uma vez.

— Estou sendo tão óbvia assim? — ela pergunta corando.

Eu sorrio.

— Só um pouquinho. — é difícil não rir da expressão de horror em seu rosto.

— Tudo bem, peguei o recado, desculpa qualquer coisa. — ela caminha em minha frente e logo passa pelo portão de entrada do colégio.

— Problema resolvido. — digo sozinho.

Sigo para o lado esquerdo do pátio, onde normalmente encontro os garotos da banda. Antes que eu chegue a eles, vejo quando Luca acena para que eu o siga. Ele caminha na direção oposta da

banda, parando perto da nossa sala.

— O que foi isso? — pergunto assim que paramos.

— Miguel, você tem que prestar atenção nas coisas, o Davi está bolado com você. — Luca diz preocupado.

— Por causa do ensaio?

— Sim, cara, ele acha que as fãs são a melhor forma da banda ficar conhecida.

— Mas já conversamos e decidimos que o ensaio vai ser aberto uma vez por semana. — repito o que decidimos ontem.

— Mas ele não está satisfeito com isso.

— Ele que se dane! — respondo mal-humorado.

— Você já conversou com a Luna?

— Sim, nos acertamos ontem. — explico.

— E Isabel, está bem?

Luca sempre foi preocupado com Isabel. Uma vez, fiquei cismado sobre essa preocupação dele, mas não achei nada que comprovasse o que eu estava pensando. Mas a repentina mudança de assunto é de desconfiar.

— Sim, por quê? — indago.

— Só perguntando. — Luca não me engana, aí tem.

Quando vou questionar, sou surpreendido com um abraço por trás. Luna. Seguro suas mãos, beijando-as, e Luca já sumiu das minhas vistas. Viro na direção de Luna e beijo seu rosto.

— Bom dia, amor.

— Bom dia, Guel. — ela sorri. — Achei que tomaria café com você hoje.

— Desculpe, quem sabe na próxima. — volto a beijar seu rosto, mas é seus lábios nos meu que quero sentir.

— Guel, sobre ontem... — seu rosto cora lindamente e já sei a que parte da noite ela se refere.

Coloco o indicador em seus lábios, silenciando-a, e aproximo-me para sussurrar em seu ouvido.

— Ainda posso sentir seu sabor, amor. — estou tão próximo dela que sou capaz de ver o arrepio em sua pele e busco controle para não a tomar em meus braços na frente do colégio inteiro.

≡≡

Passei a manhã ao lado de Luna. Conversamos, rimos e planejamos o futuro. Sei que estar apaixonado deixa as pessoas com um sorriso bobo, e o meu não deixa meus lábios nem por um segundo quando estou ao seu lado. Mas também sei que meu sentimento por Luna não tem mais nada a

ver com paixão. Eu a amo. Um amor que nasceu junto conosco. Temos tantos planos! E não importa o que a sociedade diga: nós vamos ser felizes, disso eu tenho certeza.

Assim que nossa família aceitar, pretendo pedir Luna em casamento. Não quero saber da nossa idade, ou do que temos que conquistar antes de um matrimônio. Eu só a quero; as outras coisas vão ser acrescentadas durante nosso caminho, podemos conquistar o mundo juntos!

Após as aulas, despedi-me de Luna e fui direto para casa. Tenho que ter uma conversa com Isabel. Não sei o que está acontecendo entre ela e Luca, mas sei que tem algo no ar. Ele praticamente fugiu de mim hoje depois que perguntou por ela um dia após ela ter chegado em casa mal-humorada.

Assim que chego em casa, encontro minha mãe sentada no chão da sala com uma pilha de papéis ao seu redor.

— Tudo bem, dona Sophie? – ela odeia quando a chamo pelo nome, mas gosto de fazer isso para implicar.

— Dona Sophie uma ova, rapaz! – ela me lança um olhar irritado, eu sorrio e sento-me ao seu lado.

— O que está fazendo, mãe? – pergunto após dar um beijo em seu rosto.

— Separando alguns documentos da clínica, e você? Como foi a aula hoje?

— Tudo bem. – respondo me levantando. – O pai vem almoçar em casa hoje? – ele sempre faz isso quando ela está de folga.

— Sim, querido, daqui a pouco deve estar chegando. – ela volta sua atenção para os documentos, mas paro abruptamente quando ela diz. – E a Luna está bem? – olho para ela com os olhos arregalados e respondo.

— Sim, está. – tento soar normal, minha mãe nunca foi de perguntar sobre a Luna.

— Que bom. – ela me dá um sorriso cheio de segundas intenções e eu subo as escadas o mais rápido que posso.

Da onde surgiu isso?

Deixo para me importar com esse assunto depois. Vou ao meu quarto para deixar a minha mochila e vou para a porta do quarto da Isabel para ver se ela já chegou.

— Bel, você está aí? – pergunto dando algumas batidas na porta do seu quarto.

— Entra! – ela grita e abro a porta, entrando em seu quarto.

Minha irmã está sentada na cama com o caderno em seu colo. Apesar de ter apenas quatorze anos, Isabel parece mais velha. É alta para sua idade e é mais madura do que muitos por aí. Ela me lembra muito de nossa mãe. Cabelo, olhos, sorriso. Tudo.

Minha irmã é linda e não é surpresa que, talvez, um amigo esteja a fim dela. Entretanto, não é por ser amigo que ele pode colocar suas mãos nela. Ela é muito nova para namorar. Ainda mais

Luca; ele é mais velho do que ela, não vai dar certo. Tenho a mesma idade que ele e meus pensamentos em relação a minha namorada não são nada puros. Para minha sorte, Luna e eu temos a mesma idade, nunca tocaria nela se fosse nova como minha irmã. E só o pensamento de Luca querer algo com Isabel, é o suficiente para me deixar nervoso.

— Vamos fazer o trabalho? – pergunto, sentando-me na cama ao seu lado.

— Pode ser outro dia? – ela me olha com o olhar triste. – Estou com um pouco de dor de cabeça.

— Por que não falou com a mamãe? – pergunto preocupado, pois sei que tem mais do que dor de cabeça acontecendo com ela.

— Ela é médica, Guel, e, além de tudo, minha mãe. É capaz de querer me deixar em observação só por isso. – ela responde sorrindo.

— É bom ver você sorrindo, Bel. – digo a ela, que me olha confusa. – Você estava diferente ontem. – seu sorriso desvanece na hora.

— Já estou bem. – diz dando de ombros.

— O que o Luca aprontou? – digo como quem não quer nada. Se eu plantar, posso colher.

Ela me olha assustada e já tenho a confirmação do que queria. Porém, fico triste quando ela mente.

– Como eu saberia, Guel? Ele é seu amigo, não meu. Acho melhor você ir, não posso ficar conversando muito, tenho que estudar. – diz irritada.

Com isso, levanto-me da cama dela sem dizer mais nada e fecho a porta atrás de mim. Jogo-me em minha cama e pego o celular para mandar uma mensagem à Luna quando Bel entra no meu quarto sem bater e deita-se ao meu lado.

— Eu gosto dele. — ela inicia. — Acho que ele também gosta de mim. — sorri triste e isso corta meu coração, aquele bastardo magoou minha irmã. — Mas ele tem medo de você. — ela conclui como se isso resumisse a história.

— Ele tem que ter mesmo!

Ela ignora totalmente o que falei, abraça-me e continua.

— O problema é que ele não quis nem ao menos conversar com você, tentar te convencer... Sei lá. — Isabel suspira triste.

— Vou falar com ele amanhã. – digo a ela que me olha assustada.

— Não, Guel! Não quero que ele ache que contei por despeito. Te contei porque você é meu único amigo e não quero mentir para você.

Suspiro.

— Tudo bem, Isabel. — beijo o topo de sua cabeça.

Posso não conversar diretamente com Luca sobre Isabel. Pretendo respeitar o que minha irmã pediu, mas posso deixar minha ideia nele. Logo ouvimos os gritos de mamãe para descermos para almoçar.

≡≡

Hoje não teve ensaio. Desmarcaram em cima da hora, pois a mãe do Rick foi internada novamente e decidimos adiar o ensaio em respeito a ele. Estou de bobeira vendo uma série americana quando ouço o bipe do celular com uma mensagem de Luna.

Guel, minha mãe acabou de chegar do pré-natal. Ela está com a pressão alta!

Imediatamente ligo para seu celular. Luna atende no terceiro toque.

— Oi. — sua voz está triste.

— Está tudo bem com a tia? — pergunto preocupado.

— Tirando a pressão alta, sim. — ela suspira e fico mais preocupado ainda.

— O que foi, Luna?

— Guel, o médico receitou a minha mãe uma dieta, remédios para controlar a pressão e repouso. — ela explica.

— Então, ela vai ficar boa. — digo a Luna e ouço do outro lado da linha ela soluçar. — Não chore, amor, a tia Savannah é forte, ela vai ficar bem.

— Sim, o médico disse que se ela seguir tudo direitinho, em alguns meses a pressão pode voltar ao normal sozinha. — ela diz com a voz embargada.

— Então, amor...

— Procurei na internet algumas informações para ajudar no que for necessário. — ela diz e sua bondade me enche de orgulho. — Repouso envolve não se estressar, evitar fortes emoções. — ela explica. E não sei por que, mas *fortes emoções* me lembram de nós dois.

— Eu entendo. — respondo.

— Eu sei que minha mãe vai ficar boa, Guel, mas, para isso, não posso deixar que ela fale com meu pai agora. Não sabemos como ele vai reagir e não quero prejudicar minha mãe.

— O médico disse que ela pode melhorar em alguns meses, não é? — indago.

— Sim.

— O que são alguns meses? Podemos esperar mais um pouco. Não fique preocupada com isso.

— Já disse que te amo hoje? — ela diz com o tom de voz um pouco mais animado.

— Já, mas eu amo ouvir isso. — respondo a ela.

Ouço quando ela sorri; despedimo-nos e encerramos a ligação. Podemos esperar mais alguns meses, não é? Primeiro, a tia Savannah fica bem e, depois, vemos como falar com o tio Eitan e,

então, com meus pais. Apesar de que, depois do que minha mãe disse mais cedo, tenho certeza de que ela sabe de algo. Tudo que menos quero é trazer problemas para nossa família. Se isso quer dizer esperar um pouco mais... Sem problemas.

Mas é difícil ignorar a dor que se forma em meu peito somente com esse pensamento. Dói não estar tão perto de Luna como eu gostaria. Abraçá-la, beijá-la em público, gritar que eu a amo, sem esconder meus sentimentos, sem esconder nosso amor.

Entretanto, há tempo para todas as coisas, e o tempo agora... É de esperar.

Capítulo VI

Luna

Quando minha mãe me contou sobre a pressão alta, fiquei preocupada imediatamente. Ela é minha melhor amiga, cuido dela como ela de mim. Então, decidi que o melhor era não contar ao meu pai sobre meu relacionamento com Miguel. Ao contrário da minha mãe, que queria contar mesmo assim, por não querer se sentir culpada por atrasar nosso relacionamento, não deixei. Minha mãe vem em primeiro lugar.

E, assim, quatro meses se passaram. Hoje ela tem consulta e estamos todos animados; sua pressão está controlada há algumas semanas. Pedro e eu temos revezado para ficar com ela na parte da tarde, enquanto meu pai está na empresa. No entanto, quando ele chega, nossa presença é dispensável. Quando eu era menina, tinha mania de ficar observando a forma carinhosa como meu pai trata minha mãe e pensava que queria um marido como ele. E mesmo anos depois, quando meu pai ainda é atencioso com ela, é inevitável pensar em Miguel. Meu namorado, em breve meu noivo e futuro marido.

Estou muito feliz! Mesmo com toda a correria aqui em casa, temos um tempinho para nos encontrarmos. Claro, sempre corrido, mas o suficiente para aquecer nossos corações.

No próximo fim de semana, é o aniversário de casamento da tia Sophie e do tio Gustavo e, mês que vem, será meu aniversário e o do Miguel também. Completaremos dezoito anos! Vai ser um dia em família muito alegre e divertido. O fato de comemorarmos nosso aniversário um dia após o outro faz com que nossa família comemore junta e sempre amei isso. No meu aniversário do ano passado, Miguel conseguiu, com a ajuda de Isabel, um tempinho para nós em seu quarto e presenteou-me com uma corrente de prata que tem o pingente de um anjo. Não a tirei desde então, assim sei que ele estará comigo onde quer que eu vá.

Saio da escola e vou direto para casa. Estou ansiosa para saber como minha mãe está. Amanhã tenho um trabalho em dupla para fazer com Miguel e não vou poder ficar com ela. Combinei com Pedro para me ligar se caso acontecer alguma coisa; meu irmão mais novo que, em breve, vai se tornar o do meio, também é atencioso com nossa mãe. Na verdade, toda nossa família é muito unida. Posso dizer que tive a honra de crescer em um lar abençoado e quero seguir o mesmo exemplo para minha família.

Estou deitada de bobeira, rabiscando algumas letras de músicas para Miguel. Quero que ele cante sobre nosso amor; não sou muito boa e até agora consegui pouca coisa. *Um rascunho*. Espero em breve poder terminar. Só falta uma coisa. E espero por isso ansiosamente: fazer amor com Miguel. Quero falar sobre isso em nossa música também.

Ouço quando a porta da sala bate e saio do quarto toda esbaforida.

— Mãe? — chamo ainda no corredor.

— Oi, filha! — ela diz quando chego à sala.

— Luna, não é hoje seu trabalho de escola? — meu pai pergunta, enquanto ajuda minha mãe a sentar.

— Não, pai, é amanhã. —aproximo-me e beijo seu rosto e logo depois o da minha mãe.

— Ah, sim, é verdade! — ele sorri. — Você pode ficar com sua mãe hoje, então? — pergunta preocupado.

— Claro, pai, o Pedro não chegou ainda, mas daqui a pouco ele está em casa também.

— Tudo bem, vou indo, então. — ele beija a testa da minha mãe. — Se cuida, linda. — pede.

— Vocês estão me tratando como uma inválida! — minha mãe reclama.

— Sem reclamar, mocinha. — papai sorri e deixa-nos sozinhas.

Sento-me ao lado da minha mãe e deito a cabeça em seu ombro.

— E a pressão, mãe?

— Está estável, filha, não é pré-eclâmpsia. O médico disse que minha alimentação e a medicação estão fazendo efeito. — ela sorri. — Só preciso manter assim até o fim da gestação e tudo ficará bem.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, mas é minha mãe quem toca no assunto.

— O que quer dizer que podemos falar com seu pai sobre aquele assunto. — só a menção disso é capaz de congelar minha barriga.

Olho para ela assustada e digo por fim:

— Tudo bem, quando a senhora achar melhor.

— Você não quer falar com seu pai, Luna?

— Sim, mãe, eu quero, mas fico preocupada com a senhora. E se meu pai ficar nervoso e fazer a senhora passar mal?

— Eu vou ficar bem. — sorrio para ela, que continua. — Pode ser esse fim de semana, filha, vamos estar em família, vai correr tudo bem. Fica tranquila.

— Obrigada, mãe. — beijo seu rosto e fico com ela ali, só aproveitando sua companhia.

≡≡

— Tudo certo para mais tarde? — Miguel sussurra em meu ouvido durante a aula.

Hoje Marcela faltou e meu lindo veio sentar comigo.

— Sim, amor, já fiz a pesquisa, então só temos que passar para o computador e assim sobra tempo para namorar! — respondo sorrindo e Miguel faz o mesmo de forma cúmplice.

A manhã passa muito rápido e, quando o sinal toca, até me assusto.

— Nossa, pensei que esse professor iria nos comer vivos! – Miguel, exagerado, brinca.

— Deixa de besteira. – guardo minhas coisas na mochila e saímos da escola, direto para sua casa.

Assim que nos distanciamos um pouco da escola, Miguel envolveu sua mão na minha.

— Estou feliz de estar com você hoje. — ele diz olhando em meus olhos, enquanto caminhamos.

— Também estou. — sorrio.

— E a madrinha como está? – sempre achei engraçado como Miguel nunca se referiu a minha mãe como só uma coisa. Ou ele a chama de madrinha ou tia. Mas eu também faço o mesmo com tia Sophie.

— Está ótima. — ofereço a Miguel aquele sorriso com segundas intenções e, pela forma como ele me olha e sorri, já sei que ele entendeu o recado.

— Sêrio? – pergunta animado.

— Sim! – respondo parando de andar e seguro suas mãos. – Esse fim de semana, vamos conversar com meu pai!

Não consigo descrever o sorriso de Miguel nesse momento, mas meu coração quase para por alguns segundos só para contemplar essa cena.

— Quero estar presente! – é a primeira coisa que ele diz.

— Não, Miguel, minha mãe quer que seja algo só entre nós. Posso te chamar depois. – explico.

— Tudo bem. – ele segura minha mão e volta a caminhar. – Agora vamos que preciso te beijar logo!

≡≡

— Mãe! – Miguel grita por tia Sophie assim que chegamos a sua casa.

Mas a casa está silenciosa, como se não houvesse ninguém e minha suspeita se confirma quando Bel desce as escadas com um lindo sorriso.

— Maninho, papai e mamãe saíram; só voltam à noite e eu estou indo ao cinema. – ela se aproxima e beija meu rosto.

— Vai ao cinema com quem? — Miguel pergunta carrancudo e aperto a mão dele. — O quê? Só quero saber com quem ela vai sair. — ele se defende olhando para mim.

— Estou indo, gente! – Bel passa rapidamente por nós e sai de casa.

Miguel tenta ir atrás dela, mas eu impeço.

— Que ideia é essa agora? — pergunto, puxando-o em direção à escada.

— Só quero saber com quem ela vai sair. — ele diz dando de ombros.

— Se ela está saindo, é porque meus tios deixaram, então deixa a garota. Lembra que, na idade dela, a gente também dava alguns perdidos? – tento brincar com Miguel, mas parece que só piora, pois ele me olha como se fosse atrás da Bel. — Nem pense nisso! – alerta quando paramos em frente ao seu quarto. — Ou vou embora e você vai fazer esse trabalho sozinho!

Miguel abre a porta do quarto sem dizer nada. Deixo minha mochila em cima da escrivaninha e pego a pesquisa que fiz. Quando me viro, Miguel está parado me encarando.

— Disse que queria te beijar. — ele diz com aquele tom rouco que tanto amo.

— Então, me beija, meu amor.

Assim que Miguel me puxa pela cintura, colando nossos corpos, fecho meus olhos e só sinto as sensações que acontecem quando ele me toca. Seus lábios se tornam mais urgentes e, quando dou por mim, já estou pulando em seu colo e entrelaçando minhas pernas ao seu redor. Mordo seu lábio inferior, enquanto ele coloca suas mãos em minha bunda e aperta-a.

— Luna, é melhor pararmos... — Miguel diz, tentando separar nossos lábios.

— Por que, amor? Queremos tanto isso. — digo quando ele se senta na cama comigo ainda em seu colo.

— Porque quero que seja especial, Luna... Não assim. Quero flores, um jantar especial, fazê-la sentir-se como uma princesa.

Suas palavras doces, como sempre, tocam meu coração, mas eu também não estou disposta a ceder. Só Deus sabe como meu pai vai reagir quando souber de nós. E se ele não deixar que eu o veja mais?

Olho para meu relógio e dou um ultimato a ele.

— Você tem vinte minutos para tornar tudo especial e me fazer sua para sempre, Miguel! — seus olhos parecem que vão saltar das órbitas e sorrio, continuando. — Vou estar no quarto da Bel. Vou fazer o trabalho sozinha para ganhar tempo. — dou uma piscadela para ele e saio do quarto, deixando-o sozinho.

Miguel

Essa garota é doida, só pode! Eu sei que essa é uma oportunidade única. Para falar a verdade, uma oportunidade como essa nunca aconteceu antes, e eu também nunca forjei uma. Mas, se tudo se encaixar, posso deixá-la ao meu favor.

Depois que Luna sai do quarto, eu desço correndo as escadas e vou até o jardim da minha mãe. Nunca agradeci tanto por ela manter essas roseiras em casa! Colho várias rosas-brancas, pois sei que são as preferidas de Luna e volto para o quarto. Tiro todas as pétalas e jogo por minha cama e pelo chão do meu quarto.

Preciso de alguma coisa com cheiro bom... Ah! As velas aromáticas da minha mãe! Vou até seu quarto; sei que tem várias delas no banheiro, mas pego somente duas. Volto correndo para o quarto e deixo-as perto da cabeceira da cama. Fecho as cortinas para dar um clima mais romântico e ligo o ar-condicionado para não ficar tão quente aqui dentro. Por fim, vou até o aparelho de som e coloco *Poison* e *Wine* da Banda *The Civil Wars* para tocar.

Desço até a cozinha e vejo com Virginia o que ela preparou para o almoço. Como ela sabia que Luna viria hoje, preparou seu prato favorito: fricassê de frango. Arrumo uma bandeja com nossa refeição, suco e sobremesa.

Não é da forma que planejei. Mas, também, acho que estava esperando por isso para quando fôssemos adultos, pois envolvia uma viagem, um jantar romântico à beira-mar, com brindes de champanhe e, por fim, torná-la minha. Entretanto, aprendi que quem cria as circunstâncias somos nós e, se Luna decidiu que seria hoje, então o hoje se tornara nosso para sempre.

Deixo nosso almoço em cima da pequena mesa, que fica próxima à janela do meu quarto. Verifico se está tudo perfeito e sigo para o banheiro; preciso tomar um banho e acalmar um pouco essa batida frenética em meu peito. *Isso vai mesmo acontecer?*

Alguns minutos depois, estou pronto e mais calmo. Preciso disso para deixar Luna tranquila também. Juntos, vamos aprender pela primeira o que é fazer amor. Já tive essa conversa com meu pai alguns meses atrás; ele me explicou tudo, talvez por achar que já tinha feito ou estava perto de fazer sexo, e também me deu algumas camisinhas. Mas, assim como Luna esperou por mim, eu também esperei por ela. Nós dois seremos um do outro para sempre.

Bato na porta do quarto de Isabel e Luna abre com aquele sorriso maravilhoso. Ela-trocou o uniforme da escola por um vestido e está ainda mais linda.

— A senhorita me concede a honra de sua companhia para o almoço? – estendo a mão para ela que a segura.

Mesmo com a determinação de agora pouco, posso perceber que Luna está nervosa; sua mão está gelada e seu olhar ansioso a denuncia.

As velas já estão acesas e Luna olha admirada para meu quarto.

— Você preparou tudo isso sozinho em tão pouco tempo? – ela diz com os olhos marejados.

— Foi o que deu para fazer em cima da hora. – respondo um pouco envergonhado.

— Está lindo, Guel.

Ajudo Luna a se sentar e sirvo-a. Comemos em um silêncio agradável em meio a olhares apaixonados e alguns sorrisos bobos. Quando terminamos, convido-a para dançar ao som de *Thinking Out Loud*. Luna é uma dançarina nata e acompanhá-la entre passos lentos, enquanto a música nos envolve em um clima mágico, é perfeito.

É possível amar tanto alguém assim?

Naturalmente, nossos olhares se encontram, nossas testas descansam uma na outra e consigo ouvir sua respiração pesada; consigo sentir seu coração bater encostado ao meu. Fazer dessa mulher minha agora só torna tudo o que vivemos muito mais que especial. Quando criarem uma palavra melhor que especial, talvez possa fazer jus ao que Luna significa para mim: ela é meu tudo, meu amor, minha vida, mas nem todas essas palavras chegam aos pés do que ela é para mim.

Nossos lábios se tocam de forma íntima, seus delicados lábios... Sua doce inocência... Beijar Luna é como flutuar e sentir o chão ao mesmo tempo; é se afogar e voltar a viver. O beijo de Luna é doce, é puro, e esquento meu coração.

Envolvo-a em meus braços e levo-a para a cama. Luna se deita delicadamente e meu corpo cobre o seu. Ela está totalmente entregue, suas mãos acariciam minhas costas, enquanto nossos lábios desfrutam um dos outros.

— Eu te amo tanto. — sussurro em seu ouvido.

— Eu também, amor. — ela sussurra e volta a beijar meus lábios.

Nesse exato momento, começa a tocar *Baby* da Banda Malta. Lentamente, minha mão abaixa a alça do seu vestido. Depois de alguns minutos, vejo Luna apenas de calcinha e sutiã. Ela cora por um instante, mas logo se recompõe e ajuda-me com minha blusa e calça. Ficamos nus e foi tão natural quanto beijá-la. Nunca serei capaz de esquecer essa visão. Venerei sua boca, sua língua, sua pele; nossas emoções tomaram conta de nós; beijos, gemidos abafados e sensações novas, tudo isso ao tocar Luna.

Foi quando chegou o momento de unir nossos corpos e meu coração já estava quase saindo pela boca. Peguei a camisinha sob o olhar curioso de Luna e voltei para ela.

— Tem certeza? — indago, olhando em seus olhos para receber a confirmação.

— Nunca tive tanta certeza em minha vida. — seu olhar apaixonado confirma junto

de suas palavras aquilo que quero saber.

— Isso só confirma, amor, que você será para sempre minha... — e, com isso,

tornamo-nos um só para sempre.

Capítulo VII

Luna

Encaro a realidade ao meu redor e ainda não consigo acreditar que realmente aconteceu. Nunca, em todos os meus sonhos, pensei que fazer amor pela primeira vez com Miguel seria dessa forma. Posso não ter nenhuma experiência no assunto sexo, mas é disso que estou falando: em nenhum momento Miguel fez sexo comigo; ele fez amor. E amor enche nosso coração de uma forma inexplicável. Foi mágico... Intenso... E apaixonante.

— Você está bem? — Miguel indaga preocupado. Estamos deitados em sua cama, minha cabeça descansa em seu peito e só um fino lençol cobre nossa nudez. Confirmando que o que aconteceu foi real.

— Estou bem, amor. — beijo seu peito e volto a descansar.

Acordo com batidas na porta do quarto e sento-me, assustada. Miguel já está de pé e pede-me para fazer silêncio. *Meu Deus, quem será?*

— Abre essa maldita porta, Luna, sei que você está aí! — a voz do meu pai me faz gelar por dentro!

Encaro Miguel assustada, sem saber o que fazer. Sinto que sou capaz de desmaiar a qualquer momento, e Miguel sussurra para que eu me acalme. Ele, ao menos, está vestindo uma bermuda. Ao contrário de mim, que continuo nua.

Não temos tempo para pensar em mais nada, pois meu pai esmurra a porta até que ela se abre. Ele me olha decepcionado, enquanto seguro o lençol sobre meu corpo. Seu olhar volta para Miguel e o olhar bondoso que sempre vi em meu pai não existe mais. Ele caminha até Miguel e só quando meu pai o segura pelo pescoço, que consigo ter reação.

— NÃO!!! – grito com as lágrimas escorrendo por meu rosto.

— Luna, meu amor, acorda. — a voz doce de Miguel me desperta. Sento-me na cama, assustada, procurando por meu pai, mas, graças a Deus, estamos sozinhos.

Foi só um sonho.

— Sonhei que meu pai entrava aqui. — explico rápido.

— Fica calma, amor. — ele pede.

Miguel está sentado ao meu lado na cama e envolve-me em seus braços. Beija-me delicada e apaixonadamente. Como é bom estar em seus braços. Nosso beijo se torna mais intenso e, logo, Miguel percorre todo meu pescoço. O desejo é inevitável. *Acho que tenho alguma coisa com pescoço.* O pensamento me faz sorrir.

Miguel deita seu corpo sobre o meu e volta a me tocar intimamente; sua mão percorre todo meu corpo. Meu ventre se contrai e minha pele se arrepia completamente. Preciso de mais... Não sei explicar o porquê; talvez eu estivesse bem relaxada, ou até mesmo porque eu me sinto à vontade com Miguel, mas eu não senti dor. Uma leve ardência, mas nada além disso. O que me faz não ter receios de tê-lo mais uma vez. Entretanto, dessa vez me sinto exausta e depois de tantas sensações maravilhosas, desabo na cama esgotada.

Sorriso.

— É possível te amar ainda mais? — brinco com Miguel.

— Então, quer dizer que agora você ama meu corpo? — ele se faz de ofendido.

— Sim, não quero saber de outro nunca mais! — brinco, mas acho que passei dos limites, pois ele fecha a expressão na hora.

— Não houve um antes de mim e não haverá um depois, Luna. — ele diz sério.

— E eu prometo isso, amor. — digo olhando dentro dos seus olhos.

Miguel volta a me beijar e ficamos assim por algumas horas, só aproveitando a companhia um do outro. E, em minha opinião, não existe algo melhor. Tudo está caminhando perfeitamente: minha mãe está melhor de saúde; vamos contar ao meu pai finalmente; aquela menina deixou Miguel em paz; e, agora, estamos mais íntimos do que nunca. Sonhos podem se tornar realidade e o meu só

está no começo.

Mas, infelizmente, a tarde nos braços de Miguel passou mais rápido do que eu gostaria e agora ele está me deixando na marina para que eu pegue a lancha para a Ilha.

— Nos vemos no almoço de domingo? — Miguel pergunta ainda me abraçando.

— Claro!

— Então... — Miguel não consegue concluir, pois seu celular toca. — Posso atender? É o Rick.

Aceno que sim e ele atende na minha frente mesmo.

— Fala, cara. — Miguel escuta por alguns segundos e depois sorri. — Tudo bem, até mais tarde, então! — ele desliga e volta sua atenção para mim.

— O que foi? — questiono curiosa.

— Você acha que pode ir ver a banda tocar hoje? — pergunta animado.

Mas eu murcho como uma rosa.

— Não, Miguel, fiquei fora a tarde toda, preciso ficar com minha mãe um pouco.

Seu sorriso se desvanece.

— Ah, sim, eu entendo.

— Desculpa, amor.

— Não, tudo bem, eu entendo. — ele tenta disfarçar a decepção que posso ver em seus olhos.

— Até amanhã, então. — dou um beijo em sua bochecha e sussurro em seu ouvido. — Amo você. — ele diz o mesmo e despedimo-nos.

Chego em casa alguns minutos depois e logo procuro por minha mãe. Encontro-a no quarto de Heitor.

— Tudo bem, mãe? — ela está de pé, arrumando algumas roupas do meu irmãozinho.

— Eu estou ótima, mas com certeza tem alguém que está melhor do que eu!

Não consigo esconder o sorriso enquanto me aproximo dela. Seguro sua mão e puxo-a para se sentar no sofá-cama.

— Estou tão feliz, mãe, foi tão lindo! — digo alegre.

— Ah, minha pequena, você tem certeza que tomou a decisão correta? — ela diz, acariciando minha bochecha.

— Não poderia ter sido diferente, mãe. Ele foi tão cuidadoso comigo, me tratou como uma princesa. — digo com um sorriso que não some dos meus lábios.

— Então estou feliz por você! — ela beija minha testa, sorrindo.

Fico mais alguns minutos tricotando com minha mãe, ajudando-a a guardar algumas roupinhas do Heitor.

— Filha, você ainda tem o Henry como amigo na sua rede social? — minha mãe pergunta entre uma conversa ou outra.

— O filho da Luiza, madrinha do Guel? — pergunto um pouco confusa por ela o mencionar do nada.

— Ele mesmo.

— Tenho sim, mãe, mas nunca falei com ele.

— Ele compartilhou uma matéria em que a escola dele está aceitando alunos para intercâmbio.

— Mãe, aonde você quer chegar com isso? — sou direta com minha mãe. Ela me olha e, dessa vez, quem me leva para o sofá é ela.

— Luna, querida, eu sei que você ama o Miguel. — ela respira fundo e continua. — Eu acredito no amor de vocês, mas pelo andar da carruagem, estou vendo um casamento assim que o ensino médio acabar.

Minha mãe deve ser a bruxa das premonições, só pode!

— Mãe... — tento argumentar, mas ela me corta.

— Você sempre falou sobre conhecer o mundo e deixar o mundo conhecer você. — ela lembra o que eu disse há alguns anos. — Mas, então, esse amor com o Miguel está consumindo cada parte sua e seus sonhos estão sendo deixados de lado. — minha mãe deixa uma lágrima descer por seu rosto e continua. — Não quero que um dia olhe para trás e se arrependa de não ter seguido aquilo que um dia você sonhou.

— Eu não posso deixar o Miguel, mãe. — argumento de uma só vez.

— E você não precisa, é possível viver um grande amor e sonhos lado a lado. — ela seca suas lágrimas e fica de pé. — Promete pensar nisso? — pede antes de sair do quarto.

— Sim, mãe. — respondo sincera, até porque sua última frase realmente me fez pensar.

Não preciso abrir mão do amor do Miguel para viver meus sonhos, não é uma escolha, é um caminho.

É, talvez... Quem sabe...

Volto para o meu quarto, pego o caderno que rabisquei a letra da música que estou escrevendo e finalizo-a. Estou animada para entregar a Miguel no domingo!

≡≡

Acordo com o meu celular tocando. Olho para ver quem é e vejo que é Miguel.

— Oi, amor! — digo com a voz rouca pelo sono.

— Nossa, Luna, você ainda estava dormindo? Desculpa, mas já são onze da manhã, está tudo bem com você? — ele pergunta preocupado e acho isso tão fofo.

— Tudo bem, sim, amor, acho que eu cansei pelo esforço de ontem. — escuto sua risada pelo outro lado da linha.

— Acho que peguei pesado com você, me desculpa.

— Se for para ser maravilhoso como ontem, pode pegar pesado toda vez! — digo sentindo meu rosto esquentar, pois morro de vergonha de tentar ser sexy com Miguel.

— Não fala assim que você me deixa... — ele suspira e diz. — Esquece. Eu te liguei para saber se você não quer ir ao show que vamos fazer hoje?

— Vocês vão fazer um show hoje? — pergunto supercontente; o sonho do meu amor está se realizando.

— Sim, e vamos apresentar uma nova música também. — ele diz todo animado.

— Eu vou ver com minha mãe e daqui a pouco te dou a resposta.

— Tudo bem, dorminhoca, vai lá. Te amo.

— Também te amo.

Levanto e vou ao banheiro tomar um banho. Depois de pronta, saio do quarto e vou procurar mamãe para saber se posso ir ao ensaio.

— Mamãe. — grito das escadas.

— Estou aqui. — ela responde da sala.

Caminho feliz, mas, quando chego à sala, meu sorriso morre um pouco. Meu pai está com ela e isso significa que irei ter de perguntar a ele se posso ir ao show ou não.

— Tudo bem, meu amor? Você dormiu muito hoje, já está quase na hora do almoço. — mamãe diz, enquanto dou um beijo em sua bochecha e depois na do meu pai.

— Estou bem, sim, estava cansada. — olho para ela que me dá um sorriso cúmplice.

— Como foi o trabalho ontem filha? — papai pergunta e sinto meu rosto corar imediatamente.

— Foi... Foi legal, deu tudo certo. — sinto-me uma idiota por não saber dar uma resposta coerente.

— Que bom! — ele sorri para mim.

— É... Eu quero pedir uma coisa para vocês. — digo.

— Fala, querida. — papai diz, enquanto mamãe sorri carinhosa para mim.

— Eu posso ir ao show que a banda do Miguel vai fazer hoje à noite? Ele disse que me leva em casa.

— Claro, querida. — mamãe diz rapidamente.

Sorrio para ela, entretanto, toda minha felicidade morre quando meu pai diz.

— Claro que não. Onde já se viu isso, Luna, você já foi esses dias ver o Miguel ensaiar sem a minha permissão e agora que ir a um show? Não. Filha minha não vai ficar andando a noite sozinha,

ainda mais nesses lugares onde tem vários garotos. Eu sei que Miguel está lá para te olhar, mas você não vai.

— Mas, pai...

— Luna, eu já disse não. — sinto meus olhos encherem de lágrimas, mas não digo nada.

— Eitan, deixa a menina se divertir.

— Savannah, não adianta, eu não vou deixar.

Saio da sala e escuto quando minha mãe diz.

— Nossa filha tem que sair de casa, Eitan. Ela só fica aqui na ilha e, quando tem uma oportunidade, você não deixa ela se divertir.

— Savannah, minha filha não vai ser igual essas garotas que ficam na rua até tarde e só Deus sabe quando voltam...

Subo as escadas e deixo de escutar a conversa. Entro no meu quarto e tranco a porta, pego o celular e começo a chorar, enquanto disco para Miguel.

— Oi, amor, você vai vir? — Miguel pergunta todo feliz.

— Não, meu pai não deixou. — digo soluçando.

— Não precisa chorar, Luna. — ele diz, mas percebo pelo tom de voz que ele está chateado.

— Eu queria ir, Miguel, mas meu pai... — ele me interrompe.

— Mas não vai vir, eu já entendi. Vou almoçar e mais tarde te ligo.

— Até mais. — digo, encerrando a ligação.

Esperei a tarde e a noite toda Miguel me ligar. Percebi que ficou um clima estranho no telefone, mas ele não me ligou. Durmo pensando por que ele ficou com tanta raiva de mim; ele sabe que não tenho culpa, mas amanhã tudo vai estar bem e vamos passar o dia todo juntos.

≡≡

A manhã seguinte chegou bem rápido; também não dormi quase nada, mas sei que hoje será um novo dia. Miguel e eu vamos ficar bem: só preciso dar um beijinho nele para tudo voltar ao normal. Decido me arrumar de forma diferente. Pego na gaveta algumas mechas de cabelo coloridos e prendo na parte de trás do meu cabelo com alguns grampos. Uma calça jeans rasgada, uma blusa com top preto por baixo, uma maquiagem escura e estou pronta!

Saímos de casa um pouco antes do que tia Sophie marcou; minha mãe não gosta de atrasos e aprendi o mesmo com ela. No carro, meu pai conversa com minha mãe, Pedro mexe em seu celular e estou quase tendo um troço de ansiedade para saber o que Miguel vai achar da música.

Quando chegamos, Lúcia nos recebe e avisa que tia Sophie e tio Gustavo já estão descendo.

Aproveito que minha mãe foi ver a decoração do jardim com meu pai e Pedro foi falar com Isabel e sigo para o quarto do Miguel, com a folha da música em minhas mãos.

Sigo silenciosa pelo corredor. Tenho que entrar antes que alguém me veja, mas, ao abrir a porta, a cena diante dos meus olhos me faz congelar. Aquela garota que persegue a banda está nua, deitada ao lado de Miguel.

Como ele pôde fazer isso comigo?

Sinto tudo ao meu redor girar. Não consigo respirar, puxo o ar, mas nada vem, meu coração parece que se partiu em mil pedaços ao ver isso.

Não acredito que fui enganada!

Não posso ficar aqui olhando para essa cena horrorosa! Bato a porta do quarto com mais força do que suficiente para acordá-lo, mas, nesse mesmo momento, tio Gustavo abre a porta do seu quarto. Não consigo evitar meu olhar assustado e cheio de lágrimas; entretanto, antes que ele pergunte o que eu faço ali, explico-me e praticamente desço correndo as escadas.

Existe um lugar no jardim de tia Sophie que é meu preferido. Perto de algumas árvores frutíferas, há uma parte mais elevada e, para chegar lá, é necessário passar uma por pequena ponte. Entretanto, meu lugar preferido não é perto das árvores ou em cima da ponte, mas embaixo dela. Ninguém nunca me viu nas poucas vezes em que estive lá e é exatamente para onde vou.

Com a cabeça entre minhas pernas, tudo o que exala de dentro de mim é dor e lágrimas.

Como ele teve coragem de fazer isso comigo? Como ele trocou nosso amor por uma noite qualquer?

Ele me ama mesmo? Foi tudo verdade ou foi tudo fruto da minha imaginação?

Meu Deus, que dor!

Minha vontade é de gritar, de chorar alto e de sair correndo, mas não posso fazer nada disso. Se eu achava que estava vivendo um sonho, eu estava completamente enganada. Ou não. Talvez era realmente um sonho, mas era só meu. E quando acordei virou um completo pesadelo.

Ele tem de se explicar.

Não é possível que tudo tenha sido uma mentira; conheço Miguel desde pequena, ele não me enganaria dessa forma tão baixa.

Talvez foi só uma tentação que ele não conseguiu resistir.

Eu posso perdoar essa traição?

Tento secar as lágrimas que não cessam e pego meu celular. Talvez exista alguma coisa no perfil dela que me ajude, a saber, o que aconteceu ontem à noite. Procuro por Ester e, logo, a foto da vadia aparece. Clico nela e sou direcionada para sua página. E o que encontro só me faz chorar ainda

mais.

Há várias fotos da banda se apresentando em um bar na Lapa; Miguel aparece sozinho em várias fotos e até mesmo em algumas com ela. E a foto que corta meu coração de vez é uma em que eles estão de mão dadas, com a legenda *“Indo para casa com ele”*.

Dali por diante, não existe mais pensamentos coerentes e tudo que quero é sumir. Não foi só uma tentação. Ou ele já estava de caso com ela ou ontem foi à primeira vez. Ele me amou para depois fazer sexo com a primeira que aparece! Ele era virgem mesmo? Talvez não, ele me conduziu de forma experiente; estava nervoso, é claro, mas parecia saber o que estava fazendo. Que cretino desprezível!

Guardo o celular no bolso, seco minhas lágrimas e tento me acalmar. Daqui a pouco meus pais vão me procurar e não quero estragar a comemoração de tia Sophie. Alguns minutos depois, consigo me sentir mais calma e controlo as lágrimas, então saio debaixo da ponte e sigo para onde meu pai está. Perto dele, o Miguel não tem como me chamar.

Assim que chego perto do meu pai, minha mãe me olha com aquele olhar questionador. Ela sabe que chorei, meu pai também perceberia se eu não estivesse evitando olhá-lo. Sinto a presença de Miguel mesmo antes de vê-lo, mas, diferente das vezes que eu dizia amar isso, nesse exato momento eu odeio! E tudo que quero é que ele pare de me encarar como ele está fazendo agora.

Quando meu celular vibra, não é preciso ser um gênio para saber que a mensagem vem dele. Levanto meu olhar em sua direção e olho-o com rancor, mas não pego o celular, quero que ele saiba que não quero falar com ele.

Miguel me dá um olhar magoado, que ignoro no mesmo instante. Ele não me engana mais com esse jeito de bom moço. E não sou tão boa a ponto de perdoar uma traição. Ele sabia desde o início como sou ciumenta e como estava cismada com aquela garota. E, não satisfeito em me trair, ainda deixou que se tornasse público. Sei que mantemos nosso relacionamento em segredo, mas sei que a maioria das pessoas no colégio sabe sobre nós.

Quando Miguel tenta vir em minha direção, eu agarro o braço do meu pai com força.

— O que foi, Luna? — papai pergunta preocupado.

— Pai, não estou bem, podemos ir para casa? — não consigo segurar uma lágrima e ela acaba escorrendo pelo meu rosto.

— Claro, filha, sua mãe foi ao banheiro. Assim que ela retornar, nós vamos. — ele diz todo carinhoso, enxugando a lágrima que escorreu.

Olho ao meu redor e vejo que Miguel sumiu. Mas Isabel para ao meu lado e chama-me para um lugar mais reservado.

— O que está acontecendo? — ela pergunta confusa.

— Pergunte ao seu irmão, Bel.

— Luna, ele está tão esquisito. — diz.

— Deve ser porque sua máscara caiu. — nesse momento tenho uma ideia. — Me faz um favor?

Isabel acena que sim. Tiro o papel com a letra que escrevi e apoio na mesa para escrever mais algumas palavras e, depois, estendo à Bel.

— Entrega isso a ele.

Isabel não diz nada e guarda a carta em seu bolso, deixando-me sozinha.

Logo depois, minha mãe retorna e meu pai avisa que já estamos indo. *Graças a Deus!* Não sei se seria capaz de segurar as lágrimas por mais tempo, já não basta uma delas que escorreu na frente do meu pai. *Elas nunca vão acabar?* Toda vez que eu me lembrar daquela cena vou chorar? Porque, se for assim, quero esquecer de vez o que aconteceu!

No carro, de volta para casa, recebo olhares de preocupação dos meus pais e até mesmo Pedro está me encarando.

— Está tudo bem, Luna? — meu irmão me pergunta.

Vejo papai me olhar pelo retrovisor e mamãe se vira para me encarar do banco da frente.

— Está, Pedro, só estou com muita dor de cabeça.

— Vai melhorar. — ele beija minha bochecha.

Minha mãe franze o cenho e se vira para frente. Tento me controlar o máximo que posso. Ainda bem que não cheguei a contar nada ao meu pai e tudo se desfez horas antes; seria uma grande decepção para ele.

Assim como está sendo para mim...

Capítulo VIII

Luna

Quando chegamos à ilha, vou direto para meu quarto. Quero deitar em minha confortável cama e chorar tudo o que posso no meu travesseiro, mas estou ciente de que é só uma questão de segundos antes da minha mãe entrar no quarto e questionar o que aconteceu. Dito e feito, ela abre a porta do quarto e senta-se na ponta da cama, ao meu lado, passando a mão em meu cabelo.

— O que aconteceu, filha?

Amo minha mãe e entendo de verdade sua preocupação, sempre foi assim, uma cuidando da outra; entretanto, nesse exato momento, não tenho forças nem mesmo para proferir uma palavra.

— Luna, fala comigo. — ela pede de forma carinhosa.

Respiro fundo, fechando os olhos, e busco as palavras de uma forma que não me doa tanto. E as únicas que encontro são as que não entram em detalhes da cena que presenciei.

— Ele me traiu.

— O quê? Como assim? — mamãe se levanta da cama e para em minha frente.

— Isso mesmo, mãe, ele me traiu.

— Como você pode ter certeza?

— Porque eu mesma vi. — respondo no automático, enquanto as lágrimas caem silenciosamente por meu rosto.

— Luna... Ai, meu Deus! — minha mãe volta a se sentar ao meu lado e abraça-me. Com o gesto reconfortante, é impossível não cair no choro ainda mais. — Fica calma, amor. — ela alisa meus cabelos como só ela sabe fazer e, aos poucos, me acalmo.

— Por que ele fez isso comigo, mãe?! — pergunto com a voz rouca de tanto chorar.

— Não sei, meu amor! — ela continua me abraçando e dizendo para eu ficar calma.

Alguns minutos se passam e sinto-me melhor.

— Mãe, você pode me deixar sozinha, por favor? — peço um pouco sem graça.

— Claro. Qualquer coisa, é só me chamar. — ela se levanta, beija minha testa e sai do quarto, fechando a porta atrás dela.

Desabo de costas na cama e encaro o teto. Estou tão impactada com a situação que não consigo diminuir o ritmo dos meus pensamentos. Em toda minha vida, nunca pensei que Miguel seria capaz de me trair. Sei lá, sempre achei que ele me amasse, então, saber que não é verdade, é um

golpe muito grande! Eu sabia que aquela vaca da Ester tinha algum plano, mas quando ela começou a namorar o Davi... Meu Deus, o Davi! Será que ele já sabe o que aconteceu? Eles estavam *namorando/ficando*, nem sei como chamar aquilo que eles tinham. Por isso, pensei que ela não daria mais em cima do Miguel; estava enganada. Só não quero estar presente quando o Davi ficar sabendo disso.

Aliás, eu não gostaria de estar presente o resto do ano e ver o desenrolar dessa história. Não quero ouvir Miguel tentar se desculpar. Bem, nem sei se ele quer se desculpar; vai que agora ele escolheu ficar com a outra. *Não!* Eu não quero estar aqui para ver isso. Graças a Deus essa é a última semana de aula antes das férias de julho. Vou pedir para ficar em casa e pensar no que vou fazer.

Passo a mão em meu rosto, secando minhas lágrimas. Engatinho na cama até chegar ao meu travesseiro e deito em posição fetal. Fecho os olhos para tentar dormir, mas a única cena que passa em meus pensamentos é a de Ester nua ao lado de Miguel. Solto um gemido abafado pelo travesseiro e tento dormir...

≡≡

A manhã seguinte, no Rio de Janeiro, acordou como meu estado de espírito: *nublado*. Não demorou muito e logo a chuva caiu sobre a cidade. Na televisão, mostraram alguns desastres naturais que aconteceram e como algumas pessoas ficaram desabrigadas; o que deixou minha família agitada. Meu pai ligou para o tio Gustavo e, juntos, saíram para ajudar as famílias desabrigadas com doações. O conglomerado M&A tomou uma visibilidade maior quando meu tio e meu pai começaram a manifestar ações voluntárias para famílias carentes. Anualmente é realizada uma festa beneficente em prol de angariar fundos para essas famílias. Meu pai é um herói e, quando eu tiver a idade certa, quero seguir seus passos.

E é pensando nisso que me lembro de uma conversa que tive com minha mãe.

Será?

Eu tenho coragem de sair do país, deixar minha família para não ter que ver mais o Miguel?

Está doendo tanto assim?

Não preciso responder em voz alta, pois meus pensamentos gritam um SIM enorme.

Já passa de meio-dia e, no meu celular, tem várias chamadas e mensagens perdidas de Miguel, que não dei atenção. Minha mãe não me procurou desde ontem e estou satisfeita com o espaço que ela me deu. Assim, consigo pensar e tomar minhas decisões. No próximo mês é meu aniversário de dezoito anos e posso me tornar responsável por meus atos.

Passar meu aniversário longe de Miguel...

Droga!

Por que tudo na minha vida tem de girar em torno de Miguel?! Até mesmo meu aniversário

me faz lembrar do dele! Minha mãe está certa, preciso viver novas coisas!

Nesse exato momento, minha mãe bate na porta do quarto e entra.

— Você ainda está deitada.

— Não quero levantar agora, mãe. — resmungo.

— Tudo bem, o tempo hoje está pedindo isso mesmo, mas não quero que fique chorando o dia todo, Luna. — ela se senta na cama ao meu lado e puxa a coberta para suas pernas.

— Meio que impossível, mas estou tentando.

— Luna...

— Mãe, eu já sei o que fazer. — interrompo-a.

— E o que seria?

— Quero ir fazer o intercâmbio. — digo firme.

Ela sorri.

— Isso é ótimo, Luna, vou falar com seu pai para preparar tudo após sua formatura.

— Não, mãe. — ela me olha confusa. — Quero ir agora, no meio do ano. — minha mãe me encara e não diz nada pelo que parece ser uma eternidade. — Mãe?

— Você não pode fazer isso, Luna. — ela diz baixo.

— Eu preciso.

— Não foi você quem errou; não tem que sair do país como uma fugitiva! — ela diz nervosa, ficando em pé e temo por sua pressão.

— Mãe, fica calma, por favor.

— Não posso ficar calma, Luna, uma coisa é achar que você vai sair do país para fazer um intercâmbio para ter conhecimentos de outra língua e cultura, outra totalmente diferente é você usar isso como desculpa para fugir de problemas.

— Não estou fugindo, mãe.

— Está, sim! E eu não criei você dessa forma. Te criei para a vida, Luna, e sempre te disse que ela não é um mar de rosas. — ela diz com os olhos lacrimejando.

— Mãe, não estou fugindo dos problemas, posso chegar amanhã e conversar com Miguel, enfrentar tudo isso de frente. — começo a me explicar. — Entretanto, o problema da traição não vai mais existir, mas a dor, sim! Não vou conseguir perdoá-lo, nem mesmo sei se ele quer isso e vê-lo todos os dias vai ser um martírio que não estou disposta a viver. — mamãe me dá um olhar compreensivo, mas insiste.

— Você pode tentar.

— Eu não quero tentar algo que sei que não vai levar a lugar nenhum. — declaro. — Mãe, eu amo o Miguel demais e isso não vai sumir da noite para o dia.

— Oh, minha querida... — minha mãe volta para meu lado e fica deitada comigo por algum tempo.

Provavelmente eu dormi nos braços da minha mãe, pois acordo assustada e sem noção do tempo. Pego meu celular ainda sonolenta e vejo que passa das cinco da tarde. *Nossa, esse dia não vai acabar nunca?*

Na escrivaninha, tem uma bandeja com meu almoço, mas hoje é um daqueles dias que a fome não aparece. Tenho um nó na minha garganta que, tenho certeza, que se for tentar comer, vou vomitar. Junto, ainda, tem o frio na barriga que parece nunca passar. Tudo isso é sintoma de um coração partido? Porque, merda, isso é uma porcaria!

Levanto, passando direto pela refeição e vou ao banheiro. Estou com o coração quebrado, mas ainda preciso de um banho. E, durante algum tempo, é isso que eu faço. Lavo meus cabelos, meu corpo e, por fim, escovo os dentes. Seco-me e saio do banheiro com a toalha envolta do corpo. Porém, ao ver Miguel parado em pé no meio do meu quarto, meu coração dá um salto capaz de fazer inveja a muitos acrobatas.

Mas isso é passado, ele não pode ter mais essa vantagem sobre mim.

— O que você quer, Miguel? — indago seca.

— Precisamos conversar. — sua voz não passa de um sussurro.

— Não tenho nada para falar com você, Miguel, se me der licença... — indico a porta para ele.

— Não faz assim, Luna.

— Assim como, Miguel? — pergunto irritada. — Você que começou isso ao dormir com aquela garota! — perco a noção e deixo meu ciúme dominar.

— Eu posso explicar...

— Ah, então eu quero ouvir! — digo sarcástica. Ele me olha, mas logo começa a falar.

— Ontem, na apresentação da banda, a Ester estava lá e...

— Você dormiu com ela. — eu afirmo indo direto ao ponto.

Seu silêncio dura por alguns segundos, mas é o suficiente para transformar minha dor em algo muito maior.

— Miguel, vai embora. — eu peço já não contendo as lágrimas, e ele se aproxima.

— Luna, eu não sei o que aconteceu. — diz.

— Como assim, Miguel? — pergunto confusa.

— Eu não lembro. Os caras me empurraram uma bebida para comemorar, pois fechamos contrato com o local para apresentações aos finais de semana. — ele tenta explicar.

— Você bebeu? — pergunto sem acreditar.

— Foi só um pouco. — diz sem graça.

— Você nunca bebe e, quando bebe, acha que pode levar Ester para sua cama?

— Não é assim, Luna.

— Então, explica, merda! — grito já perdendo o controle.

— Ela pediu para dormir lá em casa, seus pais estavam brigados, não sei muito bem.. E acordei com ela ao meu lado na manhã seguinte. — ele ao menos tem a decência de abaixar o olhar.

— Você a deixou dormir na sua casa e não sabe como ela acordou na sua cama? — repito suas palavras, pois elas parecem absurdas.

— Eu a deixei no quarto de hóspedes e acordei com ela ao meu lado. — ele diz desesperado. — Tentei falar com ela depois, perguntar o que aconteceu, mas ela não atende.

E eu serei boba se cair nessa história, qual é... Ele tem o número dela! Bebeu ontem! Ainda deixou que ela dormisse na casa dele, sabendo como eu me sentia sobre ela. Foram várias traições! Esse não é o Miguel que eu conheço.

— Vai embora. — digo pondo um fim na conversa.

— Você vai me perdoar?

— Eu não ouvi você pedindo perdão.

— Eu estava tentando me explicar e... — eu o interrompo.

— Mas também não quero ouvir. Feche a porta quando sair. — dou as costas, voltando para o banheiro.

— Luna! — ele tenta vir atrás de mim, mas eu bato a porta do banheiro. — Luna, me escuta, eu fui sincero com você! — pelo tom da sua voz percebo que ele está chorando.

— Você dormiu com ela! — grito como uma louca com lágrimas descendo pelo rosto e odeio-me por isso.

É o silêncio dele que me mata! Como ele pode ser tão inconsequente a ponto de não saber se dormiu ou não com uma garota?!

— Eu vou embora. — ele diz baixo. — Mas, por favor, me deixa explicar quando eu conseguir falar com Ester, só ela pode responder nossas perguntas.

Eu não respondo. Se eu não queria ter respostas dele, imagine daquela garota.

— Eu amo você, princesa. — ele diz e logo depois ouço a porta do quarto bater.

No banheiro mesmo, permito-me desabar de uma só vez; meus joelhos cedem e as lágrimas caem. Por que tem de ser tão difícil? Estava tudo tão bom, por que ele cometeu essa besteira? Por que fez isso comigo? Não entendo muito da vida, ainda sou só uma adolescente, mas acredito que essa deve ser a pergunta de toda mulher traída.

Por quê?

Minha mãe me ensinou que tudo acontece por permissão de Deus. Se já aconteceu, não tenho mais porque questionar. *Já foi.* Só posso pegar isso e tentar esquecer. Difícil é esquecer um amor como esse, desses que consome a gente e nada parece ter mais sentido sem a pessoa. Sinto como se minha vida tivesse sido tirada de mim, como se faltasse uma parte. Mas tenho que aprender a andar com minhas próprias pernas agora e fazer da minha vida o melhor que eu posso.

Eu vou, sim, para Londres; vou estudar e tornar-me a mulher que sempre sonhei em ser. Vou deixar meus pais orgulhosos e ser feliz.

A questão é descobrir se sou capaz de ser feliz sem uma parte dentro de mim.

Mas, diferente do outro motivo, esse, sim, eu posso tentar. E eu vou tentar sem o Miguel.

Capítulo IX

Luna

Depois que Miguel saiu, tomei outro banho e deitei-me. Logo depois, minha mãe apareceu; não reclamei com ela por ter deixado Miguel entrar, sei que ela só estava tentando ajudar. Mas depois pedi que ela não deixasse mais ele entrar ou que, ao menos, consultasse-me antes. Também mandei uma mensagem para Marcela e avisei que não iria à escola essa semana, que queria falar com ela pessoalmente.

Marcela sempre foi uma ótima amiga e o fato de respeitarmos a opinião uma da outra sempre foi um ponto forte em nossa amizade. Por isso, quando disse pessoalmente, eu sabia que ela não ficaria me ligando ou mandando mensagens curiosas. Alguns minutos depois, ela respondeu que essa semana a casa dela estava meio agitada devido a visita de alguns parentes, mas que viria me ver o mais rápido que pudesse.

Como já faz alguns dias que não como nada, esta manhã levantei me sentindo fraca. Levei uma bronca de dona Savannah e fui obrigada a tomar o café da manhã. Meu pai, antes de sair para trabalhar, perguntou desconfiado se eu já estava bem e respondi que ainda não. Não gosto de mentir para meu pai, mas não há nenhuma maneira de que eu conte a ele o que realmente está acontecendo.

Depois do café, voltei para meu quarto. Estou extremamente chateada por não conseguir esquecer aquela cena. Tudo que quero nesse momento é sorrir, curtir minha família e esquecer todo esse pesadelo. Pego meu notebook e começo a pesquisar sobre o intercâmbio, Londres e tudo que posso achar referente a como seria viver lá. Por incrível que possa parecer, fiquei animada: Londres é linda e talvez conhecer uma cultura nova pode me fazer bem. Os preços são exorbitantes, mas tenho certeza de que minha família pode arcar com esse custo.

Estou fechando o notebook para tentar dormir um pouco quando minha mãe entra no quarto.

— Não acredito que você vai dormir de novo, Luna! — ela diz aborrecida. Mas que culpa eu tenho se não quero fazer nada além disso?

— Mãe, não estou com ânimo para nada.

— Luna, estou sentindo falta da garota que vivia agarrada comigo. Há quatro dias, você está enfiada dentro desse quarto!

Não respondo e ela continua.

— Sei que está sendo difícil para você, mas não quero que sua última semana conosco seja de forma tão deprimente.

— Como assim, mãe? — pergunto confusa.

— Falei com seu pai. — não achei que ela fosse falar com ele tão rápido.

— E o que ele disse?

— Você sabe como seu pai é quando o assunto é sobre estudos, só não gostou muito quando disse que você queria ir agora, no meio do ano, mas aceitou.

— Mesmo? — indago animada.

— Sim.

— Quando posso começar a arrumar as malas? — levanto da cama.

— Você está com tanta pressa assim de nos deixar? — posso sentir a mágoa na voz dela.

Dou a volta na cama e paro à sua frente.

— Mãe, eu amo tanto vocês, vai ser difícil ficar esse tempo longe, mas eu andei pesquisando e até que fiquei interessada no intercâmbio sem ser pelos motivos óbvios.

— Acredito em você. Mas seu pai e eu temos uma condição para que vá ainda esse ano.

— E qual é?

— Você não vai ficar sozinha em um país em que nunca esteve e muito menos na casa de uma família desconhecida como é nesses programas de intercâmbio. — ela explica. — Vai ficar com Luiza e Giovanne. — pensei que seria pior.

— Na casa da madrinha do Miguel. — constato.

— Sim, eles vão tomar conta de você enquanto estiver lá.

— Sou bem grandinha, mãe. — brinco. — Mas tudo bem!

— Você viaja no sábado, mas quero que você tente passar um tempo com sua família, Luna.

— Vou passar, mãe. — digo e recebo seu abraço.

— Não se preocupe com documentos, seu pai vai cuidar de tudo. — mamãe beija meu rosto e sai do quarto.

≡≡

Esforcei-me muito para ficar com minha família esses dias sem chorar na frente deles. Claro que, no porto seguro do meu quarto, eu me entregava à tristeza e acordava na manhã seguinte com o rosto inchado de tanto chorar. Mas a maquiagem é uma maravilha e, depois dela, eu estava pronta para começar mais um dia. Meu sorriso não é tão sincero quanto eu gostaria, mas já é um início.

Hoje é quinta; minha mãe foi a uma consulta do pré-natal e Marcela chegou aqui quando ela estava saindo. Contei a minha amiga tudo que aconteceu e, como esperado, ela xingou Miguel até a próxima geração.

— Não acredito que ele teve coragem de fazer isso! — ela grita nervosa.

— Amiga, para falar a verdade, só estou te contando isso porque você é minha irmã, morena. — ela sorri. — Mas eu não quero mais tocar nesse assunto. — ela me dá um olhar compreensivo e senta-se na cama.

— E você vai mesmo embora por causa disso?

— Não vou embora, vou voltar.

— Não dá uma de espertinha comigo, Luna.

— Desculpa. — peço sem graça.

— Ela não tem ido à escola também. — ela não precisa dizer o nome da vaca para eu saber de quem se trata. — Até o Davi, depois das fotos, está atrás dela.

— Que suma do mapa!

— Mas aí você nunca vai saber o que aconteceu. — ela diz.

— E também não sei se quero confirmar; me entreguei ao Miguel, amiga, e ele fez o que fez. Sabia que não confiava na garota, que sou ciumenta, e ele a leva para a casa dele! Ela estava nua ao lado dele! Isso não sai da minha cabeça.

— Eu entendo você, amiga, é traição da mesma forma. — Marcela me abraça. — Você não quer saber como ele está?

Fico em silêncio e Marcela entende.

— Um trapo. Às vezes, tenho até pena dele. — ela confessa. Seco uma lágrima que escorreu e mudo de assunto.

— Amanhã vai ter um jantar na casa da vó Sara para me despedir. Só meus pais vão ao aeroporto e quero você lá no jantar para nos despedirmos. — digo chorosa.

— Ai, meu Deus, não acredito que isso está acontecendo! — Marcela começa a chorar e assim ficamos por um tempo. Vou sentir muita falta dessa maluquinha.

— Tenho algo para te contar também. — ela diz.

— O que é?

— Eu e o Rick estamos ficando. — ela diz com um sorriso entre as lágrimas.

— E quando vai ficar sério?

— Não sei, estamos nos conhecendo. — ela diz.

— Então, me mantenha informada de tudo depois que eu for!

— Sim, amiga, eu vou. E quero que saiba que vou sentir tanto sua falta.

— Eu também, morena.

≡≡

O jantar na casa dos meus avós foi muito melancólico; o clima de despedida não deixou que fosse um jantar feliz. Mesmo que, para eles, eu estou só indo fazer um intercâmbio, parece que é como se eles soubessem que pretendo ficar um bom tempo por lá. E isso eu não contei nem mesmo para a minha mãe.

Despedi-me deles com um abraço apertado, um beijo no rosto e o coração em trapos. Da

mesma forma que foi com Marcela, foi com eles; choramos muito enquanto nos abraçávamos. Minhas malas já estão prontas e amanhã é o grande dia; de manhã já estarei no aeroporto e, depois, em um país que nunca estive antes.

Em casa, estou no meu quarto quando a porta abre.

— Mãe, já está tudo pronto. — digo.

— Quem bom, mas sou eu. — a voz do meu pai me assusta, mas sorrio.

— Ah, oi, pai.

— Vamos dar uma volta? — ele estende sua mão e pego-a.

Seguimos para fora da casa e meu pai continua segurando minha mão. Ele para no fim do deck e sentamo-nos no chão com pés na água do mar. Ficamos em silêncio, observando as estrelas quando ele rompe o silêncio.

— Não vou questionar seus motivos, Luna, mas sei que eles existem. — ele diz com aquele olhar de pai severo e continua. — Mas sua felicidade vem acima de tudo. Essa semana você esteve triste e é muito fácil notar isso em você, já que costuma ser tão alegre e divertida.

— Pai...

Ele me interrompe.

— Quero que me prometa uma coisa. — ele segura minhas mãos. — Que vai voltar a sorrir e ser feliz.

Nesse momento, já estou em lágrimas. Meu pai me abraça e sinto-me de novo aquela criança que recebeu o colo do pai durante anos, e isso me faz tão bem. Sinto como se o mundo ao meu redor estivesse mais colorido; uma paz preenche meu coração e, quando minha mãe se junta a nós e logo depois o Pedro, em um abraço em família, sinto-me mais forte para enfrentar meu futuro.

Eu tenho uma família que me ama e isso é tudo que importa.

Eles são meu porto seguro, são minha vida, são o meu tudo.

≡≡

Antes de sair de casa para o aeroporto, tive uma última conversa com minha mãe. Confesso que, no último momento, eu desisti de ir; não aguentava mais ver o sofrimento da minha mãe, mas recebi uma mensagem de Miguel e essa eu decidi ler.

Fiquei sabendo agora... Pelo amor de Deus, não faz isso com a gente. Essa semana tem sido um inferno sem você. Luna, não me deixa, estou resolvendo as coisas! Ela sumiu, não tenho como provar que sou inocente, mas sei que sou. Por favor, amor, me perdoa!

Ignorei a mensagem e firmei a decisão, até o momento de sair de casa, quando recebi várias mensagens dele.

Eu te amo.

Não desiste.

Volta para mim.

Perdoa-me.

Dessa vez, eu li todas com o coração na mão, como se aquela fosse nossa despedida. E, então, ele mandou a última mensagem.

Te amei desde a infância.

Você é meu, eu sou sua.

Apaixonada por você.

Sua para sempre, nascemos para mostrar ao mundo que almas gêmeas existem.

E que a nossa história de amor começou há muito tempo.

Existem vidas passadas?

Porque se a resposta for sim, também nos amamos lá.

Você é meu.

Eu sou sua.

Você é meu amor.

E eu sou seu amor.

*Foi quando você nos tornou um só que eu tive certeza de que não poderia ser mais feliz
sem você*

Eu te amo, baby, e você me ama.

Tudo mentira! Você é um babaca, Miguel! Eu te odeio!

A música que escrevi para ele sobre nosso amor e a última frase que escrevi antes de entregar o papel a Isabel fazem meu coração se partir ainda mais. Minhas lágrimas caíam sobre a tela do celular, quando ele mandou outra mensagem.

Eu amei a letra da sua música. Vou criar acordes para ela e cantar para todo mundo ouvir sobre nossa história. Menos a última parte, porque vou te provar que você não me odeia. Vou deixar você ir, Luna, porque é isso que quem ama faz. Vou esperar você voltar. Não se esqueça de mim, porque eu não vou te esquecer nem mesmo por um segundo. Vou estar no aeroporto, provavelmente você não vai me ver, mas vou estar lá. Tenha uma boa viagem.

Eu te amo para sempre.

Meus sentimentos ficaram confusos demais depois de todas essas mensagens, mas eu não volto atrás; que o tempo passe, vamos ver o que o futuro tem reservado para nós.

A despedida no aeroporto com minha família foi triste, mas consoladora. Tivemos tempo de nos curtir e eu não vou sumir da vida deles; voltarei com certeza para ver Heitor nascer e para estar com minha família em datas especiais. Ainda não sei como vou fazer isso funcionar sem ver aquele que quero esquecer, mas quando queremos algo, basta um pouco de esforço e conseguimos.

Olhei para todos os lados antes de entrar para a sala de embarque e não o vi. Somente no último olhar para minha família que o vi atrás de uma pilastra com os olhos vermelhos. Nossos olhares se prenderam por alguns segundos e só quando ele sussurrou “*eu te amo*” que saí do transe. Não consegui responder, acho que meu coração ficou duro demais para conseguir me expressar, mas olhei para Miguel e acenei; ele sorriu. Meus pais olharam para trás confusos e não o viram. Sorri em despedida e entreguei meus documentos para a recepcionista. Acenei, joguei beijos e virei sozinha para encarar meu futuro.

Dentro do avião, deixo as lágrimas tomarem conta de mim. Olho uma última vez para a música e apago todas as mensagens. Seco meu rosto e tento manter a calma. As horas de viagem são uma tortura; dormi e acordei e ainda estava dentro do avião. Quando o piloto anunciou que iríamos pousar, quase levantei e fiz a dancinha da felicidade.

O pouso foi seguro e, depois, segui para pegar minhas malas, o que levou algum tempo. Com tudo no carrinho, segui para a área de desembarque. Luiza e Giovanne devem estar à minha espera, mas quando saio, não os encontro. Olho ao redor e vejo um garoto segurando uma placa com meu nome. Caminho até ele, mas não o reconheço.

— Oi! — disse um pouco sem graça.

Ele me olha curioso e sorri.

— Luna?

— Sim. — respondi, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Ele volta a me oferecer um sorriso lindo.

— Muito prazer, sou Henry. — sua mão firme segura a minha e seu olhar fixou o meu, o que me deixa um pouco abismada.

— Muito prazer, Henry.

Capítulo X

Miguel

Eu estou com tanta saudade da Luna. A tia Sá tinha que morar mais perto para eu poder brincar com ela todos os dias! Tem uma rosa lá no jardim da mamãe que estou regando todos os dias para ela não morrer e poder dar de presente à Luna. Ela vai chegar daqui a pouco, então vou logo cortar a rosa e entregar a ela antes de irmos ao parquinho. Pego a rosa e volto correndo para a sala quando Luna acaba de entrar pela porta. Ela sorri ao me ver. Eu gosto quando a Luna sorri, ela é tão linda.

- Oi. — ela diz quando para à minha frente com sua maria-chiquinha.
- Oi. — estendo a rosa para ela. Luna a cheira e sorri.
- Brigada, Guel. — ela beija meu rosto, o que faz cócegas na minha barriga.
- Vamos no parquinho? — pergunto sorrindo, já que ela ficou feliz pela rosa.
- Vou chamar a mamãe.

Quando chegamos ao parquinho, Luna está no balanço e eu no outro. Quero tanto pedir a ela, mas estou com medo de que ela diga não. E se ela disser não? Decidimos sair do balanço para ir ao escorregador. Luna tropeça e cai no chão; ela não chora, mas eu fico ao seu lado. Seu joelho está dodói e fico com tanta dó dela.

- Está doendo? — pergunto preocupado.
- Um pouquinho. — ela admite com os olhos cheios de lágrimas.
- Vou dar um beijinho, igual a mamãe faz e vai passar. — olho para onde nossas mães estão sentadas conversando, mas não as chamo. Eu vou ser o herói da Luna. Vou salvar ela do seu dodói. Eu me abaixo em direção ao joelho e dou um beijinho.

- Ah, Guel, já está melhor. — Luna sorri e sinto vontade de sorrir, também.
- Posso fazer uma pergunta? — crio coragem para falar com ela.
- Claro que pode. — Luna se levanta e eu a ajudo. Olho novamente para nossas mães e puxo-a pela mão para ir em direção ao escorregador, assim elas não vão ver a gente.
- Luna, eu quero saber se você quer ser minha namorada. — ai, estou tão nervoso! Luna sorri assim que termino de falar e abraça-me.

- Claro que quero, Guel! — meu coração bate tão forte em meu peito. Eu sei que só temos seis anos, mas eu quero a Luna para vida toda, assim como o papai tem a mamãe.

Eu seguro as mãos da Luna e aproximo-me bem devagar até que encosto meus lábios nos seus bem rápido. Estou tão feliz! Olho para Luna e ela está sorrindo, mas está com o rosto bem vermelho, será que ela está dodói de novo? Mas não tenho tempo de perguntar, pois ouço minha

mãe me chamar...

— Acorda, Miguel! — ouço a voz da minha mãe me chamar ao longe, mas eu não quero levantar, quero continuar no parquinho com a Luna. — Miguel, ou você levanta agora, ou vou jogar um balde de água fria em você! — o tom de voz irritado da minha mãe me faz sentar assustado na cama. Constatando que aquelas lembranças eram apenas um sonho.

— Você tem que levantar para ir à escola, meu amor, esse é o último ano, não pode faltar. — minha mãe diz paciente, porém eu não quero ir. Não quero chegar lá e saber que ela não vai estar.

— Miguel. — minha mãe senta na minha cama e olho para ela com atenção. Eu já sei o que ela vai dizer. — Eu sei que você está sofrendo... — mas eu não deixo que ela conclua e acabo descontando em minha mãe, que nada tem a ver com meus erros.

— A senhora não sabe de nada! — elevo o tom de voz, entretanto, assim que vejo seu olhar magoado, arrependo-me imediatamente. — Me perdoa, mãe. — estendo as mãos para segurar as dela e beijo-as. — Desculpa de verdade, mas a senhora pode me deixar sozinho?

Minha mãe sorri levemente e sai do quarto sem dizer nada. Encaro as paredes pintadas de azul com prateleiras cheia de miniaturas de carro e volto a deitar, encarando o teto. Ela foi embora. Ela não acreditou em mim e foi embora.

Dói saber que não existe mais Luna e Miguel...

≡≡

— Não é possível que um dia após ela foder com minha vida, a garota some dessa forma! — grito para Luca que está comigo no meu quarto nesse momento.

Hoje faz uma semana que Luna foi embora.

E tem sido a pior semana da minha vida!

Nem mesmo quando ficamos separados aquela semana após o incidente eu fiquei tão mal. Acredito que porque criei esperanças de que tudo se acertaria e voltaríamos a ser Luna e Miguel. Entretanto, agora que não estamos nem no mesmo país, minhas esperanças desceram por ralo abaixo.

Tantas coisas aconteceram desde aquele dia, que minha cabeça só não está mais confusa porque meu amigo tem se esforçado muito em me manter lúcido.

Eu fui dormir sozinho para, na manhã seguinte, acordar com Ester nua ao meu lado! Isso é tão estranho que ainda não sei explicar. Como de costume, ela foi com o Davi para a apresentação da banda e, quando acabou, ficamos por lá mesmo. Davi foi embora sem avisar a Ester e, na hora de ir, a quem ela pediu companhia? Merda... O Rio à noite não é um dos lugares mais seguros para uma garota andar sozinha. Então, achei que devia ajudá-la. No meio do caminho, o que acontece? Ela recebe uma ligação da mãe que, pelo que entendi, naquela noite brigou com o pai e estava saindo de

casa. Ester começou a chorar desesperadamente, pediu que eu a levasse para minha casa; não pensei, só agi. Deixei-a no quarto de hóspedes e segui para o meu. Tomei banho e apaguei. Isso é tudo de que lembro. Mesmo eu estando um pouco alterado pela bebida, tenho certeza de que a deixei no quarto de hóspedes.

Agora, como ela acordou ao meu lado, nua, eu não sei. E adivinha? No dia seguinte, Ester não estava mais no Brasil! Sou um merda ou não? Consegui o endereço dela e fui recebido pela governanta, que me informou que a família tinha saído do país e não tinha data de retorno.

Desisti de convencer a Luna de que sou inocente naquele momento.

Fui até sua casa e, mesmo com o olhar acusador de tia Savannah, ela não me impediu de conversar com Luna. O que não adiantou muita coisa; Luna perdeu a confiança em mim e seu olhar magoado... Nossa, eu nunca vou esquecer. Juro que a entendo. É difícil processar o que aconteceu e se ela nunca me perdoar, isso vai me rasgar por dentro, mas vou respeitar sua decisão. Não sem antes tentar, claro.

Quando soube do seu intercâmbio há alguns dias, quase pirei. Chorei, gritei e pensei em ir mais uma vez à sua casa. No entanto, Luca me convenceu de que talvez Luna precisasse desse tempo. Mande mensagens, mandei a música que ela me enviou através de Isabel, mas não recebi nenhuma resposta.

Quando alguém está chateado com a gente e, em troca recebemos gritos e lágrimas, acredito ser um bom sinal. Mas o silêncio? O silêncio nos consome por dentro e deixa a insegurança e o medo nos dominarem completamente.

E o silêncio de Luna rendeu uma viagem para fora do país por sabe lá Deus quanto tempo.

— Cara, para de andar de um lado para o outro, você vai abrir um buraco no chão! — Luca me repreende.

— Agora não, preciso pensar.

— Ao menos você a viu uma última vez. — ele dá de ombros.

— Não, porra! Ela vai voltar, eu sei que vai, e se ela não voltar, eu vou atrás dela.

— Você não vai a lugar algum. — a voz do meu pai preenche o ambiente.

Luca acena para meu pai em cumprimento e sai, deixando-nos a sós.

Só para esclarecer, descobrir que meu pai namorara a tia Savannah deixou o clima entre nós um pouco esquisito.

— Estou pensando em fazer intercâmbio assim que acabar as aulas esse ano. — informo ao meu pai.

Papai me olha sério, senta-se na beirada da cama e cruza os braços sobre o peito.

— Eu disse que você não vai a lugar nenhum. — ele repete, e isso me irrita.

— O senhor quer que eu desista dela? — estou ciente do tom insolente que estou usando com meu pai, mas estou irritado demais para mudar isso agora.

— Agora você está me contando sobre ela? — ele pergunta irônico.

Fico envergonhado e não respondo nada. Meu pai sempre foi meu melhor amigo e esconder isso dele foi muito difícil.

— Senta aqui que vamos ter uma conversa de homem para homem, Miguel.

— Pai...

— Senta aqui, Miguel. — ele se levanta e sento-me onde ele estava. Papai pega uma cadeira e coloca em minha frente.

— Estou percebendo um comportamento diferente seu depois que ficou sabendo sobre mim e Savannah. — imediatamente tomo uma postura rígida.

— Não entendo porque não contaram antes. — respondo ríspido.

— Porque é o meu passado e ele não muda como está meu presente, Miguel. Mas vou contar a você como conheci sua tia e como acabamos namorando.

A meia hora seguinte é sobre meu pai, tia Savannah e tio Eitan. Uma história e tanto! Confesso que fiquei chateado com tia Savannah em alguns momentos e com tio Eitan também. Como ele pôde trair meu pai dessa forma?

— Estou contando isso a você, Miguel, com o consentimento dos seus tios. A história não era só minha e os consultei antes de chegar até aqui com você. — eu assinto. — E também quero deixar claro que isso é passado. Todos mudaram, não existe raiva ou mágoa de ambas as partes, então não crie uma opinião diferente sobre seus tios.

— Eu entendo. — digo.

— Sei que sim. Agora, sobre Luna...

Eu o interrompo.

— Eu vou dar um tempo para ela, pai, e depois vou atrás dela. — fico de pé. — Sinto muito não ter contado antes sobre nós, mas Luna queria que fosse segredo até que contasse ao tio Eitan.

— Compreendo, mas ela foi embora por conta da garota nua?

— Sim.

— Você dormiu com ela?

Nesse momento, não sei a quem ele se refere e acho que meu olhar confuso me entregou, pois papai diz assustado.

— Você dormiu com sua prima?!

Assinto e conto ao meu pai sobre minha primeira vez com Luna e o acontecido com Ester.

— Não quero colocar lenha na fogueira, mas vai ser difícil você sair dessa.

— Obrigado, pai! — digo triste.

— Contudo, acho que você herdou a arte de fazer besteira de mim. — ele diz sério.

— Como assim? — pergunto confuso.

— Antes de casar com sua mãe, eu erreí muito e a fiz sofrer.

Bufo. Os segredos familiares são uma merda! Sempre achei meu pai o marido e homem perfeito e agora essa!

— Depois que reconheci meus erros e assumi minhas responsabilidades, me tornei o homem que sua mãe merecia. E tudo foi se encaixando, Miguel. Por isso, posso te aconselhar. Deixa a Luna pensar, se acalmar e depois a procure. No fim do ano, ainda estará muito recente, mas não posso te impedir de ir atrás dela, pois você já vai ser maior de idade. Entretanto, pode ser clichê dar um tempo para o acontecimento esfriar, mas funciona. Se tiver que ser, será.

— Não posso ficar tanto tempo longe dela, pai. — reclamo, sentindo meus olhos lacrimejarem.

— Eu entendo, o máximo que fiquei longe da sua mãe foi um mês. Mas já erámos adultos, responsáveis e com um filho nos braços.

Eu sei o que ele está tentando me dizer.

— Tempo ao tempo se encaixa perfeitamente a você e Luna nesse momento, Miguel. — ele dá a cartada final.

Fico em silêncio. Papai se levanta e abraça-me. Correspondo, pois, no momento, é tudo o que preciso. Não consigo conter as lágrimas e choro nos braços do meu pai, parecendo um bebê.

— Eu a amo, pai. — digo soluçando.

— Fica tranquilo, tudo vai se acertar. — papai diz, tentando me acalmar.

Depois de algum tempo, ele me deixa sozinho no meu quarto, e meus pensamentos se tornam um emaranhado de confusão. Toda família tem seu passado, todos nós temos um. Quando vemos tudo perfeito, não imaginamos o que aquelas pessoas tiveram que passar para chegar até onde estão.

Não posso criar caso com as informações que meu pai me deu, já basta o que eles passaram. Meus problemas são meus e não vou envolver minha família neles. Seja lá o que eu passar, meu pais vão continuar com a vida deles. Espero um dia conseguir o mesmo que eles têm.

E não vou desistir de Luna.

Não posso desistir; seria como desistir de viver, e preciso estar vivo para conseguir seu perdão e tê-la de volta em minha vida para, juntos, construirmos tudo aquilo que sonhamos.

— Eu vou atrás de você, Luna. — digo ao silêncio do meu quarto, enquanto as lágrimas que se tornaram tão rotineiras descem por meu rosto.

O tempo vai curar o coração da minha amada e, quando estivermos juntos, nada nem

ninguém vai nos impedir de viver o nosso amor...

Capítulo XI

5 anos depois...

Luna

— Acorda, amor. — desperto com o carinho nos cabelos que tanto gosto e abro os olhos lentamente.

— Estou acordada. — respondo me espreguiçando na cama.

— Adoro quando você faz isso, parece uma gata manhosa! — Henry diz sorrindo.

— Mas sou uma gata manhosa! — faço charme e ele sorri ainda mais.

— Estou descendo com as malas para o carro. Se arruma senão vamos nos atrasar para o voo. — ele beija minha testa e sai do quarto sorrindo.

Observo Henry sair do quarto e é impossível não ser tomada por lembranças nostálgicas.

O que começou como uma forte amizade se tornou algo mais de uma forma muito boa. Henry foi um amigo quando me mudei para Londres. Nosso quarto era um ao lado do outro e, por vezes, conversamos até alta madrugada. Ele sabe tudo sobre mim. Tudo mesmo. Conforme a confiança entre nós se estabeleceu, eu contei a ele porque “*fugi*” do meu país e as decepções que deixei lá. Para ele, foi um choque saber o que Miguel tinha me feito, pois ele o considerava um amigo e, desde então, Henry se afastou de Miguel. Senti-me um pouco culpada no começo, mas depois de muita conversa, Henry me explicou que não poderia ser amigo dele depois do que Miguel fez.

Estou há cinco anos em Londres e, desde que cheguei a essa cidade maravilhosa, só saí

daqui uma vez: no nascimento do meu irmão Heitor. Voltei ao Brasil com muito medo, mas não podia deixar de estar presente nesse momento especial da minha família. Graças a Deus, tudo ocorreu muito bem. Também não pude ficar muito tempo devido aos trabalhos escolares e fiquei com minha família apenas dois dias. Tempo suficiente para rever Marcela e minha família.

Não, eu não o vi.

Levanto da cama balançando a cabeça de forma negativa. Ele nunca deixou meus pensamentos e lembranças; pensar no meu passado é pensar nele. E jamais menti para mim mesma. Eu não conseguiria. Sei que o sentimento por ele está aqui, dentro do meu peito, por todo o meu corpo, mas não adianta: quanto mais tento esquecê-lo, mais me lembro dele. O nó que se forma em minha garganta e o coração disparado quando penso nele são sinais que não passam despercebidos.

Nem mesmo por Henry.

Com a escola e logo depois a faculdade, minha amizade com Henry não se perdeu. Nossa relação é recente, estamos juntos há um ano. Demorou muito até que eu me sentisse segura para começar algo novo. Foi na noite da formatura, na qual meus pais estavam presentes, que Henry se declarou para mim. Ele disse que se apaixonou por mim à primeira vista e esperou meu tempo, tempo esse que durou quatro anos. Confesso que não estava preparada ainda, mas sempre senti um carinho especial por Henry. Sua amizade e caráter bondoso me conquistaram e me vi dizendo sim quando ele perguntou se eu aceitava ser sua namorada.

Não foi fácil e ainda não é! Existem coisas dentro de mim que nem mesmo eu sou capaz de entender. No início, as comparações eram inevitáveis. Até que disse a mim mesma que os dois eram diferentes e que eu não estava sendo justa com Henry ao fazer isso. Consegui parar, mas ainda não abri meu coração completamente. Adoro o Henry e acho que me apaixono por ele aos poucos todos os dias, mas nada tira da minha cabeça, nem mesmo com a traição de Miguel, que agora eu estou sendo a traidora.

Confessei isso certa noite a Henry quando ele questionou o que faltava para que meu coração pertencesse a ele.

Ele chorou junto comigo e disse que abriria mão de mim se eu não quisesse seguir em frente com ele. Isso só me fez querer ainda mais seguir em frente. Meses se passaram depois daquela noite, e a confiança em mim mesma de que eu podia, sim, ser feliz com outra pessoa foi tomando conta de mim.

Entro no chuveiro e dissipo os pensamentos por alguns minutos, enquanto me dou ao luxo de cuidar do meu corpo. Passo meu hidratante preferido, seco meus cabelos e coloco a roupa que separei para voltar ao meu país.

Sim. Hoje volto ao Brasil e, como deu para notar, Henry vai comigo.

E com uma novidade que minha família ainda não sabe.

Estamos noivos.

Semana passada foi meu aniversário de vinte e dois anos e, diferente dos anos anteriores, meus pais não conseguiram vir. Então, Henry preparou um jantar especial em sua casa e pediu-me em casamento.

Diferente do que as pessoas possam pensar, eu não fiquei em dúvida. Aceitei de imediato. Não quero conhecer mais ninguém. O que tenho com Henry é o suficiente para mim; estar com ele me deixa forte e preciso da minha fortaleza para voltar ao Brasil.

Não estou voltando ao Brasil porque quero. A verdade é que eu nem ao menos pretendia voltar; eu já havia planejado todo o meu futuro aqui. Entretanto, há um mês, recebi uma ligação do meu pai. Cursei contabilidade com MBA em auditoria fiscal, e meu pai precisa dos meus conhecimentos para resolver um problema na empresa da família. Ele desconfia de uma fraude nos livros de contabilidade e precisa da minha ajuda. E se tem uma coisa que nunca vou ignorar, é minha família.

Pedi demissão do escritório de contabilidade em que estava trabalhando e comecei a acertar os detalhes da viagem.

Henry não pensou duas vezes ao decidir vir comigo. Ele alugou seu apartamento e eu deixei o meu vazio. Morei com Luiza e Giovanne por seis meses. Quando fui para a faculdade, fiquei no apartamento do campus e, quando saí, recebi do meu pai um apartamento como presente de formatura.

Morar com os padrinhos de Miguel não foi difícil; eles são boas pessoas, mas por vezes notei olhares estranhos de Luiza e sabia que, de alguma forma, ela sabia o que aconteceu no Brasil entre seu afilhado e eu. Ela nunca me tratou mal, mas eu não via a hora de ter meu próprio lugar.

— Luna? — Henry chama da sala. Termino de fechar a sandália, pego minha bolsa e encontro-o.

Henry é lindo com seu jeito misterioso, a barba que nunca deixa seu rosto e o cabelo loiro escuro desgrenhado dão o charme necessário para que todas as garotas caiam aos seus pés. O que nunca nos trouxe problemas.

— Vamos? — pergunto parando em sua frente.

— Você está linda. — ele sorri e beija meus lábios levemente. — Vamos, meus pais já estão lá em baixo esperando por nós.

Olho uma última vez para meu apartamento, tranco a porta e saímos. Luiza ficou de cuidar do lugar para mim. Ela é uma boa pessoa, mas não uma boa sogra. Ela foi sincera uma vez ao dizer que sabia que eu não amava o Henry, mas que esperava que eu não fosse capaz de quebrar o coração

do filho dela. Senão teríamos uma conversa muito séria depois.

Eu não disse nada.

Sei que ela não está de acordo com a mudança do único filho, mas Henry é adulto e já pode tomar suas próprias decisões.

No aeroporto, a despedida é a pior parte. Quando Luiza me abraça, ela sussurra em meu ouvido:

— Cuida do meu menino, Luna? — eu aceno que sim, emocionada. — Obrigada, querida. — ela sorri e vai abraçar o filho, enquanto Giovanne e eu nos despedimos.

Seguimos para a sala de embarque. Henry segura firme minha mão e ofereço-lhe um sorriso gentil.

A viagem é longa e cansativa. Dormimos a maior parte do tempo, e dei graças a Deus quando o piloto anunciou o pouso, pois não aguentava mais ficar sentada. Dali em diante meu coração parecia que ia sair pela boca. Não é como se eu fosse ficar no Brasil por alguns dias. Estou aqui para ficar e, para falar a verdade, não estou pronta para saber como estão as coisas por aqui. E quando digo isso, refiro-me ao Miguel.

Depois de Henry pegar nossas malas, seguimos para a área de desembarque. Meus olhos procuram por minha família e, quando os encontro, vou até eles rapidamente, deixando Henry com o peso do carrinho de malas para trás. Meu pai, minha mãe e meus irmãos esperam por mim, segurando uma faixa que dizia: “ *bem-vinda de volta, Luna* ”. O suficiente para me fazer chorar. Pedro está um homem e Heitor, ao lado dele, está cada vez mais parecido com papai que chega a assustar.

Praticamente me jogo no meio deles. O abraço em família é algo tão gostoso que não tenho vontade de soltá-los. E isso só acontece quando minha mãe olha para minha mão e vê o diamante em meu anelar.

— O que é isso? — ela indaga, surpresa.

— Estou noiva! — respondo de uma vez.

— Noiva! — ela grita e, nesse momento, Henry para ao meu lado.

— Eu queria ter ligado e contado, mas Luna queria fazer surpresa. — ele diz aos meus pais, que estão chocados.

— Eu gostaria ao menos de ter recebido uma ligação com seu pedido de consentimento, Henry. — meu pai diz autoritário.

Sinto Henry ficar tenso ao meu lado, mas quando vou responder ao meu pai, quem fica tensa sou eu, ao *vê-lo* caminhar em nossa direção.

Miguel.

Por Deus, o que ele está fazendo aqui?

Minha família percebe meu olhar fixo e olha para trás. Quando minha mãe vê Miguel, ela me olha, mas não tem tempo de dizer nada. Tudo parece acontecer em câmera lenta. Só consigo sentir um turbilhão de emoções. Minhas mãos estão suadas e meu coração já não bate normal, ele está totalmente descompassado. Sinto como se fosse desmaiar a qualquer momento.

Miguel para ao lado do meu pai e seus olhos estão fixos nos meus.

— Que bom que veio receber sua prima, Miguel! — meu pai diz inocente e lhe dá um sorriso amável.

— Eu não perderia esse momento por nada, tio Eitan. — ele responde sem desviar os olhos dos meus. Sua voz continua a mesma, um pouco mais grave talvez.

Ele segura um buquê de rosas brancas, *as minhas preferidas*. Ele ainda se lembra depois desses anos todos.

Miguel estende o buquê em minha direção e consigo reunir forças para levantar meus braços e pegá-lo. Sou surpreendida quando ele envolve seus braços ao meu redor. *Ele está me abraçando. Miguel está me abraçando. Ai, meu Deus!*

— Estou feliz por você estar de volta, amor. — ele sussurra em meu ouvido.

O problema é que ele sussurra na direção em que Henry está e ouço quando meu noivo praticamente rosna baixinho.

Não consigo responder.

Alguém me faça falar, por favor!

— Vamos almoçar fora, você quer nos acompanhar, Miguel? — meu pai pergunta.

— Obrigado, tio, mas tenho algumas coisas a fazer agora. — ele responde ao meu pai assim que me solta. — Ah, oi, Henry, quanto tempo... — Miguel diz sarcástico.

— Foi necessário o tempo. — Henry responde brusco.

Só falta eles começarem a brigar.

Mas da mesma forma que Miguel chegou, ele sai: em silêncio.

Ninguém, exceto minha mãe e Henry, perceberam a situação estranha. Depois de alguns minutos, saímos do aeroporto e seguimos para o restaurante. Henry não soltou minha mão por um segundo, mas não preciso de uma palavra sua para saber que ele está magoado com minha reação.

Droga! Eu mesma estou chateada!

Nunca passou pela minha cabeça que Miguel seria capaz de estar no aeroporto. Ele me pegou completamente desprevenida. Vê-lo ali, na minha frente, após cinco anos, foi... Nossa, nem sei como explicar!

Tenho vontade chorar só de lembrar como ele me olhou. A palavra amor saindo dos seus lábios diretamente para meus ouvidos. *O que foi aquilo?*

Ele não seguiu com sua vida? O que aconteceu enquanto estive fora? Ele está tão diferente, com a expressão cansada, e eu pude ver a dor em seus olhos, mas por que a dor?

Eu realmente pedi à minha mãe e à Marcela que nunca me contassem nada referente a ele e elas aceitaram meu pedido, então quando o assunto é a vida de Miguel, eu estou completamente alheia.

O almoço com minha família foi ótimo. Mesmo com os pensamentos tão longe, eu consegui aproveitar a companhia deles. Fiquei surpresa ao encontrar, no restaurante, meus avós maternos e paternos, assim como Isabel e Marcela.

Abracei a todos, sorri e chorei. Fiquei feliz demais!

Segundo meus pais, meus tios Gustavo e Sophie pediram desculpa por não poderem comparecer, pois eles estavam viajando de férias no Havaí.

Foi uma tarde extremamente agradável e prometi encontrar com todos novamente em breve. Seguimos para a ilha, onde vou ficar hospedada com Henry até achar um lugar. Amo minha família, mas depois de adulta e de ter morado sozinha por alguns anos, morar novamente com a família não está nos meus planos.

— E aí, Luna, vai sentir falta da Inglaterra? — Pedro pergunta quando chegamos à ilha e sentamos na sala para um café.

Josh, que ainda trabalha para minha família, ficou de retirar as malas do carro, não sem antes, claro, receber um abraço meu!

— Pior que vou sentir, sim, Pedro. — respondo melancólica.

— Eu que o diga. — Henry diz depois de muito tempo calado.

Heitor brinca em meu colo com seu carrinho, enquanto conversamos.

— Ainda estou chateado por não ter sido informado do noivado, Henry. — meu pai diz ao meu noivo.

— Pai... — tento explicar.

— Não, Luna, seu pai está certo. — Henry olha para meu pai sério. — Minhas sinceras desculpas, senhor Eitan.

— Tudo bem, garoto, estou só enchendo sua paciência, é minha obrigação com minha única filha. — todos rimos.

— Pensei que essa era a função da sogra, amor! — Savannah diz, brincando e acabamos gargalhando.

Depois de mais alguns minutos de conversa, todos estamos cansados, então cada um vai para seu quarto descansar. Henry fica no quarto de hóspedes, enquanto fico no meu antigo quarto que, por sinal, está da mesma forma que deixei.

Tomo um banho e jogo-me na cama com os pensamentos a mil. Muitas emoções para um dia só.

Amor.

Amor.

Amor.

Essa palavra e o que ela significa não saem da minha cabeça. Mas sou impedida de continuar a raciocinar quando escuto uma batida na porta e logo ela é aberta por Henry.

— Vim desejar boa noite. — ele olha para meu quarto, curioso. — Tem muito rosa aqui. — brinca.

— O que posso dizer, eu gostava de rosa. — dou de ombros sorrindo.

— Você gostava de muita coisa aqui. — ele diz sério e senta-se ao meu lado. — Quer falar sobre o que aconteceu?

— Não, só quero me desculpar pelo meu comportamento, eu...

— Foi pega de surpresa, eu sei. — Henry faz um carinho em meu rosto e beija meus lábios.

— Sua sinceridade é fundamental para darmos certo, Luna, aprecio isso. Só espero que não mude. — ele diz baixinho, roçando os lábios nos meus.

— Eu sei, Henry.

— Amo você, Luna. — ele sorri. Sem esperar que eu responda, sai do quarto.

Eu sei dos sentimentos de Henry por mim. Ele diz poucas vezes que me ama, pois sei que esses momentos o constrangem. Porque nunca fui capaz de responder o mesmo a ele. Então, quando ele diz, sempre me deixa sozinha sem olhar em meus olhos.

Um dia, quero conseguir dizer a Henry que o amo.

No entanto, sei que isso pode ser difícil. Ainda não sei se é possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Só sei que, se fosse Miguel dizendo “*eu te amo*”, a resposta só ficaria presa por orgulho e não porque não sinto o mesmo.

Que Deus me ajude, porque sinto como se minha vida estivesse para mudar completamente. Só espero que seja uma mudança boa.

Capítulo XII

Miguel

Depois de algum tempo, aprendi a dar graças pelo meu dia. Estar vivo, respirar e ter saúde são coisas que, muitas vezes, passam despercebidas, mas quando você pensa nas pessoas que não têm saúde, seus problemas se tornam pequenos demais. E foi isso que aconteceu comigo.

A banda começou a ficar conhecida durante esses últimos dois anos e recentemente assinamos contrato com uma pequena gravadora. Estamos crescendo aos poucos e as chances de sairmos em turnê ainda esse ano são grandes. Paulo, o agente da banda, é um cara legal que está batalhando para nos colocar no topo.

A gravadora achou que seria uma boa ideia colocar a banda para fazer visitas a hospitais de crianças com câncer. Cantar para eles traz alegria e fomos de coração aberto. Foi a partir dali que comecei a dar graças pela minha vida e a vida da minha família. Meus problemas não são nada comparados aos daquelas crianças e de seus pais que, aos poucos, veem seus filhos adoecer.

Depois da primeira vez que cantamos para aquelas crianças, eu fiquei sensibilizado com a situação e tornei-me um voluntário. Não é muito, mas uma vez por semana, estou no hospital para alegrar o dia daqueles pequenos anjinhos.

Hoje tenho que ir ao hospital, mas já liguei avisando que vou chegar atrasado. Estou no estúdio, ensaiando e, depois daqui, tenho um compromisso inadiável com o amor da minha vida.

É pensando nela que termino de cantar o refrão.

Você é meu ar

A razão pela a qual eu resolvi esperar

Você me amou

E se foi

Mas agora é hora de voltar...

Fecho meus olhos com os pensamentos naquela que me deixou anos atrás e está de volta.

Luna.

Desde que ela se foi, minhas letras são sempre sobre ela. Seu sorriso, seu olhar, seu coração bondoso. Tudo em Luna me inspira e, mesmo após sua partida, nunca deixou de ser minha musa inspiradora. Luna é minha vida e agora que ela está de volta, eu posso voltar a viver ou, pelo menos, tentar. Quero conversar com ela e explicar tudo o que aconteceu naquela noite.

— Ei, acorda, mané! O ensaio já acabou. — Luca, meu amigo e guitarrista da banda, diz, tirando-me dos meus pensamentos.

— Preciso ir! — informo, olhando para o rolex, presente de aniversário da minha mãe, que

está em meu pulso. Desligo o microfone, coloco-o no suporte e estou saindo quando percebo que Luca continua me olhando sério.

Encaro-o, esperando que ele diga o que quer para que possa sair. Luca é meu amigo desde a infância; conhecemo-nos no primeiro dia de aula e, desde então, não nos separamos mais. Sei quando ele quer falar alguma coisa e está sem coragem para fazê-lo.

— Diz logo, cara. — volto minha atenção para ele, que se aproxima.

— Só não quero que você se decepcione. — ele toca meu ombro em um gesto de preocupação e sai, deixando-me sozinho. Todos já foram, então é minha vez de fechar o estúdio.

Quando chego em casa, vou direto para meu quarto. Tomo um banho rápido e estou me vestindo quando ouço batidas na porta.

— Entra! — grito, passando a blusa por cima da cabeça.

— Você já está indo? — minha irmã, Isabel, questiona animada.

Para ela, minha história com Luna é digna de conto de fadas e diz que não vê a hora de chegar o nosso “felizes para sempre”.

— Estou, Bel. — sorrio para ela. — Depois de cinco anos, enfim vou reencontrá-la. — termino de calçar o tênis e fico de pé.

— Você sabe que tio Eitan vai estar lá, não é? — pergunta preocupada.

— Isso é o que menos me importa agora, Bel. — coloco uma mecha do seu cabelo castanho para trás da orelha e beijo seu rosto. — Preciso ir, ainda tenho que parar na floricultura.

No meio do caminho, compro as rosas brancas que Luna tanto ama e sigo para o aeroporto. O pouco que sei é que seu voo chega às onze horas. Chego ao aeroporto e sigo para a área de desembarque, ficando à espreita. Meus tios já estão aqui, mas isso não vai me impedir de ver Luna de perto. Estou caminhando para encontrá-los quando, do nada, ela aparece.

Linda...

Bela...

Fantástica...

O reencontro em família é lindo e estou emocionado com a cena. Então, ouço quando tia Savannah grita a palavra *noiva*. Paro imediatamente, segurando o buquê de rosas ao *vê-lo* parar ao lado de Luna e entrelaçar sua mão à dela. *Como ele pôde*. Sinto como se o chão sumisse sob meus pés. Ele sorri para ela que retribui lindamente. Luna não se incomoda, ela não o repele...

E, naquele momento, mais nada parece ter sentido.

Como ele pôde?

Nós erámos amigos. Sim, ele sumiu desde que Luna se mudou para lá, mas eu não imaginava que ele iria roubar minha mulher.

Minha razão pede que eu vá embora e não olhe para trás. Luna seguiu com sua vida, enquanto eu parei a minha. No entanto, meu coração grita para que eu vá até ela e faça-a entender que ainda a amo. E, se tem uma coisa em que eu sou bom, é obedecer ao meu coração.

Por isso, volto a caminhar e entro em seu campo de visão. Sei quando ela me vê, pois seu olhar está diretamente em meus olhos. E, com apenas isso, chego à conclusão de que ela *ainda me ama*. Isso me deixa mais confiante e é com essa confiança que a abraço e sussurro em seu ouvido. Não me importo com o que os outros vão pensar, até porque, para eles, somos apenas primos. O noivo está ao seu lado e ainda estou com vontade de esmurrá-lo, mas me contenho.

E o pior é que não consigo odiá-lo. Sinto raiva, mas não o odeio. Sua mãe é minha madrinha e, por isso, conversávamos muito por rede social, até ele sumir... Lembro nitidamente que, quando criança, durante as férias, divertia-me muito ao lado de Henry.

Tio Eitan me convida para almoçar com eles, mas nego. Preciso ir ao hospital ver as crianças e, além disso, ainda preciso digerir a informação de que a mulher da minha vida está noiva de outro cara. Saio do aeroporto antes deles e seguro-me para não socar a primeira parede que encontro.

Como pude deixar isso acontecer?!

É tudo minha culpa. Quando fui a Londres atrás dela, demorei mais do que eu queria. A ideia era ir quando o ano escolar acabasse, mas depois disso, Isabel ficou doente; descobrimos que minha doce irmã estava com bulimia. Foi um baque enorme para nossa família, ninguém percebeu e, se não fosse a própria Isabel nos contar, pedindo ajuda, talvez nunca soubéssemos. Culpei-me e culpo-me até hoje por isso. Sempre fui próximo da minha irmã e cuidava dela. Depois que Luna me deixou, meio que me tranquei dentro de mim mesmo e só saí quando minha mãe me pediu ajuda com Isabel.

Senti-me o pior dos irmãos, o pior dos homens! Resumindo, eu me sentia um merda que não cuidou da família e ainda foi abandonado pela garota que ama porque fez merda.

Sair do poço de lamentações foi a parte mais difícil; no entanto, minha irmã precisava de mim e obriguei-me a levantar. O tratamento de Isabel durou um ano e não saí do lado dela durante esse período. Meus pais e eu a acompanhamos ao médico, às sessões de terapia e, quando ela finalmente estava bem, decidi ir atrás de Luna.

Um ano depois dela ir embora, peguei o primeiro voo para Londres. Fui até a casa da minha madrinha, que me contou que Luna estava morando no campus da faculdade. Não vi Henry, pois estava para faculdade e o padrinho Giovanne estava na agência de modelos de que é dono. Quando levantei para ir atrás dela, Luiza contou como estava a vida de Luna: como ela chegara e como estava bem melhor; que foi difícil vê-la sorrir, mas que ela já era capaz disso. Lembro, como se fosse hoje,

suas exatas palavras para mim naquele dia.

— Sei que a ama, mas você precisa deixá-la seguir sua vida, Miguel. Se ela tiver que ser sua, ela vai voltar.

Praticamente as mesmas palavras do meu pai. Inicialmente, achei tudo besteira; despedi-me de Luiza e segui para a faculdade de Luna. Procurei-a por todo campus e encontrei-a na lanchonete da faculdade, rodeada por um grupo de garotas. Ela conversava e sorria; estava mais linda do que tinha visto pela última vez. Dei o primeiro passo em sua direção e sentei em uma mesa próxima a das garotas. Eu estava de óculos e boné, não queria que Luna me visse antes de eu vê-la.

Escutei algumas risadas e, depois, uma garota perguntou a Luna sobre o Brasil. Depois de um ano sem ouvir sua voz, sua breve resposta para a amiga foi como música para meus ouvidos. Então, outra perguntou sobre o antigo namorado e Luna não foi gentil com as palavras.

Chamou-me de traidor, mentiroso e falso. Quase levantei e fui até ela dizer que eu não era nada daquilo, mas o ódio em sua voz me fez recuar. Ela me odiava. Então, lembrei-me das palavras da madrinha e do meu pai. Levantei da mesa, sai da lanchonete sem olhar para trás e peguei um avião de volta ao Brasil.

Talvez, se eu tivesse olhado em seus olhos quando ela disse aquelas coisas sobre mim, eu teria visto o amor que vi em seu olhar hoje e não teria a deixado para voltar sozinha para mim.

E é isso que vou fazer agora: não vou permitir que Luna me deixe novamente. Respeito a minha madrinha, mas Henry tem a mulher que me pertence e ele não vai ficar com ela por muito tempo. Não agora que ela está de volta e tão perto.

Chego ao hospital seguro; nem sei como, já que dirigi no automático. Estaciono o carro, pego o violão no banco traseiro e caminho para a enfermaria. Quando chego, sou recebido pelo abraço apertado de Vitória, uma menina de cinco anos, órfã, que foi diagnosticada com o tumor de Wilms; é um tumor frequente na infância e nasce nos rins, manifestando-se como uma massa no abdômen. Curioso sobre o caso de Vitória, conversei com o médico responsável e ele explicou que ela está em tratamento quimioterápico, pois precisa de um transplante de rim e, como não é fácil conseguir um transplante, ela está na fila de espera. Vitória foi a primeira criança que sorriu para mim quando cheguei a primeira vez com a banda e, desde então, se tonou muito especial.

— Como você sente hoje, lindinha? — pergunto, beijando sua bochecha.

— Estou bem, tio Miguel. — ela responde com seu sorriso encantador.

Vitória tem a pele clarinha, lindos olhos azuis e é pequena para sua idade. O Dr. Luiz diz que isso é devido à doença, que seu organismo é fraco e não se desenvolve corretamente. Durante a quimioterapia, Vitória perdeu seu cabelo ruivo encaracolado. Então, sempre que vejo um lenço diferente ou um boné que combina com ela, compro e presenteio-a.

Tenho alguns pensamentos em relação a Vitória que preciso aprimorar, mas amo estar com ela e com as outras crianças também.

Canto, brinco, faço palhaçadas e ajudo com o almoço. Só depois, quando eles vão para o cochilo, que vou embora. Antes de ir para casa, passo na imobiliária em que estou em contato para achar uma casa. Meu pai até quis me dar um apartamento de presente, mas não aceitei de jeito nenhum. Só aceitei que ele fosse meu fiador. Com vinte e dois anos, preciso ter meu próprio lugar. E, como era meu sonho com Luna, estou escolhendo uma casa em Itaipava, na região serrana do Rio. Sigo com Mariana em direção a serra e logo chegamos ao condomínio fechado em que escolhi algumas opções de casas por fotos.

Casa não é bem o nome certo. No condomínio existem verdadeiras mansões e vou ficar mais do que feliz em oferecer o melhor para Luna.

Eu sei que pareço louco pensando em um futuro com Luna, mas eu sinto do fundo do coração que ela ainda será minha!

A primeira mansão é estilo colonial, com vidraças por todo lado. Um jardim magnífico que lembra muito o da minha mãe. A casa é grande e espaçosa, com cômodos que talvez eu nunca use se estiver morando nela sozinho, mas como Luna vai estar comigo, vou aproveitar cada lugar da mansão. Não preciso ver as outras para decidir: essa é a cara de Luna, então fecho contrato com Mariana sem hesitar e desço a serra feliz por começar a colocar meus planos em prática.

Meu futuro, minhas escolhas, agora tudo vai ser baseado em Luna já que vai ser meu futuro com ela. Já esperei tempo demais e se Luna não voltar sozinha para mim, eu vou dar uma ajudinha ao nosso destino.

Capítulo XIII

Luna

Uma semana passou desde que retornei ao Brasil. Como só começaria a trabalhar na empresa na próxima semana, aproveitei para colocar minha vida em ordem. Minha primeira atitude foi achar uma casa. Amo a cidade do Rio de Janeiro, mas desde menina sempre sonhei em morar na região serrana e, depois de cinco anos em Londres em um clima agradável, o calor do Rio não é mais uma opção. Então entrei em contato com uma imobiliária de respeito e fui encaminhada para a corretora Mariana.

Uma moça muito simpática que me mostrou verdadeiras mansões. No entanto, como vou morar sozinha, pedi que ela me desse opções menos extravagantes. O catálogo com casas de menor porte ficava em Itaipava ou Teresópolis. Não pensei duas vezes antes de escolher Itaipava. Sempre sonhei em morar na cidade imperial.

Henry tentou me fazer mudar de ideia. Como todo turista, ele ficou encantado com as praias do Rio. E até tentou fazer surgir o assunto de morarmos juntos, mas falei que isso só aconteceria depois do casamento. Convidei-o para morarmos no mesmo condomínio, mas ele disse que a visão da praia o pegou de jeito. O ajudei a achar um lugar e ele alugou um apartamento em frente à praia do Recreio.

Henry vai trabalhar como advogado no conglomerado M&A. Meu pai, assim que me convidou a trabalhar com ele, estendeu o convite a Henry, que aceitou prontamente. Diferente de mim, que primeiro vou checar os livros de registro da contabilidade em casa mesmo, Henry precisa estar todo dia na empresa e subir e descer a serra todos os dias não é uma opção que ele queria.

Quanto a mim, não vejo problemas nisso. Estou até mesmo pensando em conversar com meu pai para que, depois que eu conferir os livros, eu possa trabalhar em casa, indo na empresa somente quando necessário.

Ter a profissão que escolhi e ser filha do chefe me dá algumas regalias.

Deixo a xícara de café dentro da pia e vou atrás de Henry no quarto.

— Amor, estou indo encontrar com a Mariana. — informo a Henry, que está arrumando suas roupas no closet.

— Deixa seu beijo aqui comigo e pode ir. — ele brinca e abraça-me, beijando meus lábios.

— Todo seu. — digo, finalizando o beijo com um selinho. — Agora tenho que ir senão vou me atrasar. Ela marcou nesse horário, pois está visitando um cliente que fechou contrato com ela também.

— Tudo bem, vai lá, então. — ele dá uma piscadela e saio do quarto sorrindo do seu

charme.

Amo subir a serra; a visão é espetacular e o clima agradável; a neblina oferece uma sensação misteriosa, tudo isso sempre me encantou. Estou com o carro da minha mãe, mas antes de me mudar, preciso comprar um.

Estaciono o carro do lado de fora do condomínio e apresento minha identificação ao porteiro, que libera meu acesso. Encontro com Mariana em frente à casa que escolhi. Pequena, simples, em estilo colonial. Nada a ver com a casa ao lado da minha, que é uma mansão linda em estilo colonial e vidraçarias na fachada.

— Olá! — Mariana me cumprimenta com dois beijos no rosto. — Pronta para fechar negócio?

— Claro!

— Então vamos entrar; seu contrato está aqui comigo. — ela caminha em direção a entrada da casa e entramos.

A casa está completamente vazia a não ser por uma mesa com duas cadeiras, estrategicamente colocada pela imobiliária.

— E seu cliente? — pergunto, puxando assunto, enquanto ela tira o contrato da pasta.

— Ah, sim, ele já assinou o contrato e só vim entregar alguns documentos. Ele já está começando a decorar.

— Ah, que legal, não vejo a hora de começar a minha também. — sorrio. — Para falar verdade, já marquei de encontrar uma amiga no shopping para escolher os móveis quando sair daqui.

— Fico muito feliz, sinal que quer se mudar logo. — Mariana sorri e estende o contrato em minha direção.

Vou confessar que a casa que estou comprando não vale o preço que estou pagando. A localização, sim. A casa é composta de dois quartos, sala de estar e jantar, cozinha e copa. Um jardim pequeno e um ofurô na varanda de trás que é um verdadeiro charme.

Assino o contrato feliz por estar comprando algo que sempre sonhei. Realizar sonhos é muito mais que bom; é ver acontecer aquilo que, às vezes, parece ser impossível se tornar real e isso é maravilhoso.

Mariana se despede com um sorriso enorme e deixa-me sozinha na minha nova casa depois de me entregar as chaves. Toda a casa está pintada de branco e preciso trocar isso imediatamente! Pego meu celular na bolsa e envio uma mensagem para Marcela.

Vamos?

Seguro o celular na mão, aguardando por sua resposta e saio da casa, trancando a porta. Fiquei de encontrar com Marcela no shopping para colocar o assunto em dia, enquanto mobiliamos

minha casa.

Existem momentos em nossas vidas que nunca, nem mesmo quando queremos, somos capazes de esquecer. O momento seguinte é um deles.

Ao mesmo tempo em que tranco minha porta, o meu vizinho da direita fecha a dele. A única parte esquisita de tudo isso é que, quem está fechando a porta ao lado e aparentemente pode ser meu vizinho, é Miguel!

Nossos olhares se cruzam como se um puxasse ao outro e só é interrompido por mim, que levo um susto ao sentir o celular vibrar em minha mão e deixo-o cair no chão.

Ainda surpresa e trêmula, finjo que não o vi e pego meu celular do chão e leio a resposta de Marcela.

Problemas aqui na agência, vou me atrasar quase uma hora, mas eu vou!

Marcela cursou faculdade de moda, mas no fim acabou virando modelo fotográfica. Uma morena linda como ela é, não podia ser diferente e, além do mais, ela é caseira demais para viajar mundo afora e desfilas pelas passarelas mais conhecidas. Com as mãos trêmulas, respondo uma breve mensagem.

Estou indo, te encontro lá.

Durante esses poucos minutos, fiz isso de cabeça baixa sem olhar na direção do meu vizinho. Devo estar tendo alucinações, só pode! Não é possível que o destino esteja brincando desse jeito comigo.

Mas quando vejo um par de sapatos parar na minha frente, tenho certeza de que não estou alucinando e de que Miguel está parado na minha frente.

— Luna. — somente sua voz é capaz de causar arrepios em minha pele.

Como sou burra!

— Vai embora. — tento passar por ele sem o encarar, mas é em vão, pois Miguel segura meu braço.

Burra novamente. Para de sentir esses sentimentos só por um toque no braço.

— Não me trate assim. — pede.

Sinto meu coração doer com seu tom de voz magoado. Mas faço isso por mim, não posso me dar ao luxo de ficar perto de Miguel sozinha. Não confio em mim quando o assunto é ele. Ainda mais anos depois, quando as mágoas foram esquecidas e há somente a raiva.

Raiva e mágoa são sentimentos distintos. Com a mágoa é difícil perdoar, mas a raiva é passageira, ao menos com pessoas que amamos e, como ainda amo o homem à minha frente, preciso me afastar antes de cometer uma loucura irreversível.

Os anos só deixaram Miguel ainda mais atraente; seu cabelo está maior e passa um pouco da

nuca. O rosto ainda é juvenil, mas a barba rala lhe dá um charme indescritível. Ele é lindo e sempre vai ser.

Preciso parar de encará-lo.

— Tenho um compromisso agora, depois nos falamos. — tento seguir de novo, mas novamente sou impedida.

— Cinco minutos, Luna.

Como gostaria de ser mais forte e negar esse pedido.

— Tudo bem. — respondo baixo e ele solta meu braço.

— Vamos ali à minha casa? — então é verdade, a casa é dele!

Estou perdida.

Completamente perdida.

Não respondo, apenas caminho e ele vem atrás. Em dez passos, já estamos parados em sua porta. Miguel tira as chaves do bolso e entramos.

Como dá para ver de fora, a casa é uma verdadeira mansão. A sala de estar é quase o tamanho da minha casa toda, as paredes são cor creme, há algumas pilastras de gesso e não há moveis. Paro em cima de um imenso tapete felpudo, procurando coragem para olhar para trás.

E quando o faço, quase corro. Miguel está a apenas alguns centímetros de mim. Posso ouvir e sentir sua respiração tamanha nossa proximidade. Sinto meu rosto corar e sou incapaz de olhar em seu rosto.

— Olhe para mim, Luna. — Miguel pede.

Como a boba que sou, obedeço.

E esse foi meu primeiro erro.

Miguel diminui ainda mais o espaço entre nós e faz um carinho em meu rosto.

— Como senti sua falta. — ele sussurra.

Fecho meus olhos ao ouvir suas palavras e respiro com muita dificuldade. *Nunca me dei conta da saudade que senti de Miguel até esse momento.*

Miguel enfia a mão por trás do meu cabelo, segurando minha nuca e aproxima seu rosto do meu. Sua barba encosta em minha bochecha e a sensação é maravilhosa. Sinto como se todos meus sentidos fossem desligados e só meu coração funcionasse.

E ele está funcionando tão rápido que tenho medo de dar um ataque cardíaco.

Penso em recuar, mas minha mente não obedece aos meus pensamentos. Então, Miguel me beija.

Beija-me da mesma forma como há cinco anos. A única diferença é a urgência dos seus lábios sobre o meus.

Quando percebo, já estou correspondendo com gemidos e, em um pulo, estou com as pernas em volta da cintura de Miguel. Ele me prende na parede mais próxima, enquanto seus lábios reivindicam os meus.

Isso é muito errado.

Mas só consigo parar quando levo outro susto ao sentir meu celular vibrar no bolso da calça jeans. Miguel acaba soltando meus lábios por alguns segundos e tenho tempo de pedir que me solte. Meio relutante, ele obedece.

No visor, a chamada com o nome e a foto de Henry rasga meu coração. Sou uma cadela desprezível que trai o noivo com o ex-namorado.

Eu não atendo. Aperto o botão de ignorar chamada e guardo o celular no bolso. Pego minha bolsa do chão e corro para a porta.

— Luna!

— Me deixa em paz, Miguel! — grito para ele.

— Luna, precisamos conversar. — ele diz assim que chego à porta e coloco a mão na maçaneta.

— Tudo já foi dito entre nós anos atrás, Miguel. — respondo.

— Nem tudo.

— Ah, eu tenho certeza que sim! — viro para olhar para ele. — Você me traiu, lembra? Não precisa de muita conversa depois disso para eu saber que você é um canalha.

— Eu não traí você! — diz alto.

— Miguel, eu não tenho tempo para isso. Esse assunto é passado. Eu tenho um noivo que me ama e em breve vamos nos casar.

Tão clara quanto água é a dor nos olhos de Miguel.

— Preciso ir. — viro as costas novamente.

— Você disse bem, um noivo que te ama. — não digo nada e ele continua. — Amar você é muito fácil, Luna, e não culpo nenhum homem por ter esse sentimento por você. — percebo quando ele começa a caminhar e para atrás de mim. Miguel coloca a mão em meu ombro e aperta. — Culparia você por amar outro homem. — ele finaliza.

Decidida a responder à altura, eu me viro e respondo a ele.

— Então me culpe, Miguel.

— Não depois do que aconteceu aqui. — ele responde, cortando qualquer confiança que criei. — Antes de qualquer coisa, somos da mesma família, Luna, e me evitar ou fugir de mim é inútil, ainda mais agora que vamos ser vizinhos.

— Infelizmente, não posso trocar de família. — respondo, cruzando os braços sobre o peito.

O que só faz o olhar de Miguel se direcionar para o mesmo.

— Mas pode trocar de casa. — ele toca meu queixo confiante. — Mas tenho certeza de que não vai fazer isso. Nosso sonho era morar aqui, Luna, e consciente ou não, você quis realizar o nosso sonho.

— O sonho não era só seu, Miguel! — respondo irritada.

— Tenho planos para nós, Luna. — ele ignorara o que falei. — Em breve, você vai ser a dona de tudo isso aqui.

— Você está louco, isso sim! — viro-me para sair da mansão, mas Miguel me segura pelo braço, levando-me ao seu encontro.

Ele beija meus lábios suavemente e sorri.

— Isso não se chama loucura. O nome correto é amor, baby.

Atônita com os últimos minutos ao lado de Miguel, saio da mansão direto para meu carro. Desço a serra o mais calma que consigo para não causar um acidente e vou direto para o shopping. Miguel não está normal e tenho algumas perguntas que Marcela pode responder.

O que, afinal, Miguel fez com a vida dele enquanto estive fora?

Capítulo XIV

Miguel

Coincidência ou destino? Aposto tudo no destino! Quando eu iria imaginar que Luna seria minha vizinha? Quando Mariana informou que estava negociando a venda da casa ao lado, orei pedindo que não fossem pessoas chatas, dessas que querem saber da vida da gente a todo custo. E quem Deus envia?

Luna!

Cara, se eu fosse uma mulher, depois desse beijo estaria fazendo a dancinha da felicidade!

Controlei-me o máximo que pude para não bater na porta de tia Savannah e pedir para falar com Luna nos dias que ela ficou na ilha e, quando menos imagino, ela está bem ao meu lado, trancando sua porta. Trazê-la até a mansão e conseguir um beijo foi uma das minhas primeiras conquistas desde a sua volta. Sei que tenho uma árdua tarefa me esperando, mas já arregacei as

mangas e estou pronto.

Se Luna quer lutar contra o que sente por mim, que lute; o que ela não sabe é que estou indo para uma guerra e não uma luta e o alvo é seu coração.

Confesso que saber que ela é minha vizinha me assusta um pouco. Ter que ver Henry com ela todos os dias não vai ser fácil. Mas isso é por pouco tempo. Em breve ela vai voltar para mim. Confiança? Não. É amor mesmo, é somente esse sentimento que me dá a certeza de que posso ter Luna de volta.

Seu beijo, a forma que seus lábios corresponderam aos meus sem hesitar, foi magnífico. Tê-la de novo em meus braços me rendeu uma canção. Só Luna é capaz dessas coisas. Vejo-a sair praticamente correndo da mansão e a minha vontade é de ir atrás, mas por hoje acho que já forcei demais, então decido ir embora.

Desço a serra direto para o estúdio de gravação onde ensaiamos. Amanhã a *Six Immortal* vai se apresentar em uma casa de festa muito conhecida do Rio. Depois do contrato assinado, esse é nosso primeiro grande show em muito tempo. Tenho dois convites para área vip que, nesse momento, já devem estar sendo entregues na ilha. Luna precisa estar lá.

Chego ao estúdio dez minutos atrasado e já tenho que aturar a cara de tédio de Davi. Depois do que aconteceu, nossa amizade nunca mais foi a mesma. Fui sincero com ele e contei o mesmo que disse a Luna. E, como ela, ele também não acreditou. Além das fotos que Ester postou, de alguma forma ele ficou sabendo que Luna nos pegou nus na cama e ele não consegue acreditar que não rolou nada.

Às vezes, até mesmo eu fico confuso. Esse é um lance que evito pensar, porque senão meus pensamentos dão um nó. Lembro-me de ter bebido aquela noite, nada muito forte, apenas algumas viradas de tequila. Eu fiquei meio aéreo, mas tenho certeza de que não a ponto de trair minha namorada. Deixei Ester no quarto de hóspedes e cai na cama. Como ela acordou nua ao meu lado ainda é um mistério.

Mas tenho certeza que ainda vou descobrir.

Depois daquele dia, a garota simplesmente saiu do país com os pais. Sumiu da internet e ninguém sabe para onde ela foi.

Mesmo Davi só ficando com ela, ele se sentiu ofendido e por isso não nos falamos como antes. E pior é que a cada dia o clima entre nós fica mais estranho.

— E aí, Miguel, soube que a sua garota está de volta. — ele é o primeiro a falar quando me vê. — Mas também soube que ela está noiva de outro. — preciso manter a calma; ele só está fazendo isso para me irritar.

— Davi, não começa. — Luca responde por mim.

— Qual é? — diz erguendo o braço. — Sua namorada agora é o Luca? Pensei que a namorada dele fosse a anoréxica!

Em menos de três segundos, meu braço está na garganta de Davi e ele está pressionado contra a parede.

— Fale da minha irmã novamente assim e nunca mais você toca guitarra em sua vida, porque, ao invés de te enforcar, vou quebrar todos os ossos das suas mãos!

— Solta ele, Miguel. — Rick soa calmo ao meu lado. — Por favor. — pede.

Faço o que ele pede. Davi tosse por alguns segundos e sai da sala batendo a porta com força.

— Assim está ficando difícil. — Benicio, que não é muito de se manifestar, diz.

— Concordo. — respondo, pegando o microfone do pedestal.

Rick sai da sala, provavelmente para buscar Davi, e eles retornam alguns minutos depois. Fingimos que nada aconteceu e ensaiamos normalmente.

Luca e Isabel namoraram por dois anos depois que ela se curou. Não impliquei com o relacionamento deles; aprendi que não posso impedir minha irmã de estar ao lado de quem ama, quando eu mesmo quero fazer isso. No entanto, eles terminaram, porque não deu certo. *Palavras deles*. Até hoje, nem Isabel nem Luca me contaram o verdadeiro motivo do término. Se eles ainda não trocassem olhares apaixonados quando estão no mesmo ambiente, eu esqueceria esse assunto. *O que não é o caso*.

Eles se amam e é nítido, só não sei porque não ficam juntos.

Aliás, eu sei, quer dizer, não sei o motivo real. Mas sei que, às vezes, as histórias de romance na vida real não são como nos livros ou filmes. Nem sempre o final é feliz. No entanto, no meio de tantos erros que cometi, aprendi que somos nós que criamos nossa própria felicidade e o mundo que me perdoe, mas estou indo atrás da minha com todas as forças, custe o que custar.

Depois que o ensaio termina, saio do estúdio sem olhar para trás. Só quando estou perto de virar a esquina, escuto Luca gritar meu nome e espero-o.

— Miguel, sobre o que Davi disse lá dentro...

— Não precisa explicar nada, Luca, Davi é um babaca que não sabe nada do que Isabel passou e quer usar isso contra nós.

— Eu sei, mas é que a vontade de dar um soco na cara dele ainda não passou.

— Você ainda gosta dela, não é? — indago só para ver sua reação.

— É complicado. — ele diz olhando para longe.

— Sempre é. — respondo.

— Já encontrou com a Luna depois que ela chegou?

— Se eu te contar, você não vai acreditar!

Conto a Luca sobre Luna e eu sermos vizinhos e que a beijei. Ele fica feliz por mim e diz a mesma coisa que penso. Se Luna correspondeu, é porque tenho chances, mas claro que ele aproveita o momento e curte com a minha cara.

— Só a Luna mesmo para tirar a teia de aranha da sua boca, mano. — ele sorri.

— Muito nobre tripudiar em cima de um homem apaixonado. — a expressão de “*sinto muito*” de Luca é de gargalhar e é isso que faço.

— Você é um idiota. — ele sorri e caminhamos lado a lado. — Não sei como se manteve firme todos esses anos com as garotas se atirando aos seus pés.

— No início, achei que tinha algo de errado comigo. Não foi por falta de tentativa, mas nenhuma delas era Luna e não consegui.

— Cinco anos, Miguel! Cinco anos sem beijar ou transar com uma garota. Você tinha que virar padre.

— Vai me dizer, então, que nesses dois anos separado da Bel, você tem pegado todas? Ele fica sem graça, mas responde.

— Não, mas estou conhecendo alguém especial.

Paro de andar assim que ele termina a frase.

— Você tá falando sério? — Luca assente. — Como você tem coragem de fazer isso com a Bel, cara? Você sabe que ela gosta de você ainda! — Luca agora conseguiu me irritar.

— Miguel, você não sabe de toda a história. — ele adverte e isso me irrita mais ainda.

— Não sei porque você não me contou! Amizade é uma via de mão dupla, Luca, você não pode simplesmente esconder as coisas do seu amigo quando ele te conta tudo. — digo irritado. — Quer saber, fica com sua garota especial e deixa minha irmã em paz!

Passo por ele esbarrando nossos ombros, puto da vida, e vou para a casa dos meus pais. Preciso falar com a Bel. Se Luca está seguindo em frente, não posso deixar que ela esbarre com ele e sua nova namorada sem saber de nada.

Meus pais ainda estão em viagem. Isabel não é mais uma menina e fica em casa sozinha. Quando contei que estava comprando um lugar para mim, ela se animou a fazer o mesmo, mas Bel ainda está cursando medicina e morar com nossos pais a ajuda nos estudos, já que dona Sophie é médica.

Às vezes, me pergunto se meu pai não fica chateado que nenhum dos seus filhos seguiu sua área. Nunca tive essa conversa com ele. Desde que me entendo por gente, música sempre foi meu sonho. Fiz faculdade de música e vários cursos profissionalizantes na área. Sou mais que capacitado para trabalhar na área musical. Se um dia eu sair da banda, sem emprego não fico. Nunca foi meu

desejo passar a imagem de playboy que quer fama, por isso me foquei e estudei o máximo que pude.

Quando chego à casa dos meus pais, demoro em encontrar Bel e, quando a encontro na piscina, desejo não ter feito isso.

Alguém lave meus olhos com cloro!

Ou pode perfurar com uma faca mesmo. Não me importo, só me façam esquecer essa visão!

Bel está sentada entre as pernas de um cara somente de biquíni. Eles estão se beijando, enquanto Bel fica rebolando no colo dele e o garoto tem a ousadia de colocar a mão na bunda da *MINHA IRMÃ!*

— Isabel! — grito, assustando-a.

Isabel sai do colo do garoto em um pulo, diz alguma coisa para o menino, que some da minha vista no mesmo segundo. Caminho enquanto ela amarra uma canga na cintura e paro em sua frente.

— Que merda você pensa que está fazendo? — indago tentando controlar a raiva.

— Não fale comigo como seu eu fosse uma criança, Miguel. — responde malcriada.

— E trazer um garoto quando seus pais estão viajando é muito adulto!

— Era melhor do que ir a um motel!

— Então toda vez que nossos pais viajam, você faz isso? — pergunto, encarando-a zangado e percebo seus olhos lacrimejarem.

— Eu... Eu só estava tentando esquecer. — ela diz chorosa.

Ela já sabe sobre o Luca.

Como as pessoas podem ser diferentes. Cada um vive e suporta sua dor da forma que acha melhor. Quando achei que nunca mais teria Luna na minha vida, foquei em meu sonho, estudei e passei minhas horas livres cantando. Tentei seguir em frente e conhecer alguém, mas foi inútil. Em todas as garotas, eu via o rosto de Luna, entretanto, eu sabia que não era ela e enganar-me estava fora de cogitação. Decidi esperar Luna voltar e ver o que destino tinha reservado para nós.

Minha boca, meu corpo e meu coração eu guardei para a única dona.

Mas nem todos pensam da mesma forma. Luca e Isabel acham que outras pessoas podem ocupar um lugar que já está marcado e eles são tolos por pensarem dessa forma. Entretanto, quem sou eu para dizer como eles devem seguir suas próprias vidas?

Abraço minha irmã e faço meu papel de irmão mais velho.

— Sinto muito, Bel. — essas poucas palavras fazem Bel chorar como nunca vi antes. Não consigo sentir a dor dela, mas posso imaginar, pois é a mesma dor que senti ao ver a aliança no anelar de Luna.

Hoje é o grande dia! Não sei se estou mais nervoso por fazer a primeira apresentação da banda ou por saber que Luna pode estar na plateia, que também é um motivo pelo qual estou nervoso. Não nos informaram se a venda de ingressos foi boa e a possibilidade de não ter ninguém para nos assistir me assusta. Claro que a gravadora fez todo o trabalho de divulgação e propaganda, mas esse frio na barriga não some por nada! E não sou somente eu, todos estamos nervosos.

Recebi a confirmação de que Luna recebeu o convite e estou ansioso para ver seu rosto. Tive que enviar os dois convites, mas ficarei muito feliz se ela comparecer sozinha ou acompanhada de outra pessoa que não seja Henry.

— Vamos lá, pessoal, está na hora! — Paulo, nosso agente, informa. — Miguel, como combinado, você abre o show e faz as apresentações.

— Os *Stykers* já estão finalizando o show de abertura. — Paulo conseguiu que os *Stykers*, uma banda de rock alternativo que está muito famosa no momento, abrissem nosso show de estreia e, pelo barulho, acho que tem bastante gente lá fora, mas ainda não consigo acreditar; só vendo com meus próprios olhos.

Sáímos do camarim e posicionamo-nos atrás do palco quando somos anunciados. Caminho para o palco sem olhar para trás para ver se os outros estão me acompanhando. E a multidão que encontro batendo palma, gritando e assoviando para nos receber simplesmente me deixa de queixo caído.

— Como vocês estão essa noite?! — grito assim que pego o microfone nas mãos.

Preciso dizer que a maioria das pessoas no meio da multidão é mulher. E sou respondido com gritos histéricos que me fazem sorrir.

— Ah, também estamos muito felizes de estar aqui com vocês. Preparamos algo que vai agitar vocês essa noite!

Faço a apresentação de cada membro da banda e eles são recebidos por gritos e sorrisos. No momento em que falei o nome de Rick, algumas calcinhas foram jogadas no palco e confesso que fiquei surpreso com a atitude ousada. Começamos cantando nossa música que tem tocado nas rádios e a multidão canta junto.

Lindo.

Para um músico, como eu, ver uma multidão cantando uma música que você escreveu, é muito mais do que especial. No entanto, para um homem apaixonado, como eu, ver a mulher da sua vida no meio da multidão com olhos fechados, escutando a música que escrevi pensando nela, não é especial; é muito mais do que isso. *É épico.*

Luna está aqui.

Capítulo XV

Luna

Marcela e eu chegamos praticamente juntas à loja de móveis em que marcamos de nós encontrar. Eu me atrasei mais do que pretendia e é tudo culpa do meu encontro com Miguel.

— Você parece nervosa. — ela diz quando terminamos de nos abraçar.

— E estou. — digo caminhando para dentro da loja, no entanto, Marcela me impede ao segurar meu braço.

— Você está visivelmente abalada. Vamos beber alguma coisa, conversar e depois vamos às compras.

Ela tem razão.

— Tudo bem, vamos.

Minha amiga parece a mesma de anos atrás. Continua linda como sempre, mas com cara de menina. Os anos só a deixaram mais linda. Seguimos para a praça de alimentação em silêncio e, como há muito tempo não fazia, paramos em uma rede de *fast-food*.

— Não posso comer essas besteiras, Luna! — ela resmunga do meu lado, mas não sai da fila. Ou seja, ela quer tanto quanto eu.

— Tem certeza? Pois estou louca por um hambúrguer, fritas e um copo enorme de refrigerante!

— Você não presta! — ela bate a bolsa em mim.

— Ou, isso dói! — reclamo, esfregando o braço e gargalhando da expressão gulosa no rosto de Marcela. — Para de besteira, um dia só não vai fazer você perder seu emprego!

— Quem dera se só isso fosse capaz de me fazer perder meu emprego. — ela suspira.

— Como assim?

— Nossa vez. — ela aponta para a fila, que andou. Escolhemos nosso pedido, aguardamos e logo achamos uma mesa.

— Explica direito esse lance de perder emprego. — digo antes de dar uma bela mordida na delícia em minhas mãos.

— Meu pai quer que eu procure por uma profissão de verdade e o Rick está enchendo meu saco, pois não gosta de ver minhas fotos de biquíni.

— Você e o Rick nunca assumem esse relacionamento complicado de vocês. — digo, pois desde quando fui embora eles estavam na mesma situação.

— Acho que estamos começando a nos entender. — ela diz.

— Vocês são muito complicados!

— Olha quem fala. — ela implica. — Mas agora me conta o que aconteceu.

— Antes que eu fale alguma coisa, preciso que me conte o que aconteceu com Miguel enquanto estive fora.

— Por que isso agora, Luna? Você nunca perguntou por ele.

Conto a ela que agora sou vizinha de Miguel e como nosso encontro terminou.

— Você o beijou?! — ela diz sorrindo.

— Não, ele que me beijou! — retruco

— E você correspondeu. — ela acusa.

Sim, eu correspondi, porque, por mais que eu queira negar, ainda o amo, mas não posso ficar com alguém que é capaz de me trair da forma que ele fizera.

— Não posso perdoá-lo, Marcela. — digo meu pensamento em voz alta.

— Você nunca tentou, amiga. — ela segura minha mão. — Sei que a mágoa vai muito além da traição. Tudo se resume ao fato de vocês terem perdido a virgindade juntos e, na manhã seguinte, você encontrar uma garota nua ao lado dele.

Ouvir isso saindo da boca de outra pessoa faz com que me sinta ainda mais idiota por tudo que aconteceu.

— Eu sou uma fraca por ainda amar alguém assim. — concluo.

— Não, você é uma pessoa boa e apaixonada. Mas já que esse amor não foi embora, deveria começar a pensar no perdão.

— Eu não posso... E agora também tem o Henry. — explico.

— Luna, você é minha amiga e, se me permite dizer, o Henry é um fofo que te adora, mas noivar com ele foi um grande erro. Você não o ama e, com o tempo, vocês dois irão sofrer com esse relacionamento, pois não esqueceu o Miguel. E depois do casamento com o Henry, como vai ser?

Quer ser traída novamente?

Choque.

Nunca pensei em ouvir isso da Marcela.

— Você nunca me disse isso antes.

— Porque eu não queria te magoar, mas você precisa saber de uma coisa. — ela respira fundo e prossegue. — Não fiquei na cola do Miguel, no entanto, estava sempre ao lado do Rick... Luna, até onde sei, Miguel tem esperado por você todos esses anos.

— O que, como assim? — indago confusa, esquecendo a reprimenda que Marcela acabou de me dar.

— Ele não teve nenhum tipo de relacionamento amoroso. — ela diz, deixando-me surpresa.

— Você tem certeza?

— Como eu disse, não fiquei na cola dele, mas ele é sempre zoadado pelos caras por causa disso.

Marcela me deu muito no que pensar agora, seria possível?

Ele manteve a promessa?

Como alguém espera por outra pessoa por cinco anos quando nem ao menos sabe se o outro seguiu sua vida ou não? Eu pude sentir durante o beijo com Miguel que ele ainda tem sentimentos por mim; senti aquela mesma conexão de quando namorávamos, mas já ouvi várias pessoas dizendo que, mesmo amando, foram capazes de trair.

A questão é saber se estaria disposta a perdoar Miguel por sua traição.

Entretanto, não posso jamais esquecer que agora há uma terceira pessoa nessa história, que com certeza não merece sair magoado.

Terminamos de comer em silêncio e logo depois começamos a bater perna pelo shopping para mobiliar minha casa. Compramos de tudo, desde móveis até lençóis de cama. Sei que minha mãe iria adorar fazer isso comigo, mas ela está ocupada com a viagem de férias com meu pai. Agora que tio Gustavo e tia Sophie retornaram, meu pai irá deixar a empresa com meu tio e tirar suas férias, e eu não queria atrapalhar os planos deles. Despedimo-nos antes que eu saísse para o apartamento de Henry; eles voltam em quinze dias. Heitor vai com eles e, enquanto não me mudo, somos somente Pedro e eu na ilha.

Despeço-me de Marcela no estacionamento e sigo para ilha. Tudo que quero agora, é um banho e dormir. Coloco o monte de sacolas no porta-malas e estou colocando o cinto de segurança quando meu celular toca com uma mensagem de Henry.

Que tal estrearmos meu sofá novo com uns amassos e assistindo a um filme?

Respondo antes de começar a dirigir.

Não espero pela resposta dele. Coloco o celular de volta na bolsa e saio do shopping. O caminho até a ilha é calmo; pelo horário não tem muitos carros na rua, então a viagem é rápida.

Em casa, estou sozinha. Pelo jeito Pedro já saiu, então é só tomar banho e dormir. Estou passando pela cozinha quando um envelope vermelho em cima da bancada da cozinha chama minha atenção. Meu nome está escrito nele e quero muito dizer que não reconheci a letra, mas sei que é a de Miguel.

Abro o envelope e encontro dois ingressos da *Six Immortal*.

Não há nenhuma mensagem, mas obviamente o ingresso é um convite. Deixo os ingressos em cima da bancada e vou para meu quarto. Preciso tomar um banho e clarear meus pensamentos, não posso tomar nenhuma atitude impensada e correr o risco de fazer besteira.

No entanto, após o banho, o impulso de colocar uma roupa e ir assistir a esse show é mais forte que tudo. Pego meu celular e penso em ligar para Marcela, mas depois da tarde que tivemos ela provavelmente está cansada.

Tenho certeza de que uma pessoa em especial vai estar no show. Isabel.

Vai ser muito bom falar com ela, afinal, temos alguns assuntos para colocar em dia. Disco seu número e ela atende no primeiro toque.

— Oi, Luna! — ela diz animada. — Fiquei sabendo que recebeu ingressos para o show, mas fique sabendo que são dois. Entretanto, o segundo não é para seu noivo; é para qualquer pessoa, menos para ele! — Isabel será sempre Isabel.

— Sim, eu recebi. Podemos nos encontrar? — digo evitando pensar em Henry.

— Só se você confirmar que vai!

— Eu vou. — respondo firme.

— Ah, que tudo! Então, te espero lá na marina em meia hora. Tomamos um suco e depois vamos para a casa de show! Mas sem o noivo, Luna.

— Combinado. — encerro a ligação e vou direto me arrumar.

Sinto-me culpada por não poder levar Henry, mas sei que ele não iria aceitar eu ir ao show e, com toda certeza, não iria comigo.

≡≡

— Não acredito que você vai mesmo! — Isabel diz assim que entramos na lanchonete.

— Nem eu.

— Ah, para com isso, você vai se divertir. — ela diz, entrando em minha frente. — Promete que vai aproveitar. — ela segura minha mão.

— Eu prometo. — respondo sorrindo. — Mas quero saber como você está também, quero

colocar o assunto em dia.

A expressão de Isabel não é mais tão alegre quanto antes e percebo seus olhos lacrimejarem quando nos sentamos e fazemos nosso pedido.

— O que está acontecendo, Bel? — pergunto preocupada.

— Muita coisa, Luna, e eu não tenho ninguém para contar.

— Tem agora.

Ela me olha séria, seus olhos cheios de lágrimas e começa a falar.

— Você deve saber que fiquei doente logo depois que você foi embora.

— Sim, minha mãe me contou. Eu quis muitas vezes visitar você, mas mamãe disse que você estava recebendo tratamento e que estava melhorando... — ela me interrompe.

— Não... Tudo bem, eu entendo que você precisava de um tempo. Obrigada por se preocupar. Mas isso é passado, Luna, é meu presente que tem sido uma grande merda.

— Não fale assim, querida... — paro de falar quando a garçonete volta com nosso suco; a menina simpática nos serve e sai em silêncio.

— É a verdade, Luna. Não sei se sabe, mas Luca e eu namoramos por alguns anos até que eu descobri algo sobre ele. — ela faz uma pausa, suspirando triste e continua. — Eu... Eu tentei ajudá-lo, juro que tentei, mas não consegui. — lágrimas descem por seu rosto.

— Às vezes, não conseguimos ajudar quem não quer ajuda, Bel. — digo tentando encorajá-la.

— Acho que sim. No entanto, ele seguiu em frente e isso está me matando.

De coração partido eu entendo.

— A única coisa que você pode fazer é seguir sua vida. — passo a mão em seu rosto, secando suas lágrimas.

— Assim como você fez? — ela choraminga.

— Sim, assim como eu fiz.

— A diferença é que meu irmão é inocente, Luna.

Respiro fundo.

— Não foi o que vi naquele dia, Bel, mas estamos aqui por você, então não vamos mudar de assunto. — fico emocionada e digo com a voz embargada. — Eu sei muito bem o que é precisar de uma amiga e não ter uma, então quero ser essa amiga para você. Eu não pude te ajudar no passado, mas agora estou aqui.

— Eu agradeço de coração, Luna.

— Eu que agradeço por confiar em mim. — digo, não questionando os motivos que levaram Bel à anorexia e ao término com Luca. No momento certo, ela vai dizer.

Secamos nossas lágrimas e sorrimos; ao ficar de pé, abraçamo-nos. Sei muito bem que Isabel tem um irmão, mas perdi muita coisa enquanto estive fora e quero ser para ela como uma irmã agora.

— Vamos? — ela pergunta ficando animada de novo e eu assinto.

≡≡

A entrada da casa de show está lotada. Mas, como estou com a irmã do vocalista, nem mesmo paramos na fila. O que me incomoda é o tanto de fotógrafos e jornalistas na entrada. Imediatamente Isabel e eu somos abordadas e lembro-me de quando minha mãe disse que isso iria acontecer. Em Londres não precisava me preocupar com isso.

— Senhorita Medeiros, como está sendo seu retorno ao país? — uma mulher estende um gravador em minha direção.

— Estou bem. — respondo meio desconcertada e Isabel vem em meu favor.

— Sem perguntas, pessoal, minha prima acabou de chegar. — e assim ela me tira do meio dos fotógrafos.

— Não gosto muito disso. — digo para Bel, enquanto seguimos para a área vip.

— Melhor você se acostumar, Luna, já saí na coluna de fofocas por ter sido fotografada em uma farmácia comprando absorventes. — ela diz de forma tediosa. — Aprendi a lidar com eles durante os anos em que a empresa foi crescendo. E, agora, com Miguel na banda, sei que eles vão cair em cima de todos nós.

— Não sei como vou lidar com isso. — digo.

— Você se acostuma. — ela dá de ombros.

Sigo Bel e percebo os olhares masculinos que ela obtém. Isabel se tornou uma linda mulher, com seus longos cabelos pretos. Ela escolheu, para essa noite, um vestido ousado e chamativo, com cores vibrantes, colado ao corpo, mostrando suas curvas.

Automaticamente, olho para minha roupa. Na correria, peguei o primeiro vestido que achei; um modelo tomara que caia acima dos joelhos, estampado com formas geométricas. Meu cabelo está solto, já que não tive tempo para fazer nada nele. Mas também eu não tinha porque me arrumar; só vim curtir o show.

Peço um refrigerante quando chegamos à área reservada e Isabel pede um coquetel.

— Você tem certeza que pode beber? — pergunto não querendo dar uma de chata.

— Essa noite eu posso tudo! — ela grita por causa da música alta.

Isabel vai falar com alguns conhecidos, e fico perto do guarda-corpo. Logo estão anunciando que a banda vai entrar. Nesse exato momento, sinto um frio congelante na barriga.

Isabel volta para o meu lado, mas minha atenção está focada no palco e quase perco o ar

quando ele caminha para o centro do palco sob os aplausos das pessoas.

Por seu caminhar hesitante, posso dizer que ele está nervoso, mas Miguel não deixa transparecer. Pega o microfone confiante e começa a interagir com o público.

Estou tão orgulhosa dele!

Depois que Miguel faz as apresentações, eles começam a tocar e fico feliz ao perceber que é uma das músicas do meu tempo e que conheço toda a letra. Quando percebo, a voz de Miguel já está preenchendo todo ambiente e, pelo olhar das pessoas, posso dizer que estão maravilhadas.

Fecho meus olhos, absorvendo e admirando a voz apaixonante de Miguel.

Esse é um daqueles momentos em que a voz de Miguel me envolve de uma forma que nunca soube explicar. Pensei que, talvez, isso pudesse ter mudado, mas vejo que estou completamente enganada.

Quando a música acaba e abro meus olhos, encontro o olhar de Miguel fixo em mim. Sinto meu coração falhar uma batida e, nesse momento, sinto todas as barreiras que levantei durante todos esses anos ruírem uma a uma.

Estou ferrada.

Capítulo XVI

Luna

A apresentação da *Six Immortal* foi um verdadeiro show. Com certeza, depois de hoje, eles vão ganhar mais fãs. Quando o show acabou, tentei ir embora, mas Isabel, que em minha opinião bebeu mais do que deveria, arrastou-me para os bastidores.

Não queria ir, mas não posso deixá-la andar sozinha da forma que está.

— Por que bebeu tanto, Bel? — questiono quando passamos pelos seguranças dos bastidores.

— Preciso esquecer que o Luca tem outra. — ela para de andar e começa a chorar.

— Ah, Bel, não fica assim, você vai superar. — digo tentando animá-la.

— Eu sei que não vou. Quero morrer, Luna! — quando Bel diz isso, sinto muito dó dela, pois sei exatamente pelo que ela está passando.

— O que está acontecendo? — sou surpreendida pela voz de Miguel atrás de mim.

— Ah, os pombinhos agora podem ficar juntos, que eu vou atrás do Luca! — Bel diz, passando por mim. No entanto, é impedida por Miguel.

— Você está bêbada? — ele pergunta com raiva.

— Só um pouquinho. — Bel responde corajosa, com o rosto molhado pelas lágrimas.

— Você não vai atrás de ninguém, vai embora comigo agora!

Miguel tenta puxar Bel pelo braço, mas o movimento brusco acaba fazendo ela se debruçar e começar a vomitar.

— Não acredito nisso, Isabel! — ele diz com mais raiva ainda.

— Miguel, relaxa, eu cuido dela. — digo tentando amenizar o clima entre eles.

— Não quero nenhum de vocês, quero meu amor! — Bel diz quando consegue ficar em pé.

Aproximo-me mais dela e seguro seu rosto.

— Bel, vai para casa, amanhã você vai se arrepender tanto disso.

— Ela não pode ir para casa assim, meu pai ficaria desapontado. — Miguel diz, olhando para Isabel, que abaixa o olhar para o chão.

— Posso levar ela para a ilha e você avisa que ela está comigo. — digo tentando ajudar.

— Você veio de carro? — ele indaga com aquele olhar doce.

— Na verdade, vim de carona com ela. — olho para Bel que nesse momento está quase caindo de sono apoiada no ombro de Miguel.

— Eu levo vocês, então.

— Não! — respondo o mais rápido que consigo.

Miguel me olha sério e nada diz; apenas pega a irmã no colo e segue para fora da casa de show. Graças a Deus não há nenhum repórter agora. Paramos no estacionamento, pego a chave do carro na bolsa da Bel, e Miguel a coloca deitada no banco traseiro.

— Eu prometo cuidar dela. — digo ao Miguel.

— Eu vou levar vocês. — diz convicto.

— Eu não acho uma boa ideia, Miguel. — ele se aproxima de mim e fica bem perto do meu rosto.

— Eu não mordo, Luna. — ele está tão perto que sinto sua respiração em meu rosto. — E ela é minha irmã, eu cuido dela sempre.

Eu dou um passo para trás e entrego as chaves a ele. Entro no carro, sentando no banco do carona em silêncio, enquanto observo Miguel dar a volta e sentar ao meu lado.

Mais um grande erro, Luna!

Ouçó claramente quando meu pensamento grita. A situação é que, por mais que eu queira,

não consigo parar de cometer esses erros. No entanto, Isabel precisa de ajuda agora e não posso negar isso.

Assim como não posso negar que o irmão a ajude.

Mas preciso lembrar a mim mesma que preciso negar a todo custo esse sentimento por um homem que me traiu e magoou-me profundamente. Miguel pode ser meu grande amor, mas esse amor eu não posso aceitar. Entretanto, ele é família e aprendi desde nova que família é família.

A viagem é silenciosa e, quando chegamos, ajudo Miguel a deitar Isabel em minha cama. Bel apagou totalmente. Miguel sai do quarto e começo a tirar as roupas dela; viro-a de lado e cubro-a com o edredom. Quando saio do quarto, encontro Miguel parado no corredor.

— Pensei que já estivesse longe agora. — digo mal-humorada, passando por ele, e vou em direção ao quarto de Pedro, que já está dormindo.

— Tenho certeza que você não queria isso. — e tenho certeza de que ele só diz isso para me irritar.

Sigo para a cozinha com Miguel atrás de mim. Pego uma água na geladeira e estendo um copo em sua direção.

— Você não deveria estar em alguma festa de comemoração agora? — indago curiosa.

— Deveria, mas minha irmã precisa mais de mim agora. — ele diz sério.

— Ela vai superar.

Miguel parece entender minhas palavras e percebo quando ele engole em seco e seu olhar se torna distante.

— A peguei de biquíni sentada no colo de um cara, Luna. Minha irmã não é assim. — ele responde triste.

— Eu vou ajudá-la. Bel está precisando de uma amiga e ela vai poder contar comigo agora, Miguel.

— Amo quando ouço você dizer meu nome. — ele diz, pegando-me desprevenida.

Vejo seu olhar triste mudar para algo mais urgente. Ele começa a caminhar lentamente em minha direção, enquanto dou alguns passos para trás, parando encurralada pela pia. Ele se aproxima e seu corpo está a poucos centímetros de mim. Miguel inclina seu rosto em minha direção e beija minha bochecha.

— Obrigada por me ajudar a cuidar da Bel. — ele diz com a voz rouca e, quando se afasta, solto a respiração que estava prendendo.

Sou fraca, eu sei.

Estou há uma semana no Brasil e já sinto que minha vida está uma verdadeira confusão. Não posso simplesmente deixar que Miguel me beije e, depois, só me sentir culpada. Preciso fazer algo

além disso.

— Miguel, precisamos conversar. — digo firme e ele me encara, sério. — Você não pode ficar me beijando.

— Eu não fiz nada. — ele diz com cinismo.

— Miguel, por favor...

— Por favor digo eu, Luna, você está tentando negar o inevitável. — ele murmura baixo.

— É só um pedido que quero que você respeite. Como você disse mais cedo, somos família; te evitar vai ser impossível, mas preciso que você me respeite. — concluo.

Ele sorri, mas não é aquele sorriso feliz; é um que nunca tinha visto antes. Um sorriso triste, que não alcança seus olhos. E não sei bem explicar, mas me dói.

— Houve um tempo em que você implorava por meu beijo. — ele diz, olhando em meus olhos.

Miguel ainda está perto demais e tento passar por ele, entretanto, sou impedida por sua mão em minha cintura.

— Eu amo tanto você, Luna. — seus olhos estão marejados e, em suas palavras, posso sentir toda sua angústia.

— Miguel, para. — eu tento em vão.

— Parar com o quê? Não posso evitar te amar, Luna, e mesmo que eu quisesse, não consigo. — sua voz está embargada, meu coração dói, mas não posso esquecer o que ele me fez no passado.

— Mas você precisa!

— Só porque você tem alguém agora, porque não cumpriu nossa promessa? — ele sussurra em meu ouvido.

— Você a quebrou primeiro, Miguel. — sussurro de volta para ele.

— Até quando vou ter que dizer que não dormi com ela?! — ele diz, exaltado, e aproveito para me livrar do seu toque, passando por ele.

— Até você lembrar o que realmente aconteceu naquela noite. — caminho para a sala. — Agora, por favor, vai embora. Amanhã preciso trabalhar.

— Essa conversa ainda não acabou, Luna. — ele insiste.

Miguel caminha para a porta e sai sem olhar para trás.

Fecho meus olhos, tentando me acalmar e colocar os pensamentos em ordem. *Amo-o tanto. Preciso dele perto de mim.* Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Não posso cogitar a ideia de voltar com Miguel. Nunca me perdoaria por causar essa dor a Henry e, além do mais, estou mesmo disposta a deixar meu orgulho de lado e perdoar a traição de Miguel?

Vou para o quarto dos meus pais e deito na cama deles. Com todos esses pensamentos, é

impossível não chorar e lamentar o que fiz e o que estou fazendo com minha vida. Meu maior problema é que, agora, não é somente minha vida.

Posso ser egoísta a ponto de não pensar na outra pessoa que pode sair magoada dessa história?

≡≡

Na manhã seguinte, ajudo Isabel a se vestir e deixo-a em segurança em casa, prometendo que a encontraria mais tarde. Sigo direto para a empresa; preciso pegar os livros e arquivos da contabilidade para começar meu trabalho.

Sou recebida pela secretária do meu pai e encaminhada para Deborah Salazar, a advogada que está ajudando Henry a se instalar na empresa.

— É um prazer finalmente conhecer a filha do chefe. — ela diz simpática quando aperta minha mão.

Deborah é linda, magra, alta e ruiva dos olhos azuis. Se eu tivesse ciúme de Henry, até poderia ficar preocupada em ela estar trabalhando com ele.

— O prazer é meu, Deborah. — respondo sorrindo. — Você pode me levar até o Henry? Ainda não conheço nada aqui. — digo sem jeito.

— Claro! — seguimos em silêncio até o terceiro andar e Deborah me apresenta a Marina, a estagiária designada para trabalhar com Henry.

— A senhorita pode entrar. — Marina informa e abre a porta.

Encontro Henry de costas, observando a paisagem pela janela.

— Tudo bem? — pergunto, abraçando-o por trás.

No entanto, sou surpreendida quando ele tira minhas mãos de entorno da sua cintura e passa por mim em silêncio.

— O que está acontecendo, Henry? — pergunto confusa.

Ele senta em sua poltrona confortável e atira o jornal em minha direção.

— Me responde você, Luna.

Olho para ele sem entender e pego o jornal em cima de sua mesa. De início, não acho nada, mas quando olho o fim da primeira página, do lado esquerdo, tem uma foto minha e de Isabel.

Herdeiras do conglomerado M&A prestigiam a estreia a banda Six Immortal da qual Miguel Medeiros faz parte. Pág.13.

— Você estava cansada para passar uma noite comigo, mas não com ele, não é? — ele indaga firme, mas pelo que conheço de Henry, ele está decepcionado comigo.

— Eu não passei a noite com ele, Henry. — explico melhor. — Eu recebi o convite de última hora e decidi ir.

— Por que não me avisou, Luna? — ele fica de pé.

— Preciso de permissão agora? — respondo irritada.

— Luna, não coloque palavras em minha boca. Quando sua noiva troca você pelo antigo namorado, não é bom sinal.

— Eu não troquei ninguém! — grito, irritando-me ainda mais.

— E por que está tão nervosa? — Henry sempre foi o cabeça da nossa relação; sempre foi mais calmo e acalmou-me quando estava nervosa. — Culpa? — ele insiste.

— O que você quer dizer, Henry?

— Você me traiu? — ele é direto.

Sinto uma dor enorme em meu peito. *Traição*. Culpo Miguel e não o perdoo pelo o que ele fez comigo, mas eu fiz a mesma coisa com Henry. *Sou uma traidora*.

— Eu não acredito nisso, Luna!

— Henry, não...

— Eu pedi que fosse sincera comigo, Luna. — ele me olha desesperado. — E tudo o que você fez foi me trair.

— Eu não tive a intenção, Henry. — digo já com lágrimas nos olhos, aproximando-me dele. Mas Henry se afasta de mim e isso dói.

— Como se trai sem intenção, Luna? — ele diz com a voz embargada.

Meu Deus! Estou o fazendo sofrer, Henry não merece isso.

— Ele me beijou. — confesso em desespero. — Mas isso não vai mais se repetir. — tento me aproximar novamente e abraço-o, desesperada. — Me perdoa, Henry. — peço chorando.

— Você não quer o meu perdão, Luna. — ele diz triste.

— Quero sim, Henry. Eu não fiz de propósito; simplesmente aconteceu. Ontem foi um erro ter ido ao show, mas não aconteceu nada. — decido contar a verdade de uma vez. — A casa que comprei é ao lado da casa do Miguel; ele estava lá quando fui assinar o contrato, pediu para conversar e ele acabou me beijando. — confesso envergonhada.

— Vocês são vizinhos? — Henry pergunta, afastando-se.

— Não por opção. — seco as lágrimas em meu rosto.

— Eu... Quando você me contou que estava voltando, eu sabia que poderia te perder, mas nunca passou pela minha cabeça que pudesse ser tão rápido. — ele diz triste e cabisbaixo. — Uma semana, Luna, foi só uma semana e eu já te perdi.

Saber que sou a responsável pela dor de Henry e que há uma possibilidade de perdê-lo, assusta-me. Henry sempre esteve lá para mim. Se eu abrir mão dele, como vai ser? Nos últimos cinco anos, Henry tem sido um amigo indispensável; meu carinho por ele é enorme e pensar que ele

não vai ser mais meu companheiro, meu amigo, dói. Ele é o meu porto seguro. Quando eu precisar, é só correr para os braços dele, pois sei que estarei protegida. Não posso ficar sem ele, ele é o meu melhor amigo.

— Não me deixe, Henry. — peço sem saber mais o que dizer.

Henry respira e fundo e volta a olhar pela janela.

— Preciso de um tempo para processar tudo isso, Luna.

— Eu... Eu posso entender isso. — digo a ele, que nem mesmo olha em minha direção.

— Gostaria que você me deixasse sozinho agora.

— Mas, por favor, eu te imploro não me deixe.

— Luna, por favor, só vai embora. Depois conversamos. — ele diz sem olhar para mim.

— Tudo bem. — caminho até ele e, na ponta dos pés, beijo seu rosto.

Saio do seu escritório e vou direto para o primeiro banheiro que encontro; tranco a porta e caio no choro.

Henry não merece nada disso; não tenho o direito de fazê-lo sentir dor. Depois de tudo isso, preciso colocar minha vida em ordem e seguir aquilo que já está decidido. Não posso me dar ao luxo de tentar reviver algo que não deu certo no passado.

Capítulo XVII

Miguel

Sair daquela ilha sem tocar em Luna foi torturante em todos os sentidos, porque, por mais que eu queira dizer que ela ainda me ama, depois de suas palavras, começo a questionar se ela

realmente sente alguma coisa por mim. Talvez Henry tenha conquistado seu coração e eu sou o único tolo da história, acreditando que ainda pode existir um final feliz.

No entanto, parece que meu “*para sempre*” com a Luna está se tornando cada vez mais distante.

O show foi um sucesso e posso ver nitidamente que a banda vai conquistar aquilo que tanto sonhou. Ao que parece, minha vida profissional está se solidificando. Então, por que ainda sinto esse vazio dentro de mim? Meu pai me ensinou que um homem vai muito além de sua vida profissional, que ele precisa ter uma família ao seu lado para ser completo.

Luna sempre me completou e, depois que ela se foi, uma parte de mim foi com ela. Desde que ela voltou, tenho insistido em nós; já até consegui um beijo, mas nada faz com que ela abaixe a guarda e pergunto-me se em algum momento ela irá abaixar.

Será que esperei por Luna durante todos esses anos para, no fim, não conseguir nada?

Hoje estou de folga e tirei o dia para verificar o trabalho final da decoradora. A mansão ficou linda e, pelo que me lembro do gosto de Luna, ela também vai gostar do resultado final.

Passei em casa para ver como Isabel estava e pegar minhas malas, que já estavam prontas. Meus pais choraram, mas não é como se eu fosse sumir da vida deles. Bel também chorou e pediu desculpas por ontem à noite. Espero de verdade que a nova amizade dela com Luna a faça entender melhor as coisas.

Já é noite quando estaciono o carro em frente a minha nova casa. Vejo de relance Luna entrando em sua casa. Saio o mais rápido que posso do carro. Tenho de aproveitar o momento e falar com ela. Paro em frente a sua porta e toco a campainha, mas, para minha surpresa, quem atende é Henry.

Ele não diz nada, enquanto me olha e o silêncio só é quebrado quando Luna aparece atrás dele.

— Quem é, amor? — nunca na minha vida pensei que escutar isso poderia machucar tanto alguém como acaba de me machucar.

— Seu primo, querida. — Henry responde sarcástico.

— O que você quer, Miguel? — ela indaga, parando ao lado dele.

— Quero falar com você. — respondo, olhando em seus olhos.

— Acho que você não tem nada que falar com minha noiva, Miguel. — Henry entra na conversa.

— E acho que ela pode responder por si mesma. — digo, mas parece mais um rugido que sai da minha boca.

Henry me olha irritado e dá um passo à frente. Fico onde estou quando, de repente, ele ergue

os punhos, acertando-me um soco.

— Henry! — escuto Luna gritar assustada.

Tudo que menos quero é brigar e assustar Luna. No entanto, quando Henry se aproxima pronto para me socar novamente, reajo fechando meu braço em defesa e esquivando.

— Isso é por beijar minha noiva! — ele diz partindo para cima novamente.

Fico tão desnorteado por ele saber sobre o beijo que Henry me pega desprevenido e acerta outro soco em meu queixo.

Inferno!

Cambaleio para trás e Henry vem em minha direção. Ele tenta me socar mais uma vez e desvio, pegando seu braço, prendendo-o atrás de suas costas. Ele tenta se soltar e prendo-o em um mata leão.

— Você está maluco se pensa que vou entregar a Luna de bandeja para você! — ele grita.

— Isso não tem nada a ver com você, é um assunto meu e dela! — vocifero, soltando-o com um empurrão.

— Você é um idiota se pensa dessa forma. Sou o noivo dela, Miguel. Entenda isso: *NOIVO!* Quando você a perdeu, deu espaço para que outro entrasse na história. — ele diz com sarcasmo.

— Esse noivado não vai durar muito. — respondo com desdém.

Henry me olha com mais raiva ainda e joga na minha cara algo que eu não esperava:

— Tem certeza? Porque hoje de manhã Luna me implorou para não a deixar. — ele diz vitorioso, enquanto Luna, com um olhar assustado, para ao lado dele.

Minha vontade é de gritar que ele é um mentiroso filho da puta, mas a expressão no rosto de Luna me diz que o que acabei de ouvir é real.

Juro que não sei o que fazer. Estou diante da minha ex-namorada, com seu atual noivo. Em minha boca, sinto gosto de sangue, enquanto ele me diz que hoje pela manhã ela implorou para que ele não a deixasse.

Fodido.

É assim que me sinto.

Não quero exagerar ou fazer drama, mas também me sinto traído.

Luna me deixou anos atrás porque acreditou que eu a trai e nunca entendi bem como seria esse sentimento de traição, até agora. Minha história com Luna é antiga demais para que ela escolha outra pessoa ao invés do nosso amor.

Mas, ao que parece, ela teve a oportunidade de escolher e implorou para que o noivo não a deixasse.

ACABOU.

Mas não porque eu desisti; acabou porque Luna já fez a escolha dela.

Olho para ela, que segura a mão de Henry firmemente, e depois olho para o homem que roubou o coração da minha amada.

— Peço desculpas pelo beijo. — consigo responder sem deixar transparecer meus sentimentos. — Aos dois. — digo, olhando-os.

Aceno e saio do jardim de Luna sem olhar para trás. Caminho até meu carro, pego minhas malas e entro na mansão em silêncio, enquanto sinto que gritos de dor são proferidos do meu interior.

Nunca, nem mesmo quando escutei aquela conversa de Luna com as amigas, eu pensei em desistir de nós. A não ser por agora. O que é uma grande ironia, pois nem mesmo tive a oportunidade de desistir por conta própria, já que fui forçado, uma vez que ela fez sua escolha.

— O que me resta agora? — indago para o vazio da mansão.

≡≡

Na manhã seguinte, tudo que há dentro de mim é dor. Minha noite foi um inferno, não dormi direito e o pouco que cochilei, sonhei com Luna dizendo adeus.

Estou parado em frente à janela do meu quarto, observando a chuva cair torrencialmente, quando vejo Henry entrar no seu carro e sair sozinho. Penso em ir até ela, mas fico onde estou. Acabou. Chega. Sempre criei a expectativa de voltar com Luna quando ela voltasse ao Brasil.

Ela voltou, mas não veio sozinha e já fez sua escolha. Agora só cabe a mim respeitar.

Vou para o banheiro e tomo um banho. Decido fazer a barba e até arrisco a passar a máquina no cabelo; não sei por que o deixei crescer tanto. Refaço o curativo do queixo, que está um pouco inchado, e desço para comer alguma coisa quando a campainha toca.

Estranho, não estou esperando ninguém.

Ao abrir a porta, assusto-me ao ver Luna parada, olhando-me preocupada.

— Você está bem? — indaga baixo e abro mais a porta para que ela entre e saia da chuva.

— O que faz aqui, Luna? — pergunto quando ela passa por mim.

— Eu só queria saber se você está bem. — ela dá de ombros.

— Depois que seu noivo foi embora? — pergunto sarcástico. — Muito conveniente.

— Você é meu primo, Miguel, só quero saber se está bem. A tia Sophie ficaria muito triste se soubesse que eu não te ajudei quando você precisou. — ela se aproxima e toca em meu queixo.

Deveria ser proibido ver e ser tocado por quem você ama quando não existe a possibilidade de a outra pessoa querer o mesmo.

Esquivo do seu toque com medo do que ele pode causar em mim.

— Estou bem. — respondo frio e continuo. — Não precisa se preocupar comigo, somos família, mas não sou responsabilidade sua.

— Tudo bem, eu já vou. — ela passa por mim e seu cheiro delicioso fica. Inspiro o ar, tentando remotamente ter lembranças de um passado onde Luna era minha.

Quando percebo, as palavras já saíram da minha boca.

— Você é tudo que eu sempre quis, Luna, como pôde me deixar assim?

Ela para de andar automaticamente e está de costas quando responde.

— O tempo nos afastou.

— Não, Luna, você se afastou. — digo, aproximando-me dela. — Tudo que eu fiz foi esperar por você. — sussurro quando paro bem atrás dela.

— Eu nunca pedi isso. — ela diz baixo.

— Não, mas nossa paixão é antiga e algumas palavras não foram ditas. — tento segurar sua mão, mas Luna não deixa. Ela abre a porta e sai na chuva, mas eu vou atrás.

— Luna! — eu a chamo e ela para de andar, virando-se em minha direção.

A chuva cai sobre nós, entretanto, não é empecilho para que eu cante para ela.

Pro tanto que eu te queria, o perto nunca bastava

E essa proximidade não dava

Me perdi no que era real e no que eu inventei

Rescrevi as memórias, deixei o cabelo crescer

E te dedico uma linda história confessa

Nem a maldade do tempo consegue me afastar de você.

Não consigo distinguir as lágrimas de Luna na chuva, mas sei que ela está chorando. Fico extremamente surpreso quando ela caminha até mim, olha dentro dos meus olhos e beija-me.

Não faço outra coisa a não ser corresponder. Mesmo depois de ela ter quebrado meu coração há poucas horas. Não há nada nesse mundo que eu não faça por Luna e se, nesse momento, ela deseja me beijar, sou completamente dela.

Seguro-a em meus braços e tiro-a do chão. Volto para a mansão com Luna e sigo até meu quarto. Coloco-a de volta no chão e ajoelho-me em sua frente. Seu olhar não deixa o meu por nenhum segundo e é pensando que, talvez, ainda exista um *nós*, que sabotou a calça jeans de Luna e desço-o por suas pernas; não sem antes deixar um beijo em sua coxa. Ajudo-a a tirar a peça e fico de pé, fazendo o mesmo com sua regata.

Luna está parada em minha frente somente de lingerie. Dou um passo para trás e, sob seu olhar, livro-me das minhas roupas encharcadas. Até mesmo da boxer. Não passa despercebido por mim quando Luna cora ao me olhar. E esse simples fato é capaz de fazer meu coração bater freneticamente. Mesmo ansioso, fico onde estou e Luna me surpreende ao tirar ela mesma sua lingerie e, nesse momento, não consigo pensar em mais nada, a não ser em tê-la em meus braços.

— Tão linda... — sussurro quando toco seu rosto e beijo seus lábios levemente.

Envolvo a cintura de Luna e deito-a lentamente em minha cama. Meus lábios buscam os dela novamente e nossas línguas se tocam, tornando o beijo casto em algo mais fervoroso. Algo mais sexy. Levo meus lábios até seu pescoço, onde minha língua toca, fazendo Luna gemer baixinho. A última mulher com quem estive fora Luna e estar com ela novamente é algo que sempre esperei.

Desço até seus seios e tenho em resposta um gemido mais alto clamando por meu nome. Luna é sensível e aproveito-me disso para tocar seus mamilos de todas as formas possíveis. Lambo cada parte do seu seio, dando a atenção merecida, deliciando-me. Quase gozei só por ouvi-la gemer meu nome.

Em um movimento rápido, levanto, ficando de joelhos na cama; viro o corpo de Luna de bruços, deixando sua bunda empinada em minha direção. Curvo-me sobre ela, encaixando meu membro em sua bunda, enquanto beijo e passeio minha língua por sua nuca e costas. Luna empina mais ainda sua bunda em minha direção e quase perco o controle, penetrando-a de uma só uma vez.

— Assim você me deixa louco, Luna... — sussurro em seu ouvido.

— Por favor, Miguel... — ela implora, tornando tudo mais real.

— Preciso apreciar mais você, meu amor. — desço minha língua por todas suas costas e beijo sua bunda arrebitada.

Luna volta a gemer baixinho, enquanto beijo e toco sua linda bunda. Aperto com vontade as duas partes e passo a língua pela divisão de baixo para cima, o que deixa minha garota louquinha.

— Miguel... — ela diz quase sem fôlego e sei que chegou o momento certo.

Viro Luna de frente para mim. Seus olhos estão fechados, suas bochechas coradas e os cabelos desgrehados. A mulher mais bela que já vi em toda minha vida.

— Olhe para mim, Luna. — digo quando deito por cima dela.

Ela obedece no mesmo instante, e começo a entrar nela lentamente. É quase uma tortura, mas não posso arriscar perder o controle agora. Luna fecha os olhos quando estou completamente dentro dela e percebo quando prende a respiração.

— Abra os olhos, baby. — digo, beijando seus lábios. — Tão apertada... — digo, começando a me mexer dentro dela.

— Ahhhhh... — Luna geme, deixando-me cada vez mais louco.

Logo criamos nosso próprio ritmo e todo aquele vazio que estava dentro de mim não existe mais. Estou dentro da mulher que amo, tocando-a de todas as formas possíveis e mostrando a ela que não existe nenhum outro homem que possa fazer amor com ela além de mim.

— Você é minha vida, Luna. — aumento mais o ritmo das minhas estocadas e Luna prende suas pernas em minhas costas, dando-me mais acesso a ela.

Ela geme mais alto e morde meu ombro logo depois de gritar meu nome. Ela chegou ao clímax gritando meu nome e isso é mais do que suficiente para eu conseguir fazer o mesmo.

— Luna... — digo, enterrando-me dentro dela uma última vez.

Capítulo XVIII

Luna

Depois que me tranquei no banheiro da empresa para chorar, fiz o máximo que pude para me acalmar e fui trabalhar. Na contabilidade, conheci Vitor, o atual contador da empresa. Peguei os livros de registro e fui embora. Decidi subir a serra para colocar as coisas que comprei no lugar e esperar a entrega dos móveis. Estava abrindo a porta de casa quando percebi que Henry estacionava o carro atrás de mim. Esperei por ele e entramos em casa em silêncio. Como se nada tivesse acontecido, Henry me ajudou a colocar tudo em ordem e receber meus móveis, até arriscou a montar a cama. Com o clima mais leve, conversamos mais calmos, e ele disse que eu não era culpada pelo beijo e que estava tudo bem.

Quando fui ao carro pegar uma bolsa que esqueci, observei o carro de Miguel estacionar e apressei-me para entrar em casa. Logo depois a campainha tocou e Henry foi mais rápido do que eu. Nada me preparou para os acontecimentos seguintes. Fiquei horrorizada ao ver o queixo de Miguel roxo. E mais ainda quando Henry disse aquelas coisas para Miguel; ele não tinha o direito de contar ao Miguel nossa conversa mais cedo e até mesmo de se vangloriar por meu pedido.

Depois que Miguel nos deixou sozinhos, entrei em casa puta da vida com Henry e acabamos

brigando feio. Ele dormiu no sofá, enquanto fiquei na cama que ele mesmo montou. Não dormi muito bem; tudo o que eu queria era ir atrás do Miguel e cuidar dele. No entanto, não parecia muito justo com Henry dormindo na sala. Quando acordei e Henry já tinha ido embora, a primeira coisa que fiz foi ir ver o Miguel.

Porém, nunca pensei que terminaria esse encontro nua na cama dele.

Suas palavras mais cedo me tocaram profundamente, mas foi o que ele cantou que me fez voltar atrás. *Sim*. Eu não posso mais viver dessa forma. Não adianta mais negar que meu coração pertence a ele; que todo meu amor e até mesmo meu corpo são dele.

Céus! Em um ano namorando Henry, nunca consegui ir em frente com ele e, em uma semana, Miguel me tem por inteira. A última vez que ele me tocou, eu era uma garota e fazer amor com ele agora, depois de cinco anos, foi nada menos que maravilhoso.

Miguel está deitado ao meu lado com a respiração mais calma; o lençol de seda azul cobre meus seios e parte da minha barriga, revelando minhas pernas, onde Miguel acaba de traçar uma linha imaginária.

— Não acredito que você está aqui. — ele diz me olhando.

— Nem eu. — respondo ainda um pouco confusa pelos últimos acontecimentos.

Ele se apoia no cotovelo e olha-me sério e sedutor ao mesmo tempo.

— Arrependida?

— Não. — respondo, virando-me de lado para ficar de frente para ele. — Quero saber o que tudo isso significa.

Miguel responde sem hesitar.

— O que disse quando você voltou: quero você na minha vida, Luna. — ele para de falar um segundo e toca meu rosto. — Agora só preciso que você também queira o mesmo.

Fico em silêncio e penso por um segundo no que voltar com Miguel pode causar em minha vida. Pois essa é uma daquelas decisões que não afetam somente a mim. Voltar com Miguel implica em deixar Henry, que é um verdadeiro amigo, contar a minha família e o mais difícil de tudo: perdoar sua traição e confiar novamente.

— Seu silêncio está me matando aqui. — Miguel diz.

Suspiro e sento na cama tendo o cuidado de me cobrir.

— Conversa comigo, Luna. — ele pede fazendo o mesmo.

— Eu... Eu quero você também, Miguel. — digo sem olhar para ele.

— Por que sinto que tem um “mas”?

— Porque sempre tem. — brinco, dando de ombros. — Mas é difícil esquecer o passado. — digo e sei que ele sabe ao que me refiro.

Miguel suspira, passa a mão no rosto e, enfim, começa a falar.

— Olha, eu sinceramente quero seguir em frente com você sem essa sombra sobre nós. Não sei quando vou conseguir provar a você o que realmente aconteceu naquela noite e entendo que é difícil para você voltar comigo com isso sem ser esclarecido...

— Eu sei o que vi, Miguel. — interrompo-o com irritação.

— E eu sei que não dormi com aquela garota. — ele diz convicto. — Esse é um assunto delicado para nós, Luna, e sempre que tocamos nele, corremos o risco de nos magoar. — ele segura minha mão e leva ao seu peito. — Se você está pensando em nos dar uma segunda chance, já fico feliz por isso. Mas quero muito mais do que seus pensamentos, quero de verdade você ao meu lado e só vamos conseguir isso se deixarmos essa parte do nosso passado para trás. — ele finaliza.

— Tudo bem. — respondo de uma vez e recebo um olhar surpreso.

— Tudo bem? — ele pergunta com um sorriso.

Sorrio também.

— Tudo bem.

Miguel sai da cama ainda nu e é impossível não olhar para ele. No entanto, como isso ainda é novo para mim, sinto meu rosto esquentar, um sinal de que estou corando. Miguel para na ponta da cama e indaga.

— Então, você está dizendo que está voltando comigo? — ele pergunta perplexo.

— Você me quer de volta, Miguel? — pergunto, encarando-o e mordendo os lábios.

— Como nunca, você é o que mais quero na minha vida. — responde sério com a voz rouca.

— Então sou toda sua. — respondo tirando o lençol que cobre minha nudez.

Vejo quando ele engole em seco e caminha como se estivesse dando o bote em sua presa.

— Para sempre. — ele diz quando já está próximo a mim e toma meus lábios.

Miguel me faz deitar novamente; sua ereção está roçando em meu sexo. O simples toque é capaz de me deixar louca. Nosso beijo se torna mais ousado e suas mãos me tocam de forma íntima. Miguel deixa meus lábios e segue todo um rastro entre meu pescoço, seios e barriga. Sou surpreendida com um frio na barriga quando percebo Miguel descendo em direção ao meu sexo. Contraio automaticamente quando sinto a ponta de sua língua em meu clitóris e relaxo no momento em que ele faz movimentos de cima para baixo; sua língua está macia e sinto um prazer indescritível com seus movimentos.

Minhas pernas se abrem mais, dando espaço para Miguel, que aproveita o momento para me penetrar com um dedo, enquanto passa a língua bem em cima do meu clitóris em movimentos circulares.

— Ah, Miguel... — é tudo que consigo pronunciar no momento, já que meus pensamentos

estão completamente fora do eixo.

Miguel está praticamente desenhando um oito em meu clitóris, de cima para baixo, fazendo pressão na medida certa e não consigo fazer nada, a não ser gemer cada vez mais alto e descontroladamente. Seus olhos estão vidrados nos meus e, quanto mais ele me chupa, mais grito seu nome. Miguel continua a me penetrar com seu dedo em um movimento reto e não consigo mais pensar em nada. Sinto meu sexo contrair e é gritando por seu nome que chego ao clímax mais uma vez. Suada, exausta; no entanto, extremamente satisfeita e surpresa.

— Preciso demais de você, amor... — Miguel diz quando se posiciona entre minhas coxas e entra em mim de uma só vez.

Estou tão molhada que não sinto nada além de prazer. Levo meu corpo em direção ao dele cada vez que ele me penetra e ouço seus suspiros e respiração alterada pelo prazer. Logo estamos chegando juntos ao clímax e, quando Miguel chama por meu nome, sinto imensa felicidade por meu corpo e coração pertencer somente a ele.

≡≡

Termino a ducha e estou saindo do banheiro enrolada na toalha quando Miguel, ainda nu, questiona.

— Quando você vai resolver tudo? — sei muito bem ao que ele se refere.

— Por que você não toma um banho, coloca uma roupa e depois conversamos? — é meio difícil conversar com alguém, como Miguel, nu na sua frente. Ele sorri sem vergonha e vai para o banheiro.

Como minha roupa ainda está molhada, pego uma boxer e uma blusa do Miguel para vestir. Desço até a cozinha e vejo o que tem na geladeira para comer. Ainda está chovendo muito e até está frio, então preparo um chocolate quente. Estou colocando-o nas xícaras quando Miguel entra na cozinha, abraçando-me por trás.

— Ainda não consigo acreditar que você está aqui. — diz, cheirando meu cabelo.

— Pois pode acreditar. — viro e entrego a xícara para ele. — Preciso me desculpar com você. — digo sem jeito.

Ele me olha confuso e continuo.

— Pelo que o Henry disse ontem. — explico.

— Você fez realmente o que ele disse? — Miguel pergunta direto.

— Sim. — posso ver a dor na expressão de Miguel e explico melhor. — Pedi porque Henry é um amigo muito importante e pensei que perder a amizade dele seria difícil demais. Sabe aquele comodismo? E uma coisa levou a outra, então... — tento explicar algo meio complicado.

Miguel segura minha mão e leva-nos para a sala. A mansão ficou realmente linda; seu estilo

colonial, ao mesmo tempo refinado, é algo que me encantou e imediatamente lembro quando Miguel disse que a mansão era nossa.

— Você realmente comprou pensando em nós, não é! — afirmo quando sentamos no sofá.

— Tudo que fiz foi pensando em nós. — ele e sua capacidade me derreter com suas palavras.

— Miguel...

— Luna...

Sorrimos quando falamos ao mesmo tempo e Miguel estende a mão para que eu fale primeiro.

— Nunca foi minha intenção conhecer alguém. — digo isso, pois sei que precisamos colocar algumas coisas em pratos limpos. — Mas você tem que entender que eu estava determinada a não voltar atrás. Demorou quatro anos até que Henry e eu nos evolvêssemos.

O olhar magoado de Miguel corta meu coração e sei que me ver com Henry não deve ter sido fácil para ele.

— Mas quero que você saiba que mantive minha promessa mesmo sem querer. — digo por fim.

Miguel me olha surpreso.

— Vocês não... — sei que é difícil dizer isso em voz alta, então repito.

— Não. Nunca. Eu não consegui. — respondo a verdade.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que Miguel começa a falar.

— Sei que disse que temos que deixar uma parte do nosso passado para trás, no entanto, você acha que trai você. — ele diz olhando dentro dos meus olhos. — Mas eu nunca fiz isso, Luna. Você pode ainda não acreditar em mim, mas eu prometo que um dia vou provar isso para você. — ele diz sério e seus olhos estão cheios de lágrimas.

Juro que se eu não tivesse visto com meus próprios olhos aquela cena, eu não duvidaria tanto. Mas com sua insistência em ser inocente, começo a julgar se não fiz besteira anos atrás ao não acreditar nele.

Eu assinto e mudo de assunto.

— Vou falar com Henry amanhã mesmo. — Miguel sorri.

— Fico muito feliz em ouvir isso, Luna, e também em saber que você continua sendo só minha. — ele diz e beija-me.

Ficamos algum tempo no sofá, só curtindo a companhia um do outro, colocando o assunto em dia e pensando no que ficou para trás. Não vou mentir e dizer que não estou com medo, porque no momento estou apavorada e tenho medo de tudo. De como Henry vai reagir, assim como minha

família, e medo de sair dessa história magoada mais uma vez.

Para Miguel, estamos esquecendo e seguindo em frente, mas, para mim, estou perdendo e seguindo em frente. Perdoar nem sempre é fácil. Talvez, se eu tivesse ficado aqui e encarado a situação, teríamos nos acertado e teria o perdoadado antes. Mas não adianta mais pensar no “se”, tenho que pensar no agora e, nesse momento, eu só quero Miguel.

— Quero muito você agora, amor. — ele diz quando beija meu pescoço. — Você está dolorida? — pergunta, olhando-me ansioso.

— Um pouco, mas nada que me impeça de ter você. — respondo indo para cima dele.

Miguel volta a me beijar e levanta, puxando-me pela mão, enquanto caminhamos em direção à escada. Entretanto, Miguel me surpreende ao parar no meio do caminho, beijando-me. Suas mãos sobem para a camisa que estou vestindo e ele a desabotoa, jogando-a no chão perto da porta de entrada. Ele me segura pelo bumbum e, em um pulo, estou em seus braços, com as pernas presas em seu quadril. Sorrimos com o momento íntimo, felizes por estarmos vivendo isso, quando algo que eu não esperava acontece.

— Miguel, Luna? — tio Gustavo, tia Sophie e Isabel estão parados exatamente onde a blusa que estava usando está.

Pulo dos braços de Miguel, envergonhada, e ele me cobre com seu corpo. Como eles entraram e não vimos? Tio Gustavo e tia Sophie nos encaram incrédulos, enquanto Isabel tem um sorriso bobo no rosto. Só ela mesmo para sorrir em um momento desses.

Ai, meu Deus, que situação!

Capítulo XIX

Miguel

Como que meus pais e minha irmã entram na minha casa e eu nem mesmo percebo? Não que seja minha intenção esconder minha relação com Luna, no entanto, não era meu desejo que eles flagrassem uma situação tão constrangedora.

Olho para meus pais e não sei bem o que falar no momento, a não ser pelo único pedido:

— Vocês podem nos aguardar um instante, por favor? — acho que minha mãe vai retrucar, mas meu pai assente e leva ela e minha irmã para o sofá em que Luna e eu estávamos.

Luna nem mesmo me olha quando sobe a escada apressada. Seguimos para meu quarto e Luna procura por suas roupas e começa a se vestir.

— Não acredito nisso! — ela diz quase chorosa, enquanto coloca a calça jeans.

Aproximo-me dela e faço-a olhar para mim; seus olhos estão marejados e tento acalmá-la.

— Luna, fica calma. Eu desço e falo com eles. Se você quiser, pode esperar aqui até eles irem embora. — digo olhando em seus olhos.

Mas sua resposta me surpreende.

— Não, eu não vou me esconder. Só estou envergonhada pela forma que eles nos pegaram. — ela sorri.

E eu a amo ainda mais depois disso.

Saber que Luna não quer esconder nossa relação, como quando éramos adolescentes, é importante para mim.

Luna começa a rir e não me contenho ao rir também.

— Você acha que tio Gustavo viu minha bunda? — ela pergunta com os olhos cheios de lágrimas.

Depois de anos sem ver Luna chorar e sorrir ao mesmo tempo, fico em êxtase ao presenciar

esse momento.

— Eu realmente não sei, baby. — respondo rindo.

— Ai, Miguel... — ela seca as lágrimas e termina de vestir a calça.

— Olha, termina de se vestir e se acalma. Eu vou descer primeiro e você desce em seguida.

— Tudo bem.

Visto uma bermuda e uma camiseta. Beijo seu rosto e desço para encontrar meus pais na sala.

Meu pai é o primeiro a falar quando me vê.

— Não acredito que você foi tão irresponsável, Miguel! — *o quê?*

— Não entendi, pai. — coloco as mãos dentro dos bolsos da bermuda e fico em uma posição mais firme.

Ele dá um passo à frente, ficando bem na minha frente.

— Ela é sua prima. — ele diz olhando em meus olhos.

— E o senhor, aliás, todos vocês — digo olhando para minha família. — sabem que sempre amei a Luna. Então por que isso agora? — indago.

— Filho, ela está noiva. — minha mãe se pronuncia pela primeira vez.

— Não mais, ela vai terminar esse noivado. — digo começando a me irritar.

— Miguel... — meu pai começa a falar, mas o interrompo.

— Pai, por favor, eu não quero brigar com vocês. — tento soar calmo.

— Ninguém aqui quer brigar, Miguel. Só estamos preocupados com vocês; essa história já acabou mal uma vez, não quero ver você sofrendo de novo. — minha mãe diz com a voz embargada.

— Eu nunca parei de sofrer, mãe, só me acostumei com a dor e agora que ela está aqui, vamos nos acertar.

— Sim, nós vamos. — Luna diz, enquanto desce a escada e para ao meu lado, segurando minha mão. — Vou acertar tudo, vamos falar com meus pais e seguir com nossas vidas. — ela diz olhando para mim.

— Adoro! — Isabel diz dando pulinhos de felicidade.

Luna e eu sorrimos, enquanto meus pais ainda parecem avaliar a situação.

— Só queremos a felicidade de vocês. — minha mãe diz e surpreende-nos ao nos abraçar.

— Posso falar com você em particular, Miguel? — meu pai diz, sério. Eu assinto e seguimos para o escritório que fiz para a Luna, já que não preciso de um.

O cômodo é a única parte da casa que não foi finalizado. As paredes estão em um tom de azul claro, uma mesa de mogno centralizada e duas poltronas. Coloquei o essencial e pensei em deixar que Luna finalizasse. Posso ter sido ousado em acreditar que ela voltaria para mim, mas até

antes de Henry dizer aquelas palavras, eu acreditava que um amor como o nosso não morre assim.

— Quero que você diga que tudo isso é só uma recaída de adolescente, Miguel. — meu pai diz assim que fecho a porta.

Tento me controlar ao máximo para não responder meu pai de forma grosseira, mas se ele insistir nisso, vai começar a ficar complicado.

— E sou adolescente ainda? — pergunto e não consigo conter um pouco da irritação.

— Sem fazer graça, Miguel. — ele adverte como o cenho franzido.

— O senhor que está criando um monte de barreiras, pai!

— Miguel, eu não sei se você lembra, mas Luna foi embora porque não acreditou que você não dormiu com aquela garota. Você não era mais você e, sim, uma mera casca por um ano inteiro, até que sua irmã ficou doente e, enfim, você estava de volta. Claro não o mesmo de antes, sempre distante e distraído. A única coisa que manteve você são, Miguel, foi a música. — ele passa por mim e continua. — Agora ela está de volta e voltou noiva. Queria dizer que não, no entanto, tenho certeza de que você correu atrás dela até chegar a esse momento. — meu pai fica em silêncio e senta-se em uma das poltronas.

Faço o mesmo e espero ele continuar, porque não importa o que ele diga, já tenho a resposta certa para ele.

— Ela vai machucar você de novo, Miguel, e não quero ver você daquela forma novamente. — meu pai diz com a voz embargada e minha raiva se dissipa ao ver que é somente preocupação de pai com filho.

— Pai, você desistiu da mamãe quando ela foi embora comigo para a casa do vovô? — ele me olha surpreso e continuo. — Mamãe me contou quando Luna foi embora. Ela achou que a história de vocês poderia me ajudar a seguir em frente. — sorrio. — E ajudou; ela me ensinou a ter paciência e a não guardar rancor. Luna não acreditou em mim, mas não tenho raiva dela por isso. Poderia ter sido diferente? Sim, mas parece que as histórias de amor da nossa família são um pouco complicadas.

Meu pai sorri.

— Aquilo que dizem sobre os filhos crescerem e os pais não verem é verdade mesmo. — ele levanta e faço o mesmo; meu pai me abraça. — Assim como sua mãe, só quero que você seja feliz. Você e Luna só precisam ir com calma.

— Nós vamos, pai. Obrigado por se preocupar. — abraço-o novamente.

Voltamos para a sala e encontro Luna conversando amigavelmente com minha mãe e irmã. Quando nos vê voltar, Luna me olha preocupada. Caminho até ela e sento-me ao seu lado.

— Fica tranquila. — sussurro em seu ouvido.

— Então, agora vocês são um casal assumido? — meu pai pergunta sorrindo para Luna, que relaxa visivelmente.

— Sei que deve ser estranho para vocês. — ela afirma e minha mãe assente. — Mas vamos fazer dar certo.

Passamos algumas horas conversando. Eles passaram para uma visita rápida; ninguém comentou sobre o flagra e ficou por isso mesmo. Já passava das cinco quando eles foram embora e Luna disse que precisava fazer o mesmo.

— Tem certeza de que quer ir agora? — pergunto fazendo um carinho em seu pescoço.

— Eu preciso começa a trabalhar nos livros da empresa e ainda tenho uma conversa para ter com Henry. — fico preocupado com a última parte.

— Você quer que eu esteja presente?

— Claro que não, Miguel, preciso conversar com ele sozinha. Já mandei uma mensagem, ele vai vir até aqui por volta das oito. Quando ele for embora, venho falar com você.

— Tudo bem. — despedimo-nos com um selinho e ela sai.

Subo de volta para meu quarto e jogo-me na cama, pensando em tudo que aconteceu hoje. Acordei com o coração quebrado e estou terminando o dia mais feliz do que poderia imaginar. Disse a meu pai que vamos com calma, mas vou ter que me controlar muito para isso. Tudo que quero no momento, é ter Luna comigo todo o tempo.

Subir ao altar com ela é muito mais do que um sonho agora.

≡≡

Luna

Fecho a porta atrás de mim e penso por um segundo no que acabei de fazer. Certo ou errado, não adianta questionar agora. Só vou saber quando essa história prosseguir. Tenho certeza de que não sou a primeira mulher na face da terra a perdoar uma traição, mas Miguel insiste que é inocente e não sei mais o que pensar. No entanto, nada pode me fazer desistir no momento. A felicidade que estou sentindo agora me faz ter certeza de que fui tola em ter fugido anos atrás. Mas como minha mãe diz, não adianta chorar pelo leite derramado. O passado não volta; o importante é o que vou fazer com meu futuro.

Sorrio ao pensar em tudo que aconteceu hoje e vou direto para meu quarto. Preciso começar a corrigir esses livros e, mais tarde, preciso corrigir minha própria vida.

Fico com a cara nos livros, anotando todas as informações importantes até que ouço a campainha tocar. Olho para o relógio e passa das oito; deve ser Henry. É com um frio na barriga que desço para o primeiro andar e abro a porta. Henry sorri e pega-me desprevenida ao beijar meus lábios rapidamente.

— Trouxe comida japonesa para jantarmos. — ele ergue as sacolas e seu sorriso desfaz ao me olhar. — Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupado.

Começo por aquela frase tão conhecida.

— Precisamos conversar. — sento no sofá e Henry faz o mesmo. — Henry, eu nem sei por onde começar... Mas você precisa saber que nunca foi minha intenção magoar você. — na primeira frase, já estou com vontade de chorar.

Nunca pensei que fosse tão difícil terminar com alguém, mesmo quando essa pessoa não é o amor da sua vida. Foram anos de amizade, intimidade e carinhos. Saber que Henry não vai estar mais na minha rotina é uma realidade muito tensa.

Henry repousa a cabeça no encosto do sofá e fecha os olhos. Vejo quando as lágrimas descem pelo canto do seu olho e escorrem por seu rosto. A cena corta meu coração e, quando percebo, estou chorando também.

Esse é um daqueles momentos em que você tem vontade de pegar o outro, embalá-lo em seus braços e dizer que vai ficar tudo bem. Mas como fazer isso quando somente o tempo pode curar o coração de Henry?

— Você não me ama mais? — ele pergunta, secando seu rosto e voltando sua atenção para mim.

— Henry...

— Quero dizer, sua paixão por mim já acabou, Luna? — indaga com a voz embargada.

— Você sabe que realmente me apaixonei por você. Seu carinho, sua amizade, essa pessoa maravilhosa que você é, seria impossível isso não acontecer. No entanto, meu coração sempre pertenceu à outra pessoa, Henry. — tento escolher as palavras certas para não o magoar ainda mais.

— Eu te dei tudo, Luna: meu coração, minha vida. Eu te pedi em casamento, e você aceitou! — ele diz aumentando o tom de voz. — Para depois de uma semana no Brasil, você terminar comigo sem mais nem menos? — diz completamente irritado.

É melhor que ele saiba por mim, então, conto de uma vez.

— Conversei com Miguel. Nós vamos voltar. — conto meio relutante, mas quando vejo a raiva em seus olhos, começo a questionar se essa foi uma boa ideia.

Henry sorri com escárnio e levanta-se.

— Quer dizer que depois da forma que ele te traiu, você está disposta a perdôá-lo? — ele pergunta, mas não me deixa responder e continua a falar. — Você não lembra como chegou até mim, Luna? De como estava quebrada quando nos conhecemos? — ele se aproxima de onde estou e para bem próximo do meu rosto. — Uma vez traidor, sempre traidor! — ele grita, assuntando-me e levantando-me imediatamente.

— Sei que você está nervoso, mas você precisa se acalmar e não gritar. — peço, começando a ficar preocupada com Henry; nunca o vi dessa forma.

Ele sai da sala em um piscar de olhos e ouço quando a porta do banheiro bate, ao mesmo tempo em que há batidas na porta da sala. No olho mágico, vejo Miguel e fico mais tensa do que estava antes. Abro a porta para pedir que Miguel volte depois e encontro-o com a expressão preocupada.

— Miguel, volta depois.

— É, Miguel, volta depois. — assusto-me quando ouço a voz de Henry atrás de mim. — Aliás, entra e vamos conversar nós três. — Miguel não hesita e entra. No entanto, com o comportamento de Henry, não há mais nada a ser dito.

— Já disse tudo, Henry, vou entender se ficar com raiva de mim. — digo olhando para ele.

Ele passa por mim e, antes de chegar até a porta, volta e para em minha frente. Ele segura minhas mãos e olha dentro dos meus olhos.

— Esperei o seu tempo, esperei que me amasse como te amo, deixei minha vida em Londres por você, Luna, para você me deixar no momento em que ele te tocou. — Henry fecha os olhos e, quando volta a abri-los, só vejo dor e angústia. — Espero um dia encontrar alguém que realmente me ame e que não me use para substituir alguém.

— Eu nunca usei você, Henry! — respondo ultrajada com sua acusação.

Ele me solta e olha para Miguel e, depois, para mim.

— Quando ele quebrar seu coração mais uma vez, Luna, não diga que não foi avisada.

Ele sai pela porta como um furacão e ouço o cantar de pneus, enquanto tudo o que faço é sentar em meu sofá e chorar. Chorar porque sei que Henry nunca vai me perdoar e que a amizade linda que construímos acabou de ser desfeita. Não por culpa dele, mas sim minha, que tomei decisões e fiz escolhas erradas. No entanto, não há nada que eu possa fazer para voltar atrás. Só o tempo irá nos ajudar a resolver tudo.

Capítulo XX

Luna

Hoje completa uma semana que terminei meu noivado com Henry. Uma semana que não sei o que é falar ou ver meu melhor amigo. E não vou mentir ao falar que não estou sofrendo, pois realmente estou. Não por amor, como sofri por Miguel; essa é uma dor nova e cheguei à conclusão de que não perdi só um amigo, perdi também um irmão.

Imagina passar os últimos anos da sua vida ao lado de uma pessoa maravilhosa, que te fez sorrir quando só existiam lágrimas e que ficou em silêncio quando não tinha mais palavras para te confortar e, em alguns minutos, tudo isso fica no passado. No entanto, magoar Henry nunca foi minha intenção e espero de coração que em algum momento ele entenda isso e, ao menos, possa me perdoar. O que fiz foi egoísta ao pensar somente em meu coração, mas já cometi erros demais para continuar parada e assistir minha vida passar por mim sem não fazer nada. Então, assim como fui capaz de perdoar o Miguel, espero que Henry me perdoe um dia também.

Quanto a minha relação com Miguel, estamos no que podemos dizer momento adaptação. Depois de anos sem nos vermos, aproveitamos cada segundo juntos para colocar o assunto em dia e namorar mais um pouco. Sei que minha tristeza pode estar o incomodando, mas já expliquei meus sentimentos por Henry e acho que ele entendeu.

Cheguei também a acompanhar duas apresentações que a *Six Immortal* fez essa semana. A cada dia fico mais orgulhosa deles, que batalharam muito para chegar onde estão. Miguel contou que a agenda ainda está sendo preenchida, mas que uma possível turnê pelo Brasil está a caminho e não se fala em outra coisa na internet a não ser sobre eles.

Nesse exato momento, estou terminando de me arrumar, pois Miguel marcou para jantarmos fora. Essa é uma daquelas semanas que nunca vou esquecer e cada segundo ao lado dele é especial. Por isso, estou caprichando no visual com um vestido vinho de renda e *scarpin* dourado. Fiz uma trança lateral e estou finalizando a maquiagem quando a campainha toca.

Morar ao lado de Miguel tem suas vantagens. Durante essa semana, passamos um bom tempo juntos e até já dormi com ele em sua casa. Às vezes, parece meio surreal estar tão íntima com ele, já que a última vez que estivemos juntos éramos adolescentes e tudo precisava ser muito cuidadoso.

Desço sorrindo, mas, ao abrir a porta, meu sorriso congela ao ver que é Henry quem está ali.

— Posso falar com você? — indaga sem olhar em meus olhos.

— Claro, entra. — abro mais a porta e ele passa por mim.

Não sei o que dizer, então prefiro ficar quieta. Ele se senta no sofá e faço o mesmo, mas no

que fica de frente para onde ele está.

— Luna, eu quero... Eu preciso saber se realmente não existe a possibilidade de voltarmos?

— ele diz com a voz embargada e isso corta meu coração.

— Henry...

— Quer dizer, fomos muito felizes juntos, não é possível que tudo isso tenha acabado.

Iríamos nos casar.

Como dizer a verdade a uma pessoa que você tem um carinho enorme sem quebrar seu coração? Meneio a cabeça já querendo chorar, e Henry segura minhas mãos, mas dessa vez olhando em meus olhos.

— Diz para mim que ainda posso te fazer sorrir, que o nosso tempo não acabou. — ele diz com lágrimas nos olhos e não consigo evitar as minhas.

— Henry, eu sinto muito... — consigo dizer em meio a soluços.

— Luna, por favor... — pede choroso.

— Você é muito especial para mim, Henry, mas não vai dar mais certo entre nós. — tento amenizar as palavras e, ao não conseguir mais ficar sentada, levanto e Henry faz o mesmo. Porém, ele me surpreende ao me segurar pela cintura e colar seu corpo ao meu.

Poderia muito bem me afastar dele e mandá-lo embora se não fosse por Miguel, que acaba de entrar e presenciar a cena.

— Tire suas mãos dela! — Miguel grita furioso, caminhando em nossa direção e Henry me solta, indo ao encontro dele.

Já sei no que isso vai dar e não quero nenhum dos dois feridos. Por isso, apresso-me a ficar entre eles.

— Ninguém vai brigar. — digo tocando o peito dos dois, mas olhando para Miguel.

Viro para olhar para Henry rapidamente e ele assente, dando um passo para trás.

— Pense no que eu disse, Luna. — ele diz e sai batendo a porta.

Suspiro cansada pelo clima pesado e desagradável que se instalou. Ouço o cantar dos pneus do lado de fora e, logo em seguida, Miguel caminha para a porta, deixando-me confusa.

— Miguel? — ele para com a mão na maçaneta e olha para mim.

— Quando você decidir o que quer para sua vida, me procura. — murmura e sai, deixando-me sozinha.

Meu primeiro instinto é ir atrás dele.

— Miguel, volta aqui! — o seguro pelo braço ainda em frente à minha casa, e ele para de andar. — O... O que você disse? — pergunto confusa, e ele se vira, encarando-me.

— O que você ouviu. — diz firme. — Não sou o intruso nessa história, Luna, então quando

você parar de sentir pena do Henry, ou chegar à conclusão de que o ama, só me avise.

— Miguel, não é assim...

— Esperei por você durante cinco anos, Luna. — ele diz, aproximando-se. — E parece que vou ter que esperar mais um pouco. — Miguel abaixa a cabeça e enfia as mãos nos bolsos da calça social.

— Claro que não, Miguel! — digo, surpresa pela sua declaração.

— Luna... — ele tenta falar, mas o interrompo ao colocar as duas mãos em seu peito, empurrando-o com força.

— Eu nunca teria deixando o Henry se não tivesse certeza de que queria voltar com você, seu idiota! — as lágrimas descem por meu rosto. Em um momento de desespero, começo a socar o peito de Miguel. — Não ouse me deixar! — grito em meio ao choro.

Miguel segura meus punhos e traz meu corpo ao dele. Não resisto e descanso a cabeça em seu peito, onde choro por alguns minutos, abraçada ao amor da minha vida.

— Eu não vou deixar você, Luna. — Miguel sussurra. — Só quero ter certeza de que seu coração me pertence.

Olho para Miguel e respondo sem hesitar.

— Meu coração nunca pertenceu à outra pessoa, Miguel. Sempre foi você. Sempre vai ser você. Eu te amo. — algumas lágrimas caem por meu rosto e Miguel as seca.

Miguel passa o polegar sobre minha boca e umedece o próprio lábio, logo em seguida, beija-me apaixonadamente. Meu coração bate ferozmente; o desejo surge como fogo e Miguel pressiona seu quadril contra o meu, fazendo-me gemer contra seus lábios. Ele me pega no colo e leva-me para dentro, enquanto me beija, pressionando-me contra o sofá, enquanto nossas roupas são jogadas no chão.

— Preciso tanto de você, linda. — Miguel diz, enquanto abre meu sutiã na primeira tentativa.

Anseio pela boca dele em meus mamilos enrijecidos, e Miguel os toma de uma só vez, sugando-os com força e beliscando-os, fazendo-me delirar e gemer alto e descontroladamente. Aperto as pernas em torno dele e minhas unhas passeiam por suas costas.

— Não aguento mais essa tortura. Preciso de você agora. — Miguel toca meu sexo e sente minha umidade, antes de levar o indicador à boca. — Deliciosa. — sua voz rouca faz meu ventre se contrair. Ele se livra da boxer e penetra-me lentamente.

Os momentos seguintes são preenchidos por nossos gemidos e palavras sussurradas até chegarmos ao clímax, quando perco as forças e solto-me nos braços do Miguel.

— Amo você, Luna. — ele diz, tentando se deitar ao meu lado no sofá.

— Também te amo, Guel. — digo, beijando seu rosto e tenho certeza de que adormecendo logo em seguida.

≡≡

— Bom dia, dorminhoca. — ouço a voz de Miguel e espreguiço-me na cama, abrindo os olhos. Sorrio ao vê-lo deitado ao meu lado.

— Nossa, ontem devo ter apagado mesmo. Nem percebi quando você me trouxe para a cama. — Miguel sorri. — Bom dia, amor. — respondo, beijando seus lábios.

— Café? — indaga, levantando-se da cama.

— Adoraria. — respondo, sentando-me.

Miguel sai do quarto sorrindo, e aproveito para tomar um banho e vestir-me. Antes de ir ao banheiro, pego minha *nécessaire* e tomo meu anticoncepcional. Quando comecei a namorar Henry, procurei uma boa ginecologista e pedi a ela que me receitasse um e tomo-o desde então. Mesmo que não tenha sido necessário, já que não tive relações com Henry, porém, continuei tomando, achando que em algum momento a coragem chegaria. O que não aconteceu. Bebo um pouco de água da torneira mesmo e perco alguns minutos cuidando de mim.

Quando volto para o quarto, Miguel já está me esperando com uma bandeja de café da manhã.

— Vamos tomar café, pois quero te levar a um lugar. — ele diz sorrindo.

— Hoje é sábado. Não tem show? — indago, bebericando o café.

— Sim, à tarde tem. E à noite vamos estar na “Arena”. — ele me olha ansioso e questiona — Você vai?

— Claro que sim!

— Então vamos aproveitar a parte da manhã, pois quero te apresentar alguém muito especial.

Fico muito curiosa para saber de quem se trata e tomo café mais rápido que o normal.

— Luna, quando meus tios chegam? — ele pergunta quando já estamos acabando.

— Essa semana, Miguel, acredito que quarta-feira. — respondo séria.

— E você... — não o deixo terminar de falar e explico.

— Com certeza irei contar a eles assim que retornarem. Não quero mais segredos.

Miguel sorri e pega um morango, levando-o à minha boca. Mordo e recebo um beijo maravilhoso logo em seguida. Sorrio travessa quando ele me solta.

— Vamos logo, antes que eu tranque essa porta e ninguém nos veja por uma semana.

— Tentador. — respondo, dando uma piscadela.

≡≡

Descemos a serra escutando ao rádio e conversando. Quando Miguel estaciona o carro no Hospital Infantil do Câncer, pergunto-me quem ele conhece que está aqui.

— Fica tranquila. — ele diz quando saímos do carro.

Logo estamos caminhando para a enfermaria e fico sem ação quando uma menina, que deve ter no máximo cinco anos, vem em direção ao Miguel.

— Oi, tio Miguel! — ela diz, abraçando-o.

Miguel ajoelha, ficando na altura dela, e beija seu rosto.

— Vitória, trouxe uma pessoa muito especial para te conhecer. — ele diz olhando para mim, e ela faz o mesmo.

Ajoelho-me, como Miguel, e Vitória para em minha frente. Ela sorri e segura uma mecha do meu cabelo, admirando-o.

— Você é tão bonita. — ela diz, sorrindo ainda mais.

Sorrio ao responder.

— Não mais que você. — seguro suas mãos e ela continua a sorrir.

— Mas eu não tenho cabelo. — ela diz confusa com os olhos marejados.

— Mas não precisa ter cabelo para ser bonita. — Vitória me abraça e fico muito emocionada.

— Qual seu nome? — ela pergunta quando me solta.

— Me chamo Luna.

Ela começa a gargalhar e é inevitável não sorrir.

— Parece com lua! — ela diz, colocando a mão na barriga de tanto rir e Miguel e eu a acompanhamos.

— Sim, parece. — Miguel responde.

Vitória vai para o colo de Miguel, que se levanta, e vamos para uma área onde tem outras crianças brincando.

— Você agora será minha tia, Luna? — Vitória pergunta assim que sentamos no chão com ela.

— Sim. Se você quiser, vou ser sua tia, sim.

— Eu quero, porque se o tio Miguel gosta de você, eu também gosto.

— Então está ótimo, vou ser sua tia e vou te amar muito. — digo com a voz embargada.

— Considero o tio Miguel como meu papai, mas a tia do orfanato não me deixa o chamar de papai, mas eu chamo escondido dela e ele deixa, então você será minha mamãe. — ela diz inocente e sorri.

Imediatamente fico confusa e olho para Miguel, questionando o que está acontecendo. Ele dá

aquele olhar que depois explica e assinto.

Miguel e ela começam a brincar e saio do meu transe para fazer o mesmo. Vitória não toca mais no assunto de pais e passamos uma manhã muito agradável. No entanto, a surpresa do assunto não deixa meus pensamentos.

Por que será que Miguel a deixa o chamar de papai?

Quando chega a hora de irmos embora, despedimo-nos de Vitória e fico com o coração apertado ao deixá-la.

— É assim que me sinto quando tenho que deixá-la. — Miguel diz quando entramos no carro.

— Você pode me explicar? — pergunto ansiosa.

— Conheci Vitória quando a banda começou a fazer algumas apresentações beneficentes. Me apaixonei por ela assim que a conheci; ela é órfã e vive em um orfanato aqui próximo. — engulo em seco, pois minha mãe também cresceu em um orfanato. — Ela foi diagnosticada com tumor de Wilms e está fazendo quimioterapia, pois precisa fazer o transplante do rim afetado pelo tumor.

— Meu Deus, Miguel! — exclamo surpresa.

— Estou sempre ajudando no que posso, mas não vejo a hora de vê-la curada.

— Você realmente se encantou por ela! — digo ainda mais apaixonada.

— Vou adotá-la, Luna. — ele revela, deixando-me ainda mais surpresa. — E quero saber se você aceita isso. — ele diz muito sério, o que me faz perceber que Miguel ama Vitória como uma filha.

Respondo sem hesitar.

— Claro que sim! — sorrio. — Vitória será nossa primeira filha e ela nasceu do seu coração direto para o meu.

Capítulo XXI

Miguel

Emoção parece pouco para descrever como fiquei ao presenciar o encontro de Luna e Vitória. Pelo olhar da minha linda, sei que ela também se apaixonou por minha pequena Vitória. E fico muito feliz ao saber que Luna apoia a adoção da minha pequena. Se não fosse por minha música, nunca teria conhecido Vitória e a possibilidade de viver sem minha boneca parece muito surreal.

Daqui a um mês será seu transplante e o médico está muito otimista. Eu queria que ela fizesse a cirurgia logo, mas conseguimos só para mês que vem. Espero que dê tudo certo; fico nervoso só de imaginar aquela coisinha pequena em uma cama de hospital, mas é para seu próprio bem. Os papéis da sua adoção estão correndo, meu relacionamento com Luna está tomando forma, e posso afirmar com toda certeza que não poderia estar mais feliz.

Ainda tenho um assunto pendente e, provavelmente, ele vai ter que esperar até segunda-feira para ser resolvido. Mas de segunda não passa, pois Henry e eu temos assuntos a tratar.

Deixo Luna em casa e sigo para o ensaio. Marcamos de nos encontrar na arena mais tarde, já que do estúdio vamos direto para o show. Estou entrando no estúdio quando meu celular toca e paro para atender, pois é meu pai.

— Fala, coroa! — implico com ele.

— Vou te mostrar quem é coroa, Miguel! — ele diz irritado, o que me faz rir e ele também.
— Preciso falar com você. — ele diz, acalmando-se.

— Pai, mas antes de tudo, o senhor está ficando grisalho. — gargalho.

— Miguel. — ele volta a ficar irritado.

— Estou brincando, pode falar.

— Voltado ao assunto, Savannah e Eitan chegam terça-feira. — ele informa e sei o que ele quer dizer.

— Luna disse que vai falar com eles assim que chegarem. — digo de uma vez, não quero mais segredos.

— Imaginei que seria diferente agora, no entanto, tenho um pedido. — meu pai diz, deixando-me confuso.

— Qual?

— Eitan e eu fechamos uma parceria e assinei o contrato hoje. Na terça, quando eles chegarem, vai ser oferecido um jantar em um dos salões de festa da M&A.

— E qual seu pedido, pai?

— Miguel, eu nunca pedi nada referente à empresa da família para você, mas esse jantar é muito importante e não sabemos como Eitan vai reagir sobre vocês.

— E o senhor quer que esperemos para contar depois do jantar. — concluo.

Meu pai suspira e sei que é difícil para ele me pedir isso.

— Miguel, eu sei o quanto isso é importante para você...

— Tudo bem, pai. Luna achava que meus tios chegariam quarta-feira de qualquer forma, um dia a mais não vai fazer diferença. — tento tranquilizá-lo.

— Obrigado, filho.

— Não precisa agradecer, pai. — aproveito para perguntar por Isabel e minha mãe e logo encerramos a ligação.

No ensaio, tudo ocorreu bem e estamos prontos para mais tarde. Luca está meio distante e percebi que ele não quer papo. Meu amigo não é mais o mesmo há algum tempo e não sei dizer o motivo, nem mesmo sei se é por causa de Isabel. Só tenho certeza de que foi depois dela ou durante. No entanto, agora não faz mais diferença. Semana passada, tentei conversar com ele e o mesmo me deixou falando sozinho quando insisti em saber o que estava acontecendo. Mas já estava com tanta coisa na minha cabeça, que não queria arrumar briga ainda mais com Luca.

Essa semana já basta ter ficado preocupado com Luna, pois ela estava pensativa e, por vezes, distante. Sabia que seu pensamento era direcionado a Henry e, de verdade, eu entendo. Não estou no coração de Luna para confirmar, mas acredito que ela me ame sim. Porém, acho que, mesmo que sem perceber, ela se apaixonou por Henry. Não é fácil suspeitar disso e espero de coração que ela nunca me confirme. O coração de uma mulher é um lugar cheio de segredos e alguns são melhores ficarem guardados para sempre com elas.

E se o que penso for verdade, nunca quero ouvir Luna confessar.

Terminamos por um motivo que ela acha ser verdadeiro, porém, tenho certeza de que esse motivo não é real; só nunca tive a chance de mostrar que era inocente. Fui tentar ajudar uma pessoa e tive minha vida amorosa devastada por conta disso. Fui julgado e condenado. Passei anos esperando o momento certo e, cinco anos depois, ela está de volta e agora é minha mais uma vez.

Saber do relacionamento de Luna com Henry não foi uma tarefa fácil, até porque ela só estava com ele porque eu não soube explicar o que aconteceu naquela maldita noite. Não quero ser vítima, odeio pessoas que usam acontecimentos da vida para sentirem pena de si mesmos.

Mas durante essa semana, também entendi que talvez Luna precisasse desse tempo. Sempre fomos só nós dois e, talvez, seguir um caminho diferente foi essencial para ela retornar tendo a certeza de que nós dois somos o caminho certo. Ela pode ter ido, mas voltou, e é isso que importa.

≡≡

— Prontos? — nosso produtor musical pergunta antes de entrarmos no palco.

Afirmamos e esperamos anunciarem a banda. Estou ansioso para saber se Luna já chegou e, ainda mais, para cantar para o público lá fora.

Entramos no palco cheios de energia e mandamos logo a primeira música: *Tudo em você*, que está no álbum. Davi inicia com o solo da guitarra e logo é minha vez.

Quando tudo é somente escuridão

Você traz luz

Seu olhar domina meu coração

*E me faz amar
Amor que me domina por inteiro
Que me fascina e encanta
Tudo em você é amor
Tudo em você é paixão
Você agora é meu tudo, baby
Para sempre meu tudo...*

Ao abrir meus olhos, procuro por Luna na multidão e encontro-a no camarote. As vozes se misturam, cantando a letra da música e, como o bobo que sou, escuto Luna gritar que me ama de onde está. Sorrio e continuo a cantar ainda mais motivado do que quando comecei.

O show demorou aproximadamente duas horas e foi um sucesso, como esperado. Mas quando voltamos para os bastidores, tivemos um problema com algumas fãs. Como não esperávamos um grupo de fãs correndo em nossa direção, o único segurança que estava protegendo a entrada do camarim não foi suficiente e tudo saiu do controle, como está acontecendo agora.

— Eu amo você, Miguel!!! — escuto uma delas gritando, enquanto tenta me agarrar, já que várias outras conseguiram a façanha e não consigo nem mesmo sair do lugar.

Meus colegas estão passando pela mesma situação; ouço quando Rick pede que elas fiquem calmas, mas de nada adianta. Uma ruiva, que está agarrada ao meu pescoço, tenta beijar minha boca e, graças a Deus, consigo virar o rosto. No mesmo momento, Luna chega até nós junto de mais seguranças.

Aos poucos, elas são retiradas e a confusão se acalma. Algumas pedem desculpas, outras continuam a gritar que nos amam. Benicio e Davi começam a gargalhar, enquanto as meninas são retiradas pelo segurança. Caminho até Luna, preocupado que ela esteja chateada.

— Tudo bem? — indago quando chego perto dela.
— Nossa, o que foi tudo isso? — ela pergunta sorrindo.
— Estou tão surpreso quanto você. — respondo animado por ela não estar chateada.
— Mas não pense que não vi quando aquela garota tentou beijar você. — ela diz irônica.
— O que posso fazer? — faço charme. — Elas são loucas por mim.
Luna sorri e me dá um tapa no peito.
— Você é um convencido, Miguel Medeiros!

Sorrimos e seguimos para o camarim, onde eu posso pegar minha mochila e ir embora. Ainda procuro por Luca, mas no meio da confusão, ele já deve ter ido embora. Então, aproveito e sigo para casa ao lado da minha amada. Porque hoje ainda quero tomá-la em meus braços e fazê-la gritar meu nome quantas vezes for necessário.

A manhã de domingo foi regada a muito carinho debaixo do edredom. Luna acordou animada e não lhe neguei o que nós dois queríamos. Quanto mais a tenho, mais a quero. Aproveitei para pergunta a Luna se ela estava protegida, já que fui completamente negligente nesse sentido, e fiquei mais tranquilo ao saber que ela está tomando anticoncepcional. Sei muito bem que uma gravidez, em nosso caso, deve ser planejada e com cuidados especiais e nunca colocaria a vida de Luna e do meu bebê em risco.

Marcamos de almoçar e, agora, estou a observando finalizar sua maquiagem. Linda como sempre, seu vestido preto cai perfeitamente em seu corpo e a vontade de tirá-lo é enorme. Ela sorri ao terminar e caminha em minha direção.

— Se me permite dizer, você está magnífica e muito gostosa! — ela abre ainda mais o sorriso e abraça-me.

— Tudo para você. — beijamo-nos com paixão e desejo. Nunca me cansarei de ter seus lábios. Já passei muito tempo sem tê-los e cada segundo é precioso.

— Você é perfeita para mim, amor. — digo lhe dando um selinho.

— Nosso amor nos torna perfeitos, Guel. — ela responde de forma apaixonada e pode parecer besteira para outras pessoas, mas são essas pequenas declarações que deixam meu dia muito melhor.

Seguimos para o restaurante, que não fica muito longe do condomínio. Hoje está mais frio que o normal, o clima perfeito para romance. Somos bem recebidos, escolhemos nosso pedido e um bom vinho é servido. Quando o garçom se retira, Luna me olha de forma engraçada.

— Não é estranho para você estarmos aqui como dois adultos que não precisam se esconder de ninguém? — ela indaga, fazendo-me rir.

— Eu entendo o que você está pensando. É tudo muito recente e nossa “última vez” juntos éramos adolescentes. É como se não tivéssemos visto o tempo passar.

— Você é muito melhor com as palavras do que eu, Miguel. — Luna me olha de forma carinhosa.

— Não é uma competição. — brinco.

— Sei que não. — ela sorri e bebe um pouco do vinho. — Minha mãe me ligou hoje. Meus pais voltam na terça. — ela informa de forma ansiosa.

— Meu pai também me ligou e me fez um pedido. — conto a ela o que ele disse e Luna não se chateia.

— Não tem problema. Marquei um almoço com minha mãe na terça, posso contar para ela e depois converso com meu pai.

— Você quer fazer isso sozinha?

— Eu preciso, Miguel, quero explicar a ele com calma.

— Entendo. Só quero que você saiba que você não está sozinha, Luna. — estendo a mão para tocar a sua.

— Sei que não, meu amor. — ela sorri.

Conversamos mais alguns minutos e logo nossos pratos são servidos e saboreamos uma ótima refeição. Quando pedimos a sobremesa, fui surpreendido por duas garotas que se aproximaram da nossa mesa pedindo uma foto. Muito simpáticas, elas pediram a Luna para tirar a foto e minha namorada a tirou sem problemas.

Logo em seguida, também fomos embora, afinal, a tarde é toda nossa e quero aproveitá-la o máximo possível.

≡≡

A segunda-feira chegou e, junto dela, os assuntos pendentes a serem resolvidos. Deixei Luna dormindo e saí antes que ela acordasse. Da forma que dormimos tarde ontem, é capaz de eu voltar e ela ainda estar dormindo.

Fui poucas vezes à M&A, mas sempre que venho, sou bem recebido. Uma das recepcionistas achou que estava procurando por meu pai, mas, quando lhe informei o nome de Henry, ela me encaminhou para seu andar e, agora, estou aguardando ele sair de uma reunião.

Henry e eu nunca fomos amigos íntimos, como era de Luca, por exemplo. No entanto, por ele ser filho da minha madrinha, a amizade foi normal. Passamos algumas férias juntos e mantivemos contato por rede social; era legal conversar com Henry, mas o contato que tínhamos foi sumindo aos poucos. Quando soube que Luna estava na casa da minha madrinha, achei que Henry poderia ser um aliado e ajudar-me, mas tudo aconteceu de forma contrária e Henry não só ignorara minhas mensagens, como também me excluiu totalmente da sua rede de amigos. Não dei muita importância ao assunto e só quando eles retornaram juntos que percebi o que tinha acontecido.

Alguns homens saem da sala e Henry se despede deles. Seu olhar encontra o meu e ele acena para que o siga.

— O que está fazendo aqui, Miguel? — ele diz; abre o botão do paletó e senta-se no sofá disposto no canto da sala.

— Precisamos conversar. — fico da mesma forma que estou.

— Acho que já sei o que você vai dizer e, antes que perca seu tempo, eu já entendi que vocês voltaram e não se preocupe, não pretendo interferir na sua relação da forma que você fez com a minha.

— Eu interfeiri na sua relação? — indago irritado. — Você só pode estar de brincadeira,

Henry! — fecho minhas mãos, tentando me controlar para não socar a cara dele.

— Não foi o que você fez? — indaga com cinismo.

— Você que se meteu em uma história que não era sua!

— Se tornou minha a partir do momento em que você a traiu! — ele grita, levantando-se e dá alguns passos à frente, encarando-me com ódio no olhar.

Caminho em sua direção e paro bem a sua frente. Respondo olhando bem em seus olhos.

— Eu não a traí e se você não tivesse se apaixonado por minha namorada e continuasse meu amigo, saberia disso. — respondo irritado e continuo. — Porém, você preferiu ignorar nossa amizade para investir em uma garota que você sabia ser apaixonada por mim! — acuso. — Grande homem e amigo que você é, Henry.

Nesse momento, Henry ergue os punhos para acertar meu rosto, mas esquivo mais rápido e acerto-o de volta. Henry vacila alguns passos para trás e leva a mão ao nariz, de onde uma linha fina de sangue escorre.

— Não vim aqui para brigar com você, Henry, mas parece que para você tudo se resolve na pancada.

— Você me provocou!

— A verdade nunca é uma provocação, a não ser para aqueles como você, que acreditam na própria verdade, sendo que ela foi criada em cima da dor dos outros. — viro as costas e saio do seu escritório.

Não foi o que planejei, mas ele pediu por isso.

Capítulo XXII

Luna

Acordei sentindo ausência de Miguel na cama. Como não encontrei um bilhete, acredito que ele volte logo. Aproveito para tomar um longo banho e cuidar do meu corpo. Preciso também colocar os livros de contabilidade da M&A em ordem; faltam somente três a serem conferidos e até agora tudo está em ordem.

Assim que termino meu banho, desço para preparar meu café com os pensamentos na noite do show. O que foi aquilo? Nunca presenciei uma bagunça tão grande; as garotas não paravam de

gritar e abraçar os meninos, foi muito engraçado. No entanto, a graça se perdeu quando vi aquela menina tentando beijar Miguel. Confesso que meu coração parou por um segundo e só as palavras de Henry gritavam em meu pensamento. *Uma vez traidor, sempre traidor.* Não consigo descrever o alívio que senti ao ver que Miguel virou o rosto. Mas não quero ficar pensando nisso.

Após o café, pego os três últimos livros e começo meu trabalho. Faço as anotações costumeiras e, quando estou finalizando um deles, percebo uma duplicidade de valores. Procuro por alguma retificação, mas ela não existe. *Estranho.* Quem lançou os valores, não percebeu o erro.

Espero que seja isso.

Começo outro livro e estou tão focada, que levo um susto enorme quando Miguel entra no quarto e senta-se ao meu lado na cama.

— Assustei você? — ele pergunta quando vê que levei a mão ao peito.

— Você quase me matou! — faço drama e Miguel sorri. — Onde você estava? — pergunto, voltando minha atenção a ele.

— Acho que você não vai gostar da resposta.

— Como assim? — indago confusa.

— Fui ver o Henry.

— O quê? — por que ele iria atrás do Henry?

— Tinha assuntos pendentes com ele, Luna.

— Miguel, você não tem que se meter nessa história. — digo, irritando-me.

Miguel me olha chateado e responde.

— Você pode não lembrar agora, Luna, mas Henry era um amigo antes de toda essa palhaçada acontecer. — responde começando a se irritar.

— Mas, Miguel...

— Luna, eu já fui e agora estou aqui. — diz, levantando-se. — Agora você decide se quer brigar por causa do Henry ou ter um dia agradável. — ele me encara por alguns segundos e, como não respondo, ele sai do quarto.

— Miguel, volta aqui! — grito.

Ele não volta, então me levanto da cama correndo e encontro-o descendo as escadas.

— Não estou com paciência para brigar por causa do seu ex-noivo, Luna. — ele diz sarcástico e começo a entender que esse assunto pode ser tenso para Miguel.

Passo por ele e abraço-o pela cintura.

— Não quero brigar com você. — digo manhosa.

Levanto o rosto para beijá-lo e Miguel corresponde apaixonadamente. Ele me toma em seus braços e carrega-me de volta para o quarto. Sei muito bem que ele quer me mostrar que pertenço a

ele, no entanto, nunca deixei de ser sua.



Deixei Miguel em minha casa e segui para encontrar com minha mãe. Combinamos de almoçar em seu restaurante preferido na zona sul. O trânsito está livre, então chego adiantada. O metre me direciona para nossa mesa reservada e mexo no celular, enquanto espero minha mãe. O que não demora muito, pois logo a vejo entrando no restaurante, linda e radiante como sempre.

— Ah, mãe, que saudade! — digo quando ela se aproxima de nossa mesa e eu abraço-a.

— Eu também estava, querida. — ela beija meu rosto e sentamo-nos.

— Pensei que só chegariam amanhã para o jantar, mas como foi de viagem?

— Perfeita, aproveitamos muito. A ideia era ficar mais tempo, mas, por causa desse jantar de amanhã, antecipamos.

O garçom se aproxima e escolhemos nosso pedido. Assim que ele se afasta, já começo a tocar no assunto com minha mãe.

— Mãe, Henry e eu terminamos.

Minha mãe fica em silêncio por alguns instantes, só me encarando. Até que ela coloca a mão por cima da minha e indaga.

— Você está bem com isso? — pergunta preocupada.

— Estou me adaptando a sua ausência, pois sinto falta do meu amigo.

— E Miguel é o motivo da separação. — eu sabia que, no instante em que contasse, ela ligaria os pontos.

— Nós voltamos, mãe. — mamãe me olha surpresa e questiona:

— Você tem certeza de que essa foi a escolha certa?

— Sim, mas a senhora acha que fui fraca ao perdoá-lo? — nenhuma opinião é tão importante para mim quanto a da minha mãe.

— Claro que não, filha. — ela sorri. — Estou feliz que tenha superado o que aconteceu, mostra que o amor de vocês é mais forte.

— Foi difícil, mãe, mas você não vai acreditar. — digo sorrindo. — Tudo isso aconteceu porque somos vizinhos!

Minha mãe começa a rir e acompanho-a.

— Parece que o destino já tinha algo reservado para vocês. — ela diz.

— Parece que sim. Estou muito feliz, mamãe. — digo, olhando em seus olhos.

— Você não imagina o quanto fico feliz ao ouvir isso, querida. — minha mãe diz, emocionada. — Quando você pretende contar ao seu pai?

Conto a ela o que tinha planejado e o pedido do tio Gustavo. Minha mãe entende e concorda

com ele.

— Melhor que seja dessa forma mesmo, filha.

— Então, na quinta de manhã vou à ilha para falar com ele. — informo, decida, e minha mãe sorri.

— É muito bom ver você assim, querida, forte e decidida a lutar pelo seu amor. — minha mãe fica em silêncio e, nesse momento, o garçom volta com nossos pratos. Comemos e ficamos alguns minutos em silêncio até que minha mãe fala. — Querida, eu também tenho algo a contar. — volto minha atenção para ela. — Na verdade, eu queria ter te contado isso há alguns anos, mas o tempo só passou e o assunto ficou de lado.

— Nossa, mãe, o que foi? — indago, preocupada.

— Como sabe, eu cresci em um orfanato e só anos depois encontrei minha mãe. — aceno que sim e ela continua. — No entanto, nem sempre fui a pessoa que sou hoje. — nesse momento, confusão é meu nome do meio. — Desejo de coração que o que vou te contar não mude a forma que você me enxerga, filha.

— Tenho certeza que não, mãe.

— Após sair do orfanato, eu estava muito perdida sobre o que fazer com minha vida. Um dia, vi um anúncio de jornal; era para uma vaga de acompanhante de luxo. Eu me candidatei à vaga e trabalhei nisso por dois anos. — minha mãe para de falar e aguarda minha reação; contudo, não tenho nenhuma e ela continua. — Um acontecimento me fez repensar minha vida e, como já tinha dinheiro para isso, decidi estudar. Conheci seu tio Gustavo na faculdade e começamos a namorar. — isso me surpreendeu!

— O quê?! — grito, chamando a atenção dos outros clientes. Encaro-os com um pedido de desculpas no olhar e volto o olhar a minha mãe. — A senhora namorou o tio Gustavo antes do papai? — questiono mais do que surpresa.

Mamãe responde um pouco sem jeito.

— Na verdade, conheci seu pai antes como um cliente. — *ai. Meu. Deus!*

— Mãe...

— Essa não é a pior parte, filha. — sua voz está embargada e algumas lágrimas descem por seu rosto. — Não me orgulho disso, Luna, mas Gustavo era só um amigo. Foi quando tive a péssima ideia de conquistá-lo e me casar com ele por conta da sua riqueza.

— Não acredito. — digo com a voz fraca, enquanto ela seca suas lágrimas. — A senhora quis dar um golpe no tio Gustavo? — digo sem conseguir acreditar no que escutei.

— Eu já estava completamente apaixonada por seu pai. — ela continua a contar sem dar a resposta óbvia a minha pergunta. — Nos reencontramos em um jantar que sua avó ofereceu para me

conhecer. Várias coisas aconteceram; arrependida, eu desisti do plano, mas já era tarde. Seu tio já tinha descoberto tudo. Foram alguns meses difíceis até que descobri que estava grávida de você. Algum tempo depois, seu pai e eu nos acertamos e Gustavo nos perdoou.

Tenho várias perguntas, mas a primeira é a mais óbvia.

— Como tio Gustavo descobriu?

— Ele nos pegou juntos. — minha mãe diz com o rosto vermelho.

Meu Deus, como ela pôde ser tão baixa?!

— Como você deixou isso acontecer? Tio Gustavo deve ter sofrido muito! — digo indignada. E a resposta da minha mãe me surpreende.

— Seu pai não me queria com seu irmão e armou para que ele nos pegasse juntos. Eitan ainda tentou desistir, mas...

— Não acredito no que estou ouvindo... Quem são vocês?!

Minha mãe me olha magoada e responde.

— Nunca tive segredos com você, Luna, é meu passado que estou compartilhando com você, nunca disse que era perfeita. O que importa é que tudo se acertou e hoje estamos todos bem.

Mas nada do que ela diga nesse momento faz eu me acalmar.

— A senhora estava com dois irmãos. Ao menos sabe se sou realmente filha do meu pai? — minha mãe me olha surpresa, mas não paro por aí. — Estou realmente surpresa que tio Gustavo a perdoou; ele foi traído e enganado. Como você pôde fazer isso com alguém, mãe? Como pôde ser tão baixa?! Você realmente não é quem eu pensava. — nesse momento, minha mãe está chorando. Não consigo ficar aqui, preciso ir embora. Levanto da cadeira e saio do restaurante sem olhar para trás.

Estou completamente indignada com essa história. Como minha doce mãe foi capaz de fazer algo assim? No meu carro, subo a serra o mais rápido que posso. Preciso muito falar com o Miguel. Meus pensamentos não saem da conversa que tive com minha mãe e a indignação continua a mesma. Enfim, estaciono o carro, bato a porta com força e sigo para a casa do Miguel.

— Miguel! — grito procurando por ele.

Miguel aparece no topo da escada, só de calça jeans. Assim que o vejo, começo a chorar e ele desce apressado. Não consigo me manter de pé e ajoelho-me no meio da sala, aos prantos.

— O que aconteceu, amor? — Miguel pergunta preocupado.

Conto a ele, em meio às lágrimas, tudo o que minha mãe me contou e, pela sua expressão, noto ele não está surpreso. Ele conta que, há algum tempo, tio Gustavo contou tudo para ele.

— Como ela pôde fazer tudo isso, Miguel? — questiono sem saber o que pensar.

— As pessoas erram, Luna, ninguém é perfeito. — ele faz carinho em meus cabelos. — Imagina o quanto deve ter sido difícil para ela contar isso a você. — ele diz, paciente.

Meu Deus, como fui dura com minha mãe! É a história dela; eu não tinha o direito de julgá-la! Ainda assim, fui capaz de duvidar que sou filha do meu pai. Nossa, como sou idiota.

— Preciso ligar para ela agora. — tento pegar o celular na bolsa com as mãos trêmulas e Miguel me impede.

— Você está muito nervosa. Se acalma e depois você fala com ela. Tia Savannah vai te entender também.

— Fui muito dura com ela, Miguel! — respondo chorando.

Fico apoiada no peito do Miguel, chorando por um longo tempo. Não sei quanto tempo se passou, mas, quando não aguentava mais chorar, minhas pálpebras se fecharam e adormeci em um sono profundo.

≡≡

— Luna? — ouço a voz de Miguel muito distante. — Luna, meu amor. — ele chama novamente e abro os olhos lentamente. — Acorda, minha linda. — ele diz, fazendo carinho em meu rosto.

— Oi. — digo sonolenta.

— Você dormiu demais, amor.

— Que horas são? — pergunto, confusa.

— Quase meio-dia de terça-feira.

— Eu dormi tudo isso? —digo, sentando-me na cama.

— Você estava exausta. — ele diz preocupado.

— Preciso falar com minha mãe. — Miguel me estende o celular e disco seu número, que vai direto para a caixa de mensagem. — Preciso ir até ela. — digo, levantando-me.

— Está chovendo muito, Luna. — olho para a janela e um relâmpago clareia o céu nublado.

— Mas preciso falar com ela, Miguel. — digo, sentindo que vou começar a chorar novamente.

— Manda uma mensagem dizendo que precisa se desculpar e mais tarde no jantar você fala pessoalmente com ela. — Miguel diz, afagando minha bochecha.

— Tudo bem. — digo derrotada.

Espero que minha mãe me perdoe por tudo que disse ontem. Não sei onde estava com a cabeça para falar aquelas coisas. Minha mãe é a pessoa mais doce que conheço. Fui completamente injusta e ignorante em condená-la por um erro da sua juventude. Afinal, ela mesma deve se culpar por tudo o que aconteceu. Meu Deus, sou uma péssima filha!

≡≡

Estamos descendo a serra para ir ao jantar que vai acontecer em um dos salões da M&A no

Rio de Janeiro. O celular da minha mãe ficou na caixa de mensagem o dia todo e estou ansiosa para falar com ela.

— Ela vai te perdoar, Luna. — Miguel diz, repousando a mão em minha coxa.

— Espero que sim, Guel, estou me sentindo péssima.

Seguimos o resto do caminho em silêncio e, logo, estacionamos em frente ao salão. Fico surpresa ao ver fotógrafos e jornalistas no local; muitos deles fazem perguntas a Miguel, que responde educado.

A recepcionista nos leva até o salão. Nossos pais e alguns conhecidos já estão presentes. Sigo diretamente para minha mãe. Ela está com o rosto abatido e visivelmente triste. Ela me olha surpresa; pego sua mão e levo-a em direção a um lugar mais reservado.

— Mãe, me perdoa. — imploro segurando suas mãos, olhando em seus olhos.

— *Oh*, querida. — ela diz e abraça-me.

— Me perdoa, mãe, me perdoa, por favor. — continuo implorando, sussurrando em seu ouvido, enquanto as lágrimas caem por meu rosto.

— Não precisa pedir perdão, filha. — sinto que ela está chorando também.

— Só paro de pedir quando a senhora disser que sim. — digo, afastando-nos.

— Tudo bem, eu perdoo você. — ela diz sorrindo com os olhos marejados. — Mas agora acho que vamos ter que retocar nossa maquiagem. — nós duas rimos e abraçamo-nos novamente.

— O que está acontecendo aqui? — meu pai pergunta, assustando-nos.

— Momento mãe e filha, Eitan. — minha mãe diz sorrindo.

Cumprimento meu pai, e logo mais convidados começam a chegar. Mamãe e eu vamos rapidamente ao banheiro para não demonstrarmos nada aos convidados. Depois, ela segue em direção ao meu pai e começa a cumprimentar as pessoas. Fico aliviada ao saber que ela me perdoou.

Estou pegando uma taça de champanhe, quando vejo Marcela chegar com os pais e o irmão. *Não sabia que ela estaria aqui.*

Meus pais estão os cumprimentando e aproximo-me.

— Marcela. — minha amiga sorri ao me ver.

— Oi, amiga, acredita que só fiquei sabendo agora que esse jantar era com a sua família? — ela indaga irritada.

— E eu que nem sabia? — digo sorrindo.

Observo Miguel ao lado dos meus tios e a expressão confusa deles ao ver os pais da minha amiga. Tio Gustavo e Miguel se aproximam, enquanto tia Sophie fica onde está.

— Marcelo, eu não sabia que você estava trabalhando com a *Virtus* agora. — tio Gustavo diz, enquanto o cumprimenta.

Gente, que situação esquisita!

O clima está visivelmente estranho, pois Daniela, a mãe de Marcela, está completamente sem jeito, e percebo seu rosto ficar nitidamente vermelho quando tia Sophie se aproxima. Nunca, em toda minha vida, vi tia Sophie tão séria.

Miguel me olha confuso, mas sei muito menos do que ele. No entanto, a única coisa que consigo notar é que minha família não é a única a ter um passado conturbado.

Um movimento na entrada chama minha atenção e vejo quando Henry entra no salão.

E alguma coisa me diz que esse jantar não vai ser tão tranquilo quanto tio Gustavo queria.

Capítulo XXIII

Miguel

Muita coisa está errada no clima tenso que se instalou com a chegada dos pais da Marcela. Porém, não sei explicar o que é. Pelo jeito, meus pais os conhecem. Depois do cumprimento forçado por parte da minha mãe, cada um foi para um lado. Luna está conversando com Marcela, então aproveito para questionar o meu pai sobre o que aconteceu.

— Nos conhecemos de longa data, Miguel. Marcelo e eu costumávamos sair para beber juntos.

— Eu percebi, pela forma que o senhor falou com ele, que já se conheciam, mas a mamãe... Pensei que ela fosse bater na tal Daniela.

— É complicado, Miguel. — meu pai diz, olhando para os lados.

— Acho que temos tempo. — digo no exato momento em que minha mãe para ao lado do meu pai junto de Isabel.

— Também quero saber. — Bel diz curiosa e emenda. — Porque se não houver problemas, quero muito o telefone do irmão da Marcela, que gatinho!

— Isabel! — meu pai a repreende.

— Daniela foi uma antiga amiga de escola do seu pai, Miguel. Eles namoraram e terminaram. Anos depois, ela acabou se tornando a secretária dele. — minha mãe começa a contar e meu pai fica calado, enquanto ela continua. — Eu já estava grávida de você quando Daniela se aproveitou de uma briga minha com seu pai para nos separar de vez.

— Por isso a senhora foi para a Itália? — questiono, e Isabel indaga, ofendida:

— Por que não sei nada sobre isso?

— É passado. — meu pai diz, terminando o assunto.

— Então, ela continua uma cachorra vadia? — Bel pergunta.

— Não quero te ouvir falando assim, mocinha. — meu pai a repreende novamente, mas vejo minha mãe sorrir discretamente.

— Ah, pai, eu já sou bem grandinha para ser tratada como criança; já sou quase uma médica formada. E, outra, eu só quero saber se ela continua sendo uma vadia, pois só assim para eu não dar em cima do filho dela. — franzo o cenho para ela, enquanto meu pai a repreende novamente.

— Isabel, você pode estar casada que ainda vai ser uma criança para mim. Agora se comporte e pare de ofender as pessoas.

— Desculpe. — Bel diz, mas dá para perceber que não está nem um pouco arrependida.

— Ela mudou. — meu pai diz firme. — Eles mudaram. A vida nos torna mais fortes e algumas mudanças são boas. Foi o caso deles.

— Isso é verdade. A Daniela pode ter sido muita coisa no passado, mas hoje em dia ela é uma pessoa melhor, então assunto encerrado. — minha mãe diz e logo Bel se afasta assim como meus pais, que voltam a cumprimentar as pessoas.

Aproveito para conversar um pouco com meus avós. Eles ficaram fora por alguns meses, viajando pelo mundo e só retornaram por conta desse jantar.

Observo Luna conversar alegremente com Marcela. Gostaria de estar ao seu lado nesse momento, abraçando-a e fazendo-a sorrir. No entanto, falta pouco para esse segredo acabar.

Logo após o jantar ser servido, os convidados voltam a se entrosar em suas conversas sobre negócios e finanças, assunto este que nunca me interessou. Observo os outros interagindo e fico no meu canto. Bel, pelo jeito, vai conseguir o telefone do irmão da Marcela, já que os dois estão batendo altos papos. Já Henry e tio Eitan estão conversando muito. Pergunto-me se ele já sabe que Luna e Henry terminaram o noivado.

Sorrio ao ver Luna caminhar em minha direção.

— Oi. — ela diz parando ao meu lado.

— Oi, linda. — respondo, sorrindo.

— É muito estranho ter que disfarçar. — ela diz.

Nesse momento, uma música lenta preenche o salão e algumas pessoas, que estão acompanhadas, caminham para a pista de dança.

— Você me daria a honra dessa dança? — pergunto, estendendo a mão em sua direção.

— Com toda certeza.

Caminhamos para a pista, onde envolvo Luna em meus braços e aproveito o momento. Estamos conectados pelo olhar; existe somente nós dois nesse lugar. Luna sorri gentilmente e sussurra.

— Eu te amo muito, Miguel.

— Você é minha vida, amor. — digo, emocionado.

A música acaba e continuamos a dançar ao ritmo da próxima que começa a tocar, porém, somos interrompidos por Henry.

— Posso dançar com minha ex-noiva? — ele está bêbado, percebo pelo tom de voz enrolado.

— Acho que não. — respondo, encarando-o.

— Vai criar uma cena, Miguel? — Henry perguntando, alterando-se. — Ou vai me socar como fez no meu escritório?

Luna me olha surpresa e Henry continua.

— É só uma dança, amor.

Luna me olha como pedindo permissão, e decido sair de cena para não estragar os planos do meu pai. Deixo os dois sozinhos e Bel caminha para onde estou.

— Alguma coisa me diz que isso não vai terminar bem. — ela diz, olhando para o casal dançando.

— Estou com essa sensação desde que sai de casa. — respondo mal-humorado.

Luna e Henry continuam a dançar. Posso perceber minha namorada tensa e isso meio que me conforta um pouco. Mas tudo muda quando Henry se aproxima para beijá-la. No mesmo instante, dou um passo à frente, mas sou impedido de continuar por Bel.

— Ela sabe se virar sozinha, Miguel. — ela diz, olhando para os dois. Luna desvia e Henry acaba beijando seu rosto.

No entanto, Henry é mais rápido que ela. Na segunda vez, seus lábios se tocam, deixando-me louco de raiva.

— Merda! — escuto Isabel dizer quando caminho furioso na direção deles.

Henry está insistindo para beijar Luna quando chego o empurrando para longe dela.

— Já disse para nunca mais tocar nela! — grito, exaltado.

— Miguel... — Luna diz, aproximando-se e puxando-me para longe de Henry.

— Então é assim?! — Henry grita, chamado ainda mais atenção para o que está acontecendo.

— Ele está bêbado, Miguel, não vale a pena. — Luna sussurra em meu ouvido.

— Você tem razão. — digo, afastando-me junto dela, no entanto, os planos de Henry não são esses.

— Vão fugir?! — Henry grita, alterado. — Pensei que o casal quisesse gritar sobre o amor secreto dos primos Medeiros e Alcântara! — a declaração faz as pessoas ofegarem, surpresas, e meu

olhar vai de encontro ao do meu pai, que retribui o olhar, assustado. Eu sei que ele está pensando a mesma coisa que eu: *tio Eitan*.

— Henry, por favor... — Luna pede, aproximando-se dele.

— O quê? Só estou contando às pessoas sobre o seu incesto, meu amor! — sua declaração me causa muita raiva e parto para cima dele, mas antes que possa alcançá-lo, meu pai entra na minha frente, fazendo-me parar.

— Henry, você precisa ir embora. — Luna pede, aproveitando que meu pai me impediu de socar a cara desse desgraçado.

— Só se você for comigo, meu amor. — Henry pede e Luna meneia a cabeça em negação com algumas lágrimas caindo por seu rosto.

Nesse momento, a família de Luna se aproxima. Heitor, o irmão mais novo de Luna, está no colo de tia Savannah. Tio Eitan e Pedro estão nos encarando, mas é quando Henry passa de todos os limites, que tudo começa a ficar ainda pior.

— Você pôde dormir com ele quando estávamos juntos, mas não pode ir embora comigo?! — ele pergunta, erguendo os braços. Em toda minha vida, nunca senti tanto ódio de alguém como agora.

— Pai, sai da minha frente. — peço, encarando-o.

— Você precisa se acalmar, filho, ou pode fazer uma loucura. — meu pai diz, tentando acalmar a situação.

— O que ele está falando, Luna? — Tio Eitan pergunta, pronunciando-se pela primeira vez.

— Pai... — Luna tenta explicar, mas Henry continua a falar, mas, dessa vez, ele se aproxima ainda mais dela e grita.

— Você não me deixou fazer amor com você, mas deu para ele na primeira semana que voltou! — vejo quando Luna não hesita em bater na cara de Henry.

Seu rosto vira com o impacto e ignoro completamente meu pai, passando furioso por ele. Ninguém vai falar assim com minha mulher e sair impune. Em segundos, estou na frente de Henry.

— Você não é muito bom em seguir conselhos, não é, seu bastardo? — ergo os punhos e, com toda força, acerto em seu queixo e, logo em seguida, bem no meio do seu rosto.

Ouçó alguns gritos, mas não me importo com nada; só quero quebrar a cara desse desgraçado para ele nunca mais falar assim com uma mulher na vida. Sinto as mãos do meu pai me envolverem, tirando-me de cima de Henry. O idiota ainda tenta vir para cima de mim, mas é impedido por tio Eitan.

— Eu quero você fora daqui agora, rapaz! — meu tio diz e faz sinal para que os seguranças o levem para fora.

Vejo quando minha mãe e tia Savannah começam a lidar com os convidados, que estão indo embora. Pedro e Isabel lidam com os fotógrafos e jornalistas, que fazem um monte de perguntas. Era só o que faltava: todo esse drama estampado nos jornais!

O salão esvazia aos poucos e, quando só restam os membros da família Medeiros, meu tio questiona exaltado:

— Eu quero saber exatamente o que está acontecendo aqui! — ele diz, aproximando-se de Luna.

Rapidamente tento limpar minhas mãos, que estão sujas com o sangue daquele idiota, e paro ao lado de Luna, segurando suas mãos, que estão trêmulas.

Tio Eitan olha para o gesto e, na mesma hora, força nossas mãos a se soltarem, assustando a todos nós.

— Eitan, querido. — Tia Savannah tenta falar com ele.

— Você sabia disso, não é, Savannah?! — ele grita com ela.

— Você precisa entender, Eitan. — ela responde, aproximando-se dele, deixando Heitor perto da minha avó.

— Entender o quê? Que minha filha e o primo estão transando e eu sou o último a saber?

— Eitan, não fale assim da sua filha! — minha tia o adverte, mas meu tio a ignora. Nunca o vi assim em toda minha vida. Luna está chorando ao meu lado e tento abraçá-la, mas sou empurrado por tio Eitan.

— Não toque nela, seu merda! — tento ficar calmo; ele está nervoso e está falando da boca para fora.

— Eitan, você precisa se acalmar. — meu pai diz ao irmão, que parece estar fora de controle.

— Todos vocês sabiam dessa palhaçada e ninguém nunca me contou nada?! — Eitan diz, olhando para meu pai com raiva.

— Não era um segredo meu para contar para você. — meu pai fala no mesmo tom que tio Eitan.

— Pai, eu o amo. — Luna diz, erguendo o olhar para o pai.

— Cala a boca! — Luna chora ainda mais e meu pai se aproxima mais dele.

— Eitan, você precisa se acalmar. Está assustando sua família. — Tio Eitan nem mesmo olha para trás e continua a gritar.

— O que você tem na cabeça, Luna? Ele é seu primo! Como pôde esconder isso de mim? Como todos vocês deixaram isso acontecer?

Todos estão sem reação; tia Savannah tenta acalmar Heitor, que está chorando, e Pedro está

ao lado da mãe, tentando acalmá-la.

Minha mãe, Isabel e meus avós estão chocados, encarando meu tio. E Luna, minha princesa, chora copiosamente.

Isso precisa acabar.

— Nós nos amamos, tio, e vamos ficar juntos. — digo voltando para o lado de Luna e segurando sua mão.

No entanto, ele sorri com escárnio e diz com raiva.

— Pois eu proíbo esse namoro! — ele diz e puxa Luna em sua direção.

— Para, pai, você está me machucando! — Luna tenta se soltar e todos começam a gritar para que ele a solte. Meu tio continua a levá-la para saída e seguimos para onde ele está indo.

Pedro, meu pai e eu nos colocamos a sua frente e ele para de andar.

— Saiam da minha frente! — grita em nossa direção.

Luna aproveita para se soltar. E acredito que ela esteja com muita raiva e não pensou muito antes de responder ao Eitan, pois o que vem a seguir é catastrófico.

— O senhor não pode nos proibir de nada! — ela diz, secando as lágrimas.

— Posso, porque sou seu pai! — ele diz, tentando segurá-la novamente, mas Luna consegue evitar e para ao meu lado.

— E o que pretende fazer, pai? — Luna indaga com raiva e não para por aí. — Deve ser algo muito ruim, já que um dia você foi capaz de fazer seu próprio irmão sofrer ao trai-lo com a mamãe!

Tio Eitan, assim como todos que não sabem da história, ofegam em surpresa. Isabel me olha sem acreditar. Assim como meus avós e Pedro, que encara o pai.

— Luna... — tento impedir que ela continue, mas ela está completamente fora de controle.

— Você armou para que tio Gustavo pegasse você com a mamãe! Que tipo de irmão faz isso? Um covarde igual ao senhor. — ele ainda olha assustado para Luna, enquanto ela continua. — Eu vou viver meu amor e você não vai me impedir! Você não é o exemplo de homem certo para me impedir de qualquer coisa!

Dura apenas alguns segundos, mas vejo quando meu tio ergue a mão para bater no rosto da filha.

Não posso deixar isso acontecer, pois sei que ele vai se arrepender depois, por isso, quando Luna se curva, esquivando do tapa que está por vir, eu consigo impedir que tio Eitan siga adiante ao segurar seu pulso no ar.

Ele me olha surpreso e percebe o que estava prestes a fazer. Posso ver toda sua raiva sendo direcionada a mim.

— Tudo isso é culpa sua! — ele diz, virando-se tão rápido que, quando percebo, levei um soco no olho e dou alguns passos para trás, desequilibrando-me. Ouço quando todos gritam, principalmente Luna e minha mãe.

Ele vem em minha direção para continuar com os socos e eu não revido. Claro que não vou brigar com meu tio. No entanto, meu pai é mais rápido e entra na minha frente, levando o próximo soco em meu lugar. Tio Eitan tenta desviar o soco para não pegar em meu pai, mas mesmo assim ainda pega no canto de sua boca.

— Você não vai bater no meu filho, Eitan! — papai empurra tio Eitan.

— CHEGA!!!!

Surpreendemo-nos ao ver que o grito partiu do meu avô André.

— Eitan, você está completamente fora de controle! — ele diz, caminhando para perto dos filhos. — Onde já se viu esse comportamento absurdo?! Criei você muito melhor do que isso!

— Pai... — meu tio tanta falar, mas é interrompido pelo meu avô.

— Até eu, nessa idade, sei que amor de primos é normal. Então, trate de colocar isso na sua cabeça, meu filho, porque, ao meu ver, esses dois jovens se amam de verdade. — meu avô diz, olhando para nós. — Além do mais, ainda que você não aceite, eles são adultos e tomam suas próprias decisões.

Todos ficam em silêncio. Minha mãe se aproxima de mim, passando a mão onde levei o soco, e sinto um incomodo no lugar atingido.

— Não machucou profundamente, meu amor, mas você terá que colocar uma compressa de gelo para não inchar muito e o corte no supercílio não é grave. — mamãe nunca muda; ela sempre coloca nossa saúde em primeiro lugar. O mundo pode estar acabando a nossa volta, mas, se nos machucarmos, ela irá cuidar da gente antes de tudo e todos.

Ela me abraça e vejo meu pai se aproximar. Quando mamãe me solta, meu pai pega sua mão e eles voltam a prestar atenção no que meu avô está falando, enquanto Luna se aproxima de mim.

— Quanto ao que foi dito hoje, somos família e é normal que toda família tenha seus segredos. — meu avô olha para meu pai e depois para meu tio. — Contem e conversem com seus filhos sobre seus passados. Chega de segredos!

Mônica, minha avó, para ao lado do meu avô e diz de forma gentil.

— Agora chega desse assunto. Vão para suas casas. Descansem a cabeça, pois eu sei que todos têm muito no que pensar. — ela se aproxima de tio Eitan, que, nesse momento, está chorando em silêncio ao lado da esposa e filhos. — E você, querido, se acalme. — ela beija seu rosto e abraça-o em seguida. Tio Eitan assente e segura a mão de tia Savannah, guiando-a para a saída.

Ele passa por nós sem nos olhar e, com isso, concluo que ele não vai aceitar. Espero que o

tempo o faça mudar de ideia, pois Luna pode até estar com raiva agora, mas se o pai não falar mais com ela por causa do nosso relacionamento, sei que isso vai ser demais para ela. E não sei se posso suportar ficar ao seu lado sabendo que ela não é completamente feliz.

Por enquanto, só me resta ficar ao seu lado e apoiá-la no que for necessário. Por isso, sem dizer mais nada, seguro sua mão e levo-a para fora do salão. Sigo para o estacionamento, abro a porta do carro para que ela entre e subimos a serra em silêncio. Luna está quieta e percebo que dormiu antes de chegarmos.

Estaciono em frente à casa e pego-a no colo como um bebê; entro com ela embalada em meus braços. Coloco-a com muito cuidado na cama para não a acordar, e deito ao seu lado, pedindo a Deus que olhe para nós e tire toda a dor que essa noite pode ter causado nos nossos corações.

Capítulo XXIV

Miguel

O dia em Itaipava amanheceu escuro, nebuloso e a chuva não parava de cair. Não dormi praticamente nada e quando acontecia de começar a pegar no sono, sempre acordava com o choro baixinho de Luna. Sempre que ela acordava assustada, eu fazia um carinho em seus cabelos e ela voltava a dormir. Doeu vê-la tão vulnerável. Nunca passou pela minha cabeça que aquele jantar poderia sair de controle como aconteceu.

Não estou sendo um homem apaixonado ao dizer isso, mas ninguém saiu tão magoado daquele jantar quanto Luna. Ela foi humilhada pelas palavras do babaca do Henry, tendo sua vida íntima exposta para desconhecidos e familiares e seu pai não levou muito bem nosso relacionamento e, pela forma que tudo terminou, não acredito que tio Eitan vai aceitar facilmente.

Perto das seis da manhã, Luna conseguiu adormecer profundamente, no entanto, mantive-me acordado; com a adrenalina ainda percorrendo meu corpo, aproveitei seu sono para trocar de roupa e sair para correr um pouco. A chuva não me impediu; na verdade, achei melhor assim. Já passava das nove quando, enfim, senti-me esgotado e voltei para casa. Luna ainda dormia, então, após tomar um banho, peguei o notebook e fiz o que já deveria ter feito desde que Luna e eu voltamos. Agendei tudo e liguei para Paulo, nosso produtor musical. A banda não teria apresentação essa semana, seriam só alguns ensaios no estúdio e nenhuma música nova, por isso, perguntei se poderia tirar o resto da semana de folga devido a problemas pessoais. Percebi que ele não gostou muito, mas não negou. Desliguei o telefone certo do que estava fazendo e deitei ao lado de Luna e, graças a Deus, dormi logo em seguida.

Senti quando a cama mexeu e, sonolento, abri os olhos. Luna estava levantando e seguindo para o banheiro. Procurei meu relógio e passava do meio-dia. Levantei e fui atrás de Luna; ela não

me viu chegar, estava curvada sobre a pia e só me viu quando a abracei pela cintura, erguendo seu corpo. Ela levantou a cabeça e encarou-me pelo espelho. Continua linda, no entanto, sua expressão era de dor e seu rosto mostrava sinais de uma noite mal dormida.

— Não vou perguntar se você está bem. — digo, arrumando seus cabelos em mechas e começo a trançá-los. — Mas quero dizer mais uma vez que você não está sozinha. — uma lágrima desce por seu rosto e isso corta meu coração. Pego o elástico que ela estava segurando e prendo a ponta da trança. Viro-a e beijo seu rosto, por onde a lágrima passou. — Não consigo vê-la chorar, meu amor. — seguro seu rosto em minhas mãos e beijo seus lábios suavemente.

— Vai passar. — ela diz sem me convencer. — Como está seu olho? — pergunta, tocando em meu olho que nem está incomodando muito.

— Está tudo bem, só sinto um desconforto leve e nem está tão roxo. — e isso era verdade; quase não dava para ver a mancha roxa abaixo do olho.

— Se sentir qualquer coisa, me avisa. — ela diz amorosa.

— Claro, mas preciso dizer que preparei uma surpresa para você. — informo, levando-a de volta para o quarto. — Nós precisamos fugir um pouco de tudo isso. — pego uma mala e coloco-a em cima da cama.

— Vamos viajar? — indaga surpresa.

— Sim.

— Ah, Guel, agradeço de verdade o que está fazendo, mas não posso fugir dos meus problemas.

— Não vamos fugir, meu amor, somente dar um tempo de tudo isso. Quando voltarmos, vamos estar revigorados para enfrentar o que está por vir.

— É bom saber que não sou a única a achar que esse assunto ainda não acabou.

— Não, meu amor, eu sei muito bem que está só começando. Por isso precisamos de um tempo só nosso.

Luna força um sorriso e vai dizer alguma coisa quando a campainha toca. Ela me olha assustada, então, peço para que fique no quarto enquanto vejo quem é. No entanto, quando estou descendo as escadas, ela desce também.

Teimosa.

No olho mágico, vejo que são todos os caras da banda. *Mais um problema.* Abro a porta um pouco resignado e, pela expressão deles, confirmo meu pensamento. Davi, como sempre, é o primeiro a se manifestar.

— Por que diabos você acha que pode tirar folga? — ele diz passando por mim e os outros o seguem. Rick me olha meio sem jeito, mas não diz nada.

Quando veem que Luna está presente, cumprimentam-na e ela responde educadamente. Luna passa por eles e vem até a mim.

— Não quero que tenha problemas com a banda por minha causa. — ela sussurra.

— Ele está fazendo graça. Vá a sua casa, prepare sua mala que, quando você voltar, isso já vai estar resolvido. — ela me olha com aquele olhar teimoso, mas por incrível que pareça, obedece.

Fecho a porta quando ela passa e vou direto até Davi.

— Não fale comigo como se eu fosse seu subordinado, Davi. — paro bem a sua frente.

— Ei, *garotas*, sem brigas. — Benjamin tenta fazer graça, mas só me irrita ainda mais.

— Ele não pode atrapalhar a banda só porque a vida dele está uma merda! — encaro Davi com raiva e só não parto para cima dele agora porque estou cansado de brigas.

Suspiro alto e esfrego o rosto, tentando me acalmar. Saio do hall, indo para a sala me sentar. Eles fazem o mesmo, mas o idiota do Davi continua em pé.

— Não quero atrapalhar a banda, galera, mas preciso de um tempo. — digo, recuperando o controle da minha mente.

— Nós sabemos o que aconteceu ontem, Miguel. — Benicio diz, surpreendendo-me. — Viemos dar nosso apoio. O Davi que está estressado com outras coisas e quer descontar em quem aparece pela frente.

Ignoro o resto do que ele falou e só concentro-me na primeira parte.

— Como vocês sabem o que aconteceu ontem? — pergunto confuso.

Eles se entreolham e é Luca quem estende em minha direção o jornal do dia. Sinto um frio na barriga só de imaginar o que está escrito e é com pesar que encaro a manchete de primeira página com uma foto minha e de Luna.

Confusões e segredos revelados durante jantar de negócios do conglomerado M&A

O que era para ser um evento de negócios de mais uma parceira do conglomerado da família Medeiros e Alcântara, tornou-se um verdadeiro palco de drama familiar quando Henry Balzo, ex-noivo de Luna Medeiros, revelou que ela o traiu com o primo, Miguel Medeiros. Miguel, vocalista da banda Six Immortal, que está a cada dia ganhando mais sucesso, é comprometido! E nada mais nada menos do que com a própria prima! Fontes garantem que o romance vem desde a infância e que o casal só se separou porque nosso vocalista traiu a prima com uma fã. Parece que a família Medeiros e Alcântara têm muitos segredos e ainda vai causar muito drama.

— Como isso foi parar nos jornais? — indago para Luca.

— Eu não sei, cara, mas está em tudo que é meio de comunicação.

— Eu vou acabar com a carreira do merda que publicou isso! — grito, levantando-me. — Luna vai ficar arrasada quando ver essa porcaria.

— Você precisa se acalmar para apoiá-la, Miguel. — Rick se manifesta. — Não se preocupe com a banda, estaremos aqui quando você voltar.

— Então é assim? — Davi volta a se pronunciar.

— Davi, cala a porra da boca! — Benicio, que costuma ser o mais sensato de todos nós, exalta-se.

— Vocês não percebem que ele vai estragar a carreira da banda com toda essa merda? Até nosso nome está ligado a essa merda de notícia! — fiz o máximo que pude para ignorar Davi, no entanto, perco o controle em dois segundos.

— Minha vida, meus problemas e você não tem nada a ver com isso! — grito, aproximando-me. — Todos esses anos, Davi, essa raiva reprimida é o que, hum? Por que você acha que eu fodi com sua namorada?! — com essa frase, Davi parte para cima de mim, empurrando-me, e ambos caímos no chão entre socos, o que não dura muito tempo, pois os outros nos separam.

— Vocês dois, parem com isso agora! — ouço quando Luna grita da porta. — Onde já se viu dois companheiros de banda brigando como dois cães de rua?!

Davi ignora Luna e continua com seu show.

— Você não tinha o direito de tocar nela!

Ainda isso?

— Porra! Quantas vezes vou ter que repetir que eu nunca toquei na Ester! — grito de volta para Davi. Sei muito bem o quanto esse assunto é delicado para Luna, mas algumas coisas precisam ser esclarecidas.

— Você por acaso acha que sou idiota? No perfil dela tinha foto de vocês de mãos dadas. — Davi diz com sarcasmo.

— Um segundo, Davi. Me lembro daquele dia com perfeição, pois ele foi o início do meu fim. Ela segurou minha mão porque estava chorando após receber a ligação da mãe. Segurei, porque não sou um estúpido sem coração. Alguém tirou a foto de um momento e, vou repetir mais uma vez, eu nunca toquei nela!

— Você não me engana, Miguel. — Davi se solta bruscamente e passa por mim, mas, antes de sair, vira-se e diz. — Seria melhor se você deixasse a banda em paz. — ele abre a porta, mas para quando dou minha resposta.

— Não seja por isso. — respondo firme. Estou cansado dessas brigas com Davi. — Amo o que faço, Davi, mas não vale a pena. Não se para isso tenho que aturar seu péssimo humor comigo, suas caras feias e implicância com tudo o que faço.

— Miguel, não. — Luna diz, aproximando-se de mim e segurando minha mão.

— Você não precisa fazer isso, Miguel. — Rick diz e vejo o olhar surpreso dos outros.

— Davi também sabe cantar, ele pode assumir o vocal. Vocês estão, oficialmente, sem mim a partir de agora. — respondo, virando as costas para subir as escadas e ouço quando eles começam a sair.

— Miguel. — Rick me chama e volto minha atenção a ele. — Isso não é definitivo. Se acalme e se em alguns dias você ainda pensar da mesma forma, aceitaremos sua decisão.

Assinto e Rick sai, deixando-me a sós com Luna, que me olha com compaixão.

— Eu amo você. — ela diz, segurando minha mão e levando-a ao seu coração. — Estou aqui por você e para te apoiar no que você achar melhor.

Não consigo conter minha emoção e abraço o amor da minha vida. Cantar sempre foi um sonho, no entanto, nos últimos anos, o sonho tem se tornado um fardo muito pesado. E não posso esquecer de que foi esse mesmo sonho que me tirou a mulher que amo. Em algum momento, é preciso tirar o foco dos nossos sonhos e enxergar a realidade. E, nesse momento, a minha realidade não é nada favorável, mesmo tendo Luna comigo. Solto-me do seu abraço e encaro-a.

— Preciso te mostrar uma coisa. — pego o jornal na sala e observo Luna ler.

— No momento que tudo começou, eu sabia que isso poderia acontecer. — ela diz, deixando o jornal de lado. — Estava cheio de jornalistas ontem. Ainda que eles tenham sido colocados para fora, escutaram o suficiente para fazer disso uma manchete.

— Sinto muito, amor.

— Eu também. — ela suspira, triste. — Mas vamos torcer para que eles nos esqueçam.

— Então vamos começar por nós esquecendo tudo isso. — ela sorri. — Nosso voo nos espera.

— Vamos tão longe assim? — questiona, curiosa.

— Você só vai saber daqui a pouco. — beijo sua testa carinhosamente.

Que essa viagem seja suficiente para deixar as coisas em ordem.



Somente no aeroporto que Luna descobriu que estamos indo para Gramado, Rio Grande do Sul. Como amamos serra e climas frios, pensei que Luna ficaria feliz em ir a Gramado e ela realmente ficou, o que tirou um pouco de sua tristeza e deixou-me mais alegre. Tenho planos para essa viagem e deixar minha futura noiva triste não faz parte deles.

Após duas horas de voo, desembarcamos, pegamos nossas malas e seguimos para a pousada. Fiquei em dúvida entre a pousada e o hotel, mas como queria algo mais acolhedor, escolhi a pousada. Fomos muito bem recebidos e logo recebemos a chave do nosso quarto.

Mas o que me fez sorrir de verdade, foi o olhar de Luna ao abrir a porta e encontrar pétalas de rosa e velas por todo quarto. Ela volta seu olhar para o meu e pula em meu colo, abraçando-me.

— Não acredito que você fez isso! — ela diz, sorrindo, olhando em meus olhos.

— Uma vez eu disse que você merecia uma viagem, flores e champanhe. Sou um homem de palavra, meu amor. — Luna prende mais suas pernas ao meu redor e seguro-a pela bunda, enquanto levo-a para a cama.

— Não estou vendo o champanhe. — ela diz divertida.

Deposito-a com cuidado na cama, beijo seus lábios levemente e levanto, indo ao frigobar. Ela sorri ao me ver pegar o champanhe. Abro a garrafa e volto até ela; apoio os joelhos de cada lado na cama e Luna fica entre minhas pernas.

— Está faltando as taças. — ela diz inocente.

— Eu nunca disse que teria taças, baby.

Derramo champanhe sobre seu decote e passo a língua por cima, bebendo dela, enquanto Luna ofega em surpresa. Puxo sua blusa para baixo, liberando seus seios lindos, perfeitos na medida certa, e derramo mais sobre eles, bebendo mais uma vez dela. Luna geme meu nome, enquanto minha língua passeia por todo seu seio, sugando e saboreando seu gosto misturando à bebida.

— Luna com champanhe é uma delícia, amor. — digo sorrindo.

— Não vejo a hora de experimentar Miguel com champanhe e ter o mesmo prazer. — ela diz travessa, deixando-me ainda mais duro.

— *Ah*, baby...

Palavras não são essências em certos momentos, por isso, calo-me e continuo a beber de Luna. Ouvir seus gemidos é muito melhor do que ouvir minha própria voz. E assim, por algum tempo, iremos esquecer as tragédias ao nosso redor.

Capítulo XXV

Luna

Miguel dorme tranquilamente ao meu lado. Observo seu peito subir e descer e não consigo conter minha emoção com a simples cena. Amo-o tanto que sinto meu coração apertar só de pensar em perder Miguel mais uma vez. E ontem tive muito medo de que isso acontecesse. Medo de que ele desistisse de nós, já que meu pai ficou furioso ao descobrir sobre nosso relacionamento.

Sinto-me culpada por estar aqui com ele, enquanto todos os problemas estão lá, esperando por mim. Entretanto, preciso muito desse tempo com Miguel; sei que precisamos disso. Tivemos uma noite maravilhosa. Miguel me amou da forma que eu precisava e fez-me sentir segura em seus braços. Quando, enfim, ficamos esgotados, adormecemos juntos, mas acordei cedo demais e aqui estou observando meu amor e pensando em tudo que aconteceu.

O que mais me incomoda é a situação com meu pai. *O que está acontecendo comigo que só estou magoando as pessoas que amo? Por que usei o que minha mãe me contou para magoar meu pai?* Essa não sou eu! Não importa se meu pai quis tentar proibir meu namoro, eu deveria ter ficado calada e esperado o clima amenizar. Mas não, deixei a raiva me dominar e magoei meu pai. Independente de ele ficar com raiva por causa do namoro ou não, nada justifica o que falei. Mas agora não adianta ficar remoendo isso. Quando voltar, vou procurá-lo e pedir que me perdoe.

Sinto-me péssima...

Miguel se mexe na cama, abre os olhos lentamente e sorri.

— Bom dia, amor. — ele beija meu rosto.

— Bom dia. — faço um carinho em seu rosto.

— Muito bom acordar olhando para você. — ele diz carinhoso.

— Posso dizer o mesmo; tanto que estava te observando até agora. — sorrio.

Ficamos preguiçosos na cama por mais alguns minutos, mas logo levantamos para passear um pouco. Tomamos banhos juntos e depois seguimos para tomar o café da manhã da pousada, que é maravilhoso.

— Aonde você quer ir primeiro? — Miguel indaga quando saímos da pousada.

— Seria ótimo alugar um carro. — digo implicando com ele.

— Como não pensei nisso?

— Acho que você estava muito preocupado com o champanhe.

— Você está tão engraçadinha hoje! — ele diz sorrindo. — Estou brincando; já deixei um carro reservado na locadora. — ele dá uma piscadela, fazendo charme.

Fomos de táxi até a locadora, pegamos o carro que Miguel reservou e decidimos seguir para o parque de neve *Snowland*. Adorei! O lugar é lindo e completamente preparado. Logo na entrada, recebemos roupas adequadas, luvas e capacete. Quando crianças, aprendemos a esquiar em uma viagem de férias. Miguel e eu estávamos meio enferrujados e, depois de alguns tombos e muitas risadas, pegamos o ritmo.

Depois que cansamos, simplesmente sentamos em meio à neve e brincamos como as crianças que costumávamos ser. O que trouxe lembranças maravilhosas. Uma delas do meu pai montando um boneco de neve comigo.

— Por que essa carinha? — Miguel indaga preocupado.

— Lembrei das nossas férias na Suíça. —digo não contendo a emoção. — Lembrei do boneco de neve que montei com meu pai.

Miguel compreende o que quero dizer e abraça-me.

— Você sabe que ele não vai ficar com raiva para sempre, não é?

— Não é isso, Miguel, eu não deveria ter dito aquilo para ele.

— Ninguém é perfeito, Luna, ele vai entender. — Miguel tenta me consolar.

— Não, Miguel, eu revelei um segredo que não era meu, eu não tinha esse direito.

— Você não me disse como ficou sabendo disso. Eu sabia por que meu pai me contou, mas e você?

— Minha mãe me contou um pouco, mas tenho certeza de que depois do que fiz e do que o vovô falou, vamos saber mais.

— Então você fez uma boa ação. — ele diz com seu sorriso maravilhoso.

— Ah, meu amor, só você para pensar isso. — envolvo meus braços ao redor do seu pescoço e beijo-o apaixonadamente.

Miguel é minha força; ao lado dele sinto que posso tudo, de forma que consigo sorrir quando, por dentro, meu coração está triste pelas besteiras que eu mesma cometi. Que Deus me ajude a não magoar mais ninguém.

≡≡

Os dias passaram rapidamente enquanto estávamos na pousada. Passeamos praticamente por Gramado inteira e conhecemos os pontos turísticos mais famosos. Fiquei apaixonada pelo Parque do

Lago Negro, um lugar lindo, perfeito para o clima de romance. Andar de pedalinho com o Miguel foi o ponto alto. Acho que nem mesmo quando adolescentes tivemos momentos tão agradáveis como esses dias que Miguel nos proporcionou e, se possível, amo-o ainda mais; se for loucura, que seja...

Mas, infelizmente, temos que voltar para casa e nosso tempo fora da realidade está se findando. Acabamos de chegar de uma maravilhosa loja de cristais, onde comprei algumas peças realmente lindas. Agora vamos jantar em um restaurante muito conhecido aqui em Gramado e amanhã é domingo e precisamos voltar para casa.

— Luna, enquanto você se arruma, vou verificar na recepção nossa partida amanhã. — Miguel diz quando entro no banheiro.

— Está bom, amor. — respondo e ligo chuveiro.

Termino de tomar banho e começo a me arrumar. Escolho um vestido preto tomara que caia com decote em formato de coração; ele marca na cintura e solta caindo um pouco acima dos meus joelhos. Calço uma sandália preta, prendo meus cabelos e nada de Miguel chegar. Somente quando estou finalizando a maquiagem que ele abre a porta do quarto e entra apressado.

— Demorou tanto assim na recepção? — ele para na minha frente e sorri.

— Você está linda. — ele beija minha boca levemente e logo entra no banheiro. — Vou me arrumar senão vamos nos atrasar. — ele diz quando fecha a porta.

Espero por Miguel mexendo no meu celular. Ignoro completamente a internet, não sei se ainda estão falando de nós e nem quero saber. Abro a galeria de fotos e fico admirando as imagens que capturamos durante nossa estadia. *Perfeito*. Sorrio ao imaginar um futuro ao lado de Miguel. Cinco anos foram perdidos, mas vão ficar para sempre em minha memória.

Henry foi um bom amigo e companheiro, mas no momento em que ele me expôs daquela forma, esqueci tudo que tivemos juntos. A bebida não justifica suas palavras; ela apenas lhe deu coragem para dizer o que queria. Não quero guardar mágoas e, na verdade, nem guardo, mas toda e qualquer possibilidade de amizade foi desfeita naquela noite.

— Por onde andam esses pensamentos? — assusto-me ao ouvir a voz de Miguel.

— Coisas da vida.

— Então deixe essas coisas de lado que hoje a noite é só nossa. — ele diz e ajuda-me a levantar. Saímos do quarto e, em seguida, estamos a caminho do restaurante.

No restaurante, depois que escolhemos nossos pedidos, Miguel pede licença algumas vezes, o que é muito estranho, pois ele demora vários minutos para voltar. Quando, enfim, ele retorna, ignora quando pergunto onde esteve e logo nossos pratos são servidos. Jantamos em um silêncio agradável, no entanto, estou confusa quanto ao que está passando na cabeça do meu amado.

— Você está bem? — pergunto como quem não quer nada.

— Só uma dor de cabeça. — responde segurando minha mão.

— Vamos voltar, então.

— Não se preocupe, logo vai passar. — ele diz e logo em seguida o garçom serve a sobremesa. Uma torta de maçã que está com uma cara deliciosa.

Miguel come somente metade da sua e pede licença novamente. Será que ele está bem mesmo? Quando Miguel começa a demorar, penso em levantar e ir atrás dele, mas as luzes do salão se apagam e a luz do palco principal é acesa.

Miguel está sentando lá com o vilão em seu colo.

O que ele está fazendo?

— Uma vez você escreveu uma música sobre nosso amor... — ele começa deixando-me estagnada. — Eu prometi que te provaria que você não me odeia e, nesses últimos dias, minha frase preferida a ser dita por você é quando diz que me ama. — sinto um nó se forma em minha garganta, pois me lembro da mensagem que ele enviou para meu celular quando descobriu que eu me mudaria para Londres. — Sou um homem de promessas, Luna, e você sabe disso. — ele dá um sorriso charmoso capaz de congelar meu coração.

Miguel solta alguns acordes e, então, começa a cantar algo que nunca pensei em ouvir novamente na minha vida.

Te amei desde a infância

Você é meu, eu sou sua

Apaixonada por você

Sua para sempre, nascemos para mostrar ao mundo que almas gêmeas existem

E que a nossa história de amor começou há muito tempo

Existem vidas passadas?

Porque se a resposta for sim, também nos amamos lá

Você é meu

Eu sou sua

Você é meu amor

E eu sou seu amor

*Foi quando você nos tornou um só que eu tive certeza que não poderia ser mais feliz sem
você*

Eu te amo, baby, e você me ama.

Não me odeia, me ama

Você, baby, me ama

Não importa... Me ama.

Não consigo conter a emoção. As últimas três frases foram escritas por ele. Lembro-me muito bem de escrever, no fim, que o odiava e ele mudou essa parte. Contenho o soluço devido às lágrimas que estão caindo por meu rosto e consigo ver quando Miguel desce do palco sob os aplausos das pessoas e caminha em direção à nossa mesa. Quase perco o ar quando ele se ajoelha na minha frente e exhibe uma caixinha de veludo vermelha.

— Naquele dia, eu disse que cantaria para o mundo sobre nosso amor. — ele olha ao redor e continua. — Ainda não é o mundo, mas por enquanto é o suficiente. — uma lágrima desce pelo rosto de Miguel e estendo a mão para secá-la. — Se ainda não está perfeito, é só me dizer, amor, que vou fazer. — Miguel abre a caixinha e, mesmo entre as lágrimas, consigo ver o par de alianças douradas. — Quero ter meu “*para sempre*” com você, baby, basta dizer sim.

Desvio minha atenção da caixinha e saio do meu lugar, ajoelhando-me a sua frente.

— Eu nunca poderia dizer algo diferente, Miguel. — respondo com a voz embargada.

— Então você aceitar casar comigo, Luna? — indaga com *aquela* sorriso.

— Claro que sim! — respondo, secando as lágrimas. Miguel me abraça e, de olhos fechados, ouço as pessoas ao nosso redor assoviarem e baterem palmas.

Assim que nos soltamos, Miguel coloca a aliança no meu anelar e faço o mesmo com ele. Sorrimos juntos e Miguel levanta, ajudando-me em seguida. As pessoas nos olham admiradas e sorridentes.

— Não acredito que você fez mesmo isso! — digo, sentindo meu rosto corar, só agora estou me dando conta de como chamamos a atenção das pessoas.

— Eu que não acredito que você disse sim. — ele diz, beijando-me logo em seguida.

Não demoramos no restaurante e conseguimos ir embora logo depois de recebemos parabéns de pessoas que nunca tínhamos visto antes.

Assim que entramos no quarto, sou imprensada pelo corpo do Miguel e beijamo-nos com fervor e paixão.

— Preciso tanto estar dentro de você, amor. — ele diz com a voz levemente rouca.

— Estou sempre pronta para você, meu arcanjo. — seus olhos brilham quando ele me encara e logo meu vestido está sendo jogado no chão, assim como as roupas dele.

As mãos de Miguel passeiam por todo meu corpo, apertando e tocando nos lugares exatos, deixando-me louca. Seu beijo é intenso, quente e capaz de acender todo fogo que queima dentro de mim nesse momento.

Miguel segura minha nuca com força e, olhando dentro dos meus olhos, faz um leve gesto em meu ombro, empurrando-me para baixo.

Sinto meu ventre se contrair e meu sexo pulsar só de imaginá-lo em minha boca e é sem

pensar duas vezes que me ajoelho em sua frente.

Miguel está duro como pedra e seu cheiro não poderia me deixar com mais tesão. Seguro a base do seu pênis com força e logo estou passando a ponta da língua em sua glândula; sinto-me extremamente sexy quando Miguel geme, curvando a cabeça para trás. Sinto-me mais ousada e tomo-o por completo em minha boca.

Miguel apoia um dos braços na parede, enquanto o outro me guia na intensidade dos movimentos. Sinto meu sexo pulsar em desejo quando percebo que Miguel está ficando cada vez mais duro. Ele me faz ficar de pé e volta a me pressionar contra a parede; levanta minha perna esquerda, apoiando-a em seu antebraço, enquanto a outra me segura pelo bumbum. Logo em seguida, Miguel está me penetrando rápido e forte; a posição faz com que ele entre profundamente em mim, batendo em um ponto que me faz delirar de prazer e gritar mais alto do que deveria.

Nossos gemidos preenchem todo quarto e conseguimos alcançar o clímax juntos. Ambos exaustos e suados.

— Um banho? — ele pergunta de uma forma que faz meu ventre contrair e só consigo assentir.

E, mais uma vez, tocamos de forma louca e apaixonada. Não importa quantas vezes eu faça amor com Miguel, sempre vou querer mais.

Apaixonada, enamorada, louca ou até mesmo viciada, nenhuma dessas palavras é capaz de definir quem eu sou quando estou com Miguel.

Capítulo XXVI

Luna

Desembarcando no Rio de Janeiro. Pegamos o voo da madrugada de domingo para segunda e chegamos agora. Não vou mentir e dizer que gostaria de ter ficado para sempre em Gramado, porque tenho problemas aqui que pedem minha atenção. Além do meu pai, ainda tenho que finalizar o último livro de contabilidade e o que achei até agora é preocupante.

— Por que essa ruga em sua testa? — Miguel indaga quando estamos entrando no táxi em direção a Itaipava.

— Estou pensando nos livros de contabilidade. — respondo.

— Algum problema?

— Eu acho que estão... — sou interrompida pelo celular de Miguel que começa a tocar. — Pode atender. — Miguel olha indeciso para a tela do celular, mas atende.

Não consigo dizer exatamente quem é, mas é alguém da banda. Miguel escuta com atenção e diz que já retorna a ligação.

— O que foi? — pergunto, preocupada pela sua expressão tensa.

— Rick disse que marcaram uma apresentação hoje em uma casa de show na baixada fluminense.

— E? — faço com que ele conte o resto.

— Ele pediu que eu me apresentasse hoje, que não saísse da banda. — Miguel responde e, por seu tom de voz, sei que ele está frustrado.

— E o que você decidiu? — indago não querendo dar minha opinião.

— Amo cantar, Luna, mas isso tem se tornado uma tarefa muito difícil ao lado do Davi.

— Mas seus amigos precisam de você. Não dê moral para o que ele fala, faça o que você sabe fazer de melhor.

— Eu sei... Vou ligar de volta para Rick e confirmar que vou ao ensaio de hoje à tarde, depois disso decido o que fazer.

Sorrio com sua decisão. Sabia que ele não conseguiria ver os amigos precisando dele e não ajudar. Esse é o homem que amo. Miguel liga de volta para Rick e fica mais alguns minutos ao telefone. Logo em seguida, o meu toca. No visor, vejo o nome da minha mãe.

— Mãe. — atendo um pouco apreensiva.

— Pelo amor de Deus, eu sei que você é adulta, mas não custa avisar que vai viajar. Estava ficando louca de preocupação, Luna! — ela diz rapidamente.

— Desculpe, foi coisa de última hora.

— Você está bem? — pergunta preocupada como sempre.

— A pergunta certa é se vocês estão bem, mãe... Como o papai está? — indago sentindo meu rosto esquentar de vergonha.

— Ah, Luna, como tudo aconteceu tão errado? — a voz chorosa da minha mãe corta meu coração.

— Ele brigou com a senhora? — indago, preocupada.

— Só fala comigo o essencial. — ela diz e começa a chorar.

— Mãe, não chora, por favor. — peço, sentindo meus olhos lacrimejarem. Miguel encerra sua ligação e, mesmo sem saber da conversa, segura minha mão em apoio.

— Ele disse que o trai quando não contei sobre vocês. — ela diz, acalmando-se.

— Eu vou resolver isso, mãe, o papai não pode te culpar.

— Dê mais alguns dias a ele, Luna. — ela pede paciente.

— Mais tarde tenho que ir à empresa. Se ele estiver lá quando eu chegar, vou procurá-lo.

— Vocês são iguaizinhos! Dois cabeças-duras! — tenho que rir de sua última frase e ela faz o mesmo.

— Amo você, mãe.

— Também te amo. — minha mãe encerra a ligação e volto minha atenção para Miguel.

— Meu pai está falando que minha mãe o traiu, acredita?

Miguel não diz nada e seguimos o resto da viagem em silêncio. Mesmo sem querer, acabo cochilando e só acordo quando Miguel informa gentilmente que chegamos. Nada como chegar em casa.

Miguel leva minha mala e a dele para sua casa e fico um pouco confusa quando paramos na entrada, enquanto ele procura a chave.

— Acho que deveria ir para minha casa. — informo a ele, que me dá um olhar mortal.

— Você vai ficar comigo agora. — diz firme e abre a porta. Ele entra e sigo-o sorrindo.

— Os casais só moram juntos depois do casamento. — digo para irritá-lo.

— Não somos qualquer casal e, a partir de hoje, sua casa está à venda! — ele diz subindo as escadas.

— Você não pode vender minha casa. — passo por ele e entro no quarto seguindo para o banheiro. Preciso urgentemente usar o banheiro, mas Miguel abre a porta na maior cara de pau.

— A partir do momento que vejo você fazendo xixi, tenho total liberdade de vender sua casa. — ele diz com um sorriso travesso.

Irritada com sua cara de pau, pego o rolo de papel higiênico e taco nele, que fecha a porta

gargalhando.



Já é de tarde quando descemos novamente a serra. Miguel e eu fomos em carros separados já que íamos para lugares diferentes. Ele já saiu de casa com a mochila pronta, pois, como da última vez, iria direto do ensaio para a casa de show que, por sinal, não sei nem onde é ainda. Ele ficou de mandar uma mensagem com o endereço quando soubesse exatamente onde era.

Quando estacionei o carro na empresa, já passava das quatro da tarde. Meu pai tem o costume de sair nesse horário. Saio do carro rapidamente e pego o elevador para o andar da presidência. Pego o crachá de visitante e só paro para ser anunciada por sua secretária.

E é com dor no coração quando ela, muito sem graça, diz-me que meu pai mandou me avisar que está ocupado e não pode me atender. Respondi um *tudo bem* mais sem graça ainda e segui para a contabilidade. Mas como tudo sempre pode ficar pior, encontro Deborah e Henry no meio do corredor.

Deborah sorri simpática e pede licença caminhando à frente. *Não posso falar com Henry agora.* Tento passar por ele, mas sou impedida quando ele segura meu braço.

— Posso falar com você? — ele diz, ansioso.

— Estou com pressa agora, Henry. — solto meu braço do seu aperto e sigo em frente.

Pego o elevador para o andar da contabilidade e aguardo na recepção, enquanto Vítor está em reunião. Espero praticamente por uma hora quando, enfim, várias pessoas começam a sair de sua sala.

Ele sorri ao me ver e pede que eu entre. No momento em que me sento em uma das poltronas de frente para a mesa dele, ele chama sua secretária e pede que traga água e café.

— Me desculpe pela demora. Se soubesse que você viria, eu não teria marcado nada. — ele diz ansioso e posso sentir que alguma coisa está errada.

— Estou no último livro, Vítor, e percebi algumas anotações repetidas e até mesmo em branco em algumas colunas de fluxo de caixa. — digo logo de uma vez.

— Possivelmente erro de quem preencheu o livro.

— Foi o que pensei também. Mas a auditoria é meu trabalho. — ofereço um sorriso forçado. — Por isso, preciso dos arquivos dos três últimos anos de notas fiscais.

— Mas isso vai demorar. — ele diz mal-humorado.

— Posso esperar. — respondo simplesmente.

Ele me encara, mas não diz nada. Pega o telefone e liga para sua assistente e pede que ela selecione o arquivo.

— Também vou precisar das planilhas. — informo.

— Tudo isso é realmente necessário? — indaga sem qualquer expressão.

— Só estou fazendo meu trabalho.

Vitor abre sua gaveta e retira um *pendrive* onde salvara os arquivos.

— Não sei o que está procurando, senhorita Medeiros, mas tenho certeza de que não vai achar. — mas que idiota!

— Não se preocupe, sei muito bem o que estou procurando. — ele estende o *pendrive* e pego-o, guardando-o na bolsa. — Se não se importar, prefiro esperar por sua assistente lá fora. — ele assente e, quando estou saindo, ele me chama.

— Muito cuidado, Luna. — o seu tom de voz está estranho e começo a questionar se fiz bem em vir aqui antes de falar com a diretoria ou a presidência. Não respondo e aguardo por sua assistente na recepção. A menina demorou mais de uma hora para voltar com os arquivos e, ainda por cima, em várias caixas. Precisei dar umas três viagens até meu carro para levar tudo.

Quando olho para o relógio, passa das sete da noite. Pego meu celular e confiro que Miguel mandou a mensagem. Eles só iriam abrir o show de outra banda que não pôde comparecer. Começaria às oito horas e ficava em uma casa de show em São João de Meriti. *Vou precisar do GPS.*

Depois de deixar as caixas no carro, volto para ir ao banheiro. Não posso aparecer no show do jeito que estou. Perco mais uns dez minutos, mas enfim estou pronta para ir. No entanto, sou surpreendida quando a porta do elevador abre e vejo meu pai; ele está no celular e ouço sua última frase.

— Tudo bem, nos encontramos daqui a pouco. — ele fica mudo ao me ver. Faço-me de forte e entro no elevador. Ele encerra a ligação e guarda o celular.

Se ele não está bem com minha mãe, com quem ele vai se encontrar? Não! Ele não faria isso com minha mãe!

Luna, para! Nem todo homem trai! Seu pai não está traindo sua mãe!

Tento controlar meus pensamentos ridículos e minha respiração. Preciso aproveitar para falar com ele.

— Pai...

— Se você não se importar, gostaria de ficar em silêncio. — sua voz fria corta meu coração.

— Só quero dizer que o senhor tem todo direito de estar com raiva de mim, mas a mamãe não tem culpa de nada. — vejo quando me olha pelo canto dos olhos e continuo. — Ela te ama e está sofrendo com tudo isso. — ele fica em silêncio, então continuo. — Sobre o que eu disse... — ele me interrompe.

— Que sou um péssimo irmão? — ele se vira e responde olhando em meus olhos. — Gustavo me perdoou pelo que fiz, Luna, mas não tem um dia da minha vida que eu não queira voltar

atrás e consertar os erros do passado. Por isso, não preciso que ninguém me diga o que já sei. — sinto a dor em sua voz e não consigo conter as lágrimas.

As portas do elevador se abrem e meu pai sai disparado, porém, antes que ele saia pelo saguão da empresa, alcanço-o e abraço-o por trás, chorando. Encosto minha testa em suas costas e digo.

— Me perdoa, pai, eu nunca quis te magoar. — pelo horário, as únicas pessoas no saguão somos nós e o segurança, que finge não ver o que está acontecendo. — Eu preciso que o senhor me perdoe, eu sinto muito.

— Por me dizer aquilo ou por namorar alguém da família? — meu pai diz com a voz dura; era o mesmo tom que ele usava quando eu era criança e ele brigava comigo, ensinando-me que o que fiz foi errado.

— Por dizer algo que não devia. — respondo firme e solto-o. Ele se vira e posso ver a mágoa em seu olhar.

— Você vai insistir nesse namoro? — ele indaga alterando o tom de voz.

— Eu o amo. — respondo a verdade.

Meu pai não responde e vira as costas, deixando-me sozinha. Sinto mais lágrimas se formarem e choro por toda essa situação. Sei que tenho que ir embora, mas não consigo sair do lugar, mas isso muda quando sinto uma mão no meu ombro. *Henry*.

— Sinto muito. — ele diz.

— Não sinta. — respondo mal-educada e sigo para o estacionamento.

— Então, agora que você está com ele, vai me tratar assim como um cachorro? — Henry diz magoado.

Paro imediatamente e respondo de forma grosseira.

— Você me humilhou e me fez sentir uma vagabunda barata na frente de várias pessoas, Henry, como quer que te trate?

— Eu sei que errei. — ele diz, aproximando-se.

Merda! Já estou atrasada.

Sigo para o estacionamento e Henry me segue.

— Estou falando com você, Luna. — ele diz atrás de mim.

Não respondo e abro a porta do carro, mas, antes que eu entre, Henry me puxa e pressiona seu corpo contra o meu, impedindo-me de me mexer.

— O que pensa que está fazendo?!

— Eu só quero conversar.

— Me solta agora! — digo irritada e Henry se afasta calmamente.

— Quando ele te magoar, ainda vou estar aqui. — ele diz quando entro no carro. Encaro-o irritada e bato a porta com força e saio cantando pneus.

Ligo o *GPS* assim que saio do prédio, mas é difícil de me concentrar em qualquer outra coisa que não seja a tarde problemática que tive. Três homens, três problemas diferentes. Tudo que quero é encontrar o Miguel e ir para casa.

Chego ao lugar do show duas horas atrasada. Acabei me perdendo e tive que procurar um retorno. Como sabia que a apresentação da banda já tinha acabado, segui direto para os bastidores. O segurança, que é sempre o mesmo, liberou minha entrada, no entanto, só Rick e Davi estavam no camarim.

— Oi, vocês sabem do Miguel? — questiono procurando por ele.

— Ele já foi, Luna, estava preocupado com você por não aparecer e assim que acabou, foi embora.

Nossa, ele deve estar maluco atrás de mim. Pego meu celular para avisar que estou bem, mas antes que eu faça isso, Davi destila seu veneno, o que vai fazer mudar toda minha noite.

— Ele não foi sozinho. — encaro-o surpresa.

— Davi... — Rick tenta impedi-lo de falar, mas não consegue.

— Lembra-se da Ester? — indaga cínico. — Ela esteve aqui procurando por ele, foram embora juntos.

O quê?!

O celular desliza da minha mão e eu não consigo ter nenhuma reação.

Rick olha irritado para Davi, que sai do camarim deixando a bomba em minha mão.

— Luna, não foi assim. — Rick começa a falar, mas percebo que ele está nervoso. — Ela esteve aqui sim, mas Miguel nem a viu. Ele foi embora antes de ela chegar.

— Então, o Davi está mentindo. — digo tentando me acalmar.

— Só que o Davi deu o endereço do Miguel para a Ester. — Rick passa a mão na cabeça, frustrado. — Não sei se ela foi atrás... — não deixo que ele termine de falar, pego meu celular do chão e saio do camarim o mais rápido que posso.

Acho que nunca subi a serra tão rápido em toda minha vida. Isso não pode estar acontecendo! Porém, quando entro no condomínio, meu coração bate freneticamente e sei que alguma coisa está errada. Saio do carro sem fazer barulho e, quando abro a porta da frente, sinto como se estivesse voltando cinco anos na minha vida.

Ester e Miguel estão no hall de entrada, abraçados.

— O que é isso? — indago tentando não perder o foco. Mas o olhar assustado deles me faz ver vermelho.

— Luna, não é isso que... — Miguel tenta dizer a frase tão conhecida, entretanto, não tenho como ficar e ouvir o que ele tem a dizer.

— Sempre foi como que eu pensava. — sussurro com a voz embargada.

— Nunca foi, Luna, espera... — interrompo-o.

— Larga de ser mentiroso! Eu deveria ter ouvido o Henry, você não vale nada! — grito a última parte olhando para eles.

As lágrimas descem por meu rosto e sinto-me uma estúpida por chorar na frente deles. Viro as costas, batendo a porta com toda a força e corro em direção ao meu carro. Estou ligando-o quando Miguel se coloca na frente, impedindo-me de sair. Mas ele não vai conseguir me parar. Dou a ré e saio do condomínio cantando pneus pela segunda vez no dia.

Sigo o caminho tão conhecido por mim, transtornada. Como ele pôde fazer isso comigo novamente e logo com ela?! Como pude ser tão boba em acreditar que ele mudaria, que agora seria diferente?! Não importa mais, só preciso deixar esse mentiroso para trás de uma vez por todas!

No retrovisor, vejo um farol alto piscar várias vezes. É o carro de Miguel. Não acredito que ele está me seguindo! Piso com mais força no acelerador e percebo que passei da velocidade permitida. Faço uma curva fechada e olho para o retrovisor. Miguel continua a me seguir em alta velocidade também. Então, ouço o cantar de pneus e um estrondo muito alto e, pelo retrovisor, vejo tudo acontecer muito rápido.

Miguel perde o controle do carro e, com o coração em pedaços, assisto seu carro capotar várias vezes.

— Miguel!!!

Capítulo XXVII

Luna

Não sei o que pensar ou o que fazer. Sinto-me um lixo e estou completamente acabada. É tudo minha culpa! Se Miguel morrer, nunca vou me perdoar! Sou a culpada de tudo isso. Ninguém, além de mim, tem culpa de Miguel estar em um hospital.

Não sei como, mas no momento em que me dei conta do acidente, consegui ligar para o corpo de bombeiros.

No entanto, ninguém me diz nada; nem mesmo uma informação de como ele está!

Quando consegui controlar o choro, liguei para Isabel e contei sobre o acidente. Nesse momento, todos já devem estar a caminho.

Não sei quanto tempo se passou, mas tudo que consigo fazer é lamentar e chorar no corredor do hospital.

— Luna? — ouço a voz de Isabel me chamar em desespero.

Corro até ela. Tio Gustavo e tia Sophie estão logo atrás e choro nos braços de Isabel, enquanto repito sem parar que é tudo minha culpa.

Eles me olham assustados e estou pronta para receber acusações quando um médico se aproxima de nós.

— Família do Miguel Medeiros? — tio Gustavo toma a frente e apresenta-se ao médico. — Sou o Dr. Bruno, neurologista responsável pelo Miguel. — ficamos todos em silêncio quando o médico começa a falar. — Ele teve politraumatismo, o que causou um pequeno edema cerebral.

— Meu Deus! — tia Sophie exclama chorosa.

— Ele também fraturou o fêmur esquerdo e tem uma forte lesão no abdômen. — o médico continua. — E acabou de ter duas paradas cardíacas. — ele informa e sinto-me tonta diante da informação. — Uma delas durou cerca de seis minutos, mas conseguimos reverter. — tia Sophie começa a chorar e tio Gustavo volta para o lado da esposa, consolando-a. Isabel chora encostada na parede.

— Como ele está agora, doutor? — meu tio indaga preocupado com a voz embargada.

— Tivemos que sedá-lo e o colocamos em coma induzido. As próximas horas serão cruciais para ele. — não consigo ficar em pé diante da informação e, antes que possa sentir o chão tocando meus joelhos, sinto fortes mãos me ampararem.

Meu pai.

— Sugiro que o paciente seja transferido para um hospital com mais recursos se ele sobreviver às próximas horas. Eu sinto muito; tudo depende dele agora. — o médico sai, deixando-nos transtornados com a notícia.

Tio Gustavo abraça a esposa e a filha, que não param de chorar.

— Vai ficar tudo bem, ele é forte. — tio Gustavo tenta ser forte, mas a dor em seu olhar rasga meu coração.

— É TUDO MINHA CULPA! — grito na frente de todos, desesperada, chorando, louca, eu não posso ficar sem ele.

Minha mãe me olha com compaixão, enquanto meu pai ainda me segura.

— O que aconteceu, Luna? — tio Gustavo indaga.

— Nós brigamos... — eu tento controlar o choro para explicar. — Saí de carro, descendo a

serra e ele... Ele me seguiu. — volto a chorar e Pedro aparece em minha frente com um copo de água.

— Você precisa se acalmar. — ele diz e ajuda-me a segurar o copo.

— Em uma curva, ele perdeu o controle do carro. Eu vi quando tudo aconteceu! — não controlo o choro e meu pai me segura mais forte. Encosto a cabeça em seu peito e fico ali não sei por quanto tempo, enquanto ele sussurra que não é minha culpa.

— É, sim, pai, se eu tivesse sentado e escutado, isso não teria acontecido, mas, como sempre, fui impulsiva e agora ele está entre a vida e a morte! — choro ainda mais.

Deus, não permita que ele morra! Deixa-o aqui comigo; prometo ser uma pessoa melhor! Grito em meus pensamentos para que Deus me ouça, só ele pode tirar o Miguel dessa situação.

— Luna, não é sua culpa. — tio Gustavo diz condescendente.

Tia Sophie e Isabel assentem, mas nada do que eles possam dizer vai tirar esse sentimento de dentro de mim.

De repente, os meninos da banda chegam e Luca é o primeiro a falar.

— Recebi sua mensagem Bel, como ele está? — Isabel começa a explicar, chorosa. Não consigo me concentrar nela e só vejo a expressão de horror no rosto deles.

Ainda estou nos braços do meu pai quando ouço a voz *dela*. Viro sem acreditar que ela tem a cara de pau de estar aqui.

— Preciso falar com você. — ela diz, encarando-me.

— Vai embora daqui agora! — digo começando a me exaltar, perdendo o controle.

— Não sem antes você me ouvir! — diz firme e começa a falar sem se importar com a presença dos outros. — O Miguel nunca traiu você. — sinto uma pontada no peito ao escutar essa simples frase. Vejo pelo canto do olho quando Davi a encara.

— Eu fui à apresentação naquela noite sem nenhuma intenção de causar problemas, mas quando percebi, tudo já estava ao meu favor. Você não foi e Davi tinha ido embora sem falar comigo. — ela diz, passando o olhar por Davi rapidamente e prossegue. — Minha mãe me ligou, contando que tinha brigado com meu pai e pediu que dormisse na casa de uma amiga. Tudo se encaixou ali. Chorei na frente do Miguel, fazendo o maior drama, e ele me ajudou. Segurou minha mão em apoio; nisso eu já tinha pedido a uma amiga que tirasse fotos nossas em alguns momentos sem que ele percebesse e perguntei a ele se podia dormir em sua casa, falando que não tinha para onde ir. — ela diz e fica vermelha ao olhar para tia Sophie. — Ele me deixou em frente ao quarto de hóspedes, desejou boa noite e saiu. Miguel tinha experimentado algumas bebidas que todos beberam e eu sabia que poderia me aproveitar disso. Um tempo depois, entrei em seu quarto, tirei minha roupa e me deitei ao seu lado, esperando que ele me notasse. — ela continua, mas dessa vez olhando para o chão

e a cada frase que escuto meu horror aumenta. — Mas Miguel dormia profundamente e nem me viu deitar. Pensei em levantar e ir embora, mas acabei pegando no sono e só acordei no dia seguinte com ele perguntando o que tinha acontecido.

Meu Deus, por que ela fez isso?!

— Não me sinto bem contando isso, mas me senti ofendida quando ele me mandou embora e nunca contei a verdade. — ela diz, olhando-me sem graça.

— Como você consegue estragar a vida de uma pessoa dessa forma e nem explicar depois que foi tudo um mal-entendido? — indago quando consigo achar minha voz e saio do abraço do meu pai.

— Eu nunca soube que vocês se separaram. — ela diz urgente. — Voltei há algumas semanas para o Brasil com minha família e vi a notícia no jornal. Achei que a fã que eles mencionaram seria eu; procurei o Miguel para contar tudo o que aconteceu e pedi perdão.

— Pega seu perdão e enfia...

— Luna! — minha mãe exclama, chamando minha atenção. Encaro-a e ela está olhando para meu irmão Heitor, que escuta tudo atentamente.

Volto minha atenção a Ester e faço como meu pai fez há alguns dias comigo. Pego-a pelo braço e saio arrastando-a pelo corredor do hospital sob os protestos da minha família.

Quando estou suficientemente longe de todos, paro e empurro-a para trás. Ela dá alguns passos, apavorada, tentando se equilibrar. Meu primeiro instinto é dar um tapa bem forte em seu rosto.

— Isso é por todo esse plano infantil que você fez! — ela coloca a mão no rosto marcado e seus olhos lacrimejam. Estou com tanta raiva que levanto a mão mais uma vez, mas paro no ar quando ela começa a chorar.

— Por favor, eu sei que mereço, mas estou grávida. — ela diz, deixando-me horrorizada por já ter batido nela antes!

— Por que você não disse antes? Eu empurrei você! — grito com medo de tê-la machucado.

— Eu mereço! Eu sei que sim, Luna, mas me arrependi de tudo que fiz. Voltei para o Brasil essa semana com meu marido e meu outro filho. Foi quando vi a notícia no jornal. Contei ao meu marido minhas suspeitas mesmo que isso tenha abalado nosso casamento, mas ele me aconselhou a procurar vocês e foi o que fiz.

— Isso tudo parece tão surreal. — digo derrotada.

Ouçoo passos pelo corredor e meu pai e Pedro caminham em minha direção. Meu irmão é o primeiro a falar.

— Se você já disse tudo que precisava, é melhor ir embora. — ele diz para Ester, que

assente e vira as costas.

Pedro envolve minha mão na sua, mas antes de prosseguirmos, peço para falar com o papai a sós. Assim que ele sai, olho para meu pai.

— O senhor me perdoou? — indago, tentando não chorar.

— Filha, foi um choque ouvir aquelas palavras saindo da sua boca, mas a verdade é que sempre imaginei você como minha pequena princesa e, quando percebi, você estava lá com raiva de mim por algo que achei ser o certo. Foi só impactante, mas nunca fiquei com raiva. — encaro-o séria e ele continua. — Magoado talvez. — ele sorri sem graça.

— Me perdoa, pai. — começo a chorar. — Parece que tudo que faço ultimamente é magoar as pessoas. Por minha culpa, olha o que aconteceu com Miguel.

— Já falamos que isso não é culpa sua.

— Eu preciso tanto dele, pai... — digo chorosa.

— Eu sei, meu amor, estou vendo isso agora. — ele diz, abraçando-me e deposita um beijo em minha testa. — Vamos voltar?

— O senhor pode me deixar sozinha por alguns minutos? — meu pai assente e sai, deixando-me sozinha.

Sigo para fora do hospital e, sem saber para onde ir, paro em um lugar menos movimentado e sento no meio-fio.

Não importa o que falem, tudo isso é minha culpa. Desde o início, é minha culpa. Ester pode ter feito o que fez, ela era uma louca. Eu, como namorada do Miguel, deveria ter confiado em sua palavra e seguido em frente ao lado dele.

Mas não. Fui impulsiva e só queria me afastar daquela dor. Dele.

Mudei todo o rumo da minha vida quando aquilo aconteceu e para quê? Se quando tudo parece terminar em um leito de hospital.

— Estúpida! — levo a mão ao meu rosto e continuo até não suportar mais a dor.

Como alguém consegue errar tanto em sua vida?

Errar tanto com a pessoa que ama?

Quando tudo que Miguel fez foi me amar, respeitar-me e ser fiel. Julguei-o e condenei por um erro que ele nunca cometeu. Suas palavras não foram o bastante para mim. Minha dor não me deixou enxergar o que estava bem na minha frente. Com a cabeça entre minhas pernas, choro por um longo tempo. Não me importa que as pessoas passem por mim e digam *tadinha*, *louca* ou qualquer outra coisa.

Quando, na verdade, sou só uma mulher sem coração que não acreditou no homem que sempre jurou amor eterno.

Uma coitada que não merece o que tem.

Por todas as decisões erradas que tomei há cinco anos, Miguel está em um hospital. A culpa é minha; e se ele não viver? Se Miguel não viver, não tem por que eu estar aqui. Não há um motivo para levantar. Se Miguel não voltar, não tenho porque viver também. E isso é um fato. Não me importa o quanto soe egoísta. Já sou uma porcaria de pessoa mesmo, “egoísta” só vai entrar na longa fila de defeitos que tenho.

Olho para a aliança que Miguel me deu e penso naquela noite. Impossível não chorar. Impossível não lembrar de como até um dia atrás ele estava sorrindo e fazendo amor comigo e agora isso.

Miguel lutando para viver.

O simples pensamento me causa náuseas e sinto todo meu corpo ficando estranho, sinto-me fraca. Imagens do carro de Miguel capotando invadem meus pensamentos e uma forte pontada na minha cabeça me faz arquejar de dor.

— Luna? — ouço a voz de Pedro me chamar ao longe.

Tento ver de onde ele está vindo, mas minha visão fica cada vez mais turva e escura.

— Luna! — sinto-me tão fraca. Tento pedir ajuda ao Pedro, mas logo a inconsciência me toma e meu último pensamento é o rosto de Miguel.

≡≡

Não tenho a mínima ideia de quanto tempo se passou, mas quando volto a abrir os olhos, lembro exatamente de onde estou. E nesse momento estou dentro de um quarto do hospital.

— Filha. — minha mãe aparece no meu campo de visão e sorri levemente. — Que bom que acordou.

— O que aconteceu? — indago confusa.

— Sua pressão aumentou muito e você acabou desmaiando. — ela diz fazendo um carinho em meus cabelos.

— O Miguel? — pergunto quando consigo manter um pensamento coerente.

— Sem notícias ainda. — ela suspira. — O médico pediu que você continuasse deitada, pois sua pressão ainda está alta.

— Não posso ficar aqui como uma inválida quando Miguel está lutando para viver, me sinto bem. — minto, pois minha cabeça não para de girar.

Vejo quando minha mãe aperta algum botão e logo uma enfermeira aparece.

— Ela não se acalma. — minha mãe diz à enfermeira, que aplica alguma coisa no acesso que está em meu braço.

— Mãe... — tento falar, mas não consigo e, logo, sinto novamente aquela dormência.

Ouço várias vozes no quarto e sei que é da minha família. Tento abrir os olhos e dizer que estou acordada, mas não consigo. Preciso pedir que me levem até o Miguel, mas nada sai. Meu pai está falando alguma coisa e só consigo compreender o final.

— Vou voltar e ver se consigo mais informação, assim que ela acordar, você conta.

— Tudo bem. — minha mãe responde.

Contar o quê?

Por favor, alguém me ajuda a acordar. Eu quero saber como o Miguel está!

Preciso saber como o amor da minha vida está...

O que minha mãe tem que me contar?

Miguel...

Capítulo XXVIII

Luna

Quando, enfim, consegui abrir meus olhos sem sentir os efeitos dos medicamentos, já era o dia seguinte e claro que a primeira coisa que fiz foi perguntar por Miguel. Não sei dizer quantas vezes agradei a Deus quando minha mãe disse que ele já podia ser transferido de hospital; que Miguel tinha vencido as horas cruciais.

Minha mãe também questionou a aliança em meu anelar e contei a ela tudo o que Miguel tinha feito quando me pediu em casamento.

Assim que o médico me examinou e verificou que eu estava bem, liberou-me, mas pediu que eu tomasse muito cuidado com a pressão e procurasse um especialista. Como se fosse possível controlar tudo que está acontecendo na minha vida. Assim que meus tios e Isabel me viram,

parabenizaram-me pelo noivado e disseram que, assim que Miguel estiver recuperado, vamos ganhar uma festa.

Ainda meio grogue, fiquei de fora da organização que tio Gustavo montou para levar Miguel para um hospital particular de renome no centro do Rio de Janeiro. A dose de medicamentos para manter Miguel sedado durante a transferência aumentou consideravelmente, mas graças a Deus tudo ocorreu muito bem e ele não teve complicações.

Não consegui vê-lo durante a transferência e chorei muito por conta disso.

Miguel foi transferido para a UTI e, durante as semanas seguintes, minha vida era no hospital. Tia Sophie, muito bondosa, perguntou se não queria me hospedar em sua casa, já que estava descendo todos os dias a serra para visitar o Miguel e era mais perto do que a casa da minha mãe. Aceitei muito sem jeito, afinal, o filho dela estava naquela situação por minha causa.

Hoje, acordei da mesma forma que todos os outros dias: tristes e chorando. Miguel continua inconsciente e isso me mata aos poucos.

Tia Sophie, Bel e eu seguimos para o hospital como todas as manhãs e, diferente das outras vezes, uma das enfermeiras nos disse que o médico responsável por Miguel queria falar com a família. Enquanto seguimos para o consultório do médico, meu coração bate freneticamente com a notícia que ele pode nos dar.

— Bom dia. — dr. Alexandre nos cumprimenta e respondemos educadamente, mas tia Sophie vai diretamente ao ponto.

— Como está meu filho, doutor?

— Sophie, essa semana foi fundamental para o Miguel. Ele tem respondido bem à nova medicação e à estímulos. Desde essa madrugada, ele está conseguindo respirar sem ajuda de aparelhos e hoje pela manhã suspendemos a sedação.

Sorrimos juntas com a notícia e sinto uma pontada de alegria em meu coração.

Isso é muito mais do que tínhamos antes e confirma que Miguel está realmente lutando para viver.

Assim que saímos do consultório, tia Sophie liga para tio Gustavo, e Isabel pede licença para avisar ao Luca. Desde o acidente, Luca está sempre presente e tem sido um bom amigo para a Bel. Os meninos da banda estão sempre ligando e perguntando sobre Miguel; acho lindo como a amizade deles é verdadeira. Davi me manda mensagem umas cinco vezes ao dia. Sei muito bem que ele se sente mal pelo que está acontecendo, mas ele não é o culpado disso; a verdadeira culpada sou eu.

No entanto, dessa vez respondo à sua mensagem com o que o médico me disse e ligo para minha mãe e depois para meu pai para contar a boa nova.

Enquanto estou na casa de tia Sophie, minha mãe foi me visitar e contou que meu pai e ela já tinham se acertado e que ele pediu perdão ao tio Gustavo por ter agredido Miguel naquela noite. Ao que parece, nossa família está entrando nos eixos de novo.

A imprensa não fala de outra coisa que não o acidente de Miguel. Especulações de que a banda vai acabar é a notícia que mais circula. No entanto, os meninos já deram uma entrevista esclarecendo que a banda não vai acabar; a agenda deles não foi cancelada e Davi tem substituído Miguel nesses shows. Rick me contou que foi difícil para o Davi aceitar cantar no lugar do Miguel, pois ele estava se sentindo culpado. Mas, como os bons amigos que são, resolveram-se e agora está tudo certo.

Já era de tarde quando o médico nos procurou e avisou que poderíamos ver o Miguel pela janela de vidro da UTI, uma de cada vez. Tia Sophie foi a primeira e voltou visivelmente abalada. Logo depois foi a vez de Bel; quando ela saiu, tio Gustavo chegou e pedi que ele fosse à minha frente. Fui a última a ver o Miguel e não consigo dizer o quanto estou abalada por ver meu amor daquela forma, tão magro e dormindo um sono profundo.

— Acorda, meu amor... — digo baixinho, tocando o vidro a minha frente.

Logo tenho que sair e voltar para a casa dos meus tios. A noite chega triste como sempre e deito-me pensando nele.

No dia seguinte, não consegui ir ao hospital, pois meu pai me ligou cedo pedindo que eu fosse à empresa.

Não reclamei de ter que ir, mas precisei usar muita maquiagem para parecer “apresentável”. Já que, além de ter emagrecido, estou cheia de olheiras. A secretária do meu pai não conseguiu disfarçar sua pena ao me ver e logo estava falando que sentia muito. Respondi com um agradecimento e entrei na sala do meu pai.

— Querida, você precisa comer. — é a primeira coisa que ele diz quando me vê.

— Estou bem, pai. — ele se levanta para me abraçar e correspondo, sentindo o quentinho dos seus braços, que tira um pouco da dor que estou sentindo.

— Preciso que você volte, Luna. — meu pai diz quando nos afastamos.

— Como assim? — indago, sentando-me, e ele faz o mesmo.

— Soube que você esteve aqui antes do... — ele hesita, parecendo não querer mencionar Miguel. — E pegou alguns arquivos. Quero saber o que descobriu e como está a auditoria.

Meu pai sabe que não estou com cabeça para isso, no entanto, desconfio que ele esteja me cobrando isso de forma proposital, a fim de me tirar dessa tristeza.

— Só preciso de mais um tempo, pai.

— Querida, você precisa fazer alguma coisa que não seja ficar naquele hospital o dia todo.

— eu sabia... Pai é pai, não importa que ele seja seu chefe.

— Não vou prometer nada. — ele sorri.

— Já é o primeiro passo. — ele diz. — Fiquei sabendo dessa aliança por sua mãe, então, é de verdade? — ele pergunta no modo pai protetor.

— Sempre foi, pai. — respondo simplesmente.

Meu pai me convida para almoçar em casa e aceito. Preciso ver minha mãe e meus irmãos. Graças a Deus consigo sair da empresa sem encontrar com Henry. Seguimos para ilha e minha mãe fica muito feliz em me ver. Passo uma tarde agradável com eles e, por várias vezes, Heitor me faz lembrar da Vitória. Ela nem mesmo sabe o que está acontecendo e deve estar sentindo falta das visitas do Miguel. Preciso ir visitá-la o mais rápido possível.

Antes do horário de visita, todos saímos da ilha em direção ao hospital. Eles também querem ver o Miguel, agora que a visita, mesmo que de longe, está liberada. Assim como ontem, sou a última a vê-lo e peço mais uma vez que ele acorde. Vamos embora e peço a Deus que cuide do Miguel e faça-o acordar.

Após sair do hospital, aviso que vou em casa para pegar alguns arquivos e, como já está tarde, vou ficar por lá mesmo. Quando chego em minha casa, pego tudo o que preciso e vou para a casa do Miguel; lá tem mais o seu cheiro do que aqui, já que passávamos mais tempo juntos em “nossa” casa.

Antes de deitar, fico vendo nossas fotos em Gramado e sinto meu humor melhorar. Miguel vai ficar bom e ele vai precisar de mim quando acordar. Preciso ter tudo em ordem. Preciso colocar minha vida em ordem.

No dia seguinte, desço a serra com os arquivos que vou precisar. Meu pai está certo, preciso ocupar minha mente; isso ajuda o tempo a passar mais rápido. Vou direto ao hospital e, após ver o Miguel, paro no meio do corredor para controlar minhas emoções.

É quando a vejo.

Vitória.

Ela está segurando a mão de uma senhora e, assim que me vê, solta-se e corre em minha direção. Ajoelho-me para receber seu abraço e, quando ela me toca, começa a chorar.

— Tia Lua, o Tio Guel vai ficar melhor? — pergunta com seu jeitinho todo especial.

— Vai sim, meu amor, ele é forte. — digo, secando suas lágrimas, mas não contendo as minhas.

— Eu senti a falta dele. — ela faz bico.

— Eu iria essa semana ver você. — ela sorri.

Levanto e cumprimento a senhora à minha frente, que se apresenta como Aparecida, a

diretora do hospital em que Vitória faz o tratamento.

— Fiquei sabendo pelo jornal o que aconteceu com o senhor Miguel, e Vitória não parava de perguntar por ele. Espero não ter feito mal.

— Não, a senhora fez muito bem. Mas não acho que seja bom que ela o veja agora.

— Compreendo, mas vejo que Vitória a conhece e quero aproveitar para contar que seu transplante está marcado para daqui quinze dias. — fico surpresa e feliz ao mesmo tempo.

— Isso é ótimo; eu vou ao hospital por esses dias, mas aqui está meu número. — digo, pegando meu cartão em minha bolsa. — Caso seja precise de alguma coisa, qualquer coisa, é só me ligar.

Aparecida assente e despeço-me de Vitória com lágrimas. Mais um motivo para Miguel viver e mais um motivo para colocar tudo em ordem.

Tia Sophie vem em direção onde estamos e questiona quando Vitória passa por ela sorrindo.

— Quem era, Luna?

— Uma pessoa muito especial, tia. — ela sorri e assente, entendendo que não quero entrar no assunto nesse momento.

≡≡

Um mês passou e Miguel ainda não acordou; os médicos estão esperançosos e estão sempre nos mantendo informados. Mas nada do que eles dizem acalma meu coração. Meu Deus, um mês! É muita agonia. Tem dias que levanto da cama me perguntando se será hoje o grande dia e hoje não foi diferente.

Durante esse mês, coloquei tudo o que dependia de mim em ordem. Vendi minha casa e mudei-me para a casa do Miguel, quer dizer, nossa casa. Ainda estou com tia Sophie, mas estou sempre indo a casa para verificar se está tudo bem. Marcela é minha nova vizinha; ela e Rick compraram minha casa juntos. Esses dias nos encontramos, e ela confessou se sentir péssima por não estar presente nesse momento, mas eu entendo que sua profissão exige muito dela.

Quanto aos arquivos da empresa, só não terminei ontem porque estava exausta e acabei dormindo em cima do notebook. Mas já tenho meu relatório quase pronto e Vitor e sua turminha não sabe o que os espera.

Vitória fez sua cirurgia, que foi um sucesso. Ela está feliz da vida dizendo que agora seu cabelo irá crescer e ficar lindo como o meu. Acabei de visitá-la e estou seguindo para o hospital quando meu celular toca. É tia Sophie.

— Oi, tia. — atendo no primeiro toque.

— Miguel acordou. — ela diz simplesmente fazendo meu coração bater mais rápido.

— Estou chegando. — encerro a ligação e vou o mais rápido que posso para o hospital.

Não acredito que enfim ele acordou.

Meu Deus, ele acordou!

— Ele acordou! — grito dentro do carro, sorrindo.

Estaciono na primeira vaga que acho no hospital e praticamente corro por todo o caminho. Assim que tia Sophie me vê, ela vem em minha direção.

— Podemos vê-lo? — questiono urgente.

— Eles estão fazendo exames de rotina. O médico pediu paciência.

— Quando ele acordou? — pergunto, controlando a ansiedade.

— Alguns minutos antes de te ligar. — ela responde.

— Muito obrigada, tia. — digo, abraçando-a.

— Oh, minha querida, sabemos o quanto você está sofrendo. — diz, carinhosa.

Meus pais e meus irmãos chegam logo em seguida e estamos todos ansiosos. Quando o médico aparece, tio Gustavo logo pergunta por Miguel.

— Aparentemente, ele está bem. Já finalizamos os exames e agora é só aguardar os resultados.

— Podemos vê-lo? — Isabel e eu perguntamos juntas.

— Dois de cada vez. — o médico responde e tio Gustavo se aproxima dele sussurrando alguma coisa.

— Tudo bem, nesse momento podem entrar todos juntos. — o médico começa a andar e o seguimos até a UTI. — Não deixem o paciente agitado, por favor. — o médico pede preocupado e todos assentiram.

Entramos um a um e, mais uma vez, fui a última a entrar. Mesmo assim, consegui ver o sorriso de Miguel ao ver seus pais entrarem. Ainda tem alguns fios colados em seu corpo e Miguel tem alguns hematomas em seu rosto, que está muito magro, mas sei que ele vai se recuperar rápido. Meu coração parece que vai pula do meu peito devido à emoção de estar tão perto dele nesse momento.

No entanto, quando o olhar de Miguel encontra o meu, seu sorriso desvanece.

Sinto um frio enorme em minha barriga, mas mesmo assim tento me aproximar mais. No entanto, no primeiro passo, Miguel se pronuncia pela primeira vez.

— Sai. — ele diz baixo.

O quê?

Minha expressão deve demonstrar toda minha confusão e tia Sophie tenta falar com ele.

— Miguel, querido, é a Luna. — ela diz como se ele não soubesse quem eu sou.

— Sei muito bem quem é, mãe. — ele responde firme, mas quase não passa de um sussurro,

como se as simples palavras fossem um grande esforço.

— Miguel...

— Sai! — ele grita, assustando a todos nós. — Sai daqui, sai, sai!!!! — ele grita ainda mais.

— Eu não quero te ver, sai!

Ele direciona seu olhar para seus pais e, enfim, minha ficha cai. Ele me culpa. Ele me culpa pelo que aconteceu. Por que não me culparia? Antes de sair, ainda o olho uma última vez e saio do quarto sob o olhar de compaixão de todos. Claro, menos o dele.

Sai!

Sai!

Sai!

Enquanto sigo pelo corredor do hospital, o grito de Miguel ecoa em meus pensamentos e, se antes eu já me sentia um lixo, imagina agora. Meu pai para ao meu lado e abraça-me, o que me faz cair no choro e pensar o tanto que sou estúpida.

Capítulo XXIX

Luna

Três dias após Miguel acordar, ele fez uma cirurgia que durou três horas para corrigir a fratura do seu fêmur. Logo depois, foi transferido para o CTI e, uma semana depois, para um quarto comum. E eu só sei disso porque tia Sophie me mantém informada e porque, por mais que ele não queira me ver, não deixa de ir ao hospital.

Depois daquele dia, tia Sophie me procurou e pediu desculpas pelo comportamento do Miguel. No entanto, ela não tem de se desculpar por ele. Entendo completamente sua reação. Miguel pode não querer me ver, no entanto, quando uma das enfermeiras me conta que ele está dormindo, eu entro no quarto e vejo-o. Certo dia, passei um pouco dos limites e cheguei a beijá-lo levemente, enquanto tentava conter as lágrimas.

Fiquei tão desorientada com o que aconteceu que, mais uma vez, não consegui finalizar meu relatório durante os dias que se passaram. Porém, ontem dei um fim nisso; não posso deixar meus problemas interferirem na empresa da família e concluí tudo. Marquei uma reunião com a presidência para daqui dois dias e vou explicar tudo que apurei.

Que é nada mais que Vitor tem maquiado o relatório da contabilidade, provavelmente junto do setor financeiro. Mas ele que me aguarde, estou para resolver esse assunto e logo acabo com a festa dele.

Estou, nesse momento, chegando ao hospital e, pelo horário, Miguel deve estar dormindo, mas quando chego perto do seu quarto, ouço sua voz e de tia Sophie.

— Miguel, quando você vai conversar com a Luna? — minha tia questiona e paro para prestar atenção em sua resposta. No entanto, tia Sophie continua a falar. — Ela não tem culpa do que aconteceu, Miguel.

— Não a culpo mãe. — ele responde baixo. — O erro foi meu na hora de fazer a curva. — ele diz.

— Então o que é, Miguel? Vocês se amam, não podem ficar assim. Sei que você está sofrendo, e ela... Nossa, a garota não tem mais aquele brilho nos olhos, emagreceu mais do que o normal; ela está sofrendo muito também, Miguel.

— Assim que receber alta, vou conversar com ela. — ele responde e sinto uma pontada de esperança em meu coração.

— Por que você a está tratando dessa forma, Miguel? — Tia Sophie insiste.

— Eu disse para ela que era inocente, mãe, a pedi em casamento; estava tudo perfeito, até que ela vê uma cena e acha que pode me julgar de traidor novamente. As palavras dela me machucaram, mãe, mais do que qualquer osso quebrado ou machucado do meu corpo.

— Miguel, você precisa entender...

— Não, mãe, não preciso, pois já entendi. Luna não confia em mim e nunca vai dar certo entre nós por causa disso. Quando eu estiver preparado, vou terminar tudo entre nós.

Sinto como se todo sangue fosse drenado do meu corpo e fico paralisada ao ouvir a última frase. *Ele pretende terminar comigo!*

Ele pretende terminar comigo!

Então, é assim que minha vida acaba?

Sozinha e amargurada.

Não consigo conter as lágrimas e choro, enquanto sigo para a recepção. Depois que voltamos, acreditei que seria para sempre, mas parece que meu para sempre com Miguel nunca vai chegar.

Tudo por minha culpa!

Por que eu não acredite nele?!

Burra, isso que eu sou, uma burra...

Alguns minutos depois, tia Sophie aparece na recepção e senta-se ao meu lado.

— Como ele está? — pergunto como se não tivesse escutado a conversa deles.

— Ele vai receber alta amanhã. — ela diz, surpreendendo-me.

— Nossa, tia, que bom! — respondo animada.

— Só tem um problema, Luna. — penso que ela vai me contar o que Miguel disse, mas ela me surpreende ainda mais. — Miguel precisa ficar em observação e ele não quer ir para Itaipava; perguntou se pode ficar lá em casa. Eu respondi que sim. Mas ele sabe que você está conosco...

— E ele quer que eu saia. — respondo, concluindo por ela.

— Eu nunca te pediria isso, querida, você é minha sobrinha e afilhada. Eu amo muito você, Luna.

— Eu também amo você, tia. Mas não se preocupe, vou hoje mesmo arrumar minhas coisas.

— Vocês precisam se acertar. — ela diz com os olhos cheios de lágrimas.

— Ele não me quer mais, tia. — digo, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Ele só está magoado. — ela me abraça. — Você não precisa sair, eu disse a Miguel que nunca te pediria isso, no entanto, quis avisá-la.

— Eu vou para minha mãe. — respondo, levantando-me, e ela faz o mesmo. — Afinal, eu vendi minha casa. — olho para tia Sophie e digo. — Obrigada por tudo, tia. — abraço-a mais uma vez e saio do hospital sentindo que meu coração fica pelo caminho por onde passo.

≡≡

Dois dias depois de Miguel receber alta, Isabel me contou que ele já começou as sessões de fisioterapia. E fez questão de ressaltar o quanto a fisioterapeuta é linda e simpática. Ela quer que eu tome a iniciativa de procurar o Miguel e ficou tentando me fazer ciúmes. No entanto, acho que meu coração está quebrado de vez, porque tudo que senti foi desejar que ela fosse uma ótima profissional e que ajude Miguel em sua recuperação.

Esses dias tem sido um verdadeiro inferno, pois, bem ou mal, no hospital ainda conseguia vê-lo. Agora não tenho nada além de lembranças. Não consegui voltar para Itaipava nem mesmo para pegar minhas coisas. Preciso conversar com ele antes. Ele disse a tia Sophie que vai me ligar e, quando ele o fizer, conversaremos de uma vez por todas e assim decido o que fazer da minha vida.

Hoje é a reunião da diretoria e, sinceramente, não estou tão animada quanto antes. Só vou chegar lá, apontar os erros e fraudes, e sair o mais rápido que puder. Pois tenho que visitar Vitória hoje e não quero mais problemas.

Estaciono o carro e pego o elevador em direção à sala de reunião. Meu pai é o primeiro a me receber.

— Sei que você não está bem. Sua mãe me disse que passou mal hoje de manhã. Você precisa comer, Luna. — meu pai diz, dando-me um sermão, mas tudo em que menos penso é em comida. É nítido que perdi muito peso, todas as minhas roupas estão largas, sem contar as olheiras.

— Podemos começar? — indago mudando de assunto.

— Ainda faltam alguns acionistas.

— Tudo bem, será que dá tempo de ir ao banheiro?

— Fique à vontade. — meu pai beija meu rosto e saio da sala.

Sigo pelo corredor, no entanto, não dou muitos passos quando sinto uma mão cobrir minha boca, enquanto a outra segura meu braço fortemente e arrasta-me para uma sala. Quando enfim consigo perceber o que está acontecendo, vejo que estou na sala do Vitor.

— Então você fuçou até achar, não é? — ele diz, tirando a mão da minha boca e saindo de trás de mim.

— Você é um bandido que logo vai estar na cadeia! — grito perdendo o controle.

— Quando te conheci, fiquei de quatro por você. — ele diz, aproximando-se. Dou alguns passos para trás até que paro quando bato na parede atrás de mim. — Mas quando percebi que você poderia estragar meus planos, todo encanto passou e vi que você não passa de uma menina rica e mimada!

— Não me interessa o que você acha de mim, seu bandido! — tento passar por ele, mas Vitor segura meus braços e faz-me voltar com tanta força que bato a cabeça na parede. Sinto dor de imediato e assusto-me quando ele me segura pelo pescoço e suspende-me, impedindo-me de respirar. Bato várias vezes em sua mão e no seu braço, mas não consigo me soltar. Tento chutá-lo, mas, com sua outra mão, ele dá um tapa em meu rosto, fazendo tudo girar e sinto meu corpo perdendo as forças.

— Você vai pagar por isso! — ouço quando ele grita.

Ele diz mais alguma coisa que não consigo compreender, pois sinto meus sentidos se esvaindo aos poucos e minha visão escurecer. Como no dia em que desmaiei, sinto meu corpo ficar cada vez mais mole, no entanto, tenho o sentimento de que isso não é só um desmaio.

Ele vai me matar.

Não tenho mais forças para lutar e, nesse último segundo, consigo me lembrar de todos meus arrependimentos e dos momentos felizes que tive com Miguel.

Fecho meus olhos lentamente, então não vejo e nem ouço mais nada.



Ouçõ bipes e o cheiro de éter me diz que estou no hospital. *De novo?* Com pesar, consigo

abrir meus olhos e a primeira coisa que vejo é o rosto do meu pai.

— Graças a Deus você acordou! — ele diz, depositando um beijo em minha testa.

— Pensei que tivesse morrido. — digo, lembrando as últimas cenas que passaram em minha mente, enquanto aquele louco me sufocava.

— Não diga isso nem de brincadeira, mocinha. — minha mãe me repreende.

— Mana, você gosta mesmo de um hospital. — Pedro tenta fazer graça e faz-me sorrir.

Tento sentar e minha mãe me ajuda. Ela me entrega um copo de água que bebo com vontade.

— Sente-se bem? — minha mãe pergunta, preocupada.

— Sim, só um pouco tonta. — respondo. — O que aconteceu, afinal?

Algumas batidas na porta chamam nossa atenção e Henry aparece.

— Entre, Henry. — minha mãe diz e olho para ela sem entender.

— Henry ouviu alguns barulhos vindos da sala do Vitor e se deparou com ele te sufocando.

— Você me salvou? — indago olhando para Henry.

— Você já estava inconsciente quando cheguei. — ele diz sem jeito, aproximando-se.

— Obrigada, Henry. — digo e ele se aproxima da cama, e eu o abraço. Sinto que Henry fica surpreso, mas corresponde.

— Já chamei o médico; ele deve estar a caminho. — minha mãe responde.

— Cadê o Heitor? — pergunto ao sentir falta do pequeno.

— Quando seu pai me ligou, eu estava o deixando na escolinha.

— Mais alguém perguntou por mim? — minha mãe me dá um olhar condescendente.

Será que ele sabe o que aconteceu?

Mas não tenho tempo para questionar, pois o médico entra no quarto e começa a me examinar.

— Você teve muita sorte, Luna. Está fraca e aparentemente abaixo do peso. Seu exame de sangue apontou uma grave anemia. Perdeu os sentidos muito rápido durante o sufocamento por estar fraca. Alguma dor?

— Meu pescoço. — o doutor assente e entrega-me um pequeno espelho.

Meu pescoço está vermelho e até mesmo com uma mancha roxa do lado esquerdo. No canto da minha boca, vejo um pequeno corte devido ao tapa que recebi no rosto.

— Em alguns dias, a mancha vai sumir e, junto com as vitaminas estou receitando, um analgésico para dor. — ele diz, enquanto escreve em uma receita. Estende para meu pai e sorri. — Você está liberada.

— Que bom! — agradeço ao médico e logo estamos saindo do hospital. Henry se despede com um beijo no meu rosto e entro no carro do meu pai.

— O que aconteceu com o Vitor? — questiono quando me lembro do desgraçado.

— Ele foi preso por tentativa de homicídio e, depois de entregarmos as cópias da sua auditoria, fraude entrará na lista.

— Ele não estava sozinho. Alguém do financeiro estava com ele.

— Não vamos falar sobre isso agora. — minha mãe diz no exato momento em que meu celular começa a tocar.

Miguel.

Pelo jeito, ele já está pronto para terminar comigo. E eu não posso adiar o inevitável.

— Alô. — atendo um pouco receosa.

— Preciso falar com você. — ele diz frio.

— Tudo bem. — respondo hesitante e com dor no coração por saber o que ele quer comigo.

— Estou te esperando. — ele diz e encerra a ligação.

— Pai, você pode me levar até a casa da tia Sophie? — peço e meu pai me olha pelo retrovisor.

— Luna, não acho que seja uma boa ideia. — ele responde e minha mãe concorda.

— Filha, quando estava grávida de você, passei pelo mesmo problema com o peso e anemia. Você precisa se cuidar, pois não é brincadeira.

— Eu preciso fazer isso agora, mãe.

— Tudo bem. — ela responde e meu pai muda o destino.

Pego emprestado o lenço que minha mãe está usando e coloco-o em volta do meu pescoço; ninguém precisa ver essas manchas horríveis. Abro minha bolsa e retiro uma base para passar em cima do machucado em minha boca. Agora, sim, estou apresentável.

≡≡

Assim que saio do carro, vejo que tia Sophie e tio Gustavo já estão me esperando na porta.

— Orei tanto para que você estivesse bem. — ela diz, abraçando-me e logo tio Gustavo faz o mesmo.

— Obrigada. — respondo um pouco sem jeito.

— O Miguel está no antigo quarto dele, mas acabou de chegar uma visita — tia Sophie diz.

— Tudo bem, eu digo que já cheguei e espero. — digo, subindo as escadas.

Porém, quando chego ao quarto de Miguel e abro a porta, vejo Ester sentada em sua cama, conversando com ele. Eles me olham e não sei bem o que dizer. Ester se levanta e despede-se de Miguel dizendo que está feliz por ele estar bem. Ela passa por mim de cabeça baixa, mas logo lembro de uma coisa e vou atrás dela. Ouço quando Miguel grita meu nome. Mas Ester para no corredor e olha-me.

— Aquele dia... É... Você sabe se está tudo bem com o bebê? — pergunto, pois, por várias vezes, questionei-me isso.

— Está tudo bem, obrigada por perguntar. — ela sorri e sai rapidamente.

Quando volto ao quarto, Miguel está tentando se levantar. Corro até a cama, impedindo-o.

— O que pensa que está fazendo?

— Pensei que arrumaria confusão com Ester. — ele diz irritado e, por mais que eu entenda seus motivos, não consigo disfarçar a mágoa.

— Você queria falar comigo? — pergunto, sentando-me na poltrona que tem no canto do quarto.

— Sim, é... Precisamos conversar. — ele diz sem me olhar nos olhos.

No entanto, como já ouvimos várias vezes, alguns gestos valem mais do que mil palavras e Miguel tira a aliança que está em seu anelar e deixa-a em cima do criado-mudo ao seu lado.

Mesmo sabendo que isso poderia acontecer, não estava preparada para ver essa cena diante dos meus olhos.

Miguel está com os olhos marejados. Algo me diz que dói nele fazer isso, mas em seu olhar vejo a determinação.

E é esse olhar que acaba com o resto de esperança que há em mim.

Capítulo XXX

Miguel

De tudo que passei nos últimos dias, nada é mais difícil do que esse momento com Luna. Juro que não gostaria de terminar tudo entre nós; eu a amo muito. Mas meu amor não é suficiente para Luna e, para falar a verdade, eu não sei o que é suficiente para ela. Porque nada do que eu faça ou diga parece convencê-la de que meu amor é real. Durante cinco anos, sofri com sua ausência e quando enfim tudo estava se acertando, uma simples cena foi capaz de estragar tudo.

Achei que poderia suportar tudo ao seu lado, no entanto, aprendi que a insegurança nunca vai deixar que sejamos felizes. Seja Ester ou qualquer outra pessoa, terei sempre que andar em ovos para mantê-la ao meu lado e, depois de muito pensar, cheguei à conclusão que não quero viver assim. *Ou ela é minha por completo ou não é.*

Luna não me deixou nem ao menos explicar o que Ester estava fazendo na mansão. Ela deve ter uma opinião muito ruim de mim se acredita que eu levaria a mulher que nos separou para nosso lar! Foi esse pensamento que me fez entender que tudo acabou.

Quando liguei pedindo que viesse me ver, estava com toda coragem para terminar tudo.

No entanto, foi só a ver que a coragem se esvaiu, mas eu não posso desistir. Enquanto ela falava não sei o que com Ester, consegui reunir minha coragem de volta e, quando ela se sentou, consegui dizer o que queria em gestos.

E doeu muito tirar essa aliança.

Muito.

Luna nunca foi de implorar por nada; sempre foi autossuficiente e decidida. Por isso, quando tirei minha aliança e coloquei-a no criado-mudo, eu me preparei psicologicamente para que ela simplesmente se levantasse e fosse embora, pois sei que, no momento em que ela sair por aquela porta, meu mundo irá acabar.

Mas ela está fazendo tudo ao contrário do que imaginei, porque já faz alguns minutos que seu olhar está cravado no meu e ela não diz nada.

Até passa por minha cabeça que ela possa estar em choque.

Nunca terminei com ninguém; ela foi minha primeira e única. Não sei como fazer isso. E estou começando a me preocupar com ela.

— Luna...

— Você não pode me deixar, Miguel. — ela me surpreende ao falar.

Ela se levanta de onde está e ajoelha-se ao lado da minha cama, segurando minha mão.

— Eu amo você mais do que tudo nessa vida. Não me deixe, por favor. — sua voz estava embargada e seu rosto banhado por lágrimas corta meu coração.

— Luna, não vai dar mais certo. — ela precisa entender, chega de sofrimento.

— Vai sim, meu amor, eu só preciso que você me dê uma chance. — ela diz, secando as lágrimas e quebrando ainda mais meu coração.

— Luna, levante-se, por favor. — peço gentilmente.

Mas ela ignora meu pedido e continua.

— Você me ama, Miguel, só está magoado comigo. — ela diz a verdade. — Por favor, por favor, não faz isso. — e continua implorando.

— Luna...

— Miguel, não faz isso. Eu te imploro, eu faço tudo que você quiser, pode pedir qualquer coisa, só não me deixe. — ela pede chorando.

Pare de chorar...

Eu não consigo vê-la sofrendo tanto...

— Eu te amo tanto... — diz entre soluços. — Tanto, tanto... — Luna apoia a cabeça em minha coxa e chora de cabeça baixa por um longo tempo. Faço um carinho em seus cabelos e, com a cabeça apoiada no encosto da cama, choro junto dela.

— Você não confia em mim, baby. — digo quando consigo achar minha voz.

Ela levanta a cabeça, seu rosto inchado repleto de lágrimas e, mesmo assim, continua linda.

— Eu sempre estive errada, Miguel, tenho até vergonha de lembrar que você sempre me disse a verdade e que não confiei em você. Quando tive a chance de fazer pela segunda vez, agi mais uma vez por impulso. Mas naquele dia aconteceram tantas coisas, eu estava agitada, cansada e Ester foi a gota d'água para o copo transbordar.

O que ela diz tira um pouco do foco da nossa conversa e eu volto meus pensamentos para aquele dia.

— O que aconteceu com você aquele dia? Esperei, mas você não apareceu no show. — indago preocupado.

— Me atrasei. Vitor, meu pai e depois Henry. Foi uma verdadeira confusão aquela tarde e, quando cheguei à casa de show, Davi disse que Ester tinha voltado. Perdi a cabeça, Miguel, e agora você está aqui, depois de ter sofrido um acidente por minha causa, terminando comigo. — diz e volta a chorar.

— Não foi sua culpa. — digo a verdade.

— Claro que foi. — ela realmente acredita nisso. — Eu que fui a infantil, que sai correndo e fiz você ir atrás de mim. Ai, como me arrependo.

— Luna, no momento em que eu estava fazendo a curva, um animal saiu da mata para atravessar para o outro lado. Fui tentar desviar, mas devido à velocidade, perdi o controle do carro. — explico.

— Pensei que fosse perder você. — não aguento mais vê-la chorando tanto.

— Minha mãe me contou que você passou mal. Você está bem agora? — indago preocupado. Ela está visivelmente mais magra e abatida.

Ela hesita para responder.

— Estou. — e mente descaradamente.

— Não minta, Luna. — digo firme.

— Não vamos mudar de assunto. — ela diz emocionada. — Você vai me dar uma segunda chance?

Minha vontade é gritar que sim, que não há nada que ela me peça que eu negue, mas confesso que estou muito receoso. Amor e confiança andam juntos ou, do contrário, tudo não passa de perda de tempo e já perdemos tempo demais.

— Miguel, por favor! — ela segura minha mão com força.

— Luna, levante-se! — digo, começando a me irritar por ela estar ajoelhada.

Ela me olha por um segundo, mas faz o que peço e surpreende-me mais uma vez ao se deitar ao meu lado na cama. Ela segura meu cabelo com força, puxando-o pela nuca, e aproxima seu rosto do meu, deslizando suavemente sua boca por meu rosto até chegar aos meus lábios e não resisto; seguro-a pela nuca, tomando seus lábios com urgência.

Quanta saudade...

— Não me tente, baby. — digo com a voz já rouca quando Luna começa a passar a mão por meu corpo, parando no cóis da minha bermuda.

— Vou usar tudo que posso para você não me deixar. — ela confessa em meu ouvido.

— Não precisa, baby, sou completamente seu. — digo a verdade e Luna me olha como se tentasse descobrir se estou falando a verdade. — Completamente seu. — beijo seus lábios levemente e sinto seu sorriso se abrir durante nosso beijo. — Mesmo que eu queira fazer um sexo louco de reconciliação com você, nesse momento, não posso. — eu digo para descontraír o momento e ela sorri com as lágrimas escorrendo pelo rosto; *tão Luna*.

— Desculpa ter te excitado. Espero não ter te machucado. — ela diz e eu nego. Ela continua. — Eu prometo fazer diferente, Miguel. — diz, olhando no fundo dos meus olhos.

Eu assinto e Luna pega a aliança no criado-mudo, colocando-a de volta em meu anelar.

— Nunca mais tire isso, mocinho. — ela diz brava.

— Só quando for mudar de mão. — beijo seu rosto e Luna sorri, ela está feliz. Isso que importa.

No entanto, com o movimento que ela faz com a cabeça ao sorrir, vejo uma mancha em seu pescoço. Confuso, puxo de uma só vez o lenço que está em seu pescoço, revelando marcas vermelhas e um roxo em sua pele e, ao reparar melhor nela, vejo que sua boca está com um pequeno corte e seu lábio está um pouco inchado.

Luna me olha como se esperasse a minha pergunta e é o que faço.

— Mas que merda é essa? — indago sentindo o sangue esquentar em minha veia

— Estava saindo do hospital quando você ligou. — ela confessa, deixando-me completamente perplexo.

— O que aconteceu, Luna? — indago mais nervoso ainda. Eu aqui pensando em como terminar com ela, enquanto ela estava no hospital? *Sou um idiota.*

— Descobri na auditoria que estava fazendo que Vitor estava maquiando os relatórios da contabilidade. Mais cedo, eu tinha uma reunião marcada com a diretoria para relatar o que descobri quando fui abordada por ele...

Luna me conta tudo o que aconteceu e sinto-me péssimo por não estar lá para ela.

— Me perdoa por não estar com você. — peço sincero. — Mesmo quando fiz aquilo no hospital, sei que não deixou de me visitar.

— Você não pode sair, Miguel, está se recuperando, eu entendo.

— Você não deveria ter passado por isso sozinha.

— Meus pais estavam comigo.

— E Henry. — completo não gostando disso, mas ao menos ele a ajudou.

Ela poderia ter morrido.

— O que importa é que estamos bem agora. — ela diz animada.

— Mas ambos precisamos nos cuidar. O médico disse que em alguns meses estarei novo em folha e você precisa tomar suas vitaminas e comer melhor.

— Vou fazer tudo isso e você também. — ela diz, fazendo um carinho em meu rosto.

— Senti sua falta. — digo quando ela apoia o rosto em meu peito.

— Eu sentia que estava morrendo por dentro longe de você. — sua declaração corta meu coração.

Ficamos assim por um longo tempo.

O silêncio...

O amor...

Luna e Miguel...

Dessa vez *para sempre*...

Eu sei que sim...



Uma semana depois de nos acertamos, voltei com Luna para Itaipava. Amo meus pais e a casa em que cresci, mas juro que estava sentindo falta do meu lar. Quando soube que Luna já tinha vendido sua casa e se mudado de vez, não poderia ter ficado mais feliz.

Ela aceitou o antigo cargo do bastardo do Vitor, que está preso por fraude e tentativa de homicídio junto de Rodrigo, funcionário do setor financeiro. No entanto, ela só começará a trabalhar na próxima semana, pois disse que precisa deixar tudo em ordem e a verdade é que me sinto um inválido em não poder ajudar em nada. Sinto que ela está sobrecarregada.

Consigo andar pela casa de muletas, mas sempre levo bronca quando desço a escada sozinho. Quando Mirela, a fisioterapeuta chega, Luna sempre aproveita para ir visitar minha pequena Vitória. Nem acredito que perdi sua cirurgia. Mas o importante é que ela está se recuperando bem e, o melhor de tudo, é que a papelada da adoção, segundo o advogado, já está para sair. Em breve ela vai estar aqui em casa conosco.

Hoje não foi diferente. Mirela chegou; Luna a cumprimentou e despediu-se, pois ainda tinha que passar em algum lugar para comprar produtos de higiene para Vitória. Não preciso dizer que Luna *amar e cuidar* de Vitória enche meu coração de orgulho.

Ela já está igualzinha a uma mãe babona pela filha e eu amo isso.

Mirela é uma ótima profissional, no entanto, desde que começamos com as sessões de fisioterapia, percebo seus olhares sedutores para mim e isso tem começado a me deixar desconfortável, ainda mais desde que ela conheceu Luna e soube que sou comprometido.

As sessões são feitas no quarto de hóspedes que adaptamos para essa finalidade. Mirela está me ajudando com alguns movimentos quando a campainha toca. Não temos ninguém trabalhando na casa ainda e Luna ficou de ver alguém para ajudá-la durante essa semana, no entanto, ela ainda não teve tempo.

— Me dá só um segundo que vou atender. — digo, tentando me levantar, e Mirela me para ao colocar a mão em meu peito.

— Pode deixar que eu atendo. — ela nem disfarça a voz melosa e sai do quarto rebolando.

Balanço a cabeça pensando que merda vou fazer para me livrar dela? Quando ela retorna, está com os caras da banda.

— Cara, não acredito que você passou por toda essa merda! — Benicio é o primeiro a falar.

— Sou um sobrevivente. — dou de ombros, sorrindo.

— Se não se importam, vou continuar a sessão, enquanto conversam. — Mirela informa.

— Cadê a Luna? — Rick pergunta e olha para Mirela.

Eu sei o que ele está pensando.

— Foi levar algumas coisas que Vitória está precisando no hospital, mas logo está de volta.

— E como você está agora? — Davi pergunta meio sem jeito.

Luna me contou o que ele fez no dia do acidente e como ficou preocupado depois. Não tenho raiva dele, no entanto, nada é como antes.

— Estou me recuperando aos poucos. — respondo educado.

— Precisamos falar uma parada séria com você. — Rick diz.

Vejo o semblante sério dos meus amigos e sei que a conversa será longa.

— Mirela, por favor, ajude-me a sentar e pode sair. Quando meus amigos forem embora, você pode voltar. — digo, pois não quero ninguém escutando o que eles têm a dizer. Ela me ajuda a me sentar em cima do tapete e encaro os meninos logo que ela sai.

— Então, façam o favor de sentar porque estou ficando com dor no pescoço de olhar para cima. — já que estou no tapete emborrachado e eles em pé.

Rick é quem começa a explicar.

— Miguel, você sabe que o Paulo já estava de olho em uma turnê logo quando começamos com ele e agora ele conseguiu.

— Nossa, isso é foda! — respondo animado por eles.

— Sim, mas queremos saber sobre seu tratamento e quando vamos poder contar com você.

Esse é um assunto delicado, mas que não tem mais como fugir. E já tomei minha decisão.

— Vocês vão ter que seguir sem mim. — informo logo de uma vez. — Não vou estar recuperado totalmente antes da turnê e só de fisioterapia são seis meses.

— Mas, Miguel... — Luca tenta falar alguma coisa, mas interrompo-o educadamente.

— Tenho outras coisas e planos futuros. Posso fazer uma despedida, mas não posso deixar que vocês esperem por mim. A *Six Immortal* precisa e vai continuar, e eu quero ver vocês lá no topo. Torço muito por cada um de vocês.

O clima depois que digo isso fica pesado e até triste, mas não posso deixar que eles desistam da turnê para esperar por mim. Tenho sonhado com novas coisas. Claro que cantar é minha paixão, mas posso continuar fazendo isso de uma forma ou de outra. Quem sabe uma carreira solo no futuro?

Conversamos por mais um tempo e decidimos que, como não posso sair para fazer nenhuma apresentação antes da turnê, vamos fazer uma coletiva e oficializar a minha saída da banda. Eles se

despedem e Davi é o último a sair, mas antes ele me olha e diz.

— Sinto muito por tudo, Miguel.

— Sem ressentimentos, Davi. — digo apertando sua mão.

— Obrigado, Miguel, você é um grande cara. — ele se despede e vai embora.

Alguns minutos depois de eles saírem, Mirela volta.

— Você tem grandes amigos. — ela diz puxando assunto, mas só aceno que sim.

Ela me ajuda a deitar novamente e continua com os exercícios. De repente, Mirela faz um movimento em minha perna que causa dor e acabo gemendo baixo devido à dor que senti. Ela me encara surpresa e, em seu olhar, vejo nada mais nada menos que desejo

Ela desvia o olhar cheio de desejo para longe do meu corpo e ajuda-me a deitar de lado. Ela se posiciona atrás do meu joelho, alongando-o. Logo em seguida, pede que eu me deite de barriga para cima e fica entre minhas pernas, flexionando meu joelho esquerdo. No entanto, em um piscar de olhos, ela está praticamente em cima de mim.

— O que está fazendo? — indago surpreso por sua ousadia, afinal, ela deveria ser uma profissional.

— Estou completamente apaixonada por você, Miguel, só preciso de um beijo! — meu pai do céu, é cada louca que aparece na minha vida!

— Mas ele já tem dona, *bonita!* — ouço a voz irritada de Luna atrás de nós e Mirela se levanta assustada.

Porém, na posição em que estou, não consigo levantar sem ajuda e aqui estou deitado no chão assistindo Luna fuzilar Mirela com o olhar.

— Você está despedida! — Luna pega a bolsa de Mirela e joga-a em cima dela. — E fique feliz por hoje eu estar boazinha e não te denunciar para o CRM por essa atitude.

Mirela sai do quarto o mais rápido que pode e Luna me olha com raiva. Estou me preparando para me defender da brigar que vai vir, quando ela simplesmente começa a caminhar para fora do quarto.

— Ah, qual é! — ergo os braços em rendição. — Você sabe que não consigo levantar sozinho desse jeito! — ela para na porta, pensa por alguns minutos e volta.

— Eu deveria te deixar aí de castigo por ser tão charmoso, gato, gostoso... Para parar de conquistar cada mulher desse planeta. — ela diz, ajudando-me a levantar e estendendo a muleta.

— Não tenho culpa se mamãe passou açúcar em mim. — brinco com ela, que não resiste e sorri.

— Você é um cara de pau, Miguel Medeiros.

— E você é minha vida, Luna.

Beijo-a apaixonadamente e Luna corresponde da mesma forma.

Ela é minha e eu sou dela *para sempre*.

Capítulo XXXI

Um ano depois...

Luna

Estou nervosa e ansiosa. Quem diria que me casar oficialmente poderia causar tantos sentimentos distintos, porque também estou com medo. E se alguma coisa der errada? E se Miguel não aparecer? Ah, eu o mato. Não... Não posso matá-lo, ele precisa se casar comigo primeiro.

— Filha, se você não parar de tremer vou ter que mandar buscar um calmante para você.
— minha mãe diz quando termina de fechar meu vestido.

— Estou nervosa, mãe. — respondo tentando me controlar para não chorar.

— Ah, filha, me lembro que, no dia do meu casamento com seu pai, estava nervosa como

você. — ela relembra emocionada.

— E o que te acalmou? — pergunto ansiosa.

A porta do quarto da minha mãe é aberta e minha avó Sara entra com um enorme sorriso, muito elegante e linda como sempre.

— Eu disse a ela que Eitan não iria fugir e que ele a amava. — vovó diz simpática.

— Por isso digo o mesmo a você agora. — minha mãe diz e segura minha mão. — Pronta?

Viro para me olhar no espelho uma última vez e contemplo o resultado final.

Estou completamente apaixonada por meu vestido; um modelo estilo princesa em renda que me faz suspirar. O decote em formato coração dá um charme maravilhoso e o laço no centro complementa o ar romântico que eu queria.

— Sim. — respondo, tentando me acalmar.

Minha avó e minha mãe me ajudam com o vestido, enquanto sigo para a sala onde meu pai me aguarda. Ele está lindo vestido em um smoking preto e sorri ao me ver.

— Você está linda, filha. — ele diz, deixando um beijo em minha testa.

— Obrigada, pai. — respondo emocionada e ele me conduz para fora da casa.

Miguel e eu ficamos muito felizes quando mamãe deu a ideia de celebrarmos nosso casamento na ilha. Afinal, tínhamos decidido que seria algo íntimo só para família e amigos mais chegados. Então, nada melhor do que um lugar reservado também e a ilha era perfeita para isso.

Então, aqui estou seguindo ao encontro do meu amado...

Mamãe escolheu a parte da frente da ilha para realizar a cerimônia. Deixei toda a parte da decoração com ela, pois confio no seu gosto e, quando paramos no caminho do deck, tenho certeza de que não poderia ter escolhido outra pessoa para me ajudar.

O céu está repleto de estrelas e o ambiente onde acontecerá a cerimônia está cheio de luzes brilhantes, dando um toque de luz especial e romântico. O altar foi montado embaixo de um arco branco com rosas vermelhas e o principal: Miguel aguarda por mim. Mas o melhor de tudo é que ele não está em pé. Ele está sentado de frente para um lindo piano de calda, tocando e cantando You And Me.

Isso não estava nos planos e ser surpreendida dessa forma me toca profundamente.

Meu pai me conduz até o altar onde o restante da nossa família se encontra e Miguel para de tocar para me encontrar.

Meu pai me entrega para Miguel, mas não sem antes fazer uma gracinha.

— Você já conhece minha direita, menino. Trate de fazê-la feliz, senão vou te mostrar a minha esquerda. — Miguel sorri e assente. Ele me olha apaixonadamente e o pastor dá início a cerimônia...

No momento dos votos, Miguel começou primeiro e, enquanto ele falava, os meninos da Six Immortal cantavam ao fundo The Power of Love.

— Enquanto pensava no que falar hoje para você, Luna, rasguei vários papéis. Parece que é mais fácil escrever uma música do que escrever os votos do casamento. — ele sorri lindamente. — No entanto, quando comecei a me lembrar de como você me faz sentir, ficou muito fácil. Porque, na verdade, sinto que toda vez que você sorri para mim, meu coração para. Quando você diz que me ama, me sinto o homem mais feliz e realizado mundo. Porque amo tudo em você; te amo por completo, Luna. Meu coração é seu e saber que o seu também é meu, é a realização de todos os meus sonhos. Não preciso de mais nada, a não ser você em minha vida, meu amor. — Miguel finaliza de forma apaixonada e impedir a emoção é impossível.

Sorrio antes de começar e seco as lágrimas.

— Tudo que há em mim pertence a você, Miguel, sou assim porque você me faz querer ser melhor todos os dias. Você é meu motivo para sorrir... — digo e respiro fundo, controlando a emoção. — Ainda menina, te amei e, hoje, como mulher, amo muito mais. Fico imaginando o quanto de amor vamos viver no futuro e isso só faz meu coração bater mais forte, porque você, Miguel, é minha vida e vivê-la ao seu lado não vai ser nada menos que esplêndido. — Miguel seca uma lágrima que desce por meu rosto com um lindo sorriso.

O pastor pede que entrem com as alianças, e Vitória entra trazendo as alianças em uma caixinha de vidro. Ela sorri durante todo o caminho e, quando chega até nós, Miguel se ajoelha, beija seu rosto e pega as alianças. Curvo-me e também beijo seu rostinho. Ela sorri e caminha até minha mãe.

O pastor então começa a ler Eclesiastes 4.12, que diz: “Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade.” O pastor explica que é fundamental a presença de Deus no casamento, pois é uma forma de fortalecer a união. Logo depois, ele faz uma oração ungindo as alianças e, logo, somos declarados marido e mulher diante de Deus e dos homens...

≡≡

— Mamãe! Mamãe, acorda! — ouço Vitória gritar meu nome, mas meu sonho está tão bom. — Mamãe, vou chegar atrasada na escola! — sento-me assustada na cama e Vitória está ao meu lado gargalhando.

— Que horas são? — pergunto perdida no tempo.

— Sete e meia. — Vitória para de rir e levanta da cama.

— Por que não me acordou antes? — indago, levantando-me apressada e coloco a primeira roupa que vejo pela frente.

— O papai me arrumou e falou para te acordar depois, que a senhora estava cansada e que precisava dormir mais um pouquinho. — ela responde com sua voz angelical.

Vitória está conosco há um ano e amo-a como se tivesse nascido de mim. Ela é uma menina doce e bondosa. E desde que veio morar conosco me chama de mamãe e ao Miguel de papai. Ela está completamente curada, mas a cada seis meses, durante alguns anos, ainda tem de fazer uma bateria de exames. Mas Deus é bom e creio que ela nunca mais vai ter nada.

— Vamos, querida. — chamo-a quando saio do banheiro.

— Sim, mamãe. — ela segura minha mão e levo-a para a escola.

Normalmente quem faz isso é o Miguel, mas, hoje, ele precisava estar no estúdio cedo para uma consultoria que iria prestar. Meu marido, hoje, trabalha como produtor musical e é muito feliz com isso. Ele ainda canta quando é convidado, mas decidiu não fazer mais do canto sua profissão.

A última vez que ele cantou publicamente foi em nosso casamento há seis meses...

— Mamãe, você está muito pensativa hoje. — Vitória diz, tirando-me dos meus devaneios quando a deixo na porta da escolinha.

— Acho que são os hormônios, querida. — respondo sorrindo e ela toca em minha barriga de cinco meses.

— O papai disse que meu irmãozinho logo vai chegar. — linda.

— Sim, querida, só temos que esperar mais alguns meses e vamos ver o rostinho dele. — beijo seu rosto e Vitória entra na escola.

Logo após o casamento, Miguel me pediu um filho e sem dúvida nenhuma, eu também queria um bebê. Começamos nossa longa caminhada; procuramos um geneticista, que nos explicou todos os riscos, mas que também explicou que é possível, sim, ter filhos saudáveis de casamentos consanguíneos. A dra. Jéssica fez o heredograma, que é a construção da árvore genealógica do casal, e que faz um levantamento genético das doenças recessivas na família e constatamos que, nesse sentido, estava tudo bem. Pediu que assim que confirmasse a gravidez começasse com o pré-natal e que nos encontraríamos uma vez por mês para acompanhar a gravidez.

Parei de tomar o anticoncepcional e, naquela semana, pelas minhas contas, eu estava em meu período fértil e Miguel se “gaba” até hoje de ter me engravidado na primeira tentativa.

Graças a Deus está tudo bem com nosso bebê e ele cresce saudável.

Só ainda não sabemos o sexo, pois toda vez que vamos tentar ver, o bebê fecha as perninhas. Hoje tenho mais uma consulta e vamos aproveitar para tentar ver novamente, mas se não conseguirmos, Miguel e eu decidimos esperar nascer para, enfim, saber se é menino ou menina.

Quando chego em casa, peço a Mikaela, nossa assistente do lar, para adiantar o almoço, pois Miguel vem mais cedo para almoçar hoje. Miguel está sempre prestando algum serviço para

bandas famosas. Depois que ele montou a *M&A Records*, sua vida está sempre uma correria, mas ele nunca deixa de me surpreender. Ainda estou trabalhando como contadora na nossa empresa, mas graças a Deus, esse mês estou de férias e assim consigo curtir mais um pouco da minha família.

Miguel ainda implica às vezes quando vou trabalhar, pois Henry ainda trabalha em nossa empresa. Ele decidiu ficar de vez no Brasil quando seu namoro com Deborah ficou mais firme e hoje eles estão noivos. Deborah continua muito simpática comigo e Henry é sempre educado. Não existe mais aquela amizade, no entanto, estou satisfeita em saber que não nos odiamos.

Subo para meu quarto; decido deitar um pouco antes de começar a me arrumar para a consulta. Fecho meus olhos e imediatamente volto a lembrar do dia em que contamos ao Miguel sobre a gravidez...

Uma semana depois de voltamos da nossa lua de mel em Paris, que, por sinal, foi uma recomendação muito bem feita da tia Sophie. Ela estava certíssima; Paris é perfeita para se passar a lua de mel. Amei cada momento e não vou esquecer nenhum segundo. Uma semana depois de chegamos, Miguel me pediu um bebê e começamos todos os procedimentos.

Lógico que isso era a desculpa perfeita para nos pegarmos o tempo todo. No entanto, um mês depois, eu já estava fazendo o teste e recebendo o positivo que mudaria toda minha vida. Passei no shopping, comprei uma roupinha linda de bebê e combinei tudo com Vitória.

Quando Miguel chegou em casa naquele dia, já estávamos jantando. Ele se juntou a nós e, quando Mikaela serviu a sobremesa, Vitória se levantou e foi até Miguel com uma bolsa de loja de bebês.

— O que é isso, querida? — ele perguntou quando ela disse que tinha um presente para ele.

— Abre, papai. — ela disse com aquele sorriso travesso.

No entanto, quando Miguel retirou o presente de dentro da bolsa e viu o macaquinho branco, ele olhou confuso para Vitória, que estava com um sorriso enorme, e depois para mim. No instante em que ele me olhou, soube que a ficha tinha caído.

— Não acredito. — ele disse surpreso.

— Temos mais um filho a caminho. — contei emocionada.

Os olhos de Miguel lacrimejam e ele não segurou a emoção ao me abraçar chorando.

≡≡

— Luna? — sinto a mão de Miguel deslizar gentilmente por meu rosto e abro os olhos lentamente, encarando seu lindo rosto.

— Oi, amor. — beijo seus lábios suavemente.

— Está com um sorriso lindo no rosto, no que estava pensando? — indaga curioso.

— No dia em que te contei sobre nosso bebê. — respondo e repouso a mão em minha barriga.

— Ah, sim... Às vezes, também lembro e me emociono novamente ao saber que nosso bebê cresce dentro de você. — ele diz, admirando minha barriga. — Lembra do dia que contamos aos nossos pais? — indaga, sorrindo.

— Claro! — respondo, lembrando a expressão da nossa família quando, no meio do jantar, Miguel deu a notícia.

— Foi um dia maravilhoso. — ele diz, beijando meu rosto e eu assinto.

— Como foi lá? — indago, perguntando pela consultoria.

— Você não vai acreditar! — ele diz animado. — Paulo, o produtor musical da *Six Immortal*, pediu demissão e a banda assinou contrato com a *M&A Records*. Sou o novo produtor musical deles!

— Não acredito! — digo, animada. Sei o quanto trabalhar com os meninos de novo deixa Miguel feliz.

— Hoje é dia de comemoração, baby! — ele diz charmoso e já sei onde isso vai terminar.

A *Six Immortal* se tornou conhecida mundialmente e hoje é um verdadeiro sucesso. Eles conseguiriam chegar onde queriam, mesmo que tenham passado por verdadeiros altos e baixos nesses últimos meses.

— Vou trocar de roupa e já podemos ir. — digo, entrando no closet.

— Será que hoje conseguimos ver? — ele beija carinhosamente minha barriga e ajuda-me a levantar.

— Se não for hoje, só na hora do parto.

— Vamos? — assinto e seguimos para a clínica médica que fica em Itaipava mesmo.

Em menos de vinte minutos, chegamos à clínica e estamos aguardando sermos chamados. Mas logo a Dra. Clara, que é a obstetra, está me chamando e entramos na sala, esperançosos.

— Será que esse bebê vai colaborar hoje? — ela indaga, divertida.

— Tomara que sim. — respondo, enquanto me troco.

— Pode deitar aqui, Luna. — dra. Clara aponta para a maca e Miguel me ajuda.

Ela faz todo o procedimento que verifica se está tudo bem com bebê e, então, chega a hora de saber o sexo. Miguel está ao meu lado e segura minha mão com força. Estamos torcendo para que ele esteja com a perninha aberta.

— Vocês não vão acreditar em quem está com a perninha aberta. — ela brinca e meu coração dispara.

— Dá para saber o sexo, doutora? — Miguel indaga, ansioso.

Ela assente e então revela.

— Parabéns, é um menino!

— Ai, que tudo! Temos um casal, Miguel! — digo emocionada.

— Temos um casal, meu amor! — ele repete emocionado, respira fundo e acrescenta. —

Temos nossa própria família...

— Para sempre! — digo emocionada.

— Para sempre! — ele sussurra, beijando meus lábios.

Fim...

Epílogo

5 anos depois...

Luna

Quando era menina, sonhava em conhecer o mundo, em ter meu conto de fadas e em ser feliz. Mas no momento em que comecei a realizar meus sonhos, comecei a sonhar com coisas novas, porque sonhar faz parte de quem sou. Errei e aprendi, cai e levantei. Durante minha vida, amei uma única pessoa e sei que, infelizmente, a magoei algumas vezes; que minhas escolhas não nos permitiram ser felizes desde sempre, no entanto, o que importa é o aqui e o agora.

Hoje é o aniversário de cinco anos do Murilo; o nome foi minha escolha e Miguel amou. Meu pequeno é completamente parecido com o pai até no jeito de andar. Infelizmente, Murilo vai ser nosso único filho de sangue, porque tive complicações no fim da gravidez que me impedem de engravidar novamente.

Assim como minha mãe, também tive pressão alta. No entanto, diferente dela, não consegui controlar a minha; fui diagnosticada com pré-eclampsia que logo evoluiu para eclampsia. Ficamos muito preocupados com os riscos. No momento do parto, minha pressão ficou fora de controle; o meu medo maior era meu filho morrer. Miguel tentou ser forte, entretanto, eu via em seus olhos que estava

se despedaçando por dentro, pois seu filho e sua mulher corriam risco de vida. Mas, Graças a Deus, meu bebê e eu ficamos bem. Porém, o médico nos preveniu que em uma segunda gravidez poderia ser diferente.

Então, Miguel e eu decidimos que Murilo e Vitória seriam nossos únicos filhos.

— Mamãe! — ouço meu filho me chamar de dentro da casa.

Estou no jardim terminando os últimos preparativos de sua festinha quando ele aparece com Vitória vindo atrás dele. *Confusão.*

Normalmente, meus filhos se dão bem, no entanto, Vitória, como a irmã mais velha, quer cuidar do Murilo e digamos que meu filho seja bem independente e não gosta de ser tratado como bebê.

Eu sei, ele é cabeça-dura como a mãe...

— Mamãe, ele não quer me deixar pentear o cabelo dele. — Vitória diz emburrada.

— Mamãe, diz para ela que sei pentear meu cabelo. — ele diz fazendo birra.

Deixo as balas em cima da mesa para falar com eles. No entanto, Miguel, meu amado e carinhoso marido, chega a meu favor.

— Posso saber o que vocês estão aprontando? — ele pergunta sério.

Eles começam a reclamar juntos e Miguel sorri, mas encerra o assunto.

— Vitória, meu amor, vai se arrumar que eu cuido do Murilo. — ela faz uma expressão chateada, mas sai sem dizer nada.

— Quanto a você, garotinho, me espera em seu quarto que já estou indo. — Murilo olha para o pai como se pensasse se vai obedecer ou não, mas meu marido acrescenta. — Agora. — e ele sai correndo.

Marcela e Rick, que são nossos vizinhos, chegam no exato momento em que as crianças passam correndo.

— Para onde eles vão? — Marcela indaga quando se aproxima. — Comprei um presentinho para os dois.

— Estavam discutindo sobre pentear cabelos. — respondo rindo.

— Crianças são tão inocentes. — minha amiga sorri.

— Vocês podem me ajudar com aquelas bolas ali? — aponto para a mesa com o bolo, onde as bolas estão vazias. Marcela assente, mas manda Rick encher as bolas enquanto ela só olha.

— Daqui a pouco os convidados irão começar a chegar. — informo e volto a arrumar as balas, entretanto, Miguel as tira da minha mão e envolve-me em seus braços.

— Eu já disse que te amo hoje? — ele beija meus lábios apaixonadamente e perco-me completamente nele e no que ele causa em mim. — Eu te amo. — ele diz com aquele sorriso

charmoso que tanto amo.

— Amo você, meu amor. — respondo, beijando-o mais uma vez.

— Vocês não enjoam um do outro, não? — somos interrompidos pela voz de Isabel.

Miguel sorri e abraça a irmã e cumprimenta Luca que está ao seu lado. Miguel e Luca estão aprendendo novamente como é serem amigos. Depois de tudo que aconteceu, Miguel demorou a entender o que o amigo estava passando e ele e Isabel foram fundamentais para trazer Luca de volta à vida.

— Duvido que vocês sejam diferentes. — implico com eles e ela sorri. — Agora que chegaram, terminem de colocar essas balas no lugar, que eu preciso de um banho.

— Cadê meu afilhado lindo? — Isabel pergunta; ela e Luca são padrinhos do Murilo.

— Vou arrumar ele. Daqui a pouco ele desce. — digo entrando na casa com Miguel atrás de mim.

— Você vai tomar banho agora? — Miguel indaga enquanto subo as escadas. Aceno que sim e ele sorri. — Muito bom...

Miguel entra no quarto comigo e, antes que eu possa fazer qualquer coisa, ele está me pressionando contra a parede enquanto tira minha roupa.

— Tenho certeza de que você vai precisar de ajuda.

Entramos juntos no chuveiro e, debaixo d'água, tocamos e amamos como sempre. Com urgência e com anseio um do outro. Porque ele me ama e eu o amo e nunca poderia ser diferente.

Porque Miguel é meu e nossos caminhos se encontraram para vivermos juntos o nosso *para sempre*...

Miguel

Sempre imaginei meu futuro ao lado dela. Sempre a imaginei como minha esposa e a mãe dos meus filhos. E é maravilhoso viver isso, viver ao lado de Luna e dos meus pequenos é algo que enche meu coração todos os dias de amor.

Nossa vida é como de qualquer família normal, mas uma família que se ama. Nosso dia é corrido, mas, no final deles, estamos sempre juntos. Luna continua na empresa da família e a M&A Records não poderia estar melhor. O que me surpreende é como até mesmo nossos sonhos amadurecem. Em minha adolescência, não me imaginava fazendo outra coisa que não fosse cantar e, hoje, amo ser produtor musical, ainda mais da *Six Immortal*.

Beijo suavemente os lábios da minha esposa e deixo-a terminando de se arrumar. Estar com ela e dentro dela é sempre perfeito.

Sigo para o quarto do Murilo e ele está assistindo a um desenho.

— Papai, a dinda já chegou, eu vi da janela! — ele diz animado.

— Sim, campeão, vamos arrumar o cabelo? Assim você pode ir vê-la. — ele assente animado e, assim que termino de ajeitar seu cabelo, ele desce correndo as escadas.

Às vezes, quando olho para Murilo, fico pensando em como Luna e eu fizemos algo tão perfeito. Todos dizem que ele é minha miniatura. Mas seu sorriso é lindo igual ao de Luna. Meu filho é perfeito, meu pequeno príncipe. Vitória é a princesinha da casa. Graças a Deus ela está muito bem; seus cabelos ruivos já batem no ombro e esse ano ela foi liberada oficialmente pelos médicos dos seus exames de rotina.

Estou descendo as escadas quando a campainha toca e sigo para abrir a porta. Não fico surpreso ao ver Henry, sua esposa Deborah e a filha Denise. Luna disse que os convidaria, porém não imaginei que eles compareceriam já que estão de mudança para Londres.

— Que bom que vieram. — cumprimento-os e beijo o rostinho de Denise, que é dois anos mais nova que Murilo.

— Fico feliz que conseguiram um tempinho para subir a serra. — Luna diz atrás de mim. Ela abraça Deborah e Denise e logo em seguida Henry.

Não adianta gritar para mim mesmo que Henry é casado, que ele ama a esposa e que Luna é minha e ama-me. O ciúme é inevitável. Durante esses anos que se passaram, Luna e Henry criaram uma nova amizade.

Luna os leva para o jardim e depois volta para a sala.

— Se não te conhecesse, diria que está chateado. — ela diz, abraçando-me pela cintura. — Você disse que não tinha problema em convidá-los.

— Sim, querida, no entanto, você não disse que iria abraçá-lo. — não consigo conter as palavras. — Você o cumprimenta assim na empresa também?

— Miguel, você está com ciúmes? — ela diz, fazendo charme e beija meu rosto. — Você é o homem da minha vida, Miguel, e amo você com todas as forças que há em mim. — ela me beija apaixonadamente de uma forma que faz meu coração bater mais rápido.

Luna sorri ao terminar o beijo e dá-me uma piscadela.

— Acho que nunca agradei pela segunda chance que você nos deu e quero dizer que não poderia ser mais grata a Deus por seu coração bondoso. — ela diz, emocionada. — Obrigada, Guel.

Beijo sua testa e, emocionado, respondo com toda verdade que há em meu coração.

— Eu amo você, Luna, você é meu tudo, minha felicidade e o meu *para sempre*...

Bônus Eitan e Savannah

Eitan e Savannah admiram, do jardim, sua filha abraçada ao marido. Eles sabem o quanto o casal se ama e como são felizes. Savannah sorri ao lembrar-se da primeira vez que Luna revelara a ela que amava o primo. Ela já sabia, mas saber que sua filha confiara nela para revelar sua paixão deixara seu coração muito feliz. Deus sabe o quanto ela lutara para ser uma boa mãe e uma boa esposa. Ver sua filha realizada e feliz com sua família a faz ter certeza de que escolheu o caminho certo anos atrás.

Ela mesma sabe o quanto a vida pode ser difícil. Passara por diversos momentos em que pensara em desistir de tudo. Cometera erros que, se pudesse voltar atrás, voltaria com toda certeza. No entanto, Savannah sabe que a vida é feita disso; de acertos e erros. Ver sua filha feliz e sua família unida é muito mais do que ela poderia imaginar.

Ela disfarça as lágrimas que descem por seu rosto, no entanto, seu marido, sempre atencioso, percebe e beija o rastro que as lágrimas deixaram.

— Sei muito bem o que está sentindo, amor. — ele diz, contendo a emoção.

— Ah, Eitan, sou tão grata a Deus por isso. Eu não era ninguém e olha o que tenho hoje.

— Você sempre foi alguém, meu amor, e quando nos conhecemos, você passou a ser o centro da minha vida. — ele a beija levemente. — Sei que ver a felicidade da nossa filha mexe com nossas

emoções.

— Estou feliz por ela. — Savannah diz, secando as lágrimas.

— Você sabe como foi estranho me acostumar com essa relação deles no começo, no entanto, hoje sei que Luna não poderia ter alguém melhor ao seu lado.

— Ele a ama de todo coração. — Savannah diz, sorrindo.

— Os homens da nossa família são conhecidos por amar intensamente. — Eitan diz, convencido, fazendo sua esposa sorrir apaixonada.

— O que isso quer dizer? — ela se faz de boba.

— Que os anos, minha querida, só me fizeram te amar ainda mais e será assim *para sempre...*

Bônus Gustavo e Sophie

Gustavo sabia que, hoje, o dia seria de fortes emoções. Seu neto comemora cinco anos e toda família estaria reunida. Sophie, sua esposa, já tinha saído de casa emocionada.

— Você está bem? — pergunta preocupado com a esposa.

— Sim, querido, só feliz demais. — responde com a voz embargada.

Gustavo, durante anos, testemunhou o amor do filho pela prima e estava lá no dia em que tudo se rompeu. Assistiu seu filho sofrer por anos e entendeu que cada um tem sua própria história. Ele mesmo cometera erros; até tentara afastar aquela que, hoje, é a razão da sua vida e sempre agradece a Deus por Sophie não ter desistido dele e, quando implorara pela segunda chance, ela tivera o coração bondoso para perdoá-lo. Ele sabe o quanto o filho e a mãe têm em comum.

E, hoje, ao ver o filho feliz com sua família constituída, sabe que tudo valeu a pena.

— Você está quieto demais, amor. — Sophie o tira dos seus devaneios.

— Pensando na vida... — mas Gustavo não consegue completar a frase, pois a miniatura do seu filho chega gritando por ele.

— Vovô! Vovô! — Murilo grita, pulando em seu colo.

— Oi, campeão! — Gustavo sorri para seu neto e pensa em como é o ciclo da vida. Há alguns anos, era seu filho quem pulava em seu colo gritando seu nome.

As gerações...

Murilo beija o rosto do avô e, logo em seguida, o da avó Sophie, e sai correndo novamente. Vitória, que é a filha do coração de Miguel e Luna, também aparece e abraça-os. Vitória é uma

pequena e doce criança e uma das melhores coisas que Miguel poderia ter feito, e toda a família é apaixonada por ela.

Sophie olha encantada para seu marido e percebe que, assim como ela, ele também está emocionado. E como poderia ser diferente? Um dia de celebração, onde toda a família e amigos estão reunidos. Lembranças são inevitáveis e lembrar-se de como tudo começou e de como estão hoje só aumenta a emoção.

— Amo você, Gustavo. — ela diz ao abraçar o marido.

Gustavo sorri e corresponde ao abraço da esposa, beijando-a logo em seguida.

— Eu amo você, Sophie, e obrigado por não desistir de mim. Eu nunca veria isso tudo acontecer se não fosse por você... — ele responde emocionado.

— Nunca que eu poderia, meu amor, não te dar aquela chance... Nosso amor é *para Sempre...*

*De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça: amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera,
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante,
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfange não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma para a eternidade.
Amor é um marco eterno — William Shakespeare*

Nota da autora

Fico feliz em informar que a próxima série será sobre a banda *Six immortal* e o primeiro livro conta a história da simpática Isabel e do misterioso Luca.

Mais uma vez muito obrigada!

Contatos

Facebook - **L. Symone - Autora**

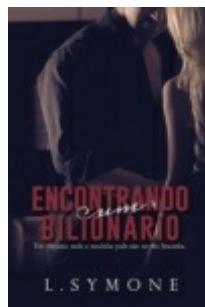
Wattpad - **@L.Symone**

Grupo facebook – **Romances L. Simone**

Email - autoral.simone@gmail.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na amazon. Obrigada!

Já conhece os dois primeiros livros da trilogia Encontrando?



Encontrando um Bilionário — Savannah cresceu em um orfanato e ao completar dezoito anos teve que deixar o mesmo, sem saber como começar sua vida sozinha, acaba optando pelo mais "fácil" e se torna uma acompanhante de luxo. Após dois anos nesse meio um acontecimento inesperado a faz pensar em seu futuro.

Ela decide voltar a estudar e começar uma graduação, é a melhor opção no momento, mas ao chegar à faculdade seus planos mudam novamente optando mais

uma vez pelo mais fácil. Conquistar um playboy rico... afinal casar com o herdeiro de um poderoso CEO tem suas vantagens.

Savanah só não contava que o irmão mais velho de seu ALVO fosse antigo cliente e tivesse planos de destruir seus “sonhos”. Pode o ódio virar amor? "Um romance onde a mocinha pode não ser tão boazinha"



Encontrando um Amor — Gustavo é um cara que adora curtir a vida, mas isso muda quando ele conhece Savannah uma linda menina/mulher que o faz deixar toda a vida de festas para trás se tornando um homem sério e apaixonado. O que Gustavo não esperava é que a sua doce Savannah estivesse com ele por motivos errados e que grandes segredos seriam revelados...

Sophie retornou da Itália onde morou por alguns anos e está de volta ao país para ficar deixando para trás um passado. Sophie e Gustavo têm mais em comum do que pensam e quando se reencontram nada sai como planejado e agora o futuro deles está em jogo...

Brigas, amor e negação...

Como ser feliz quando deixar o passado para trás se torna uma tarefa extremamente difícil?

